

UMA BABÁ PARA
JAMES KING

DA MESMA AUTORA DE A GAROTA DO BILIONÁRIO

ANNE MILLER



UMA BABÁ PARA
JAMES KING
ANNE MILLER

Copyright ©2019 by Anne Miller.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou parcial, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Capa: Anne Miller e Icaro Trindade

Imagem: @CanStock

Edição digital: maio de 2019

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido uma mera coincidência.

Índice

Índice

Prólogo

Capítulo 01 — Bem-Vinda à América

Capítulo 02 — Crianças

Capítulo 03 — Do Outro Lado da Parede

Capítulo 04 — A Nova Rotina

Capítulo 05 — Encontro de Babás

Capítulo 06 — Em Conflito

Capítulo 07 — Depois do Expediente

Capítulo 08 — Um Desafeto

Capítulo 09 — Bombeiros

Capítulo 10 — Útil

Capítulo 11 — Vestido Azul

Capítulo 12 — Garotas e Um Programa

Capítulo 13 — Kells

Capítulo 14 — Boa Noite, Senhor King

Capítulo 15 — Um Banho de Piscina

Capítulo 16 — Conselho Indesejado

Capítulo 17 — Ficando Quente

Capítulo 18 — Queimada

Capítulo 19 — Rematch

Capítulo 20 — Mensagens Inapropriadas

Capítulo 21 — Uma Babá Para James King

Capítulo 22 — Surpresinha

Capítulo 23 — A Primeira Babá

Capítulo 24 — Perguntas Inconvenientes

Capítulo 25 — Status de Relacionamento

Capítulo 26 — Um Brinde Aos Finais Felizes

Capítulo 27 — Brilhantes

Capítulo 28 — Ansiedade e Banheiras

Capítulo 29 — Casos de Família

Capítulo 30 — Cartão Vermelho

Capítulo 31 — Os Dois Risquinhos

Capítulo 32 — Amigas

Capítulo 33 — Pesadelo

Capítulo 34 — Três Lados, Mesma História

Capítulo 35 — Uma Última Conversa

Capítulo 36 — Cinco de Agosto

Capítulo 37 — Recomeços

Epílogo

Prólogo

Sentei-me no banco de espera do aeroporto e voltei o meu olhar para o longo vidro à minha frente, que se estendia por todo o segundo andar, dando uma ótima visão dos gigantescos aviões parados na pista de pouso cinzenta.

Mas, ao voltar a minha atenção para aquela direção, eu não consegui me concentrar nas aeronaves lá embaixo, tampouco nas últimas chamadas, que faziam as pessoas correrem de um lado para o outro, em direção aos seus respectivos portões de embarque.

Tudo o que pairava pela minha mente era a palavra “clichê”.

Essa palavrinha maldita conseguia descrever perfeitamente a minha vida no Brasil — ao menos, o que ela se tornou após o término do meu noivado.

Não.

Nós não éramos um casal perfeito — muito longe disso —, mas eu sempre nutri esperanças de que um dia nós pudéssemos nos tornar uma grande família, daquelas dos comerciais de margarina, onde dois adultos felizes são cercados por crianças ainda mais animadas.

E, sim.

Talvez o que mais me quebrou tenha sido o fato de que não houve uma briga ou alguém para culpar. Fernando, o cara com quem eu havia compartilhado os últimos dez anos da minha vida, simplesmente me disse que não queria mais se casar comigo, que não me amava o suficiente para dar um passo tão grande.

Ele não me traiu, não terminou comigo por mensagem de texto. Também não me deu um motivo bom o suficiente para odiá-lo, tornando toda aquela situação mais fácil pra mim.

“Pelo menos, ele não te trocou por outra mulher” dissera-me Viviane, uma amiga nossa, que não conseguia descer do muro para escolher um lado.

Costumamos pensar que não existe nada pior do que ser trocada por outra mulher, por alguém mais jovem, mais bonita ou mais bem-sucedida do que a gente. No entanto, se isso acontecesse, ao menos existiria um motivo para ele ter me deixado. Fernando teria encontrado alguém que considerava melhor do que eu em alguma coisa.

Simples assim.

E, ainda que isso não melhorasse muito as coisas, eu teria no que me agarrar.

No meu caso, fui trocada por nada; era apenas um excesso de bagagem do qual ele se livrou no meio do caminho. Eu não era nada além de um obstáculo, aquilo que o impedia de realmente “*aproveitar a vida*” — outra das coisas que ele me disse, quando rasgou tudo o que tínhamos, como se fosse um maldito pedaço de papel.

Eu não aceitei muito bem o fato de que estávamos terminando, de que todos aqueles planos que havíamos feito no meio da noite, enquanto assistíamos a um reality show de culinária — brigando sobre quem cozinhasse melhor —, não se tornariam realidade.

E como consequência disso, enviei dezenas de mensagens, implorando que me desse um motivo — algo que ele nunca fez —, chorei ouvindo músicas depressivas e depois ri alto, gritando o quanto eu era boa demais para ele, mesmo sem realmente acreditar nisso.

E foi aí que o clichê invadiu violentamente a minha vida.

Marina Duarte, uma antiga colega de faculdade, comentou que estava com uma viagem marcada para o exterior, que faria uma espécie de intercâmbio no Canadá.

E, nesse instante, foi impossível não imaginar neve, xícaras de chocolate quente e maravilhosas blusas de inverno. O recomeço perfeito, digno de uma comédia romântica, onde, no final, depois de passar por inúmeros perrengues, a mocinha encontrava um gringo rico e gostoso, com quem se casava em uma praia particular. Um daqueles filmes em que você se sente ainda mais pobre e infeliz quando termina de assistir.

“*Eu não vou gastar muito e ainda conseguirei trabalhar por lá. Uma viagem que pode durar até dois anos, amiga... Imagina só?*” dissera-me Marina, fazendo-me realmente imaginar e, conseqüentemente, deixando-me com inveja daquela incrível oportunidade para recomeçar.

Naquele exato momento, eu encontrei uma brecha, uma forma de fugir — literalmente — de todos os meus problemas.

O nome do milagre?

Um programa de intercâmbio chamado “*Go Baby*”, que era conhecido por ser, basicamente, uma das formas mais econômicas e fáceis para se trabalhar no exterior. E consistia em uma das coisas que eu mais gostava de fazer: cuidar de crianças.

O que é que poderia dar errado?

De acordo com a minha mãe, absolutamente TUDO.

“*Você pode ir parar na casa de um psicopata, Cristine!*” alertou-me com aquele seu dom de ver apenas o pior das coisas. E como se ficar sob o mesmo teto que um lunático não fosse terror o suficiente, ela continuou “*você nunca ouviu falar em tráfico de mulheres, querida?*”.

Para a dona Carmem, as minhas únicas alternativas de viver no exterior era morando com um assassino ou trabalhando em um bordel na Turquia. Já o meu pai, uma das pessoas que mais me apoiava, não quis nem comentar sobre o assunto, mostrando-me o quanto havia detestado a ideia.

“*Meu amor, você não precisa viajar milhares de quilômetros só porque levou um pé na bunda*” a minha mãe tornou a comentar naquele mesmo dia, antes de levar a mão até o meu cabelo para arrumá-lo.

E essas suas palavras mostraram-me exatamente o motivo pelo qual eu deveria ir.

Por mais que eu estivesse me mostrando extremamente otimista a respeito do “*Go Baby*” e das coisas boas que essa experiência poderia me acrescentar, sabia muito bem dos riscos que estava correndo.

Estaria vivendo com desconhecidos — e cuidando dos filhos deles —, em um lugar onde a cultura era completamente diferente da que tínhamos no Brasil. Eu ficaria sozinha, sem nenhum tipo de amigo ou familiar a quem pudesse recorrer no meu primeiro problema.

Definitivamente, não seria fácil.

E, como a minha mãe me alertou — ainda que de forma bem exagerada e pessimista —, muita coisa poderia dar errado, a lista era extensa demais para citar tudo. Mas, mesmo com todos esses riscos, eu achava que valia a pena tentar.

Eu precisava, desesperadamente, de um lugar novo, com pessoas novas.

Precisava recomeçar.

E eu não conseguiria fazer isso onde estava vivendo, sob a sombra do Fernando e de sua vida perfeita após o término do nosso noivado.

“*Deixa eu ver se entendi... Você vai abandonar o seu emprego estável pra cuidar de criança ranhenta no exterior?*” indagou Viviane, como se a minha ideia fosse ridícula. Da forma como a minha amiga colocou, parecia ser o emprego mais indigno do planeta, o que não era verdade.

Assim como a minha mãe, ela também era ótima em me colocar para baixo.

Mas, de fato, o meu atual trabalho não era nem um pouco ruim. Eu era uma professora de escola municipal — modéstia parte, uma muito boa —, que estava no mesmo lugar desde que havia finalizado a faculdade, há cerca de dois anos. Se a minha vida não tivesse mudado tão drasticamente, quase virado no avesso, talvez eu nunca fosse deixar aquele lugar.

Para conseguir entrar no programa de intercâmbio e dar início ao meu tão sonhado recomeço, eu precisava cumprir três pré-requisitos.

Idade.

Experiência.

E CNH.

Como trabalhava dando aula para crianças do primário, eu tinha como comprovar toda a minha experiência nessa área. Possuía registros de todas as horas necessárias para ingressar no programa.

O único dos três pré-requisitos que eu ainda não poderia cumprir, era a porcaria da carteira de motorista.

Sempre fui uma mulher muito medrosa, que nunca se imaginou dirigindo, tanto que finalizei a minha faculdade e não me inscrevi em uma autoescola. O fato é que isso nunca me atrapalhou. Ia trabalhar de ônibus e, antes do término, tinha Fernando para me levar pros quatro cantos da cidade.

Mas nem mesmo esse obstáculo fez com que eu desistisse do meu plano impulsivo. Nos quatro meses seguintes, esforcei-me pra não reprovar em nenhum dos testes da autoescola. Precisava conseguir a carta o mais rápido possível ou esse plano nunca se concretizaria.

Além das exigências quanto à experiência com crianças e a carteira de motorista, o outro pré-requisito era na faixa etária de dezoito a vinte e seis anos. E eu já tinha os vinte e seis. Se enrolasse mais um pouquinho, faria vinte e sete anos e poderia dar adeus ao meu recomeço milagroso.

No entanto, por sorte — muita mesmo —, não rodei no teste prático e peguei a minha carta. Havendo cumprido todas as exigências do “*Go Baby*”, consegui me inscrever e “ficar online”, que era, basicamente, estar disponível para ser escolhida por uma das famílias que faziam parte do programa.

Por ser fluente em inglês, ter experiência com crianças e uma sólida formação em Letras — de português e inglês —, o meu currículo no programa chamou a atenção rapidamente e não

demorou muito para que eu entrasse em contato com várias famílias.

Influenciada por minha mãe, eu revirei a internet à procura de relatos sobre intercâmbios — principalmente, os feitos através do “*Go Baby*” —, constatei que a dona Carmem tinha um pouco de razão em se preocupar comigo.

Alguns deram tão errado que fazia com que os exageros da minha mãe parecessem coisas costumeiras.

Meninas expulsas das casas.

Mães loucas.

Pais que davam em cima das babás.

A lista era enorme e extremamente aterrorizante, o que me fez repensar a ideia que, até então, sempre me pareceu a melhor saída para os meus problemas.

Eu fiquei bem assustada, mas, no fim, não o suficiente para me fazer desistir. No final das contas, esses mesmos relatos me ajudaram a definir bem o tipo de família que eu queria. As garotas azaradas nos vídeos me instruíram bem para que não caísse no mesmo buraco que elas.

Depois de várias conversas, eu optei pela família que mais me oferecia benefícios. Eu teria um carro só pra mim, trabalharia apenas de segunda à sexta, o meu quarto seria bacana e teria que responder apenas a um pai solteiro — ou seja, nada de mãe doida pra me aterrorizar.

A simpática governanta da casa conversou comigo, mostrou-me as crianças por vídeo — duas coisinhas maravilhosas — e eu fiquei completamente encantada, a ponto de não ter mais dúvidas.

Era perfeito.

Era a “minha” família.

A única coisa que me deixou um pouco preocupada foi o fato de não ter conversado com o pai. Como ele era um homem bem ocupado — de acordo com aquela mesma governanta —, não conseguiu comparecer nas chamadas de vídeo.

Não deixei que esse pensamento me trouxesse preocupações desnecessárias.

“*Relaxa, ele é ocupado demais, Cristine... Você nem vai ver o cara direito*” pensei, dando-me conta de que a família escolhida realmente era ótima.

Assim que o embarque para o meu voo teve início, eu fechei os meus olhos e torci para

que tudo corresse bem, exatamente da forma como havia imaginado nas horas que passei deitada sobre a minha cama, sonhando acordada com a viagem. E, então, com um sorriso colorindo os meus lábios vermelhos, eu finalmente caminhei em direção ao meu tão sonhado recomeço.

Capítulo 01 — Bem-Vinda à América

Como eu nunca havia pisado em um avião antes — nem mesmo em voos para lugares próximos da cidade em que eu vivia no Brasil —, eu estava com um pouquinho de medo.

Sempre que tentava imaginar, via aquelas cenas bobas e exageradas de filmes, em que o avião começa a balançar ao adentrar uma tempestade e as máscaras de oxigênio caem, apavorando todo mundo. A parte mais estranha — e estúpida — era que nessas possibilidades aterrorizantes, a minha maior preocupação não era acabar no fundo de um oceano ou explodir junto com o avião, mas de me apavorar a ponto de não conseguir colocar a porcaria da máscara de oxigênio e morrer asfixiada.

Mas, no final, tudo ocorreu bem. Não houve nenhuma turbulência, tempestade ou máscaras caindo, nem qualquer outra coisa parecida que me desse motivo para ficar assustada.

A viagem ocorreu de forma muito tranquila. Eu tirei a minha primeira foto na janelinha do avião, relaxei o corpo na minha poltrona e coloquei o meu fone de ouvido, tentando aproveitar ao máximo aquela nova experiência. E, estranhamente, acabei adormecendo, o que facilitou bastante as coisas.

Acordei perto do horário da aterrissagem, o único momento em que eu realmente senti medo. Entretanto, assim que as rodas do avião colidiram contra a pista de pouso, tremendo toda a aeronave, o alívio percorreu o meu corpo e eu voltei a relaxar.

Estava em terra firme.

E, ao me dar conta disso, foi impossível controlar o sorriso que brotou em meus lábios.

Tinha conseguido.

Eu estava oficialmente nos Estados Unidos da América.

Deixei de enrolar e fui para o desembarque, onde pegaria a minha mala e me encontraria com Elizabeth, a governanta que havia falado comigo, apresentado as crianças e comentado sobre como funcionaria o meu trabalho na casa do senhor King.

Assim que cheguei lá, notei que a tal da governanta não havia aparecido como combinamos e isso me deixou receosa, dando espaço para a voz de dona Carmem ecoar em minha mente.

“Você nunca ouviu falar em tráfico de mulheres, querida?” relembrei, temendo a

possibilidade de cair em uma enrascada das grandes.

Um homem engravatado segurava um papel com o meu nome escrito de forma errada.

Tinha um “H” no “Cristine”.

O meu inglês era fluente — e ótimo —, mas, por uma fração de segundos, eu me esqueci de tudo, até de como começar a falar. As palavras desapareceram da minha mente, como se eu não tivesse a capacidade de pronunciar um simples “*olá*”.

Levantei a mão, chamando a atenção do cara baixinho.

— Eu sou a Cristine — finalmente consegui dizer, antes de forçar um sorriso. — Do Go Baby.

Ele retribuiu o sorriso, mas não disse nada, limitando-se a pegar a minha mala. Eu não recebi um “*bem-vinda*” ou “*como foi a viagem, Cristine?*” e nem nada parecido, simplesmente seguimos para o estacionamento.

Por mais que ainda não tivesse visto o pai das crianças, eu sabia que não devia se tratar daquele cara. Se ele era tão ocupado a ponto de não conseguir falar comigo naquela conversa por vídeo, também não teria tempo para me buscar no aeroporto. Era uma questão de lógica.

O homem moreno abriu a porta traseira do carro para mim, mostrando-me que devia ser o motorista da família ou algo bem próximo disso.

Como andava no banco de trás somente em táxis, foi bem estranho ficar ali sozinha, enquanto o banco do carona estava vazio. E como eu sempre fui péssima em puxar assunto — até mesmo com pessoas que eu conhecia —, resolvi manter-me calada, preservando o meu inglês.

Demoramos alguns minutos e, nesse meio tempo, eu não consegui controlar os meus olhos, que se perderam pelas ruas daquela linda cidade. Tudo parecia ser tão bonito e diferente, que me deixou extremamente animada para as memórias que eu construiria ali.

Eu nunca fui uma brasileira com complexo de vira-lata — amava o Brasil com todo o meu coração —, mas o simples fato de saber que não conhecia ninguém naquele lugar, que tudo era novo, como uma página em branco, me deixava ansiosa para o meu recomeço.

Quando o veículo parou, eu olhei pelo vidro do carro e encarei uma mansão que parecia pertencer a uma celebridade. No mesmo instante, virei o meu olhar para o outro lado da rua, procurando por uma casa mais humilde, pois ainda não estava acreditando que trabalharia

mesmo ali.

Definitivamente, aquele não parecia o perfil de uma família que me contrataria.

A minha dúvida foi respondida assim que o carro tornou a andar e entramos na propriedade, mostrando-me que não havia nenhum engano. Aquela seria mesmo a minha nova casa — a palavra “mansão” soava mais apropriada, devido à tamanha imponência do lugar.

Era mesmo enorme, muito provavelmente a maior “casa” em que eu já havia estado; e eu ainda não tinha nem analisado o interior dela.

Isso, entretanto, deixou-me em dúvida: não sabia se trabalhar para pessoas tão ricas era mesmo uma coisa boa.

Antes de me acompanhar até a porta da mansão, o motorista abriu a porta do carro para mim, onde fomos recepcionados pela Elizabeth, a governanta com quem eu já tinha conversado algumas vezes.

Com um vestido azul florido, ela parecia ainda mais bonita pessoalmente. Os seus olhos eram tão verdes quanto um par de esmeraldas e o cabelo dourado fazia com que o meu parecesse completamente desidratado, como um punhado de palha seca.

— Bem-vinda, minha querida — ela disse com um sorriso gentil, instantes antes de me convidar para entrar. — Como foi de viagem?

Cruzei a porta e forcei um sorriso, respondendo à pergunta: — Foi bem... — Os meus olhos correram pelo interior da casa e isso, por um curto instante, roubou todas as minhas palavras. Despertei-me do transe e completei a frase: — Bem tranquila.

Eu não consegui disfarçar o quanto estava surpresa com todo aquele luxo. Nunca tinha visto uma casa tão linda antes — e nem tanto dinheiro sendo desperdiçado —, tinha até medo de me esbarrar em algum vaso e ter que trabalhar por dois anos inteiros sem receber para pagar pelo prejuízo.

Depois de me dar boas-vindas à América do Norte uma vez mais, “Beth” — a forma com que ela me pediu para ser chamada —, apresentou-me a casa, fazendo-me perceber que era ainda mais incrível e grande do que eu havia pensado.

Havia uma academia particular com mais aparelhos que a de perto da minha casa, uma piscina externa e outra interna, com água quente e alguns outros ambientes que só podiam ser usados pelo senhor King e as crianças — ela fez questão de frisar isso sempre que passávamos por um deles.

E toda essa riqueza me fez questionar o óbvio — o porquê de eu estar ali. O dono daquela propriedade poderia contratar a pessoa mais qualificada do mundo para cuidar dos filhos dele, não havia nenhuma lógica chamar uma estranha do Brasil para isso.

Por mais renomado mundialmente que o programa de intercâmbio “Go Baby” fosse, eu sabia que, na prática, ele servia apenas como uma forma de mão de obra barata para americanos. Oferecia babás bem abaixo do valor de mercado. E talvez fosse esse o único motivo para que alguns colocassem uma pessoa estrangeira dentro de suas casas — principalmente com a má fama que os Estados Unidos tinham perante os estrangeiros —, ainda que nunca não fossem admitir isso.

Depois de uma breve conversa com Beth, ficou acertado que eu usaria aquele dia para me estabelecer, arrumando todas as minhas coisas no quarto reservado para mim e, já no seguinte, começaria a trabalhar.

Como as crianças ainda não haviam chegado da escola, eu também não consegui vê-las, mas aproveitei o tempo para conhecer o meu quarto.

E, assim que empurrei a porta, o meu segundo medo foi descartado.

O quarto era tão bonito quanto nas fotos que eu havia visto.

Não se tratava de um quartinho nos fundos, em uma área reservada apenas para os empregados. O cômodo ficava no segundo andar da casa, próximo ao quarto das crianças — de acordo com Elizabeth. Era uma suíte, tinha uma cama de casal, um guarda-roupa grande, frigobar, mesa, poltrona e uma decoração muito bonita.

Era mais luxuoso do que qualquer quarto de hotel em que eu já havia me hospedado.

Senti falta apenas de uma televisão, mas poderia resolver isso facilmente com o meu notebook. E não poderia reclamar de nada, principalmente depois de alguns dos relatos que eu tinha lido na internet — o motivo para a existência do “segundo medo”. Em um deles, o quarto para a babá não tinha nem luz, a coitada tinha que se virar com um abajur velho. Baseado nisso, eu estava no paraíso com o meu quarto luxuoso. Não precisaria dividir nem mesmo o banheiro com outras pessoas.

Usei o meu tempo livre para mandar uma mensagem para a minha mãe, dizendo que havia chegado bem e que já estava estabelecida na casa da família. Deixei bem claro para a dona Carmem que, até então, eu não tinha cruzado com nenhum psicopata louco — e nem havia sido mandada para um bordel —, que ela e o meu pai podiam ficar tranquilos.

Também mandei uma mensagem para o grupo de babás da “Go Baby”.

Quando ainda estava pesquisando — logo depois da minha mãe me assustar com inúmeras histórias bizarras envolvendo intercâmbios, relatos que pareciam terem sido extraídos de um site de lendas urbanas —, eu li que, a primeira coisa que devíamos fazer, era entrar em contato com outros brasileiros que estavam no programa; de preferência pessoas que estivessem na mesma cidade ou região em que estávamos.

Nessas histórias com um péssimo final, algumas intercambistas haviam sido expulsas da casa onde trabalhavam e só não dormiram na rua porque tinham amigas para hospedá-las.

E isso me fez pensar na possibilidade de precisar de ajuda. Dessa forma, assim que a minha viagem foi marcada pela agência, dei um jeito de entrar em um grupo virtual com outros integrantes do programa.

“Então gente, eu cheguei há algumas horas e fui bem recebida pela minha nova família.

Estou muito animada, meninas”.

Depois de enviar essa mensagem, eu peguei o meu notebook e tentei escrever um pouco.

Por mais que eu amasse dar aulas, o que eu mais gostava de fazer era escrever, e isso, de certa forma, acabou me levando a cursar Letras. Mas como viver de literatura era algo bem complicado no Brasil, eu acabei tendo que encontrar um “plano B”. E como sempre adorei crianças, a ideia de lecionar não me pareceu das piores.

“Tudo o que ela mais queria — e precisava —, era de um recomeço, de uma fuga bem sucedida da sua problemática vida na capital”; eu escrevi, notando o quanto se encaixava perfeitamente na realidade em que me encontrava, ainda que eu fosse completamente diferente da minha protagonista.

Após passar algumas horas dentro do quarto, achei melhor dar uma circulada. Falar com Elizabeth ou ver se as crianças já haviam chegado da escola. Por mais que eu só fosse iniciar o meu trabalho no dia seguinte, não me parecia uma boa ideia ficar trancada dentro do quarto, bancando a garota antissocial.

Fechei o meu notebook, orgulhosa por ter escrito um capítulo inteiro do meu novo livro de caubói.

Levantei-me da cama e caminhei até a porta, dizendo mentalmente: *“seja legal, Cristine... Conquiste essas pessoas, garota”.*

Viajando nos meus pensamentos — que ainda consistiam em agradar a família —, cruzei a porta de forma tão apressada e distraída, que nem percebi que alguém estava passando por ali ao mesmo tempo.

O meu corpo colidiu contra o da outra pessoa. As minhas mãos foram parar em uma superfície dura, quente e suada. Demorou um tempinho para que eu percebesse que se tratava do peito de alguém — de um cara bem musculoso, diga-se de passagem.

Voltei o meu olhar para cima, encarando um homem alto e loiro. Os olhos cinzentos dele fixaram-se em meu rosto, provavelmente estranhando aquele momento bizarro que estávamos tendo no corredor.

Eu demorei mais alguns segundos para perceber que ainda estava com a minha mão direita em seu peito.

Talvez, se ele estivesse usando uma camisa, a situação fosse menos constrangedora. Eu não tinha ideia, mas, naquele momento, parecia a porcaria de um filme de terror — um daqueles sexys, antes das pessoas começarem a morrer.

Afastei a minha mão e dei um passo para trás, sussurrando um “*desculpe*” silencioso.

Como eu me afastei um pouquinho, consegui observá-lo por completo e me perdi em seu corpo. Ele era grande — essa, definitivamente, era a palavra certa para descrevê-lo —, dono de coxas e braços grossos e com um abdome completamente definido, de tirar o fôlego.

Se eu fosse chutar, diria que era o *personal trainer* deles.

“*Que saúde!*” a minha mente gritou, quase me fazendo pronunciar isso em voz alta.

Eu, que nunca fui chegada em caras bombados — secretamente, associava todos aqueles músculos com burrice —, estava atraída.

— Você é a babá, não é? — indagou ele, tirando a minha atenção de seu peitoral suado e levando-a de volta ao seu rosto.

O homem à minha frente pagou na mesma moeda que a minha, engolindo-me com os seus olhos claros penetrantes. E o olhar analítico dele deixou-me sem jeito, pois foi como se ele tivesse o poder de visão “Raio-X” e estivesse me vendo sem as roupas.

Depois de um longo período em silêncio, balancei a minha cabeça, finalmente respondendo: — Sim, eu sou.

Ele ficou parado, com uma expressão confusa e, só então, notei que havia respondido à sua

pergunta em português.

Óbvio que ele não entenderia nada.

Merda.

Merda.

Merda.

Eu mal tinha chegado e já estava queimando o meu filme com as pessoas daquela casa.

— Sim, eu sou a babá — tornei a falar, dessa vez em um idioma que ele compreendia. — Estendi a minha mão, tornando tudo ainda mais constrangedor. — Cristine.

Ele a apertou.

— James — respondeu ele, ainda segurando a minha mão. — James King.

“James King”.

Em outras palavras, o meu chefe, um homem que eu imaginava possuir uns quarenta e cinco anos, completamente grisalho e flácido, que cheirava a tabaco e naftalina.

Nesse instante, todo aquele encanto — e tesão — que eu estava sentindo por ele desapareceu.

Tudo o que me restou, foi um enorme constrangimento.

Eu sorri e tentei me afastar dele, mas o senhor King foi na mesma direção que eu, fazendo com que eu me esbarrasse nele outra vez. Completamente nervosa, tentei a outra direção e, novamente, o meu chefe também optou por ela.

— Eu acho melhor tentarmos um de cada vez — ele comentou, mantendo-se parado do lado direito do corredor. Ao notar que eu não daria o primeiro passo, King estendeu o braço e prosseguiu: — Primeiro as babás.

Sorri em agradecimento e finalmente consegui me afastar dele.

Capítulo 02 — Crianças

As crianças, quem eu mais estava ansiosa para conhecer, nem me deram bola.

Emily tinha oito anos de idade e era muito bonita. A garotinha possuía cabelos loiros e olhos cinzentos, bem parecidos com os do pai. Já Mike, de três anos, tinha cabelos e olhos escuros, provavelmente herdados da mãe. Eram tão diferentes que nem pareciam irmãos.

O meu primeiro momento com eles foi bem curto e aconteceu no mesmo dia que cheguei, no finalzinho da tarde. A menina nem me deu atenção, mal olhou para o meu rosto, mesmo eu dizendo o quanto estava feliz por finalmente conhecê-la. O menorzinho foi um pouquinho mais receptível, mas ainda não dava para dizer que ele tinha gostado de mim.

Mesmo sendo bastante curto, esse primeiro contato mostrou-me que não seria muito fácil lidar com aquelas crianças, principalmente com a mais velha. Mas, com toda a minha experiência, eu sabia que isso — não ser aceita logo de início — não era algo incomum, principalmente sendo uma babá estrangeira.

Na mente dos dois, eu não passava de uma desconhecida, uma intrusa que tinha invadido a casa deles. Não conseguiria mudar isso da noite para o dia. A única forma de lidar com essa questão, era dar tempo ao tempo e torcer para que eles me aceitassem o quanto antes.

Durante a manhã, Beth me acompanhou e foi me explicando a rotina das crianças, assim como algumas das preferências do pai delas, o senhor King. Coisas como “*sempre amarre o cabelo da Emily, antes de colocá-la para tomar o café da manhã*” e “*não deixe que eles comam nada fora da dieta pré-estabelecida*”.

Nessa última frase, eu senti uma leve indireta. Foi como se Elizabeth olhasse para o meu corpo, fora do padrão de beleza, e dissesse “*não dê nenhuma das porcarias que você come para eles*”.

Ou talvez eu só estivesse sendo um pouco paranoica.

— Quando eles terminarem de tomar café da manhã e já estiver no horário, é só avisar o Robert e ele levará vocês — continuou ela, enquanto eu organizava a mesa para que as crianças pudessem comer. — Entendeu tudo?

No momento em que ela disse “*é só avisar o Robert e ele levará vocês*”, eu notei que, muito provavelmente, não teria um carro só pra mim — como me havia sido prometido naquela conversa por vídeo. Em vez disso, eu teria um motorista, o que, definitivamente, não era a

mesma coisa, já que ele não estaria disponível sempre que eu precisasse.

Balancei a cabeça, mostrando que havia compreendido.

Acomodei as crianças à enorme mesa da cozinha. Primeiro sentei o Mike na cadeirinha e, logo em seguida, fiz com que Emily se sentasse à mesa também.

— Não! — ela disse e se levantou da mesa, assim que Beth se afastou da gente. — Eu não quero comer.

Aproximei-me da menina e me abaixei, ficando frente a frente com ela. Por mais que a autoridade fosse algo indispensável quando o assunto é cuidar de crianças, eu queria que, naquele momento, ela me enxergasse de igual para igual, que me compreendesse e, conseqüentemente, me aceitasse.

— Por que não, querida? Parece estar tão gostoso — respondi, tentando, sem sucesso, convencê-la a comer. Peguei uma colherada do cereal e comi, fazendo caras e bocas. Voltei o meu olhar para ela e sorri, como se aquela fosse a comida mais maravilhosa do mundo. — Viu só? Está muito gostoso, Emily. Por que você não prova um pouquinho?

Ela simplesmente balançou a cabeça, mostrando-me que não comeria e que a minha estratégia do “*igual pra igual*” era péssima.

Respirei fundo e voltei a minha atenção para o Mike, que diferente da irmã mais velha, estava se alimentando, bebendo uma vitamina que Elizabeth destacou ser essencial para o crescimento dele.

Mary, a cozinheira da casa, chamou-me até um canto da cozinha e sussurrou: — É normal, ela sempre faz birra pra se alimentar. Você não é a primeira babá que está tendo problemas com isso.

Como eu não fazia o estilo que gostava de fofocas, agradeci a cozinheira pela informação e me afastei, tornando a me aproximar de “Em” — o apelido pelo qual Elizabeth a chamava.

— Você precisa comer — tornei a insistir, voltando a minha atenção para a loira, que continuava fazendo careta. — Pelo menos um pouquinho, meu amor.

Emily tornou a balançar a cabeça e mexer os seus bracinhos, recusando-se a comer.

— O meu pai disse que eu não preciso comer quando não estou com fome — rebateu ela com uma expressão de choro estampada no rosto. — E eu não quero!

Eu tinha certeza de que se dissesse “*você precisa comer*” mais uma vez, a menina

começaria a chorar, trazendo Beth de volta para a cozinha. E tudo o que eu não queria, era um problema com as crianças já no meu primeiro dia de trabalho.

Se o pai dela havia dito aquilo, quem era eu para obrigá-la, não é mesmo?

— Você tem certeza não está com fome? — indaguei, certificando-me de que não mandaria aquela criança com o estômago roncando de fome para a escola.

Ela negou com um aceno de cabeça, dando-me a certeza de que eu precisava para finalmente desistir de alimentá-la.

— Se o seu pai te disse isso, então tudo bem.

Quando o horário da escola se aproximou, eu limpei a boca do Mike e deixei as duas crianças prontas para sair. Eu não precisei nem chamar o motorista, que apareceu de forma espontânea, facilitando muito o meu trabalho.

O trajeto da casa até as duas escolas não era muito grande. E, assim que nós chegamos, eu segui todas as orientações de Elizabeth, deixando as crianças dentro do local e então retornei para o carro, que me levou de volta para a casa dos King.

Como o meu trabalho englobava apenas as crianças, eu não tinha muito o que fazer durante o período em que elas estavam estudando. Sendo assim, eu aproveitei esse tempo livre para escrever um pouco mais do meu livro.

Eu ainda estava bem no começo, mais especificamente quando Isabela Visconde — a protagonista — reencontrava Felipe Rodriguez, o primeiro namorado dela, que agora se tornara um caubói marrento e arrogante. Consegui escrever apenas alguns parágrafos, pois não estava me sentindo muito inspirada e sentia que a história ainda não estava muito bem planejada.

Também dei uma olhadinha no grupo de babás da “*Go Baby*”. As meninas estavam combinando uma festa na sexta-feira à noite e, por mais que eu não fosse muito de ir a festas, fiquei tentada a participar daquela. Eu queria conhecer mais gente, fazer amizade com outros brasileiros, exatamente como aquelas intercambistas azaradas sempre nos instruía em seus vídeos.

A escola das crianças funcionava em tempo integral. E, sem elas por perto, o meu dia passou bem rápido. Quando me dei conta, já estava saindo da mansão com Robert para pegá-las. Nós passamos primeiro na de Mike e, em seguida, fomos para a de Emily que, ao me ver, esboçou uma expressão de desagrado ao notar que eu continuava sendo a babá dela.

Dentro do carro, eu tentei puxar assunto com a menina, perguntando o que ela havia feito

na escola, se ela possuía amigos e outras coisas nessa mesma linha de pensamento, mas não obtive resposta da parte dela. Mike, que tinha apenas três anos de idade, falava mais do que ela e isso só comprovava o quanto Emily me odiava.

Assim que chegamos em casa, fui instruída novamente por Beth, que me explicou que eu deveria fazer algum tipo de atividade com as crianças. Nas exatas palavras dela, “*algo saudável e educativo*”.

Eu até tentei brincar com um jogo — que eu considerava saudável e educativo —, mas nenhum dos dois estava muito interessado nisso. Emily ficou no celular, fingindo não ser capaz de me ouvir, enquanto Mike assistia a um desenho animado em seu *tablet*.

Tentei chamar a atenção deles diversas vezes, mas falhei miseravelmente em todas elas. E, com isso, acabei desistindo e deixando que cada brincasse da forma que queria.

Isso fez com que eu me sentisse uma péssima babá.

E eu detestava estar sendo tão ruim em algo que eu gostava de fazer — em algo que eu sabia que era boa.

Às dezenove horas, depois do banho das crianças, o meu expediente chegou ao fim.

Mesmo com todos aqueles problemas, tentei ser positiva em relação ao dia seguinte. Ainda que as crianças não tivessem me aceitado — principalmente a Emily —, havia conseguido cumprir todo o cronograma deles e não precisei de nenhum auxílio extra de Elizabeth, o que significava que, para um primeiro dia, não devia ser tão ruim assim.

O ponto alto da minha noite foi o meu banho demorado de banheira — o primeiro da minha vida. Perdi a conta de quantos minutos passei debaixo daquela água. Eu só fui sair de lá quando a pele dos meus dedos já estava bem enrugada.

Depois disso, curti um momento sozinha no meu quarto, aproveitei para comer chocolate e outras coisas gordurosas, para me desintoxicar de toda aquela comida excessivamente saudável. E, antes de dormir — mais especificamente no momento em que tornei a pensar em Fernando e em todas as pessoas que havia deixado no Brasil —, sussurrei pra mim mesma: “*você consegue, Cristine. Essa é a porra do recomeço que você tanto queria*”.

Capítulo 03 — Do Outro Lado da Parede

Depois de me deitar na cama para dormir, dificilmente saio de cima dela até a manhã do dia seguinte. Sou extremamente preguiçosa nesse sentido. E, por esse mesmo motivo, eu sempre costumo deixar uma garrafinha de água próximo da minha cama, para no caso de acordar no meio da noite e sentir a minha garganta muito seca.

Por não estar na minha casa e devido a minha rotina diferenciada, acabei não me programando e esqueci esse detalhe.

Isso me obrigou a descer as escadas para ir até a cozinha.

Ainda que não fosse legal estar vagando no meio da noite em uma casa que não era minha, eu não conseguiria dormir com a minha garganta seca; também não me forçaria a beber água quente da torneira do banheiro.

Beth, a governanta da casa, havia me dito para ficar “à vontade” e era exatamente isso o que eu estava fazendo.

Fui para a cozinha e peguei um copo de água gelada no filtro moderno e luxuoso deles. Depois de tomar tudo em grandes goles, decidi levar um copo cheio para o quarto, para que eu não precisasse descer novamente, caso acordasse outra vez.

Caminhei de volta para a escada e, quando pisei no primeiro degrau dela, ouvi o som risadas animadas. E, nesse instante, apressei os meus passos e subi o mais rápido que eu consegui. Eu nem me importei com as gotas de água que derramei no chão devido à minha afobação, simplesmente me esforcei para não ser vista vagando sozinha por ali.

Estava me escondendo e não tinha a menor ideia do por que — não tinha feito nada errado —, mas, ainda assim, continuei seguindo em passos apressados até o meu quarto, onde eu me tranquei.

A voz grossa no meio daquelas risadas parecia pertencer ao senhor King — aquele tom era inconfundível, mesmo para mim que só o havia ouvido uma única vez. Entre os sons contagiantes, eu também identifiquei uma voz feminina, mas essa, mesmo que familiar, eu não tinha a mínima ideia a quem pertencia.

Eu não sabia muito sobre James King.

Tinha conhecimento de que ele era um “pai solteiro” — no sentido de estar criando os

filhos sozinho —, de que a mãe das crianças havia falecido e de que ele não havia se casado novamente. Naquelas conversas por vídeo, antes de eu embarcar para os Estados Unidos, Beth não havia me explicado essa história muito bem e, naquele tempo, eu também não dei muita importância.

Talvez fosse a namorada dele ou uma das mulheres com quem o senhor King costumava se envolver. Até porque, tratando-se de um homem tão atraente quanto ele, certamente mulher não devia faltar. De uma coisa eu tinha certeza, a fila devia ser enorme, repleta de garotas magrinhas, que poderiam facilmente ser capas de alguma revista famosa.

Já deitada em minha cama, eu ouvi alguns passos no corredor. Eles, muito provavelmente, seguiam para o quarto do meu chefe, que ficava bem ao lado do meu. Descobri esse detalhe no dia que eu cheguei aos Estados Unidos, mais especificamente no momento em que eu esbarrei nele, que caminhava sem camisa e todo suado depois de um tempo malhando em sua academia particular.

Peguei o meu celular e notei que já havia passado das três da manhã. Em algumas horas, eu já teria que estar de pé novamente para começar a trabalhar. Mas, obviamente, isso não me impediu de matar um tempo nas redes sociais, descobrindo o que as pessoas estavam fazendo lá no Brasil.

Confesso que estava mais interessada em saber como o Fernando estava se virando. E a julgar pela página do meu ex-noivo, a resposta era “incrivelmente bem”. Ele postava fotos com garotas, um monte de bebida e festas. E, em todas elas, aparentava estar se divertindo como nunca.

E isso me colocava para baixo.

Eu não queria o mal dele, de forma alguma. Mas vê-lo tão bem — e sem mim — não era uma coisa muito boa, pois me mostrava que Fernando estava vivenciando um sentimento de felicidade que eu não fui capaz de lhe proporcionar. Não que mantê-lo feliz fosse uma obrigação exclusivamente minha. Você não entra em um relacionamento para que outra pessoa o torne feliz, esse tipo de pensamento é egoísta e só mostra o quanto você é dependente. No entanto, era impossível não questionar se ele estava ganhando de outras mulheres todas as coisas que eu não pude lhe dar.

Eu continuaria a minha reflexão sobre vida e relacionamento se um barulho não tivesse roubado completamente a minha atenção.

Não era um som qualquer.

Era um gemido; um bem alto, por sinal.

Levantei-me da cama na ponta dos pés, cuidando ao máximo para não fazer barulho — não que eles fossem ouvir alguma coisa naquele momento — e aproximei-me da parede. Lentamente encostei o meu ouvido ali, em uma tentativa de ouvir um pouco melhor tudo o que acontecia no quarto ao lado. Os gemidos ficaram ainda mais altos e isso fez com que eu imaginasse a cena que acontecia atrás daquela parede.

As vozes, carregadas de prazer, e o barulho da cama rangendo me excitaram demais. E ainda que isso não fosse algo muito correto ou bacana da minha parte, eu continuei colada na parede, ouvindo o senhor King foder aquela mulher.

Pela forma que aquela cama rangia — assim como os altos gemidos —, as estocadas dele eram fortes e constantes. O meu chefe devia estar partindo-a ao meio. E isso fez com que eu imaginasse a voz dele sussurrando coisas safadas em inglês ao pé do meu ouvido. Tinha absolutamente tudo em mente, a voz grave, o cheiro forte e aquele corpo escultural colado ao meu.

Tudo isso não deixava a minha mente, tampouco me ajudava a se afastar da parede.

Ouvi algo que se parecia muito com um “*me fode!*”. Aquela frase me deixou molhada, tão úmida a ponto de me dar vontade de voltar para a cama e resolver aquela situação sozinha, com o auxílio da minha mão. E eu realmente teria feito isso, se não tivesse imaginado a cena antes e constatado o quanto eu estava sendo patética.

Retornei à minha cama, disposta a me esquecer de tudo aquilo e dormir. No entanto, as fantasias continuaram a pairar por minha mente, de forma ainda mais intensa. Eu imaginava o senhor King em cima de mim naquela cama, fazendo-a ranger tanto quanto estava fazendo com a do quarto ao lado do meu. Imaginava o seu peso, a intensidade de seu membro me invadindo com força, justamente com o seu hálito quente, antes de sussurrar algo safado. Eu me imaginava gritando ainda mais alto do que a mulher que estava com ele.

A cama confortável e o cansaço me ajudaram a voltar a dormir. No entanto, essas duas coisas não me impediram de sonhar — um sonho bem quente — com o meu novo chefe.

Capítulo 04 — A Nova Rotina

Como perdi muito tempo acordada — ouvindo coisas que não deveria ter ouvido, diga-se de passagem —, eu despertei completamente quebrada, com dor em todo lugar do meu corpo.

Talvez fosse um castigo divido por bisbilhotar o sexo alheio.

Tinha certeza de que, se fechasse os meus olhos, voltaria a dormir e, por esse motivo, levantei-me da cama imediatamente, indo direto para o banheiro tomar uma ducha. E enquanto a água quente caía sobre o meu corpo, eu tentava me esquecer das coisas que tinha ouvido de madrugada, queria apagar aqueles sons e tudo o que ele me fez sentir.

Eu não tinha ideia de como reagiria se ficasse em frente ao meu chefe — exceto de que seria impossível não me recordar dos gemidos que ouvi — e não sabia se queria descobrir a resposta tão cedo.

Fiz a minha higiene matinal e fui acordar as crianças, que relutaram bastante para levantar da cama. Emily, como eu já estava esperando, foi a que mais me deu trabalho. Ela só fez o que eu pedi depois de gritar três vezes “*você não manda em mim*”.

Após me certificar de que eles estavam com os dentes escovados e arrumados para a escola, descemos para tomar o café da manhã.

Assim que eu coloquei os meus pés na cozinha, Beth se enfiou na minha frente. E, pela expressão do rosto dela, a governanta não estava ali para me desejar um “*bom dia*”.

— Eu posso falar com você, Cristine? — ela indagou, deixando claro que devíamos conversar longe das crianças.

Balancei a minha cabeça, confirmando.

Disse para Emily e Mike irem até a cozinhar tomar o café da manhã e segui com Elizabeth para longe deles.

— Você deu o café da manhã pra Emily ontem? — questionou-me ela com um olhar sério. O meu silêncio foi o que ela precisava para continuar. — Ela me disse que ficou com fome na escola.

— Ela me disse que...

— Você deu ou não o café da manhã? — Ela me interrompeu, de forma extremamente

grosseira.

— Não.

— Era só o que eu precisava saber — ela completou, fuzilando-me com os seus olhos esmeraldas. — E eu espero que isso não se repita. É o seu trabalho garantir que eles se alimentem antes da escola. E quando você não cumpre o seu trabalho, isso acaba interferindo no meu. — Depois de um momento em silêncio, ela finalizou, dizendo: — Estamos entendidas?

Limitei-me a balançar a cabeça.

No dia anterior, eu havia tentado alimentar Emily mais de uma vez, entretanto ela havia me dito que não estava com fome e que o seu pai a havia autorizado a não comer quando não se sentisse a vontade para isso. Mas, obviamente, eu não podia usar uma desculpa dessas para amenizar o meu erro. Eu acreditei em uma criança de oito anos e isso foi inocente demais da minha parte.

Então, simplesmente aceitei que havia errado e usaria esse erro para melhorar em meu trabalho.

Aquilo não voltaria a se repetir.

Voltei para a cozinha, para me certificar de que as crianças estavam mesmo se alimentando.

Eu não tive nenhum problema com Mike, que tomou a vitamina tranquilamente. Emily, por outro lado, recusou-se a comer outra vez, tentando usar a mesma desculpinha esfarrapada do dia anterior.

— Eu não quero — ela repetiu assim que eu afirmei que, daquela vez, não a deixaria ir para a escola sem se alimentar. — Você não manda em mim, sua idiota.

— Você não vai se levantar dessa mesa sem terminar de comer — respondi, tentando transmitir bastante seriedade em meu tom de voz. Eu não queria parecer “brava”, simplesmente firme, mostrando para ela que não estava sendo intimidada com as suas ofensas.

— Eu vou mandar o meu pai demitir você.

Assim que ela pronunciou isso, voltou o seu olhar para os dois lados, como se estivesse se certificando de que Elizabeth não havia ouvido.

Tinha certeza que a governanta possuía autoridade sobre ela. E como não estava conseguindo fazê-la desempenhar uma tarefa tão simples quanto se alimentar, resolvi usar isso a

meu favor.

— Ou você termina o seu café ou eu vou chamar a Elizabeth e mostrar a ela por que você ficou com fome ontem na escola.

A minha frase teve um efeito imediato. Através de seus olhos cinzentos, eu notei que Emily percebeu que eu não era tão boba quanto ela havia pensado. Mas aquele mesmo olhar também me mostrou que ela ficou com medo do meu tom de voz e isso me fez enxergar o erro que eu havia cometido. Por mais que eu precisasse que ela me reconhecesse como uma autoridade, eu não queria que fosse daquela forma, através do medo.

Esse não era o meu estilo.

Eu não trabalhava assim.

Não chantageava crianças para fazê-las se comportarem. Nunca precisei aterrorizá-las com uma história do “homem do saco” para que não brigassem entre si, nunca precisei gritar “*calem a boca*” para que ficassem quietas durante as minhas aulas e, certamente, não começaria isso agora.

Eu me aproximei da mesa e me sentei ao lado de Emily.

Voltei o meu olhar em direção a ela.

— Vamos fazer assim, eu como um pedaço e aí você come um pedaço — comentei, pegando uma fatia da maçã. — Assim terminamos mais rápido.

Eu não perguntei se ela queria entrar na “brincadeira”, simplesmente coloquei o pedaço da fruta na minha boca e o comi.

— Sua vez — disse, ainda com a boca cheia.

Ela me lançou um olhar desconfiado, mas, ainda assim, pegou um pedaço e o comeu. E isso fez com que eu sorrisse, antes de apanhar um outro. Em poucos minutos, ela havia se alimentado e a melhor parte era que eu não havia precisado insistir com aquela ameaça boba, envolvendo Elizabeth.

Um pouco antes de sairmos da casa, a governanta apareceu para se certificar de que as crianças haviam se alimentado adequadamente. Eu me limitei a balançar a cabeça e deixei que os dois respondessem por mim.

Por mais que a forma como Beth me questionou não fosse das melhores — acabando com a autoridade que eu estava tentando conquistar —, eu gostei que aquilo tivesse acontecido, pois

se na manhã seguinte Emily reclamasse que havia passado fome na escola, a governanta não poderia me culpar, já que também teve uma confirmação instantes antes de levá-las com Robert, o motorista.

Capítulo 05 — Encontro de Babás

Na manhã da sexta-feira, as coisas foram um pouco mais simples.

Não recebi nenhum puxão de orelha de Elizabeth — e somente isso já era um motivo para uma comemoração —, que, diferente de quando eu a conheci naquela vídeo conferência, não parecia mais tão amigável. E eu também já não sofria tanta resistência de Emily para tomar o café da manhã e estava mais habituada à rotina das crianças.

Pelo menos até aquele momento, não existiam mais surpresas.

Precisava arrumá-las — cuidando de toda a parte da higiene e vestuário —, alimentá-las e, em seguida, levá-las para a escola, onde passariam boa parte do dia.

Habituei-me a escrever nesse horário. Como não tinha nenhuma tarefa, dei continuidade ao meu livro. O dia foi bem produtivo e consegui completar dois capítulos inteiros, o que me deixou com aquele sentimento gostoso de dever cumprido.

A galera do grupo mandou o endereço da festa que eu havia combinado de ir e, naquele instante, o meu estômago gelou, apenas evidenciando o quanto eu estava receosa para o meu primeiro compromisso “internacional”.

Guardei a localização e tentei não me convencer a desistir — como eu sempre fazia quando se tratava de festas —, pois eu realmente precisava fazer amizades. Não era uma questão de me enturmar, mas de necessidade mesmo. Eu estava sozinha no exterior. E, de acordo com os vídeos preparatórios que eu havia assistido, quanto mais brasileiros estivessem por perto, melhor. Eu precisava disso para me sentir segura.

Fui buscar as crianças com o motorista. Assim que as trouxe de volta para a casa, tentei convencê-las a brincar de uma forma que trabalhasse a imaginação delas, não as limitando a um *tablet* e a um celular. Mas não obtive sucesso, cada um fez aquilo que gostava e eu continuei cuidando deles até às dezenove horas, quando o meu expediente chegou ao fim.

Deixei as crianças de banho tomado. Ambas foram para os seus respectivos quartos e finalmente consegui me arrumar para a festa que se aproximava.

Após me vestir, eu descii as escadas e segui em direção à porta, animada com a minha folga, mas, antes que eu pudesse cruzá-la, Elizabeth se colocou à minha frente.

— Eu me esqueci de te dar isso aqui — a governanta comentou, entregando-me um

aparelho de celular. — É o telefone da babá. Tem os nossos números nele. — Ela sorriu de forma gentil, antes de completar: — Então, qualquer coisa... É só ligar pra gente!

Fiquei surpresa.

Eles estavam mesmo me dando um celular para garantir que eu pudesse contatá-los no caso de algum problema? Aparentemente, sim.

Aquela era a prova de que se preocupavam comigo e isso, definitivamente, fazia bastante diferença.

Eu peguei o objeto e agradeci de forma silenciosa, antes de sair da casa.

Aquilo — o sorriso gentil e o cuidado — fez com que eu repensasse toda a minha implicância com Beth. Talvez, no dia em que me deu aquela bronca, a governanta só não estivesse em um bom dia. Talvez o próprio senhor King estivesse exigindo que ela fosse durona comigo. De qualquer forma, não valia a pena guardar rancor.

Robert, o motorista da família, deixou-me no local e eu me surpreendi por não ser um barzinho ou qualquer outro lugar que tornasse aquilo em um encontro de brasileiros.

Estranhamente, tratava-se de uma casa — e uma das grandes.

Nem dei chance para o Robert descer do carro e abrir a porta pra mim. Eu detestava esse tipo de tratamento especial. Agradeci e segui em direção ao fluxo de pessoas que também estavam chegando.

Em questão de segundos, constatei que não se tratava de um encontro.

Não exageraram com o termo “festa”.

Eu tinha vinte e seis anos nas costas, mas não tinha ido a muitas festas na minha vida. A minha adolescência foi uma chatice sem fim; eu tinha sido a garota mais careta do mundo, que tinha medo de tudo e de todos, preocupada unicamente com escola e em ser uma boa filha.

Se alguém me perguntasse a respeito da coisa mais louca que eu já tinha feito, eu provavelmente responderia: “*estar aqui, nos Estados Unidos*”. Por mais que deixar o Brasil tivesse sido uma decisão extremamente impulsiva e — de certa forma, até mal pensada —, eu não costumava agir dessa forma. Se não fosse pelo término do meu noivado, nunca cogitaria uma mudança tão radical.

— Não vai entrar? — questionou uma garota ruiva, roubando a minha atenção. Naquele instante, todos os meus pensamentos e inseguranças se dissiparam. — Pode ficar tranquila...

Difícilmente vamos ter problemas com polícia por conta da festa.

Eu não tinha a mínima ideia do que ela estava falando, mas balancei a cabeça, como se estivesse concordando com tudo, mesmo após ter ouvido claramente a palavra “*polícia*”.

Aproximei-me da garota e entrei na propriedade que, assim como naquela em que eu trabalhava, era enorme, com direito a jardim e piscina.

Ela me cumprimentou com um beijo no rosto.

— Eu sou a Kells.

— Nome bonito — elogiei, realmente gostando da forma como ele soou com a voz fina dela.

— Na verdade, o meu nome é Keli com um “L” só e “I” no final... — ela respondeu, enquanto andávamos pela propriedade. — Aí achei que “Kells” soaria melhor, mais gringo.

Tornei a assentir, concordando, sem a mínima ideia do que responder.

— E você? — Kells me lançou um olhar. — Como é que eu te chamo?

— Cris... Cristine.

— Cristine? E eu pensava que o meu nome era feio — ela falou de uma forma tão descontraída que nem soou como um insulto. — Vou te chamar de Cris. E quando eu falar, imagina que estou pronunciando com um “H”, porque soa mais americano.

Forcei um sorriso e a acompanhei até uma área próxima da piscina, nos fundos da propriedade.

— Bacana — disse, admirando o ambiente, que era todo iluminado, um verdadeiro espetáculo visual. Mas foi impossível não comparar com a propriedade dos Kings. — É quase tão grande quanto a casa em que eu trabalho.

— Sério? — Kells indagou surpresa, quase como se não acreditasse em mim. — Então eles devem ser cheios de grana...

Confirmei com um novo aceno de cabeça.

— A família aqui é bem tranquila... Eu só tenho que ficar de olho no pai... — Ela riu, como se isso não fosse algo grave. — O cara é um tarado, tá sempre me jogando umas conversinhas fiadas.

Por mais que eu já tivesse fantasiado coisas com o senhor King — principalmente depois de ouvi-lo transar naquela noite —, ele era solteiro e nunca tinha me tratado de forma inapropriada.

— E por que você ainda não pediu *rematch*? — questionei de imediato, realmente assustada com aquele relato.

Quando não éramos compatíveis com a família escolhida — e isso incluía assédios, maus-tratos e descumprimento de contrato —, nós podíamos simplesmente dar um “rematch” e encontrar uma nova casa, que atendesse as expectativas de ambas as partes.

— *Rematch*? Nem morta, garota... — retrucou ela, como se aquela ideia fosse equivalente a um insulto. — Se ele tivesse vinte quilos a menos, até que seria gostosinho. — E então ela olhou para mim, que não era um modelo de magreza. — Não que ter vinte quilos a mais seja algo ruim... Enfim, o fato é que eu sei lidar com ele. Se o velho tentar alguma coisa, quebro a cara dele e ainda faço chantagem.

Eu entendia bem o receio dela. Ao pedir o “rematch”, você também corria o risco de não encontrar outro lugar e, conseqüentemente, ser mandada de volta para o país de origem. E, aparentemente, Kells não era do tipo de intercambista que queria voltar para casa.

Mas eu não duvidava de que ela sabia lidar com aquela situação.

A ruiva não parecia ingênua.

Cuidadosa era outra das coisas que ela certamente não era.

Kells, pelo que eu já tinha notado, era daquelas pessoas que não pensavam muito para falar, pronunciavam tudo que lhes vinha à mente, sem se importar com o que podiam pensar. Era tão delicada quanto um coice de cavalo; o tipo de sinceridade que sempre soava de forma grosseira e irritante.

Se tivéssemos nos conhecido no Brasil, eu a detestaria no segundo em que ela abrisse a boca. Mas, estranhamente, estava me divertindo com a companhia dela. Talvez fosse porque era bom estar perto de outra brasileira... Eu não tinha ideia.

— E você?

A pergunta chamou minha atenção, fazendo-me voltar o olhar para ela, que estava com um sorriso bem malicioso.

— O que tem eu?

— Como é o seu “papai”? — ela fez aspas com os dedos, após pronunciar o “*papai*”.

Fiquei vermelha no mesmo instante.

— Ah, qual é, menina? — insistiu ela, não aceitando o meu silêncio como resposta. — Ele faz o estilo grisalho sexy ou daqueles senhores que tentam pagar de garotão?

Pensei em James King e, imediatamente, notei que nenhuma dessas alternativas se encaixava ao perfil dele. O meu chefe tinha uns trinta e poucos anos — não era nem dez anos mais velho do que eu —, era solteiro e gostoso a ponto de me deixar molhada, mesmo estando a uma parede de distância do meu quarto.

Mas, obviamente, eu não diria isso a Kells.

— Ele é bem novo e... E viúvo — respondi, detestando-me por estar ali, falando do meu chefe. Por pouco, não pronunciei um “*gostoso*” após o “*novo*”. — Pelo pouco que eu conheci dele, parece ser um cara bem leg...

— Não foi isso o que eu te perguntei, criatura! — ela me interrompeu, rindo. — Eu quero saber se ele é bonito, se é o tipo de cara que te deixa excitada ao te dar alguma ordem. — Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela completou: — E sim, eu já tive um chefe gringo assim, pena que não terminou bem... — Como se tivesse notado que acabou falando demais, Kells mudou de assunto, jogando a bola quente novamente no meu colo: — Mas, e aí, ele é gostoso?

“*Você não imagina o quanto*” pensei, quase dizendo em voz alta.

— É... — disse, sentindo o meu rosto ruborizar no mesmo segundo. — Ele é, tecnicamente, um homem atraente.

— Isso quer dizer que você, tecnicamente, daria pra ele? — Kells prosseguiu, como se quisesse me deixar ainda mais vermelha.

“*Tecnicamente, até não ter mais boceta*” tornei a pensar, sentindo vergonha só por ter um pensamento assim, tão “impuro”.

— É claro que não! — menti descaradamente, falhando em transmitir sinceridade em minhas palavras. — Ele é o meu chefe... Nunca rolaria nada.

— Você é tão careta, Cris... — ela respondeu, aparentemente comprando a minha mentira ruim. — Uma dica de quem está aqui há mais tempo, aproveite a sua viagem ao máximo... Se o seu chefe solteiro e gostoso te der mole, se joga... Uma amiga conseguiu um visto permanente dessa forma.

Eu não sabia se balançava a minha cabeça concordando para fazê-la parar de falar ou se discordava em voz alta pra mostrar que não compactuava com aquilo — mesmo, lá no fundo, gostando da ideia de ter uma noite quente com o senhor King.

— Como é que você convenceu a família te deixar dar uma festa aqui? — mudei de assunto, colocando o meu chefe para fora daquela conversa.

— Na verdade, foi bem fácil... Eu não precisei dizer nada — Ela se aproximou de uma cadeira e sentou-se, antes de voltar o seu olhar para mim e sorrir. — Eu literalmente não disse nada.

Eles não sabiam.

— Você é louca.

— Eu sei.

Notei que os olhos dela estavam fixos em um garoto do outro lado da piscina. Ele era moreno, grande e charmoso. E também parecia ser o tipo dela, já que Kells secava cada um dos músculos no abdome do cara.

Ele notou — e gostou —, tanto que sorriu para ela, erguendo o copo vermelho de cerveja, como se a estivesse convidando para se juntar a ele.

Eu tinha certeza de que, para uma mulher como ela, devia ser a coisa mais fácil do mundo arrumar homens como aquele. Kells era bonita, extrovertida e tinha aquele jeito maluco. E os homens gostam de mulheres assim, eles se sentem desafiados e partem para a conquista.

— Ele parece estar interessado também... — observei, tentando não encará-lo diretamente. — Por que você não vai lá e se joga?

Ela riu e balançou a cabeça, em uma negativa, como se eu estivesse falando algo idiota.

— Se eu quisesse pegar brasileiros, tinha ficado no Brasil. — Kells colocou a mão no meio das pernas, cobrindo a sua “fenda”, e prosseguiu: — Isso aqui é só pros gringos. — Ela não me deu nem tempo de dizer alguma coisa e emendou: — Eu preciso arrumar um marido logo, o meu visto vai vencer logo.

A ruiva notou que a música estava muito alta e foi abaixar o volume para não correr o risco de um dos vizinhos telefonar para os verdadeiros donos da casa, entregando que a babá deles estava dando uma festa pra um monte de brasileiros.

— Aproveitando a festa?

Virei o meu pescoço, tentando identificar de onde vinha aquela voz — e se a pessoa realmente estava mesmo falando comigo. Encontrei uma menina negra, alta e, assim como Kells, muito bonita. Os olhos dela eram tão escuros quanto o céu sem estrelas da cidade e o sorriso tímido em seus lábios parecia contagiante.

Balancei a cabeça, respondendo de forma silenciosa.

— Tem alguém sentado aqui? — ela apontou para a cadeira que Kells ocupara há alguns minutos.

— Tinha, mas eu tenho quase certeza que ela não vai voltar — respondi, retribuindo o sorriso. — Pode sentar.

Pelo pouquíssimo tempo que a conhecia, tinha certeza de que Kells já estava conversando com outra pessoa ou se pegando com o cara da piscina; o que ela havia esnobado por não ser um gringo — ou qualquer outro cara que pudesse lhe proporcionar um *green card*.

Depois de passar alguns segundos encarando a tela de seu celular, a garota comentou, puxando assunto: — Faz quanto tempo que você está aqui?

— Acho que uma ou duas horas — respondi, sem ter a mínima ideia de quanto tempo havia se passado desde que o motorista havia me deixado em frente à mansão dos patrões de Kells.

Ela riu e completou: — Neste país?

Fechei os meus olhos, constrangida por aquele fora.

— Menos de uma semana — respondi envergonhada por ser tão tapada. — Mas tudo está sendo tão intenso que parece que já passou um mês.

A morena riu e balançou a cabeça concordando.

— No começo é difícil mesmo, mas logo você pega o jeito — respondeu-me ela. — Crianças podem ser complicadas.

E, naquele instante, me dei conta de que ela também era uma intercambista do “Go Baby”.

Por mais que fosse idiota — já que eu estava em um encontro do grupo de babás —, eu não tinha pensado nessa possibilidade. Em parte, porque sabia que muita gente que estava ali não era do programa, simplesmente brasileiros que Kells achou que deveria convidar.

— Quantos anos têm as suas crianças? — indaguei, inclinando-me na direção dela.

— Atualmente, eu só tenho uma. Um garoto de dez anos — ela respondeu, também se aproximando mais de mim, sentindo-se mais confortável. — Mas quando eu cheguei, fiquei em uma casa com três... Foi um ano corrido. — Ela riu, provavelmente se lembrando de algo engraçado, da sua história com as crianças. — Por mais que a família fosse bacana, eu decidi passar o segundo ano em outro estado, conhecer mais o país e não me limitar a um só lugar.

Pensei em dizer um “*legal*”, mas, por sorte, não fiz isso, limitando-me a balançar a cabeça.

— Quais são os seus planos pro fim disso aqui? — questionei, referindo-me claramente ao intercâmbio, do que ela faria depois que o seu visto vencesse. — Voltar ou tentar encontrar uma forma de permanecer?

— Voltar, definitivamente — respondeu-me a garota sem nem hesitar.

E essa resposta me fez gostar mais dela.

— Eu adoro aqui, mas... — ela riu e me fez rir junto, mesmo sem eu ter ideia de qual seria o complemento daquela frase. — Eu amo o Brasil.

— Você tem problema, garota — comentou uma voz familiar, aproximando-se de onde estávamos sentadas. — O que é o Brasil perto disso aqui? — Kells não deu nem a chance de a gente responder. — Nada... Ele não é nada...

Ela me entregou um copo, um que demorei a aceitar.

Eu só o fiz quando ela insistiu com um “*pega logo, menina!*”.

Mesmo de forma hesitante, eu bebi a cerveja e me diverti, pois, pela primeira vez desde a minha chegada aos Estados Unidos, realmente estava confortável. E esse sentimento, provavelmente, era a coisa mais próxima de “casa” que eu sentiria nos próximos dois anos.

Voltei o meu olhar para Kells.

— Por que você detesta tanto o Brasil?

Estranhamente, já sentia certa intimidade para fazer esse tipo de pergunta. Talvez fosse porque a ruiva já tinha me feito perguntas bem piores do que aquela.

— Era sufocante. Acredite ou não, eu fui criada por pais bem caretas, do tipo que paga todos os impostos e vão à igreja aos domingos. — Ela suspirou, deixando transparecer certa relutância. — A minha irmã é igualzinha a eles, a filha perfeita. E quando você tem alguém assim ao seu lado, os erros em você se tornam evidentes demais, não dá pra esconder... Lá, tudo

o que eu sou é uma grande decepção. Aqui... — Ela riu e bebeu mais um gole da cerveja em seu copo. — Aqui eu posso ser o que eu quiser, meu amor.

Eu era filha única. Então não entendia completamente o que era conviver com alguém que sempre era apontado como melhor. Imaginava, entretanto, o quanto devia ser sufocante viver tentando suprir as expectativas de outras pessoas. Desde o meu término com Fernando, isso era tudo o que eu fazia.

— E você? — Antes que eu pudesse questionar o que tinha eu, ela reformulou: — Quer dizer, você não parece o tipo de garota que sempre sonhou em vir pra cá, fazer a vida no exterior... — E nessa, Kells pegou-me desprevenida. — O que você está fazendo aqui, Cris?

A verdade era que eu ainda não tinha uma boa resposta para essa pergunta.

E o mais próximo disso era “recomeço”.

— O meu noivo me chutou — revelei, finalmente conversando sobre isso com alguém que não fosse eu mesma. Talvez ajudasse o fato de aquelas duas serem desconhecidas. — Estávamos juntos desde o tempo do colégio. E eu pensei que fôssemos nos casar e envelhecer juntos, mas aí ele terminou tudo... Acho que superestimei o valor que a nossa relação tinha pra ele.

— Ele deve ser um babaca — comentou a menina morena ao meu lado.

Por mais que eu quisesse gritar “*sim, ele é*”, sabia que isso não tornaria aquela frase verdadeira.

— Na verdade, não. Ele é gentil e bacana, do tipo que te estressa por ser tão legal — respondi instantes antes de tomar um longo gole da cerveja em meu copo. Nunca quis tanto estar bêbada. — E, assim como a Kells, eu me sentia sufocada... Só de saber que estava na mesma cidade, com os mesmos amigos... Ele seguiu em frente rápido demais e eu não queria continuar ali, à sombra dele, sendo a mulher que ele deixou pra trás. Entendem?

Eu não comentei essas coisas nem mesmo com a minha amiga Viviane. Como também era amiga de Fernando, ela fez questão de deixar claro que não tomaria partido, escolhendo um de nós dois. E isso limitava demais as nossas conversas, impedia que eu me abrisse, tirando todas aquelas coisas de dentro de mim.

— Eu precisava de um tempo e de um lugar novo para pegar todos esses cacos e tentar recomeçar — completei, voltando o meu olhar para baixo. — Isso... A viagem... Foi um tiro no escuro, eu ainda não tenho ideia se acertei o alvo.

Kells notou o meu desconcerto com o assunto e ergueu o corpo dela, desviando a atenção

da outra garota ao meu lado.

— Aos recomeços — disse a ruiva, antes de tomar um longo gole da cerveja. — De preferência, aqueles que envolvam GRGs.

— GRGs? — indagou a menina ao nosso lado, que parecia estar tão perdida quanto eu com aquela abreviação.

— Gringos, ricos e gostosos — respondeu Kells, fazendo-me revirar os olhos.

Repeti o movimento da ruiva e bebi mais um pouco, prometendo a mim mesma que seria a última gota de álcool que eu colocaria na boca. Com certeza, não seria muito bacana chegar bêbada à casa dos Kings, principalmente no final da minha primeira semana de trabalho.

Mudamos de assunto, partindo para algo menos triste. Nós conversamos sobre os lugares que eu deveria visitar durante o período de intercâmbio. Kells me indicou algumas baladas da cidade e vários outros locais que eu, certamente, nunca visitaria. Melissa — o nome da garota que estava com a gente —, que tinha o gosto mais parecido com o meu, comentou sobre os parques e das coisas bacanas que ela havia feito nos Estados Unidos desde que tinha chegado. Falamos sobre a Disney, que eu era louca para conhecer, os parques da Warner e Universal, e outras atrações que a Kells considerava “nerd” demais.

E enquanto eu tentava explicar que passar por onde alguns dos meus filmes preferidos foram filmados não era algo “nerd”, peguei o meu celular na bolsa para checar a hora.

— Imagina entrar no parque do Harry Potter? — comentou Melissa, fazendo-me concordar instantaneamente com ela. — Tirar uma foto com uma varinha na mão e...

— Quem é que quer saber de Harry Potter, minha filha? A única varinha mágica que me interessa é a do cara que vai transformar o meu sonho em realidade — a ruiva a interrompeu, arrancando risadas de nós duas. — Se a varinha for grande e grossa, melhor ainda...

Acabei alcançando o celular da babá, o mesmo aparelho que Beth havia me entregado antes que eu saísse da mansão, e notei que havia mais de dez chamadas não atendidas.

Dez chamadas.

E isso me desesperou completamente.

Capítulo 06 — Em Conflito

Como mais ninguém tinha o número desse celular, não foi muito difícil chegar à conclusão de que eles precisavam, por algum motivo — um que parecia ser bem sério —, falar comigo.

Eu não estava mais em horário de trabalho. Não tinha nenhuma obrigação de falar com eles, mas, ainda assim, retornei a ligação. Todas aquelas chamadas me deixaram preocupada e eu detestava me sentir assim, principalmente sabendo que podia ter acontecido algo com as crianças.

Mas, infelizmente, eu não fui atendida.

E na terceira tentativa malsucedida, eu desisti de continuar ligando.

As dez chamadas cortaram completamente o meu clima de festa e justamente quando eu estava começando a me soltar, bebendo com as duas. Tinha certeza de que não conseguiria fazer mais nada até descobrir o que eles queriam comigo, se as crianças que eu era encarregada de cuidar estavam bem.

Voltei o meu olhar para Kells e Melissa, que continuavam sentadas.

— Alguém sabe como chamar um táxi, Uber ou sei lá o que vocês têm por aqui? — indaguei, nem conseguindo esconder o meu nervosismo.

— Aconteceu alguma coisa? — questionou Melissa, captando a preocupação em meu rosto.

— Eu... eu não sei... Recebi várias chamadas dos meus chefes e eles não me atendem — respondi, nem disfarçando o quanto estava pilhada com tudo aquilo. — Eu... eu...

A única coisa que vinha a minha cabeça era algo de errado que eu havia feito com Emily e Mike.

Será que tinha me esquecido de algo daquela longa lista de exigências deles?

Emily havia contado uma mentira a meu respeito?

As dúvidas estavam me matando.

— Eu posso te levar — ofereceu a morena. Eu balancei a cabeça, dizendo um baixo

“*imagina*”, recusando a oferta de Melissa. — Sério, eu estou com carro e já vou embora mesmo.

Como estava precisando daquela ajuda, não me fiz de difícil.

Simplesmente assenti, aceitando a sua carona.

Eu me despedi de Kells, que tentou me convencer a permanecer na festa — alegando que se eu fosse a babá boazinha, eles montariam nas minhas costas como se eu fosse uma “*égua burra*” —, e me juntei a Melissa antes de caminharmos para fora da residência.

Entramos no carro e, por algum motivo, fiquei mais tímida. Provavelmente era porque Kells não estava mais com a gente. Estava apenas eu e Melissa — e um silêncio insuportável, que parecia uma terceira pessoa.

Como eu não tinha a mínima ideia de como voltar para a casa da família, eu coloquei o endereço no GPS e a instruí sobre as ruas em que ela deveria virar.

Não conversamos muito.

Assim que chegamos, agradei Melissa pela carona e disse que “*pegaria o número dela no grupo*”. Tudo se encerrou com um “*boa noite*” tímido e comigo sem saber se dava um tchauzinho com a mão ou, simplesmente, me afastava de seu carro. Acabei optando pela segunda opção e entrei na mansão dos Kings.

Peguei o meu celular do bolso e constatei que ainda era nove e meia. Com isso, notei que, tecnicamente, ainda era cedo, principalmente levando em conta que a festa se estenderia pelo restante da noite e madrugada.

Entre na casa e, em um primeiro momento, não notei nada de estranho — pelo menos, nada que justificasse todas aquelas ligações. E, a princípio, não enxerguei ninguém. A maior parte das luzes estavam apagadas e não havia nenhum sinal das crianças, que eu suspeitava que já estivessem nos seus respectivos quartos.

Quando me aproximei da sala, notei que Beth estava sentada no sofá. Eu me aproximei e, se tinha alguma esperança de que não se tratava de algo grave, a péssima expressão dela ao me enxergar por entre as sombras destruiu isso.

— Aconteceu alguma coisa? — optei por ser bem direta. Se tivesse feito algo errado, prolongar aquela situação não adiantaria. — As crianças estão bem?

— Sim, aconteceu — respondeu-me ela, voltando o seu olhar em minha direção. Seus olhos esmeralda me encaravam de forma tão intensa que sentia minha pele ardendo. — Por que

você não atendeu o celular?

Eu poderia simplesmente responder que não era obrigada a atender o meu celular, que estava fora do meu horário de trabalho ou que, até onde eu tinha conhecimento, a minha função de babá não exigia plantão. Mas como eu ainda não sabia qual era o problema e a sua gravidade — assim como a minha dose de culpa nisso —, achei melhor não lhe dar uma resposta assim.

— Estava no silencioso e o lugar era barulhento — disse, detestando-me por ter que explicar o porquê de não ter ficado colada ao celular durante a minha folga.

— Eu não te entreguei esse celular pra ficar no silencioso, Cristine — ela retrucou, irritando-me pelo seu tom de voz, que havia aumentado. — Da próxima vez, atenda.

— Por que você me ligou, Elizabeth? — questionei, sem paciência com toda aquela enrolação para me dar uma bronca. — O que aconteceu?

— Agora não importa, eu já fiz o seu trabalho — ela respondeu, de forma extremamente grosseira. — Mas, da próxima vez que surgir um imprevisto e precisarmos de você, eu espero que esteja aqui.

E, então, eu finalmente entendi.

Não estava levando uma bronca por ter feito algo errado.

Eu estava sendo punida por não trabalhar na minha folga.

Surgiu um “imprevisto” na agenda de James e eles me ligaram pra que eu voltasse e cuidasse das crianças, mesmo fora do meu expediente.

— É só isso — ela finalizou, dispensando-me. — Você já pode ir.

Por algum motivo, eu não disse nada a ela. Não gritei que não era obrigada a trabalhar na minha folga. Não disse que durante as nossas conversas por vídeo, eu deixei claro que não trabalharia nos fins de semana. Não disse que ela não tinha o direito de me dar uma bronca por algo que não era minha culpa.

Eu simplesmente me afastei e fui para o meu quarto.

E todas as palavras que eu engoli fizeram com que o meu estomago se revirasse.

Eu senti raiva e impotência.

“*Quem essa desgraçada pensa que é?*”, questionei enquanto tentava controlar a minha imensa vontade de começar a chorar.

Eu não tinha ânimo para sair novamente e tinha certeza de que não conseguiria dormir. Todas as coisas que havia engolido a seco me incomodariam. As palavras não ditas agora gritavam em meu ouvido.

Eu era tranquila, quieta e um pouquinho tímida. Mas só até pisarem em cima de mim. Quando eu precisava, sabia ser bem direta.

Depois de andar de um lado para o outro em meu quarto, eu tomei uma decisão.

Falaria com o senhor King.

Não resolveria esse assunto com uma subordinada dele — o que era o caso de Elizabeth, por mais que ela, aparentemente, não se enxergasse dessa forma.

Desci as escadas e, felizmente, não encontrei a governanta sentada no sofá. A julgar pelo horário, quase uma da manhã, ela já devia ter ido dormir.

Esperei pela chegada de James.

E demorou bastante.

Quando passou das três horas, eu pensei em ir dormir. Já estava cansada de ficar sentada no sofá e a me preocupar também. Se James aparecesse com uma mulher, como ele já havia feito, não seria legal eu estar ali.

Mas sempre que eu pensava em voltar para o meu quarto, a raiva por todas as coisas que eu tive que escutar de Elizabeth — e principalmente por aquelas que não consegui dizer —, faziam-me permanecer no mesmo lugar.

Ele chegou perto das quatro.

Eu ouvi o barulho do carro entrando na propriedade e isso foi o suficiente para fazer com que o meu coração disparasse.

Durante todas aquelas horas que passei sentada, planejei exatamente o que diria a ele. Elaborei mil e um discursos. No entanto, agora que ele estava perto de abrir a porta, todas essas coisas tinham evaporado da minha mente.

Eu estava assustada só com a ideia de encará-lo.

Nunca me senti tão intimidada por um homem antes, nem mesmo pelo diretor da escola em que eu trabalhava, que também não era uma pessoa fácil de lidar.

Mesmo com a sensação gélida tomando conta do meu estômago, eu me levantei e me

aproximei da porta, esperando pela chegada do meu chefe. E, quando a porta finalmente foi aberta, revelando-me um homem loiro, alto e engravatado, dei um passo na direção dele, parando bem à sua frente.

— Nós... nós podemos conversar?

Capítulo 07 — Depois do Expediente

O meu chefe me encarou com aquele seu olhar sério. Certamente ele estava surpreso pela a forma como o abordei. Muito provavelmente, os seus outros empregados não tinham esse costume — ou coragem.

— Tem que ser mesmo agora? — ele indagou, deixando claro que não estava com muita disposição para uma conversa naquele horário, o que, obviamente, era compreensivo. James levou os olhos cinzentos na direção do relógio em seu pulso e completou: — Às quatro horas da manhã?

— É importante — respondi, com a mesma expressão séria de antes. — E eu... eu prometo que será bem rápido.

Tinha certeza de que se não conversasse com ele naquele exato momento — enquanto a raiva ainda queimava o meu rosto —, não conseguiria fazê-lo depois. E mesmo se conseguisse, James King não era uma pessoa acessível.

O meu chefe balançou a cabeça, concordando com a ideia.

— Podemos conversar no meu escritório — ele respondeu em um tom afirmativo.

James não estava me perguntando, ele apenas me informou que conversaríamos lá. No fundo, eu não me importava com o lugar em que conversaríamos, contando que aquela conversa acontecesse.

Eu continuava assustada e receosa, mas sabia exatamente o que deveria dizer e não hesitaria. Se eu não dissesse tudo o que estava borbulhando em minha mente, sabia que me arrependeria pelo restante do ano, enquanto seria escravizada por eles.

Na época em que ainda estava pesquisando sobre o programa “Go Baby”, várias meninas comentavam que não deveríamos ser bobas e “fazer demais”, pois as famílias sempre abusavam da gente. E aquilo que fazíamos como um favor a mais — um agrado —, acabava se tornando uma obrigação com o tempo. A própria Kells me alertou sobre isso quando eu estava saindo da festa.

O escritório ficava no primeiro andar da mansão. Junto com o quarto dele e o dos outros empregados da casa, esse era um dos poucos cômodos que eu ainda não tinha visitado.

Não conversamos no caminho e só fomos trocar outra palavra quando chegamos lá.

King disse para eu me sentar em uma cadeira que ficava à frente de sua mesa. Fiz isso enquanto repassava os principais pontos em minha mente.

“Não trabalho aos fins de semana”.

“Quero um cronograma”.

“E quero um carro”.

Essas eram as coisas mais importantes que eu consegui pensar naquele momento — além, é claro, de frisar que Beth tinha me destrutado.

Depois de sentar-se em sua poltrona de couro preto, como se fosse uma espécie de rei assentando-se num trono, ele voltou os seus olhos penetrantes para mim, esperando pelas minhas palavras.

E, obviamente, o meu coração quase saiu pela boca.

Uma coisa era pensar no que eu diria a ele — ou pronunciar sozinha, em um ensaio besta — e outra completamente diferente era, de fato, dizer na frente de James enquanto ele me engolia com aquele olhar cruel.

“Você já veio até aqui, Cristine... Agora não é hora de dar pra trás, garota” disse a mim mesma, antes de respirar fundo.

— Eu... eu vou dizer tudo o que eu tenho pra falar e, depois, se o senhor quiser, pode pedir o *rematch* ou sei lá o quê — disse a ele, sabendo que ser direta era a única forma que conseguiria colocar todas aquelas coisas pra fora. — Tudo bem?

Ele se inclinou na poltrona e descansou os seus braços sobre a mesa. E, por um pequeno instante, eu me perdi na fumaça cinzenta de seus olhos.

— Eu estou esperando — ele comentou, trazendo-me de volta à realidade.

Respirei fundo e comecei a falar, de uma forma rápida e descontrolada: — Eu quero deixar bem claro que eu não trabalho durante os fins de semana... — Isso fez com que o meu chefe arregalasse os olhos. Mas a expressão surpresa dele não me impediu de continuar no mesmo ritmo apressado: — O meu expediente vai de segunda à sexta-feira. E tudo isso foi combinado com a Elizabeth antes de eu vir pra cá.

— Ela garantiu que eu teria um cronograma e que só trabalharia durante a semana e,

sinceramente, nada disso aconteceu. Eu me senti enganada. — A expressão do rosto dele me passava certo cinismo, como se ele não estivesse ligando para nada do que eu estava lhe dizendo. — Mas eu engoli tudo isso e continuei, sem reclamar. Só que hoje, depois do meu expediente terminar, eu fui a uma festa com amigos. E, depois de algumas horas, descobri que havia várias chamadas no celular que vocês me deram. Tentei retornar e não me atenderam, então eu abandonei a festa e vim pra cá correndo, desesperada. Quando cheguei, Elizabeth gritou comigo, dizendo que eu deveria ter atendido, que deveria estar à disposição mesmo quando o meu expediente havia acabado.

— Eu...

— Eu não sou a escrava de vocês — continuei, interrompendo-o. — Posso não ser norte-americana, mas isso não me torna burra. Eu conheço muito bem os meus direitos, senhor King.

— Eu...

— E eu já disse que ela me prometeu um carro? — indaguei, novamente não dando a chance de ele falar. — E, adivinhe só? Eu não ganhei o carro!

A expressão do rosto dele fez com que a minha timidez me encontrasse novamente, calando-me no mesmo instante.

— Já acabou?

Balancei a cabeça, confirmando.

Eu nem acreditava que tudo aquilo havia mesmo saído da minha boca — principalmente a parte de que não era escrava deles. Mas, estranhamente, não me arrependia de ter dito nenhuma daquelas coisas.

— Eu sou um homem bem ocupado, Carine...

— Cristine — eu o corriji, não me surpreendendo por ele não saber o meu nome. A minha grande surpresa foi por tê-lo corrigido em voz alta.

Como se aquele erro não tivesse a mínima importância, ele continuou: — E isso exige uma babá em tempo integral, que esteja disponível sempre que eu precise dela... Não trabalhar no fim de semana a torna inútil pra mim. Ter um cronograma ou folga pré-estabelecida a torna inútil pra mim. E a coisa que eu mais detesto, é ter pessoas inúteis trabalhando pra mim.

Ele tinha acabado de me chamar de inútil?

Antes que eu pudesse rebater tudo aquilo com um *“o engraçado é que não me avisaram*

nada disso antes de eu embarcar no avião”, ele prosseguiu: — Vamos fazer assim: a partir de hoje, você trabalha nos fins de semana, não tem cronograma e vai estar disponível sempre que eu precisar de você. — Ele sorriu, um sorriso sexy e, ao mesmo tempo, intimidante. — Eu vou te transformar em uma pessoa útil, Carine.

Ele pronunciou aquilo de forma tão autoritária que eu quase disse “*tudo bem, senhor King*”, tornando-me a escravinha dele.

— Eu não sei se você sabe, mas a escravidão foi abolida no Brasil também — respondi, não conseguindo deixar de ser debochada. — E o meu nome é Cristine. Se pronuncia assim “C. R. I. S. T. I. N. E”, Cristine.

Eu, definitivamente, não estava em meu estado normal.

Nunca me imaginei batendo de frente com o senhor King e, ali estava eu, esbanjando ironia e sarcasmo. E isso, muito provavelmente, era um fruto do resquício do álcool que ainda corria pelo meu sangue.

— Eu ainda não terminei de falar, Cristine — ele continuou, de forma séria. Aparentemente, James não gostava muito de ser contrariado. — Ouvi tudo o que você tinha pra me dizer, então o que acha de retribuir isso e parar de me interromper a cada dois segundos?

Aquilo foi como um soco no meu estômago.

Simplesmente assenti com a cabeça, deixando claro que eu não tornaria a interrompê-lo.

Depois de minha resposta silenciosa, James King pegou uma caneta, escreveu um valor em um pedacinho de papel e me entregou.

Mil dólares.

Nós — as babás — não recebíamos diretamente da família, mas do “Go Baby”. Era uma espécie de serviço terceirizado. As famílias pagavam para o programa e eles repassavam parte do dinheiro pra gente. Em um mês inteiro de serviço, eu não receberia nem mesmo novecentos dólares. Então, aquele complemento não seria nem um pouco ruim.

— Por semana.

A voz dele gelou o meu coração.

Eu não estava esperando receber toda aquela quantia — não por semana. Isso ficou evidente para o meu chefe e por isso ele fez questão de destacar, nem disfarçando que estava me comprando.

Comprando-me por quatro mil dólares por mês.

Em uma conversão direta, cerca de quase dezesseis mil reais.

— O.K — respondi timidamente, não conseguindo disfarçar o quanto estava envergonhada.

Sim, eu era uma vendida de merda.

Mas, em minha defesa, em cerca de um ano como babá na casa dele, eu conseguiria ganhar mais dinheiro do que trabalhando três lecionando lá no Brasil. Voltaria para casa com uma conta recheada e isso me traria inúmeras oportunidades. Não havia como recusar aquela proposta, independentemente de trabalhar nos fins de semana ou não ter uma folga pré-estabelecida.

— Você não acha que estamos te escravizando ou abusando da sua inteligência, Cristine? — ele indagou, retribuindo aquela minha dose de sarcasmo.

Eu me detestei por balançar a cabeça, negando, mas, principalmente, por ter feito aquele comentário anteriormente. No entanto, detestei James ainda mais por me humilhar daquela forma.

Ele queria deixar claro que estava me comprando.

Esfregou todo o seu poder e dinheiro na minha cara.

— O que você acha de folgar amanhã? — Ele voltou o olhar para o relógio em seu pulso e sorriu: — Hoje, na verdade...

— Perfeito — disse a ele, forçando um sorriso e torcendo para que aquela conversa terminasse o mais rápido possível.

Ele afastou os braços da mesa e tornou a me fuzilar com os seus olhos cinzentos, antes de dizer: — Mais alguma reclamação?

Balancei a minha cabeça negando, antes de concluir: — Não, era só isso, senhor King.

Capítulo 08 — Um Desafeto

No dia seguinte, despertei com batidas na porta do meu quarto.

Como se tratava de alguém insistente — e com uma mão bem pesada, diga-se de passagem —, levantei-me da cama e, ainda em um estado sonolento, fui recepcionar a pessoa que havia acabado de me acordar.

Elizabeth.

Eu devia ter imaginado que se tratava dela.

Com um sorriso odioso na ponta de seus lábios, ela sussurrou: — Desculpe te acordar... É que já são nove horas da manhã, eu não pensei que ainda estivesse dormindo. — Antes que eu pudesse dizer que era a minha folga, uma dada pelo próprio senhor King, ela completou: — Enfim, eu só passei para te avisar que hoje é o seu dia de folga. — Ela riu e balançou a cabeça, deixando claro que eu não gostaria de suas próximas palavras. — Ainda bem, não é? Ou você já estaria mais de uma hora atrasad...

— Eu já acertei a minha folga com o senhor King ontem — eu a interrompi, arrancando aquele sorriso detestável do rosto dela. — E, por esse motivo, pra aproveitar esse dia de folga, eu dormi até mais tarde... — Fuzilei ela com o meu olhar, antes de prosseguir: — Ou, pelo menos tentei, não é?

— Eu...

— Adoraria continuar essa nossa conversa, mas eu ainda nem escovei os meus dentes — disse, cortando-a novamente. — Se importa?

Ela ficou tão sem graça que se limitou a sorrir e me responder com um “*tudo bem*” baixinho, antes de se retirar do meu quarto.

Eu não costumava ser grosseira ou fazer joguinhos. No entanto, eu também não tinha sangue de barata. Detestava ser destratada e, depois daquela última conversa que tive com a governanta, logo após eu chegar da festa, preocupada com o que poderia ter acontecido, prometi a mim mesma que não a deixaria pisar em cima de mim novamente.

O gostinho daquela minha revanche foi maravilhoso, mas, infelizmente, eu paguei bem caro por isso nas próximas duas semanas.

Elizabeth me aterrorizou tanto que, diversas vezes, cogitei pedir um *rematch*. Sempre que ela aparecia para verificar se Emily tinha mesmo se alimentado — e aproveitava para me destratar em frente às crianças —, eu pensava em trocar de família, ir para qualquer outro lugar, onde eu não tivesse mais que olhar para a cara dela.

Mas sempre que eu pegava o meu celular para entrar em contato com o programa “Go Baby”, lembrava-me do dinheiro que estava ganhando, do quanto eu conseguiria juntar em um ano de serviço.

Lembrava-me também das crianças, que já estavam começando a se acostumar com a minha presença. A resistência de Emily era mínima e já não fazia mais birra para comer desde que eu inventasse um jogo que tornasse essa atividade mais divertida. Às vezes, conseguia até fazê-la me contar como havia sido o seu dia na escola. Mike era um amorzinho, agia como se eu cuidasse dele há meses. Sentia que já estava me apegando aos dois.

No início da minha terceira semana de trabalho, eu já conseguia fazer com que eles deixassem os eletrônicos de lado, após voltarem da escola. E, com isso, a governanta não tinha mais nem uma única reclamação relacionada ao meu trabalho — e isso parecia irritá-la ainda mais.

Brincávamos de “continuar a história”. Eu começava e eles iam completando, dizendo o que aconteceria com os personagens dela. Ficavam tão entretidos que só levantavam do sofá quando eu anunciava que já era a hora do banho, instantes antes de ouvir dois “*não!*”.

Em uma das vezes — para a tristeza de Elizabeth —, o senhor King chegou mais cedo, por volta das dezoito. E nos flagrou sentados no sofá, brincando daquele mesmo jogo.

As crianças estavam tão focadas que quase não o notaram. James precisou chamá-los, para que eles se levantassem do sofá e corressem em sua direção para um abraço. E, estranhamente, assim que os dois o abraçaram, eles retornaram para o sofá, para continuarmos a história. Não sei quem ficou mais surpreso com aquilo, se eu, James ou Elizabeth, que nos espiava da cozinha com uma expressão de velório estampada na face.

O senhor King observou as crianças uma vez mais — ainda surpreso por vê-las sem os aparelhos eletrônicos nas mãos — e se afastou. Tinha certeza de que ele aproveitaria para malhar em sua academia particular.

Mas nos segundos antes do meu chefe se afastar, eu tive certeza de que ele havia reconhecido o meu bom trabalho com as crianças. Vê-las ali, exercendo a imaginação, mostrou que eu estava cumprindo bem as minhas tarefas. E isso me deixou aliviada, pois eu não tinha

ideia das coisas que Elizabeth levava a ele, principalmente depois daquelas nossas trocas de farpas.

Mesmo o meu trabalho sendo de forma integral, a semana seguiu de forma tranquila. Eu acordava as crianças, preparava-as para a escola e as alimentava. Depois disso, junto com Robert, levava-as para a escola e passava o restante do dia descansando até o momento em que elas voltavam.

Como passavam a maior parte do dia estudando, o meu trabalho acabava não sendo tão puxado. O único problema era a falta de um cronograma, pois isso me impossibilitava de saber quando eu iria folgar e, conseqüentemente, dificultava para marcar de sair com o pessoal do grupo do “*Go Baby*”.

Junto com a desgraçada da Elizabeth, esse era o meu único problema.

Capítulo 09 — Brigadeiros

Emily estava naquela fase de questionar tudo, quando qualquer coisa acabava se transformando em um mundo inteiro de descobertas.

Tinha certeza de que ela só não o fazia antes porque, naquela época — uma questão de semanas —, não gostava muito de mim. Mas, com nossa aproximação, ela começou a me perguntar sobre a minha casa no Brasil.

Emily queria saber como eram as comidas, como as pessoas se vestiam e se divertiam por lá. Ela me perguntou até se também tínhamos uma Disneylândia tão grande quanto a que ficava em Orlando.

Essa última me fez rir.

— Nós não temos nenhum parque da Disney no Brasil — respondi, fazendo com que ela fizesse uma careta. — Mas nós temos brigadeiro.

Pela expressão do rosto dela, eu soube que a tinha deixado ainda mais curiosa do que antes.

— O que é “bligadeilo”? — ela indagou, não conseguindo pronunciar a palavra em português.

— É um docinho de chocolate muito, muito gostoso — respondi, lembrando-me das vezes que fazia brigadeiro caseiro no meio da noite, para comer na cama junto com o Fernando. — Uma das melhores coisas do mundo.

E isso foi o suficiente para que os olhos dela se arregalassem.

Como consequência disso, eu só consegui encerrar a conversa depois de prometer que faria brigadeiro no aniversário dela, que aconteceria em uma semana.

Essa era, com toda a certeza, uma daquelas promessas que eu sabia que iria quebrar antes mesmo de prometer. As crianças possuíam uma alimentação muito regrada, não podiam comer nada que já não estivesse pré-estabelecido no enorme cronograma diário.

Elizabeth nunca me deixaria dar um brigadeiro para as crianças.

E, além disso, Emily teria uma festa tão incrível que se esqueceria dessa minha promessa.

Pelo menos, foi isso o que eu pensei.

Na sexta-feira — faltando dois dias para o aniversário dela —, enquanto as crianças estavam na escola, Beth me deu dinheiro para comprar um presente para Emily.

— Compre uma coisinha bonita e, no domingo, diga que foi o senhor King — a governanta me disse, mostrando-me que não teria festa nenhuma, tampouco a presença do pai dela.

E, só então, eu fui cair na realidade.

Certamente James King passaria o dia trabalhando, ocupado demais para dar uma festa para quem quer que fosse. A menina já não tinha mãe e, aparentemente, o pai não parecia ser tão presente na vida dela — de nenhuma das duas crianças, na verdade.

Isso me comoveu a ponto de decidir fazer o maldito brigadeiro.

Como James estaria trabalhando e Elizabeth de folga — com aqueles olhos de águia bem longe de mim —, não havia ninguém para me impedir de tornar mais feliz o aniversário daquela menininha.

Usei do meu dinheiro para comprar um bolo e uma lata de leite condensado — que eu descobri que também era vendido fora do Brasil — para fazer o doce.

Inicialmente, eu faria tudo sozinha. Até pedi para que Mary, a cozinheira, me deixasse usar a cozinha — algo que não foi nem um pouco fácil de conseguir —, mas além de comer os doces, Emily queria me ver fazê-los. Então, deixei Mike com o seu *tablet* na sala e a levei para a cozinha junto comigo.

Enquanto ia respondendo às inúmeras perguntas dela — que iam dos ingredientes ao modo de preparo —, cozinhava a sobremesa.

Com toda a sujeira que fizemos, eu pensei que a cozinheira e a arrumadeira nos expulsariam da cozinha. E tinha quase certeza de que só não o fizeram porque viram Emily, a aniversariante do dia, se divertindo de uma forma que não víamos com frequência — eu mesma, nunca a tinha visto tão animada, desde a minha chegada à mansão.

Depois do almoço, cortamos o bolinho que eu comprei. Chamei Mary, Nina — a arrumadeira — e Robert, o motorista, para comerem com a gente. E, por mais que não fosse uma festa enorme como eu inicialmente havia imaginado, era melhor do que só entregar o ursinho de pelúcia pra ela, mentindo que havia sido James quem havia mandado entregar.

Todo mundo adorou o meu brigadeiro — principalmente Emily, que passou a concordar comigo que aquilo era, de fato, uma das melhores coisas que existiam. Se eu deixasse, as crianças comeriam tudo.

Mary me aconselhou a levar o que tinha sobrado para o frigobar do meu quarto, pois achava que Elizabeth implicaria no dia seguinte, quando abrisse a geladeira e visse os doces lá dentro. Aparentemente, a governanta não era um pesadelo exclusivamente meu.

Aceitei o conselho, deixando apenas o restante do bolo em uma das geladeiras da cozinha. E, depois de guardar o doce no meu quarto, peguei o presente que havia comprado para Emily na sexta-feira. Um urso de pelúcia enorme, que devia ter quase um metro de altura. Ele era rosa e branco. No momento em que o vi na loja, sabia que aquele era o presente perfeito.

Nunca pensei que seria tão difícil descer as escadas com aquele urso.

— Olha só o que o seu pai comprou pra você, Em? — disse em um tom animado, aproximando-me da sala com o presente.

Os olhos cinzentos dela se arregalaram, quase tanto quanto no momento em que, na semana anterior ao seu aniversário, contei sobre o brigadeiro.

Mike largou o *tablet* e, correndo na direção do urso, pulou em cima dele como se fosse uma almofada gigante. Eu tentei impedi-lo, dizendo que era o presente da irmã dele, mas, como já era de se imaginar, vindo de uma criança de três anos de idade, não fui ouvida.

Emily, estranhamente, não se importou de ter o irmão brincando com o presente de aniversário dela e isso me mostrou que, diferente do que eu pensei lá na loja, aquele não era o melhor presente para uma menina de nove anos.

Aproximei-me do sofá, onde ela estava sentada.

— O que foi, querida? — indaguei, sentando-me ao lado dela. — Não gostou do presente?

Pensei em destacar novamente “*foi o seu pai quem o deu*”, mas, com aquela péssima expressão dela, seria como se eu estivesse jogando a culpa nas costas dele.

— É bonito, mas... — ela se interrompeu e os seus olhos fugiram. E olhando para o estofado do sofá, Em completou: — Ele não vem?

Essa, sem dúvida alguma, foi a pergunta mais difícil do dia. Ganhou até do “*como é que é feito o chocolate, Cris?*”.

— Ele me deu esse urso e me disse pra te entregar — menti, forçando um sorriso. Não

queria mentir muito, mas não conseguia olhar para expressão dela e não me sentir mal. — E também pra lhe desejar um feliz aniversário e dizer que te ama muito.

Ela ficou em silêncio e, por uma fração de segundos, questionei se havia sido pega na mentira por uma criança de nove anos de idade.

— Você não gostou do presente? — insisti na pergunta. Ela balançou a cabeça, sendo sincera. E isso fez com que eu continuasse: — Então que presente você queria ganhar do seu pai?

Se eu soubesse o que ela me responderia, jamais teria feito a pergunta.

— A minha mãe — ela respondeu, ainda com o olhar baixo, deixando-me sem reação. Antes que eu pudesse falhar em uma tentativa de dizer alguma coisa reconfortante, ela prosseguiu: — O papai... Ele sempre me mostra uma foto dela nos meus aniversários.

Como Elizabeth havia me pedido para comprar um presente para Emily e entregá-lo em nome de James, isso significava que o meu chefe não chegaria cedo para essa tradição que os dois possuíam.

Eu continuei em silêncio, sem saber o que responder.

— Eu sei onde a foto fica — ela disse, levando aquelas esferas claras até o meu rosto. — Fica lá no quarto do papai...

Eu tinha certeza de que essa história de *“o meu pai sempre me mostra uma foto da minha mãe no dia do meu aniversário”* era a nova *“o meu pai me autorizou a não comer antes de ir pra escola quando eu não sinto fome”*. Mas, ainda assim, eu não consegui dizer *“não”*.

Por mais que a minha mãe tivesse transformado a minha infância em um inferno com as suas imposições, pelo menos eu ainda podia dizer que tinha uma.

“Que se dane!” disse mentalmente, acompanhando Emily até o quarto de James.

Ao entrar naquele cômodo, eu não consegui deixar de me lembrar de todas aquelas noites em que o som dos gemidos vindos daquele quarto me impediu de dormir. Como consequência, a primeira coisa que observei foi a cama, tão próxima da parede que fazia divisa com o meu quarto. Era grande, com quatro travesseiros e uma colcha cinzenta, parecia ser bem macia — e James bem espaçoso.

Voltei o meu olhar para as paredes de cor azul bebê. Um enorme guarda-roupa planejado cobria a maior parte delas. Não precisei olhar muito para chegar à conclusão de que aquele quarto tinha quase o tamanho do meu apartamento no Brasil.

— A foto fica em uma caixa lá em cima — disse Emily, apontando para o guarda-roupa.

Mesmo com uma sensação gélida tomando conta do meu estômago, eu subi em cima da cama e comecei a procurar a fotografia.

— Aqui? — indaguei, ainda com receio de mexer nas coisas do meu chefe.

Ela confirmou com um aceno de cabeça e eu tornei a procurar. Depois de alguns segundos, avistei uma caixa preta no fundo do guarda-roupa. E, dessa vez, Emily não precisou dizer nada para que eu soubesse que estava com a caixa certa.

Abri e encontrei vários objetos, mas nem fiquei olhando muito — como se isso pudesse fazer com que eu me sentisse menos culpada —, foquei apenas em conseguir encontrar a foto.

Assim que encontrei o porta-retratos, fechei a caixa e a guardei no mesmo lugar em que a havia encontrado.

Desci da cama e entreguei o objeto para Emily, que sentou-se sobre a cama e passou a observar a imagem com atenção. Eu fiquei ao lado dela e, não consegui controlar os meus olhos, levando-os na direção da foto.

Era do casamento de James. Ele estava ainda mais lindo e sorria de uma forma que eu nunca tinha visto antes. A expressão era tão animada que nem parecia a mesma pessoa. A mulher ao lado dele não ficava atrás, parecia ter sido fotografada durante uma gargalhada alta. Era uma daquelas fotos que parecem se mover diante de nossos olhos.

Ela era morena, com os cabelos em uma tonalidade mais escura que os de Mike. Não consegui identificar a cor dos olhos pela imagem, mas a pele era tão branca e lisa que parecia uma porcelana. A mulher era tão alta quanto o senhor King e o vestido que ela estava usando era o mais lindo que eu já tinha visto, provavelmente havia sido desenhado exclusivamente para ela.

— Vamos guardar agora, querida? — disse, não vendo a hora de devolver aquele objeto.

E, por um momento, foi como se eu estivesse roubando algo dela.

— Eu posso mostrar a mamãe pro Mike? — ela pediu, com um olhar pidão. Como fiquei em silêncio, ela usou a “palavrinha mágica” que eu havia lhe ensinado. — Por favor, Cris?

E, novamente, eu não consegui dizer “não”.

Como é que eu impediria aquela criança de mostrar a imagem da mãe morta para o irmão caçula?

Levantamo-nos da cama e Emily foi na frente, enquanto eu arrumei a colcha cinzenta da cama de James. Tirei um breve momento para sentir a maciez do tecido passando por entre os meus dedos e, se não fosse um barulho alto, teria me arriscado a sentir o cheiro dela.

Saí do quarto a toda, com o meu coração acelerado.

Foram os cinco segundos mais longos de toda a minha vida.

Quando cheguei perto da escada e vi Emily em pé, respirei completamente aliviada. Por uma fração de segundos, pensei que ela tivesse caído e, só de pensar nessa possibilidade, o meu coração acelerava.

Desci os degraus rapidamente para ver o que tinha acontecido. E, assim que me aproximei, notei que ela estava chorando.

Emily encarava o porta-retratos estilhaçado aos pés dela.

Antes que ela pudesse se abaixar e se cortar com o vidro, eu a impedi de apanhar a foto.

— Eu quebrei a foto da mamãe... — ela sussurrou em meio aos soluços. — Eu quebrei...

Eu a abracei com força e sussurrei *“tudo bem, querida. Não tem problema”*, mesmo sem saber se era mesmo verdade — já que só descobriria isso quando o senhor King chegasse.

Aparentemente, aquela foto era tudo o que tinha restado da mãe dela. Então eu entendia completamente por que era assustador para Emily a ideia de ter destruído isso. Foi como se ela a estivesse perdendo uma vez mais.

— A foto continua inteira — comentei, apanhando-a no chão e retirando todo o vidro do porta-retratos de cima dela. Mostrei a fotografia para ela. — Viu só? Você não estragou nada, Em.

Voltei o meu olhar para baixo e respirei fundo, tentando me tranquilizar. Eu não podia me desesperar, tinha que bancar a adulta naquela situação. E também não queria tirar uma conclusão precipitada, de que aquele meu deslize significaria a minha demissão — e logo quando eu estava ganhando bem e tão próxima das crianças.

— Por que você não mostra a foto pro Mike? — disse, tirando-a de perto dos estilhaços.

Emily foi para a sala e, nesse meio-tempo, fui até a dispensa pegar uma vassoura. Mary encontrou-me pelo corredor com a vassoura e pá na mão e perguntou-me o que havia acontecido, o motivo de eu estar tão pálida. Como não adiantaria mentir para a cozinheira, eu acabei contando, sem disfarçar o meu nervosismo.

— Você, o quê, garota? — ela questionou, assim que contei a parte de ter pegado a fotografia do quarto do meu chefe.

— E essa não é nem a pior parte, Mary... — disse, já não contendo as minhas lágrimas. — O porta-retratos... Ele... ele quebrou.

Pela expressão do rosto dela, eu não estava errada em pensar que aquele seria o meu último dia na mansão dos Kings.

Ela me abraçou e tirou a vassoura e a pá da minha mão, dizendo: — Eu vou pedir pra Nina limpar os cacos.

Esse, provavelmente, era o abraço de “adeus” dela.

Limpei as minhas lágrimas e retornei para a sala, forçando um sorriso, já que não podia aparecer com uma expressão de velório para as crianças.

— Mostrou pro Mike? — perguntei a Emily, aproximando-me do sofá.

Ela já havia parado de chorar e estava tentando fazer o irmãozinho se interessar pela fotografia. Mas Mike estava mais interessado em terminar de assistir a um vídeo em seu *tablet*. Ele não tinha tantas lembranças da mãe e era jovem demais para vivenciar aquele sentimento que invadia o coração da irmã mais velha.

— Eu posso guardar a foto agora, Em?

Ela confirmou com um aceno de cabeça, antes de me entregar a fotografia.

Eu queria ter dito algo, qualquer coisa que a fizesse se sentir melhor sobre aquela situação, mas não existiam respostas, tampouco palavras que apagassem aquilo que ela estava sentindo.

Assim que eu peguei a foto da mão dela, ouvi o som do carro.

E não parecia ser o motorista.

A minha barriga congelou, o meu coração disparou e foi como se eu tivesse ficado até tonta, só com a ideia de ser James.

Parecia uma droga de crise de ansiedade.

Respirei fundo e aguardei a porta ser aberta pelo senhor King.

E assim que ele a cruzou, Mike correu na direção dele para um abraço.

Emily continuou próxima de mim. E isso me mostrou que ela estava tão preocupada

quanto eu com o que havia acontecido aos pés da escada, que o meu “*tudo bem, querida*” não havia feito muita diferença.

O meu chefe se aproximou para abraçar a filha e parabenizá-la pelo aniversário, mas, antes que fizesse isso, viu a foto na minha mão.

Assim como eu nunca o tinha visto sorrir como naquela foto, também nunca o tinha visto tão feroz quanto no instante em que avistou a fotografia. E isso, um simples olhar furioso dele, fez com que todas as palavras, desculpas que eu havia bolado, desaparecessem da minha mente.

Se eu pudesse, simplesmente jogaria a foto no chão e sairia correndo. Mas, como eu não podia fazer isso, dei um passo na direção dele, com uma coragem que nem eu sabia que possuía.

Infelizmente, o senhor King não me deixou falar primeiro — não que eu fosse conseguir pronunciar muita coisa para me defender.

— Você... você mexeu nas minhas coisas? — ele indagou, arrancando a fotografia da minha mão com um único puxão. Depois de encará-la, os olhos cinzentos raivosos dele se voltaram para o meu rosto. — Onde está o porta-retratos?

Eu não tinha ideia de qual pergunta responder primeiro.

— Queb...

— Eu acabei deixando a foto cair enquanto descia a escada — disse a ele, interrompendo Emily e assumindo toda a responsabilidade pelo incidente. Como James ficou em silêncio, eu completei: — Eu... eu sinto muito.

Pensei em dizer “*pode descontar do meu salário*”, mas não me pareceu adequado. Tinha certeza que aquele era um outro tipo de valor, um que dinheiro nenhum podia pagar.

— VOCÊ QUEBROU? — ele gritou, assustando tanto a mim quanto as crianças, principalmente a Emily, que também estava envolvida na história. Assim que abri a minha boca para pedir desculpas, ele tornou a gritar: — Só... só saia da minha frente!

Em um misto de susto e constrangimento, eu corri na direção da escada e fui para o meu quarto, onde chorei muito jogada em cima da cama.

Eu não me sentia apenas mal por ter destruído algo tão importante, sentia-me como uma intrusa naquela casa. E, pela primeira vez desde que havia chegado, eu me arrependi de ter pegado o avião. Nem mesmo todas as constantes provocações de Beth tinham feito com que eu me sentisse daquela forma.

Assim que me recuperei da crise de choro, eu peguei o celular e disquei o número do “*Go Baby*”.

Eu não sabia nem se o senhor King me deixaria passar a noite ali.

Nunca estive tão assustada em toda a minha vida.

A porcaria da agência de intercâmbio não atendia e isso só acrescentava no meu desespero. Em meio às lágrimas, cogitei a ideia de ligar para casa, contar a situação para o meu pai, que, sem dúvida alguma, me diria para voltar no primeiro avião para o Brasil.

Mas então cheguei à conclusão de que não seria inteligente e nem justo apavorá-lo dessa forma, principalmente a ele, que me aconselhou tantas vezes a não embarcar.

Como não fui atendida, sendo obrigada a ouvir uma mensagem gravada dizendo que estavam fora do horário de atendimento e que deveria retornar no dia seguinte, disquei o número da minha única amiga na cidade.

Quando ela disse “*alô*”, ouvi três batidas na porta do meu quarto.

Encerrei a ligação e disse em voz alta: — Pode... pode entrar.

Era o meu chefe.

Assim que ele cruzou a porta, sussurrei: — Eu já vou arrumar as minhas coisas.

Diria “*tenho uma amiga na cidade*”, mas ele não parecia se importar e nem querer saber disso. Só devia ter vindo para terminar de descontar a sua raiva em mim e me demitir de uma vez, para que não me restasse nenhuma dúvida de que deveria ir embora.

— E vai pra onde? — ele respondeu, em um tom sério.

— Não... não se preocupe, eu tenho uma amiga — eu fiz questão de garantir que não ficaria na rua, nem sabendo se isso era mesmo verdade.

Joguei o meu cabelo para o lado e esperei o que ele tinha para me dizer. E, nesse meio tempo, esforcei-me ao máximo para segurar as minhas lágrimas, não queria sujar ainda mais o meu rosto com elas.

— Eu vim me desculpar — ele disse, aproximando-se da minha cama. — Não sou esse tipo de cara... Que grita com as pessoas... — Ele desviou o olhar e completou, dizendo: — A minha esposa... É um assunto complicado.

— Eu... eu mereci — respondi, limpando as minhas lágrimas com o meu braço direito. —

Quebrei o po...

— Eu sei que não foi você — ele me interrompeu, sentando-se sobre a minha cama. — Emily me contou a verdade, disse que te pediu para pegar a foto e que foi ela quem a quebrou. — James voltou aqueles seus olhos cinzentos, que agora já não pareciam tão ferozes, até o meu rosto. — E eu nunca vi a minha filha assumindo a culpa por nada.

Meu coração continuava acelerado.

— Eu não sei o que você está fazendo, mas gostaria que continuasse — ele completou, deixando claro que não me demitiria. — Isso, é claro, se você ainda quiser trabalhar aqui.

Balancei a cabeça, confirmando.

— Eu... eu quero.

— Isso significa que você vai me desculpar?

Demorei alguns segundos para perceber que aquilo se tratava de uma pergunta. Ele era sempre tão impositivo que, por um breve momento, achei que estivesse me dizendo que o fato de eu ficar na casa dele, automaticamente, acarretava em desculpá-lo.

Tornei a acenar positivamente com a cabeça.

O meu chefe se levantou da cama, mas, antes de chegar até a porta do quarto, ele se virou.

— A Emily também comentou sobre o doce que você fez — ele disse, mostrando-me que eu ainda tinha mais um problema para resolver. — “Briga” alguma coisa?

— Brigadeiro — corriji, levantando-me da cama também. — E eu sei que não posso dar nada além da...

— Ainda tem? — ele me interrompeu, mostrando-me que não estava preocupado com as minhas desculpas, nem com o fato de eu ter dado as crianças um alimento fora da listinha que Elizabeth me dera.

Surpresa com aquela resposta, eu fui até o frigobar e peguei a bandeja com o restante dos docinhos.

Em passos apressados, eu levei até onde ele estava parado.

Ele pegou um e levou até a boca.

Depois de mastigar três vezes, James sorriu, naquele que foi o primeiro desde que eu

chegara à mansão.

Com a boca cheia, ele sussurrou: — Gostoso.

Ainda com o sorriso no rosto — algo que não era tão comum tratando-se dele —, ele pegou três brigadeiros e deixou o meu quarto, permitindo que eu respirasse normalmente outra vez.

Capítulo 10 — Útil

James tornou a chegar acompanhado.

E, assim como da última vez, praticamente presenciei todo o sexo do meu quarto. Os gemidos eram tão altos que fiquei com medo de que as crianças acordassem.

Ouvi a cama rangendo e colidindo contra a minha parede. Tudo isso, com direito a um “*tá gostando, sua safada?*”, que James disse a uma mulher qualquer. Depois de tudo isso, eu acabei tendo outro sonho erótico, um em que ele aparecia no meu quarto e me convidava para transar. Um sonho ridículo, motivado por carência, mas, indiscutivelmente, muito prazeroso.

No dia seguinte, ao cruzar com ele na cozinha, eu tive que me controlar para não deixar transparecer o que havia sentido na noite anterior ao ouvi-lo fodendo — e no meu sonho, no qual eu gemi com as estocadas dele.

A mulher que estava com ele, aparentemente, já tinha ido embora, o que era normal já que eu nunca as via nas manhãs seguintes.

— Está gostando do trabalho? — ele questionou com aqueles olhos cinzentos sobre o meu rosto.

Quase me engasguei com o pedaço de pão. Não estava esperando aquela pergunta e nem nada que viesse dele.

Depois de engolir, eu balancei a cabeça e respondi: — Sim... sim, está indo tudo bem.

Ele sorriu de uma forma sexy e bebeu um gole do café em sua xícara.

— Eu suponho que isso signifique que você não está mais se sentindo escravizada por mim...

Fechei os meus olhos, detestando-me por ter dito isso naquela conversa que havíamos tido. Tinha certeza de que o meu chefe continuaria me lembrando das minhas palavras até o meu último dia de trabalho na casa dele.

— Não, senhor... — sussurrei, sentindo o meu rosto pegar fogo. — Eu não estou.

Enquanto respondia, secretamente, eu não consegui deixar de fantasiar algo sexual com ele — algo que, obviamente, envolvia ele me “escravizar”. Eu era muito safada, com uma mente

extremamente poluída e, ironicamente, só tinha transado com um cara na vida.

— E as crianças? — ele indagou, quebrando o silêncio entre a gente.

— Elas... elas são ótimas.

“Se não fosse pela desgraçada da sua governanta, as coisas estariam incríveis” pensei, lamentando por não poder dizer isso em voz alta.

— Eu não sou do tipo de chefe que elogia muito, mas tenho que reconhecer que você está fazendo um bom trabalho — ele prosseguiu, deixando-me vermelha com o elogio. — E as crianças parecem gostar de você, o que é... Bem incomum, eu acho.

— Então, eu suponho que isso significa que eu meio que deixei de ser inútil pra você? — respondi, lembrando-o de algo que ele havia me dito durante a nossa conversa em seu escritório.

Os lábios dele se esticaram em um meio sorriso. Provavelmente, o senhor King estava surpreso por me ver devolvendo o soco que ele havia me dado há alguns minutos, ao tocar naquele assunto de *“escrava”*, deixando-me sem graça com a bola fora que dei naquela nossa conversa.

— A sua suposição está correta, Cristine — ele disse, não errando o meu nome daquela vez.

— Eu fico muito feliz em saber que estou sendo útil pra você, senhor King — prossegui, forçando um sorriso. O brilho dos olhos dele me deixou tão grogue que continuei a falar, ferrando com as coisas: — Hoje é meu dia de folga, mas, qualquer coisa, é só dar um pulinho no meu quarto, que estarei disponível... — Ainda com um sorriso nos lábios, eu completei: — Sendo útil.

— É bom saber — ele respondeu, antes de tomar um novo gole de café.

Notei que as minhas últimas frases estavam parecendo um flerte e isso me fez querer completar *“como a babá dos seus filhos”*, mas sentia que se dissesse, ainda pegaria muito mal.

— Eu amo cuidar de criança... — disse, levando-nos para longe daquela conversa onde a palavra *“útil”* estava muito presente. — Na verdade, esse foi o principal motivo pra eu ter me tornado uma professora.

— Professora? — Eu balancei a cabeça, confirmando e isso fez com que ele indagasse: — E você ensinava o quê lá no Brasil?

Aparentemente, ele não sabia do meu currículo — nem mesmo que eu era uma professora

—, mas isso não era estranho, levando em conta que eu fui selecionada por Elizabeth.

— Português e inglês.

— Legal... Mas o que te fez largar tudo isso e vir pra cá, cuidar dos meus filhos aqui na América?

Adorava quando os norte-americanos se referiam ao país deles como “América”, ignorando o fato de que o Brasil também pertencia a uma das Américas.

Mesmo de forma receosa, eu respondi: — O fim do meu noivado. Eu precisava recomeçar em um lugar diferente e...

— Eu preciso falar com o senhor — disse Elizabeth, aproximando-se da gente.

A governanta praticamente arrastou o meu chefe pra longe de mim, como se o plano dela fosse interromper aquela nossa conversa.

Mas antes de se afastar completamente, o senhor King se virou, encarando-me e sussurrou:
— E Cristine? — O meu olhar voou na direção dele, aguardando pelas suas próximas palavras.
— Não fique lá no quarto, aproveite a sua folga.

Capítulo 11 — Vestido Azul

— A vadia interrompeu a conversa? — indagou Kells, enquanto eu contava a ela sobre o momento bacana que havia tido com o James pela manhã. Depois de balançar minha cabeça confirmando, ela completou: — Que filha da puta! — Depois de xingar, a minha amiga sorriu e completou: — Eu sinto tanta saudade de dizer “filha da puta”. Palavrões são, provavelmente, o que eu mais gosto no Brasil... Xingar aqui não tem a mesma graça.

O que eu não contei, foi que só tinha aceitado o convite dela para sair porque o meu chefe me aconselhou a deixar o quarto e aproveitar a minha folga.

Essa já era a terceira vez que eu saía com Kells. Gostava muito da companhia dela e sempre me divertia com a forma como ela levava a vida — basicamente, viver buscando por um gringo rico que lhe garantiria um visto permanente.

— E como está com a sua família? — questionei, mudando de assunto. Obviamente, estava me referindo aos chefes dela. — O velho babão ainda está dando em cima de você?

— A mulher dele está de férias, então as investidas diminuíram bastante...

Ela se concentrou na tela do celular e, após ler uma mensagem que eu não consegui identificar, a ruiva sorriu e voltou os seus olhos pra mim.

— Vamos pra um barzinho?

Sem nem pensar, eu balancei a minha cabeça, negando o convite.

— Eu... eu estava pensando em ficar em casa, escrevendo o meu livro — disse, comprovando uma vez mais o quanto eu era careta. — E eu meio que trabalho amanhã, né?

— Deixa de ser chata menina! — retrucou Kells, revirando os olhos para minha justificativa. — Você veio pros Estados Unidos pra ficar trancada no quarto escrevendo a porra de um livro sobre educação infantil?

Kells achava que o meu romance erótico de caubói era um livro sobre educação infantil. Eu não tive coragem de dizer que a minha obra tinha mais cenas de sexo do que a palavra “educação”, então eu inventei essa desculpa.

— Eu não se...

— Até a Melissa vai, Cris? Deixa de ser careta! — ela tornou a insistir, como se não tivesse ouvido a minha recusa há poucos minutos.

Revirei os meus olhos e balancei a minha cabeça, aceitando a contragosto. Se a Melissa ia — a garota que eu conheci no encontro de brasileiras do grupo “*Go Baby*” que Kells organizou —, não havia motivos para eu não ir. Até onde eu tinha conhecimento, em termos de caretice, Melissa ganhava até de mim.

— E a Rebecca vai estar lá também... — ela sussurrou baixinho.

A cretina revelou propositalmente depois que eu já havia aceitado o convite. A ruiva sabia que a “Becca” — como todos a chamavam — teria sido mais um motivo para eu recusar.

Rebecca era uma das várias conhecidas de Kells. Eu a conheci na última vez que saímos juntas. Ela também era uma babá do “*Go Baby*” e, assim como a mulher ao meu lado, estava disposta a conseguir uma forma de permanecer legalmente no país. Em resumo, ela era muito parecida com a Kells e isso me deixava ainda mais deslocada.

— Ela é legal, Cris — a garota ao meu lado prosseguiu, lendo a minha expressão facial. — Eu só ando com gente legal.

O fato de ela estar andando comigo naquele exato momento, contestava essa teoria.

Dei de ombros e aceitei que iria para uma espécie de barzinho, onde me sentiria completamente perdida. Mas, como o meu chefe bem havia me lembrado — e isso significava que devia estar evidente para o mundo inteiro —, eu precisava aproveitar a minha viagem.

Desde que eu cheguei ao país, só conseguia pensar em trabalho. A experiência, que foi o principal motivo para o intercâmbio — além dos meus problemas, é claro —, estava passando despercebida por mim.

Quando comentei que vestiria um jeans básico, a minha amiga me informou que não era uma boa ideia e, com isso, descobri que não se tratava de uma reuniãozinha comum entre amigas, como a que eu participei no dia em que nos conhecemos.

— Usa um vestido, algo que seja sexy e formal ao mesmo tempo — ela comentou dentro do táxi, deixando-me curiosa em relação ao local a que iríamos. — Tipo uma vadia comportada.

Antes que eu pudesse dizer um “*não, eu não entendi*”, o táxi estacionou em frente a mansão dos Kings.

— Garota... — Notei que os olhos dela estavam fixos na propriedade. — Você não mentiu

quando me disse que eles têm grana — ela prosseguiu, observando através do vidro escuro do carro o pouco que se podia visualizar do interior da propriedade. — Se eu fosse a babá dos filhos dele...

Saí do carro, não lhe dando chance de terminar aquela frase.

— Eu passo pra te buscar às sete — ela gritou, antes de ir embora.

Por sorte, eu não cruzei com o encosto da Elizabeth. Fui direto para o meu quarto e joguei metade das minhas roupas em cima da cama, tentando encontrar algo que fosse “*sexy e formal*” — ou “*vadia comportada*” —, como Kells havia destacado.

E, como já era de se esperar, eu não encontrei nada.

Talvez fosse porque eu não era a pessoa mais sexy do mundo. Sentia-me muito “*comportada*”, e, definitivamente, nada “*vadia*”.

Pensei até em ligar para a minha amiga, cancelar tudo e usar o restante da minha folga para escrever mais um pouquinho do meu livro.

No entanto, a voz de James tornou a me assombrar.

“*Cristine... Não fique lá no quarto, aproveite a sua folga*”, ele havia me dito.

Olhei uma vez mais para as roupas jogadas em cima da minha cama e tentei montar um “look”. As primeiras três tentativas foram péssimas, mas gostei da quarta, que era, basicamente, um vestido azul, bolsa prata e salto alto. Tinha certeza de que não conseguiria ficar mais sexy do que aquilo.

Como eu gastei a maior parte do tempo escolhendo a roupa, tomei um banho bem rápido. Depois de colocar o “look” escolhido, encarei-me no espelho e isso fez com que eu me lembrasse por que detestava usar vestidos.

Fazia com que me lembrasse da minha mãe dizendo coisas como “*você está parecendo um botijão com capa, minha querida.*” Eu sempre me esforcei para ignorá-la, mas essas coisas ficam gravadas em nossas mentes e destroem completamente a nossa autoestima.

Eu sempre fui gordinha, desde que era um bebê. E isso — pelo menos durante a minha adolescência — incomodava mais a minha mãe do que a mim mesma.

Ela estava sempre me trazendo receitas de dietas milagrosas, que, de acordo com ela, faria com que eu ficasse mais bonita e saudável. Obrigou-me a comer apenas sopa por uma semana, a beber apenas suco em outra — essa última eu não consegui seguir, pois passei mal no terceiro

dia —, conseguiu até receitas de remédios controlados para me ajudar a perder peso. No fim das contas, entretanto, nada disso adiantou e eu continuei gordinha.

E diferentemente do que ela sempre me fez acreditar, eu estava saudável, confirmei isso com inúmeras consultas. O meu único problema era não queimar tanta gordura quanto eu consumia. E, é claro, a minha ansiedade, que me fazia comer sem parar.

Demorou muito tempo para que conseguisse me aceitar como eu era, mas, eventualmente, isso aconteceu. Já não tinha todos aqueles problemas de aceitação e autoestima — o meu relacionamento com Fernando ajudou bastante nesse quesito —, entretanto, algumas coisas ainda me aterrorizavam, como o caso do vestido.

Eu, definitivamente, não conseguia me achar bonita usando aquilo. Mas, como sabia que não poderia ir usando jeans e uma camiseta preta, continuei com aquela roupa.

Quando Kells me enviou uma mensagem, dizendo-me que estava me esperando no portão da mansão, peguei a minha bolsa e deixei o quarto. Para o meu azar, cruzei com Elizabeth enquanto descia a escada.

Ela me lançou um olhar, analisando-me intensamente, e indagou: — Está de saída?

Tinha certeza de que se continuasse com aquela conversa, ela arrumaria uma maneira de arruinar a minha noite, dando-me uma tarefa que eu não era obrigada a fazer.

— Estou aproveitando a minha folga, como o senhor King me aconselhou — respondi, já me afastando dela e não lhe dando tempo para dizer mais nada. Sem encará-la e quase ao pé da porta, gritei: — Boa noite, Beth.

Eu não queria usar o “card” James King naquela conversa, porém algo me dizia que Elizabeth se irritava sempre que me ouvia mencioná-lo e como eu não queria perder uma oportunidade de vê-la surtando, acabei não resistindo. No entanto, tinha certeza de que isso me custaria muito no dia seguinte, quando eu voltasse a trabalhar.

Quando eu cheguei à casa dos King, Beth foi tão gentil comigo que, por um momento, pensei que pudéssemos nos tornar grandes amigas. Mas tudo mudou com aquele episódio da Emily, quando ela se recusou a comer e eu permiti que ela fosse para a escola sem se alimentar. Realmente havia sido um erro, tinha que admitir. O problema, porém, não foi ela apontar o meu erro, mas a forma como fez isso, pisando em cima de mim como se eu fosse um inseto insignificante. E, desde então, não existia um único dia em que não trocássemos farpas.

— Que demora, garota! — comentou Kells assim que entrei no táxi. Ela me deu um abraço

e, enquanto os seus braços me envolviam, a minha amiga sussurrou: — Ah, eu estou tão feliz por não te ver de jeans, amiga.

— Confessa logo que você me obrigou a me enrolar nessa cortina só pra minha aparência horrível te deixar ainda mais bonita — respondi, ajeitando-me no banco traseiro do carro.

Ela riu e levou os seus olhos na minha direção, antes de dizer: — Cala essa boca, você está linda... Só falta um batom vermelho pra ficar perfeita.

Antes que eu pudesse dizer um “*não, obrigada!*”, ela já estava apontando o batom para o meu rosto. Peguei e, mesmo a contragosto, passei, colorindo os meus lábios.

E, estranhamente, ficou bom.

A cretina tinha razão.

Olhei para o meu espelho de mão, certificando-me de que o batom não estava borrado.

— Se a minha mãe me visse usando essa cor de batom, diria que estou parecendo com uma prostituta — comentei, imaginando a voz dela ao dizer “*vermelho, Cristine? É cor de vagabunda!*”.

— Tem certeza de que não somos filhas da mesma mulher? — indagou Kells, retocando a maquiagem dela. Ela riu e prosseguiu: — Como a minha mãe é extremamente religiosa, ela apelaria para o inferno pra me fazer tirar o batom, diria algo como “*lá no inferno tem uma sessão só pra mulheres que usam essa porcaria!*”.

A minha mãe não era religiosa, só gostava muito de implicar comigo.

Como o meu pai sempre cansou de me dizer, o sonho da vida de dona Carmem era ter uma menina, uma bonequinha que ela enfeitaria com roupinhas rosa e sapatinhos brancos. O que ele não me contou, foi que eu — o grande sonho dela — me tornei a sua maior decepção.

Sempre detestei os vestidinhos quando era pequena. Nos dias em que eu não os rasgava, correndo pelas ruas do bairro com garotos, sujava-os completamente a ponto de as manchas nunca mais saírem. Depois que cresci — principalmente “*para os lados*”, como ela dizia, alfinetando-me —, e me tornei um pouquinho mais feminina, a minha mãe já não achava que eu ficava bem neles.

— Como é que eu estou? — ela indagou, olhando para mim. — Acha que consigo conquistar um gringo-rico-gostoso hoje?

Balancei a cabeça respondendo: — Se você não conseguir conquistar esse gringo-rico-

gostoso, então ninguém mais vai.

Demorou alguns segundos para que eu raciocinasse, digerindo a informação do “*gringo-rico-gostoso*” ou, simplesmente, o “GRG”, que ela havia inventado.

— Mas por que teria um GRG nessa festinha de brasileiros? — questionei, não entendendo.

Talvez o “*bonita o suficiente pra conquistar um gringo-rico-gostoso*” fosse um padrão de beleza dela, eu não sabia. Mas essas palavras deixaram-me em dúvida.

— Eu disse que iríamos a uma festinha, mas nunca falei nada sobre brasileiros — ela respondeu, deixando-me com os dois pés atrás. E ao notar a expressão do meu rosto, Kells completou: — Mas relaxe, Cris, eu tenho certeza de que você vai gostar do lugar... É careta igual a você.

Assim que chegamos, eu entendi o porquê do “careta”. Não se tratava de uma festa, como no dia em que a conheci. Parecia uma espécie de bar, não conseguia deduzir muito pela fachada.

Melissa já estava parada na entrada, esperando por nós.

Após cumprimentá-la com um beijo no rosto e elogiar o vestido verde dela, eu voltei minha atenção para o celular, enquanto ela e Kells conversavam.

Dessa vez, não havia nenhuma ligação no celular da babá — nada que me desse uma desculpa para ir embora.

— Tem certeza de que vão deixar a gente entrar? — indagou Melissa, chamando a minha atenção. — Da última vez, não deu muito certo.

Quando as duas haviam saído sem mim?

Kells revirou os olhos, fazendo uma careta.

— Só pra constar, aquele cara era um babaca... Mas a Becca me disse que o de hoje é mais fácil de dobrar. Soube que ele adora ruivas — ela respondeu, deixando-me ainda mais confusa. — E se não der certo, a gente vai descobrir logo.

— Só espero que não tentem prender a gente, como da última vez — retrucou a morena, não parecendo muito confiante.

O “*prender a gente*” foi o suficiente para me acordar e fazer com que eu voltasse o meu olhar na direção das duas.

— Como assim prender? — indaguei, ainda sem saber se eu queria mesmo a resposta para aquela pergunta.

Definitivamente, não parecia ser algo bom.

— Melissa está exagerando com o lance de sermos presas, não é, Me? — respondeu Kells, fugindo da conversa. — O máximo que pode acontecer é ameaçarem chamar a polícia.

— Da última vez, queriam levar a gente por prostituição — Melissa revelou, deixando-me ainda mais assustada com aquela conversa bizarra.

Kells revirou os olhos e sussurrou um “*exagerada*” silencioso.

— Alguém pode me explicar que droga está acontecendo aqui? — disse em português, perdendo a minha paciência, algo que não acontecia com muita frequência. — Que história é essa de polícia e prostituição?

Diferente de como acontecia no Brasil, prostituição era crime nos Estados Unidos. Obviamente, ainda acontecia por baixos dos panos, mas se você fosse flagrada fazendo isso, a prisão — e deportação se tivesse sorte — era certa.

— É uma espécie de clube VIP, cheio de gringos com grana — explicou-me Kells. — E por ser algo VIP, a gente não tem um convite... Então, tentamos fazer com que os seguranças nos deixem entrar. E, da última vez, nos confundiram com garotas de programa.

— Da próxima vez que você estiver me arrastando pra um bordel, não me arraste pra porra do bordel, Keli — disse, pronunciando o nome dela, sabendo que ela o detestava. — Eu pensei que fosse uma festa, que você tivesse sido convidada e...

— E eu fui... A Becca, que já está lá dentro, disse pra eu vir. Deixa de ser chata, garota — ela respondeu, usando o card “chata” mais uma vez. — E se você me chamar de Keli mais uma vez, a nossa amizade termina.

Eu pensei em chamar um táxi e ir embora, mas a desgraçada era boa em convencer as pessoas. Eu não queria ser a “*chata*” do grupo, principalmente porque Melissa, que eu considerava tão careta quanto eu, parecia estar de boa com isso, já havia até tentado entrar ali uma vez com Kells.

Por outro lado, eu não queria voltar para o Brasil sem uma história divertida para contar.

— Eu cuido de tudo, O.K.? — ela disse antes de seguir na direção dos seguranças.

Como eu não queria ficar para trás, acompanhei Kells junto com Melissa. E, enquanto nos

aproximávamos dos homens fardados, só conseguia pensar que, da última vez que as duas estiveram ali, foram confundidas com garotas de programa.

A ruiva parou na frente de um dos seguranças e sussurrou com uma voz forçada, que ela, provavelmente, pensava ser sexy: — Você que é o Ronald?

O segurança moreno balançou a cabeça, confirmando.

Ela voltou o olhar pra gente e comentou: — Bem que me disseram que ele era um gato.

O cara sorriu com o elogio.

— Então, Ronald... Eu e as minhas amigas aqui queremos muito entrar — ela prosseguiu na maior cara de pau. — Nós até tínhamos um convite, mas como somos três, nem adiantaria trazer.

Ele riu, não comprando o papinho furado dela e respondeu: — Eu sinto muito, mas não posso deixar alguém entrar sem um convite... Ou, no caso, três.

Kells tornou a nos encarar e, dessa vez, falou em português: — Querem apostar quanto que esse filho da puta vai deixar a gente entrar?

E, então, antes que pudéssemos responder, ela tornou a olhar para o cara.

— Eu estava falando pras minhas amigas sobre o quanto você é gostoso... — ela mordeu o lábio inferior e sorriu, deixando-o desconcertado. — Nós três temos umas coisinhas pra resolver lá dentro, mas, assim que sairmos, podemos pagar esse favorzinho... — Ela voltou o olhar pra gente e prosseguiu: — Não é mesmo, meninas?

O cara olhou na nossa direção e eu fui forçada a responder um “*é claro*”.

Agora eu entendia o porquê de as duas terem sido confundidas com prostitutas na última vez que haviam tentado isso.

— E aí, o que vai ser garotão?

— É que o meu chefe...

— O seu chefe chupa o seu pau? — Kells prosseguiu, interrompendo o segurança. — Porque nós chupamos.

O segurança olhou para os lados e se afastou, deixando a gente passar.

— Eu estarei aqui esperando por vocês — ele respondeu, retornando ao posto. — Pra

pagarem pelo favorzinho.

— Comigo, promessa é dívida, meu amor — Kells respondeu, piscando pra ele.

Assim que a gente cruzou a porta, ela começou a rir.

— Eu não disse que enganaria aquele escroto? — ela disse em português. — É incrível como os homens só nos enxergam como um par de peitos e uma boceta... Deve ser por isso que é tão fácil enganá-los.

Antes que ela pudesse continuar, eu me adiantei, dizendo: — Eu quero deixar bem claro que eu não vou chupar o pau de ninguém.

— Ninguém vai chupar ninguém, sua besta... — ela respondeu rindo. — A gente só vai ter que despistar esse babaca quando estivermos indo embora... Só isso.

Só teríamos que despistar um segurança que parecia do tamanho de uma porta; “só isso”, de acordo com Kells.

Tratava-se de um lugar escuro, com uma baixa luz vermelha. Mesas com sofás de couro, um bar enorme e, muito, muito cara engravatado. Aparentemente, a minha amiga tinha razão ao dizer que o lugar estava cheio de GRGs. E só então fui entender o porquê do “careta” que a Kells havia comentado mais cedo, comparando o lugar comigo. O ambiente era calmo, sem barulho e tinha uma certa elegância, realmente parecia algo VIP.

Sentamo-nos em uma das mesas e, imediatamente, um garçom se aproximou para nos atender.

— Estamos esperando alguns amigos... Vamos pedir quando eles chegarem. Obrigada — disse a minha amiga, fazendo com que ele se afastasse.

— Nós estamos esperando quem? — indaguei, sentindo que era a única que não sabia das coisas.

— Ninguém — Melissa e Kells responderam juntas.

A ruiva voltou o olhar na minha direção e explicou: — Uma dose de bebida nesse lugar deve custar um rim seu, garota... — Ela agia como se aquilo fosse óbvio. — Só precisamos ficar aqui sentadas que logo, logo algum cara manda alguma coisa pra nossa mesa.

— Outro pra quem você vai prometer um boquete? — indaguei, não me segurando.

— Se o cara for rico, bonito e solteiro, não vai ficar só na promessa não, amiga —

respondeu-me, não se ofendendo com a forma ríspida como eu havia pronunciado aquilo.

Uma mulher se aproximou, alguém que eu rapidamente identifiquei como a amiga de Kells que a “convidou” para a boate. Ela sentou-se na mesma mesa que a gente e, conseqüentemente, tive que forçar um sorriso.

— Chegaram agora? — Becca questionou, tirando um batom e espelho da bolsa. Kells respondeu com um aceno de cabeça e ela riu antes de prosseguir: — Eu não disse que o segurança era fácil de colocar no bolso?

Foi impossível não me questionar se a mulher também havia prometido sexo oral como forma de pagamento pelo “favorzinho”. Mas, como não tinha nenhuma intimidade com ela, obviamente não me arrisquei na pergunta.

— Estão sozinhas? — indagou uma voz masculina, atraindo a minha atenção.

Virei-me e observei três homens se aproximarem da nossa mesa. Assim como Kells tanto queria, todos eles eram bonitos e engravatados, provavelmente encaixando-se na sigla “GRG”.

Só havia um único problema: eu conhecia um deles. Tratava-se do meu chefe, o senhor King.

Capítulo 12 — Garotas e Um Programa

O meu chefe estava parado bem à minha frente e eu não sabia se o cumprimentava ou se fingia que não o conhecia.

— Podem se sentar com a gente, rapazes — Kells os convidou, empurrando-me para o lado, pra dar espaço para os três sentarem no sofá com nós quatro.

James lançou os seus olhos cinzentos na minha direção, como se estivesse esperando por uma reação minha. Ao notar que eu não diria nada, ele sorriu, como se estivesse satisfeito com a escolha que eu fiz.

— O que quatro mulheres tão lindas fazem aqui desacompanhadas? — indagou um dos engravatados que estava ao lado do meu chefe.

Ele era o mais velho dos três. Tinha cabelos bastante grisalhos, mas, em compensação, tinha muito charme e dinheiro, que era o que realmente interessava para duas das garotas que estavam comigo. A coitada da Melissa devia estar tão perdida quanto eu. Eu não conseguia imaginar alguém como ela se prestando àquele papel. Ela, muito provavelmente, estava ali pelo mesmo motivo que eu, para viver uma aventura e não ser rotulada de careta — ou covarde.

— Diversão — respondeu Kells, engolindo-o com o olhar.

O cara parecia hipnotizado pela minha amiga.

— E você? — a voz de James, chamou a minha atenção, levando os meus olhos até ele. E, como eu suspeitava, ele estava mesmo falando comigo. — O que você faz aqui?

Imediatamente, senti as minhas bochechas queimarem. Era como se o desgraçado tivesse o poder de me queimar com o olhar.

— O meu chefe me aconselhou a aproveitar a minha folga — respondi, retribuindo o sorriso.

Se James queria jogar, então eu jogaria com ele.

Antes que o senhor King pudesse responder, o homem ao lado dele, o que parecia ser o mais novo dos três, comentou: — Se eu fosse o teu chefe, não te deixaria sair de casa.

Fiquei tão desconcertada com aquele comentário, que não consegui formular uma resposta.

E, infelizmente, Kells fez isso por mim.

— Bem que essa safada queria... — respondeu a minha amiga, fazendo-me entrar em desespero. Eu nem tive tempo de pensar em uma maneira de impedi-la de continuar falando. — Essa daí morre de tesão por ele, vive dizendo que o cara é o maior gostoso.

Mesmo sendo a mais pura verdade, eu nunca havia dito isso a ela.

Se eu pudesse enterrar a minha cabeça no chão daquela boate, eu teria feito.

Voltei a minha atenção para a ruiva boca aberta ao meu lado e rebati, completamente envergonhada: — Eu nunca disse nada disso.

— E precisa dizer, amiga? Tá escrito na sua testa — ela continuou como se estivesse tentando me sabotar em frente aos três homens.

O cara que havia acabado de me cantar fez uma careta, respondendo: — Isso significa que eu não tenho chance?

Eu comecei a rir, já que era a única coisa que me restava.

Não conseguia nem fazer contato visual com James.

— Eu não... eu não tenho nada com o meu chefe, gente! — disse, fazendo questão de esclarecer. — Kells que é uma boca aberta.

— Você tem chance com ela sim — Kells tornou a falar, com o seu dom de não calar a boca. — O chefe dela deve ser um cara bem lerdo... E eu também duvido que ele seja tão gato quanto você.

Sentia que estavam me negociando e isso tornava a situação ainda mais constrangedora.

O mais velho chamou o garçom e pediu as bebidas.

Nesse meio tempo, eu pedi licença e me levantei com o pretexto de que precisava ir ao banheiro.

Na verdade, tudo o que eu precisava era de um pouco de ar e de que eu e o meu chefe, que estava à mesma mesa, não fosse o assunto central da conversa.

Depois de dizer a Kells que ela não precisava me acompanhar, segui sozinha em direção ao banheiro. Passei uns três minutos encarando o meu reflexo no espelho, enquanto dizia mentalmente “*não é tão ruim assim, Cristine*”.

Quando mais repetia essa frase, menos eu acreditava nela.

Não tinha ideia do que diria ao meu chefe quando cruzasse com ele pelos corredores da mansão.

Como eu não poderia continuar lá dentro, respirei fundo, arrumei o meu cabelo e deixei o banheiro. No entanto, se soubesse que daria de cara com o senhor King, nunca teria cruzado aquela porta.

— Desc... — disse, fechando os meus olhos, como se James fosse magicamente desaparecer. Assim que os abri e notei que ele continuava ali, encarando-me de forma enigmática, prossegui: — Desculpe por aquilo.

Ele me deu um de seus raros sorrisos, divertindo-se com o meu constrangimento.

— Pelo quê?

O cretino me faria dizer.

— Por tudo o que você foi obrigado a ouvir da minha amiga — respondi, sentindo as minhas bochechas queimarem. — Que eu te acho...

— Gostoso? — ele completou, fazendo com que eu sentisse vontade de correr de volta para a porcaria do banheiro.

— Eu... eu vou entender se você quiser o *rematch* — comentei, sentindo-me intimidada pelo seu olhar.

— Eu não vou te demitir só porque você me acha gostoso, Cristine — ele respondeu, como se quisesse me deixar ainda mais vermelha.

King riu e tornou a falar: — Mas eu preciso te dizer uma coisa e talvez isso faça com que você queira pedir o *rematch*.

Senti a minha barriga sendo invadida por uma sensação gélida. Inúmeras borboletas invadiam o meu estômago, deixando-me zozza.

— Eu vou ser bem direto, O.K.?

Balancei a cabeça, indicando que ele poderia falar.

— Os meus amigos acham que você e as suas amigas são putas — ele disse, deixando-me sem palavras.

Eu não podia dizer que estava muito surpresa por acharem isso, principalmente por conta da forma como Kells e Rebecca estavam se jogando em cima daqueles homens. Isso tudo, sem contar o método nada convencional que a ruiva utilizou para entrar na boate.

Como fiquei em silêncio, absorvendo aquela informação, o meu chefe completou: — É claro que eu não penso isso de você...

— A Kells é um pouquinho atirada... — James me lançou um olhar que me fez corrigir: — Bastante atirada, mas eu garanto que ela também não é isso... Uma garota de programa. — Forcei um sorriso e completei: — Ela só quer achar um marido pra ganhar um *green card*.

King fez uma careta, antes de responder: — E eles também são casados. O máximo que a sua amiga vai conseguir, é um trocado no final da noite.

Estava tão desconcertada que a minha única vontade naquele momento era a de ir embora. Mas eu não podia sair da boate sem avisar minha amiga de que o gringo rico que ela pensava ser um possível marido, na verdade, era casado e acreditava que ela fazia programas.

— Eu vou avisá-la — disse a ele, afastando-me da entrada do banheiro. Antes de dar mais um passo, eu me virei e me atrevi a um questionamento. — O que te fez achar que eu não era... Você sabe... Além de trabalhar pra você?

Ele me lançou um olhar que gritava “*não é óbvio?*”.

E isso fez com que eu me sentisse ainda mais idiota.

— Por dois motivos, o primeiro é que você trabalha muito... — ele disse, explicando por que a minha pergunta era óbvia demais. — Eu, o seu chefe, tive que mandar você sair do quarto pra aproveitar a sua folga.

Como ele não continuou, indaguei: — E qual o segundo?

— Eu estou bem familiarizado com putas e se você fosse mesmo uma, com certeza eu já seria seu cliente.

Ele estava me cantando?

Eu não tinha ideia. Tudo o que eu sabia, era que estava constrangida demais para continuar ali, próxima de onde ele estava parado.

Apontei para o outro lado do salão e sussurrei, com um pouco de dificuldade: — Eu vou...

Ele balançou a cabeça, assentindo, dando-me “permissão” para me afastar — não que eu

precisasse, principalmente com todo aquele constrangimento.

Aproximei-me da mesa e, assim que cheguei, notei que a minha amiga continuava se jogando pra cima dos amigos casados de James. Rebecca, obviamente, não ficava muito atrás. As duas pareciam competir pelos dois caras.

E na visão deles, devíamos parecer quatro prostitutas brigando por clientes.

Toquei no ombro de Kells e sussurrei: — Emergência feminina.

Ela voltou o olhar pra mim com uma expressão confusa e, logo em seguida, voltou a falar com os caras, ignorando-me completamente.

Toquei em seu braço e completei: — Agora.

Ela se levantou da mesa, afastando-se deles junto comigo, fomos até o banheiro feminino — felizmente, James já não estava mais parado à porta — e a ruiva não esperou que ficasse vazio para começar a gritar comigo.

— Que droga foi aquela de emergência feminina? — ela indagou, praticamente berrando dentro do banheiro, como se somente nós duas estivéssemos ali. — Você tá tentando me sabotar? Porque se for, tá quase conseguindo.

— Eles acham...

— A Rebecca já deve estar dando em cima do grisalho — ela me cortou, revirando os olhos. — Se eu perder muito tempo aqui, eu vou acabar sem nenhum deles...

— Dá pra calar a boca e me ouvir? — disse, interrompendo-a. O restante de paciência que eu possuía, havia acabado no exato momento em que ela disse na frente do meu chefe que eu o achava gostoso. — Obrigada.

Dessa vez, fui eu quem atraiu o olhar de outras mulheres.

Antes que ela pudesse abrir a boca novamente, eu continuei: — eles acham que nós... Que nós... — Voltei o meu olhar para os lados e sussurrei, torcendo pra ninguém ouvir: — Que somos garotas de programa.

— De onde você tirou iss...

— O cara loiro de olhos cinzentos é o James, o meu chefe — respondi, interrompendo-a outra vez. — E ele me disse que nem solteiros esses caras são, e que o máximo que você vai conseguir, é uma gorjeta depois de dar pra um deles.

— Aquele loiro bonitão é o seu chefe? — ela questionou, como se essa fosse a parte mais importante da minha frase. Kells fechou os olhos, dando-se conta do que ela havia contado ao meu chefe. — Caralho! — Os olhos dela mostravam-me que ela realmente estava surpresa e desconfortável com a revelação. — Eu... eu sinto muito, Cris... Eu sou uma babaca.

Eu não podia nem ficar com raiva, já que havia omitido essa informação dela. Podia ter dito que ele era o meu chefe no momento que eles se sentaram com a gente, mas optei por não fazer isso.

— Tudo bem, você... Você não sabia. A questão que realmente importa, é que acham que somos putas — respondi, lembrando-a do problema real.

Com uma expressão séria, algo que aconteceu muito poucas vezes desde que eu a conhecia, ela disse: — Deixa que eu aviso as meninas. Eu coloquei a gente nessa situação e agora vou dar um jeito de nos tirar dela.

Capítulo 13 — Kells

Avisei a minha amiga que esperaria por ela e pelas outras duas meninas perto da porta da boate. Eu não queria ter que retornar à mesa e voltar a encarar o meu chefe — principalmente depois daquela sua fala estranha, que tinha soado como uma cantada —, adiaría isso ao máximo.

E também queria mostrar a ela que eu não ficaria ali; não depois de saber que achavam que eu era uma garota de programa.

Kells concordou com isso e foi até a mesa chamar Rebecca e Melissa — e, discretamente, contar para elas que os amigos de James pensavam que éramos prostitutas.

Assim que eu me aproximei da porta de entrada, lembrei-me do segurança — do cara que nos deixou entrar, achando que seria recompensado com sexo oral quando saíssemos — e, no mesmo instante, retrocedi em alguns passos, sentindo o meu coração bater de forma disparada.

Merda.

Ainda havia mais esse problema para resolvermos.

Muito provavelmente, o segurança também achava que éramos “putas” — como James destacou ao me contar. Mas, nesse caso específico, tínhamos culpa, principalmente Kells, que prometeu sexo oral pra ele.

A situação era tão trágica que esse pensamento me fez rir. Certamente devia ser um fruto do nervosismo, que continuava invadindo o meu corpo, fazendo-me tremer.

Mesmo distante da mesa em que eles estavam sentados, consegui observar Kells se afastando com as duas meninas, enquanto, com seus olhos fixos nelas, James e seus amigos cochichavam junto à mesa. Isso me deixou curiosa, fazendo-me questionar se ele estava contando que as três — ou quatro, contando comigo — não eram garotas de programas e que uma delas, inclusive, tratava-se da babá de seus filhos.

Ou será que eles estavam falando dos corpos delas? Principalmente dos de Becca e Kells, que eram, de longe, as mais próximas do estereótipo de beleza. Altas e magras, como as modelos mais requisitadas do mercado.

E o olhar do meu chefe, voltado para as meninas, que continuavam a conversar afastadas deles, me causou um sentimento estranho.

Ciúme.

Mesmo não possuindo nada além de um contrato de emprego com James, sentia-me traída. Aquela velha história de sentirmos ciúmes por algo que nem é nosso.

“*Patético, Cristine... Patético!*” eu me repreendi, enquanto sorria envergonhada.

Em menos de um minuto, notei que Rebecca e Melissa voltaram para a mesa com os amigos do meu chefe e a ruiva caminhou sozinha na minha direção, com uma expressão estranha, que não consegui definir se era de desconcerto ou surpresa.

Como ela não chegou falando, como costumava fazer, obriguei-me a questionar: — Então?

Diferentemente de como ela costumava agir, de forma extremamente escandalosa e animada, Kells sussurrou baixinho: — Podemos conversar lá fora?

E, só então, notei que ela já estava com a bolsa na mão, pronta para deixar o lugar. Concordei com um aceno de cabeça, mas, antes que pudéssemos seguir em frente, lembrei-me do segurança que devia estar nos esperando.

— O segurança... — disse, agarrando o braço dela e, consequentemente, impedindo com que ela continuasse andando. Assim que os olhos dela se voltaram na minha direção, completei: — O segurança está lá fora.

Ela fez uma careta, provavelmente, lembrando-se da sua promessa. Depois de alguns segundos em silêncio, pensativa, a minha amiga pegou o celular.

Depois de mexer no smartphone, a ruiva sussurrou: — Eu tenho um plano... — E, pela primeira vez desde que saiu da mesa, Kells sorriu; um meio sorriso. — Mas acho que você não vai gostar.

Eu não tive nem tempo de ficar curiosa, bastou olhar para o rosto dela para descobrir qual era o seu grande plano. O aplicativo de táxi me auxiliou na dedução.

E, sim, ela estava mesmo certa quando afirmou que eu não gostaria.

Kells chamou um táxi e, no momento em que o taxista informou que estava parado em frente à boate, nós duas corremos na direção do carro a toda, passando pelo segurança o mais rápido que conseguimos.

Eu nunca corri tanto na minha vida e, por uma fração de segundos, pensei que fosse cair e me machucar — e ainda ser obrigada a pagar pela porcaria do favor.

Por sorte, conseguimos entrar no carro.

E isso assustou o motorista, que devia ter pensado que nós éramos assaltantes ou algo bem parecido.

— Vai, vai! — gritou Kells, enquanto observávamos pelo vidro o segurança se aproximando do carro.

O homem pronunciou algumas coisas ininteligíveis — provavelmente xingamentos de baixo calão — e continuou a se aproximar do automóvel. Quando a mão dele tocou no vidro do carro, o motorista deu partida, tirando-nos da frente da boate.

Eu não era a pessoa mais atlética do mundo e, para piorar ainda mais a situação, era gordinha, sem fôlego e nenhum preparo para correr. Como consequência disso, parecia que o meu coração ia sair pela boca.

Sentia como se fosse ter um infarto a qualquer momento.

— Eu odeio você — sussurrei, enquanto ainda sentia o meu coração disparar acelerado. Lembrei-me do tempo quando dona Carmem me forçava a fazer exercícios físicos, uma das tentativas dela de me fazer emagrecer, e completei: — Nem a minha mãe me fez correr tanto.

Kells reconheceu o meu olhar instantaneamente e notou que eu continuava aguardando pela resposta, pelo motivo de estarmos apenas nós duas no banco de trás daquele táxi. E, ainda assim, ela não retomou ao assunto por conta própria, forçando-me a fazê-lo.

— O que aconteceu com as meninas? — indaguei com os meus olhos fixos em seu rosto, que parecia mais pálido do que nunca. — Por que elas resolveram ficar lá?

A resposta mais óbvia — e a minha maior suspeita — era de que Kells não havia contado para as duas, de que ela optou simplesmente por ir embora, deixando-as lá na cova daqueles três leões famintos.

Como ela continuou em silêncio, prossegui: — Você não contou?

— Eu... — Ela sorriu sem graça e isso me fez comprar ainda mais aquela minha teoria, de que a ruiva havia deixado as meninas para trás. Pelo menos, até ela completar: — Eu contei... — Ela tornou a sorrir, deixando transparecer todo o seu constrangimento. — Eu... eu juro que contei, Cris.

De acordo com Kells, ela chamou as meninas e as levou para longe da mesa dos — como ela destacou, dessa vez sem tanto encanto — “gringos”. Quando os três já não eram mais capazes

de ouvi-las, ela contou a verdade, disse que eles pensavam que todas nós éramos garotas de programa e que, com exceção de James, eram todos casados.

— Então, a Becca sorriu de uma forma estranha e eu fiquei olhando pra cara dela, sem entender o porquê daquela graça... — Kells mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça, em um sinal de descrença. — Só liguei os pontos quando ela me disse que era mesmo uma puta. — A minha amiga fechou os olhos e tornou a sorrir, mas não era um sorriso divertido, era de frustração. — E aquela vagabunda teve a coragem de dizer “*vai fingir que também não é?*”. Ela estava achando que eu era uma garota de programa, Cris... Uma droga de puta!

A sua última frase soou tão alta que o motorista provavelmente ouviu.

Kells contou-me que disse a ela que não fazia isso: prostituir-se. E isso fez com que Rebecca risse na cara dela e lhe indagasse “*então, que porra você está fazendo aqui, garota?*”. E, em meio aos risos, revelou que o único motivo pelo qual a chamou ali, foi porque pensava que ela também fazia essa “hora extra”, além do serviço como babá.

E, estranhamente, Melissa, que também não sabia nada daquilo, resolveu ficar e aceitar o trabalho de satisfazer os três homens.

A garota que considerava nerd e tão careta quanto eu, decidiu se vender e isso, definitivamente, nunca entraria na minha cabeça. E lembrou-me de uma frase que Fernando costumava usar, “*nós não conhecemos as pessoas, não de verdade. Nós só enxergamos aquilo que elas querem nos mostrar*”. Isso valia para Melissa e para o meu próprio ex-noivo, que nunca era sincero ao pronunciar o seu costumeiro “*eu te amo*”.

— Eu sei que sou atirada, escandalosa e mais um monte de coisa, mas... — Ela balançou a cabeça e notei que os olhos azuis estavam marejados. — Mas isso... Isso eu não sou, amiga.

Eu não sabia o que dizer, então simplesmente balancei a minha cabeça, concordando com o que ela estava falando.

— Você deve achar que...

— Eu não acho — eu a interrompi, no mesmo instante. — No momento que James me contou, eu disse a ele que tinha certeza de que você não fazia isso.

Por mais que ela sempre gritasse o quanto queria arrumar um “gringo rico e gostoso”, eu sabia que prostituição não era o que Kells tinha em mente. No fundo, ela era só uma garota estúpida, que sonhava em viver um conto de fadas, encontrar o cara lindo e rico, que a pediria em casamento no quinto encontro.

Eu a abracei e senti uma imensa vontade de chorar, mas segurei todas as minhas lágrimas, pois não queria desabar ali em frente a ela.

— Eu sou tão idiota — ela sussurrou, quando nos afastamos. — Tenho que parar com essa baboseira de gringo rico e começar a aceitar o fato de que, quando o meu visto vencer, vou ter que voltar pra casa... Ser a merda de filha que os meus pais não merecem.

— Você não é tão idiota assim... Talvez só um pouquinho sonhadora demais — respondi, forçando um sorriso. — Que tal, daqui pra frente, você diminuir a meta do gringo rico pra só gringo?

— Ele ainda pode ser bonito? — ela indagou.

Balancei a cabeça, confirmando: — Pode.

Capítulo 14 — Boa Noite, Senhor King

Durante o restante daquela semana, eu torci para não cruzar com o senhor King.

Ainda não tinha ideia do que diria quando o visse pelos corredores da mansão. Sussurraria um “oi” envergonhado ou simplesmente continuaria a andar, fingindo que nada havia acontecido? Novamente eu não tinha ideia.

Felizmente — e como de costume —, o meu chefe andava bem ocupado, chegando tarde todas as noites. Isso impossibilitou um encontro. Mas, mesmo assim, eu não conseguia tirar da cabeça o projeto de cantada que ele havia me dado naquela boate.

“Eu estou bem familiarizado com putas e se você fosse mesmo uma, com certeza eu já seria seu cliente, Cristine” ele havia me dito, depois de me contar que os seus amigos pensavam que eu e as outras três meninas éramos acompanhantes de luxo — aparentemente, só haviam errado com duas de nós quatro.

No entanto, sempre que eu parava para pensar nisso — na possibilidade de realmente acontecer algo entre a gente —, lembrava-me também de que ele e os seus dois amigos casados haviam feito uma espécie de suruba com Becca e Melissa. Esse simples pensamento já era o suficiente para que eu descartasse qualquer coisa.

James King era um predador.

Ele atacaria qualquer coisa que estivesse à sua frente e, naquele momento na boate, eu era uma presa fácil.

Simples assim.

Quando o meu expediente chegou ao fim, eu liguei para a minha mãe. Há dois dias, ela havia me mandado uma mensagem dizendo que precisava ouvir a minha voz para saber se eu ainda estava viva, confirmar que um maníaco não estava usando o meu celular e se passando por mim.

Nós, estranhamente, tivemos uma conversa bem agradável, que durou quase uma hora. E durante esse tempo, em nenhum momento da ligação ela me criticou, falando mal do meu cabelo nas fotos ou, simplesmente, soltando algo como *“você está tão descuidada, Cristine”*.

Foi exatamente o oposto. A minha mãe me elogiou e disse que eu parecia feliz ao telefone

— de uma forma que ela não tinha visto depois do término do meu noivado —, de que eu tinha razão e de que esse período fora do Brasil estava mesmo me fazendo bem.

Eu não tinha ideia se isso era mesmo verdade, já que eu passava a maior parte do meu tempo cuidando de crianças, mas foi ótimo ouvi-la dizer todas essas coisas.

Os milhares de quilômetros entre nós duas, estranhamente, haviam melhorado o nosso relacionamento.

Escrevi alguns parágrafos do meu livro e fui dormir por volta das dez e meia da noite. Acordei de madrugada e me detestei por não ter colocado a droga da garrafinha de água na cabeceira da minha cama.

Obriguei-me a descer as escadas. E, diferente de quando havia chegado à mansão — no dia que em que eu corri de James e da mulher com quem ele transou loucamente do outro lado da parede do meu quarto —, eu não me importava em ser vista fora da cama.

Tomei a água enquanto observava as mensagens no grupo do “*Go Baby*”. Como era a madrugada do domingo, a maior parte das meninas estava aproveitando a folga em alguma festa.

Kells optou por ficar em casa. E ainda que “festa” fosse o segundo nome dela, era compreensível depois do que havia acontecido naquela boate e das coisas que Becca havia dito para ela.

Pensei em voltar para a minha cama, mas uma luz acesa lá fora, na área próxima da piscina, chamou minha atenção.

Com a lanterna do meu celular iluminando o caminho, caminhei até a porta dos fundos. A noite estava bem quente e, por mais que o ar condicionado do meu quarto fosse excelente, não havia nada melhor do que ar fresco.

Quando eu me aproximei da parte iluminada, descobri o porquê da luz acesa.

Havia alguém dentro da piscina.

Após identificar o meu chefe nadando seminu, eu me virei rapidamente, pronta para voltar pra dentro da mansão. Mas, infelizmente, ele me notou antes que eu pudesse dar o primeiro passo.

— Você não ia nem me dar um “oi”? — ele disse, fazendo com que eu me virasse para encará-lo.

A visão me lembrou do dia que eu cheguei aos Estados Unidos, de quando cruzei com ele

no corredor, colocando a minha mão em seu peito suado.

James estava com o cabelo loiro molhado. Os seus braços musculosos estavam escorados na borda da piscina e a luz fazia com que as gotinhas d'água no corpo dele brilhassem. Até aquele exato momento, eu não imaginava que o meu chefe pudesse ficar ainda mais lindo.

Eu me obriguei a chegar mais perto da piscina.

Nós não tínhamos nos falado desde o dia em que nos encontramos naquela boate. Passei a semana inteira evitando-o. Se eu tivesse uma mínima suspeita de que ele estaria naquela piscina, jamais teria saído do meu quarto. Dormiria com a garganta seca, mas não desceria aquelas escadas.

— Boa noite, senhor King — sussurrei baixinho, assim que me aproximei da borda da piscina.

Ele riu e balançou a cabeça, sem tirar os seus olhos cinzentos do meu rosto.

— Nós já fomos até a uma boate juntos — respondeu-me, cumprindo bem com o seu objetivo de me deixar desconsertada. — Eu acho que já dá pra parar de me chamar de senhor King, não é?

Dessa vez, fui eu quem riu.

Mas, diferentemente do meu chefe, eu só estava tentando disfarçar o meu nervosismo.

— Tecnicamente, nós não fomos juntos, senhor King.

Ele voltou o olhar para o relógio prateado em seu pulso e riu, antes de me responder: — Tecnicamente já são quatro horas da manhã... — Os olhos claros dele tornaram a me queimar. — Caiu da cama, foi?

— Acordei com a garganta seca e desci pra tomar um copo d'água — expliquei, esforçando-me ao máximo para não secar o corpo dele com o meu olhar nada discreto.

Como se quisesse dificultar as coisas pra mim, ele subiu mais um degrau da escadinha, tirando parte de seu abdome da água.

— Amanhã é a sua folga, não é?

Limitei-me a balançar a cabeça.

E, então, James sorriu, fazendo com que eu imaginasse exatamente o que estava em sua mente.

E antes que ele pudesse abrir a boca, completei: — Essa folga eu vou passar lá no meu quarto, colocando as minhas séries preferidas em dia. — Desviei o olhar e prossegui, rindo: — Aquele seu conselho sobre sair do meu quarto, foi péssimo...

— Bobagem, eu tenho certeza de que você se divertiu com as suas amigas... — ele respondeu, tirando o excesso de água do cabelo com a mão. — Tanto quanto eu me diverti com os meus.

Eu tinha as minhas dúvidas.

Até porque, não me lembrava de ter participado de nenhuma suruba naquela noite.

— Amiga, amiga, eu só tenho a Kells mesmo — disse a ele, na defensiva. Eu não quis estar relacionada com Becca e Melissa, as garotas de programa com quem ele dormiu. — As outras eram só conhecidas, do grupo do Go Baby.

Não consegui controlar os meus olhos, que correram na direção do peito nu dele. Passei longos segundos encarando os mamilos e cada gotinha de água que escorria em seu corpo definido.

— Vocês têm um grupo? — ele indagou e isso me mostrou que eu estava falando demais. Como eu fiquei em silêncio, ele prosseguiu, perguntando: — E falam sobre o quê?

“Sobre vocês, os nossos chefes, é claro” pensei, quase pronunciando isso em voz alta.

— É só uma forma de manter contato com outros brasileiros — desconversei, voltando a atenção para a tela do meu celular, fingindo que observava algo muito importante, o suficiente para não encará-lo.

Ele voltou aqueles olhos cinzentos na minha direção e, com um sorriso safado nos lábios, questionou: — Por que você não entra?

Eu comecei a rir de nervosismo e isso o fez completar: — Refresque-se um pouco.

A resposta era bem óbvia, por mais que a minha mente estivesse tentando me pregar peças, sussurrando coisas como *“se joga, garota. Você merece!”*.

Não.

Eu não podia entrar.

— Eu... eu tenho que dormir, senhor King — respondi, tentando cortar o clima com o meu “senhor King”. Mas, infelizmente, isso pareceu animá-lo ainda mais, o que me forçou a dizer: —

Como você mesmo me lembrou, já passa das quatro da manhã.

— Ah, qual é? Amanhã você está de folga, pode acordar a hora que quiser.

Se na boate eu estava em dúvida, agora eu tinha certeza absoluta: James King estava mesmo dando em cima de mim.

Eu não tive nem tempo de recusar outra vez, dizendo que já estava indo para a cama. James saiu da piscina, colocando todo o seu corpo molhado a centímetros de mim.

E, novamente, eu não consegui controlar o meu olhar, que secou o abdome dele, antes de descer para o calção azul de academia, que deixava as suas coxas grossas completamente à mostra — sem contar com o membro, que era marcado pelo fino calção.

Ele continuou parado na minha frente e isso fez com que eu perdesse a reação. Eu queria muito me afastar, mas não conseguia encontrar forças para me mexer, estava completamente hipnotizada por aquele predador.

E se continuasse imóvel, não demoraria muito para que eu fosse abatida como uma presa estúpida.

— Nunca comentei antes, mas eu acho você linda — ele sussurrou, levando a sua mão molhada até o meu rosto. Nunca senti um toque tão quente e, ao mesmo tempo, tão gelado. — Eu me encantei no momento em que você esbarrou em mim.

Eu não conseguia dizer nada.

Mas James não queria uma resposta.

O seu rosto caindo sobre o meu foi a comprovação. Os nossos lábios foram se aproximando lentamente e o beijo inevitável — aquele com o qual havia sonhado inúmeras vezes —, finalmente aconteceu.

Durou apenas quatro segundos, mas foi mais refrescante que qualquer o copo d'água que eu já havia tomado no meio da noite.

Eu me afastei.

— Eu... eu não... eu não posso — sussurrei, ainda presa naquele transe.

A mão dele continuava em mim, acariciando o meu cabelo.

— Por que não? — ele questionou o óbvio. — Só porque eu sou o seu chefe?

“Só?”

— Não é só por isso... — respondi à pergunta dele ainda atônita por conta do beijo que havíamos acabado de compartilhar. — Eu... eu não faço o seu estilo, James.

Finalmente me dirigi a ele sem a formalidade de tratá-lo de “*senhor King*”.

— Ah, é? — ele debochou, não contendo o riso. — E qual é o meu estilo então, Cristine?

Eu poderia simplesmente desconversar e voltar para o meu quarto — e isso seria o mais inteligente a se fazer —, mas, por algum motivo, eu não consegui me conter.

— Uma daquelas garotas que você e os seus amigos comeram naquela noite.

Ele arregalou aqueles olhos e isso me lembrou de Emily, que costumava fazer o mesmo movimento quando estava surpresa. Isso fez com que eu me lembrasse da vez que contei à garotinha sobre brigadeiro.

O meu chefe tornou a rir, mas, dessa vez, não era mais de deboche. James estava achando graça naquela situação completamente constrangedora. E para um homem que não achava graça em muita coisa, isso era ainda mais estranho.

— Eu não comi ninguém naquela noite... — respondeu, chegando ainda mais perto de mim. — A pessoa que eu queria comer foi embora.

— Kells?

Ele balançou a cabeça, negando, antes de sussurrar: — Tenta de novo.

— Eu já entendi que você é bom nisso, mas eu... — Não consegui controlar a minha risada de nervosismo. — Eu não caio nesse papinho furado.

— Não caí, é?

Eu não tive nem tempo de responder, pois ele me puxou com força, colando-me a seu corpo molhado. Voltei o meu olhar para cima e senti o meu coração acelerar, detestando-me por ser tão fraca.

Antes mesmo que a cabeça dele se inclinasse, eu já sabia que cederia.

E, uma vez mais, nós nos beijamos. Diferentemente da última vez — e contradizendo tudo o que eu havia dito pra ele —, eu retribuí o seu beijo, entreguei-me completamente ao meu chefe, deixando que ele me explorasse com aquela língua habilidosa.

A mão dele desceu e foi parar na minha bunda, que ele apertou sem pudor algum enquanto continuávamos a nos beijar de forma voraz.

Perder nunca havia sido tão bom.

Quando nos afastamos, a minha razão me atingiu com força, gritando o quanto aquilo era errado e que eu me arrependeria assim que aquela sensação gostosa deixasse o meu corpo.

E através de seus olhos claros, um nevoeiro cinzento, eu enxerguei qual seria o nosso fim. Diferente daquela comédia romântica que eu sonhei em viver quando deixei o Brasil, não se encerraria com “felizes para sempre”. Mais uma vez, eu terminaria sozinha, chorando por um cara que me chutou.

Coloquei a minha mão sobre o peito dele e, ainda com os olhos fixos em seu rosto, sussurrei: — Por favor, não... Não brinca comigo, James.

Desviei o meu olhar, completamente envergonhada.

Sentia as minhas bochechas queimarem.

A mão dele tornou a acariciar o meu rosto, levando os meus olhos de volta até os dele, um olhar do qual eu não consegui fugir.

— Eu não sou um moleque, Cristine — ele me respondeu, arrebatando-me com aquele seu toque, que conseguiu ser ainda mais intenso que o nosso beijo. — Eu não brinco.

A sua frase mexeu tanto comigo, que o meu celular escapou da minha mão direita e caiu no chão.

Eu me abaixei rapidamente, torcendo para que a tela não tivesse quebrado com a queda, mas assim que eu o virei, notei as rachaduras por toda a parte.

Um aviso divino?

Pelo jeito, o aparelho nem funcionaria mais.

— Droga... — disse, sentindo-me ainda mais envergonhada, como se isso fosse mesmo possível. — Pelo menos, não foi aquele que vocês me deram, não é?

Levantei-me e não dei tempo para que ele falasse, simplesmente sussurrei um “*boa noite, senhor King*” e me afastei, voltando para a casa sem olhar para trás.

Capítulo 15 — Um Banho de Piscina

Joguei-me sobre a minha cama e fechei os meus olhos, esforçando-me ao máximo para conseguir dormir. Não queria continuar consciente e correr o risco de cair na tentação de voltar até a piscina, pois sabia que faria algo do qual me arrependeria amargamente depois.

Meu plano quase perfeito durou exatamente meia hora. Bastou apenas um minuto de questionamentos que se iniciavam com “*e se*” para que eu o destruísse e deixasse a minha cama. Assim que isso aconteceu, corri em direção à área externa da mansão, torcendo para que o meu chefe ainda estivesse próximo da piscina, usando apenas aquele calção molhado.

A Cristine sensata nunca daria passos tão pesados. Certamente, ela sentiria medo de acordar algum funcionário, principalmente os mais xeretas como Beth. Mas eu estava cansada demais de ser aquela versão covarde de mim mesma.

Assim que deixei a casa, notei que James estava se secando com uma toalha branca.

Ele já havia abandonado à água.

— Aquele convite pra nadar ainda está de pé? — gritei, perguntando a uns dez metros de onde ele estava parado.

A minha voz soou tão alta e desesperada que devo ter acordado alguém. Mas, naquele instante, enquanto eu o observava, não me importei com essa possibilidade.

Os olhos cinzentos dele correram na minha direção. E, pela primeira vez desde que coloquei o pé para fora da cama, as dúvidas me encontraram, fazendo com que eu me preocupasse com as consequências daquele ato.

Com um sorriso colorindo os lábios, ele me respondeu: — Você demorou muito, agora eu já estou praticamente seco. — King aguardou eu me aproximar para continuar, dizendo: — Você vai ter que se esforçar um pouquinho pra me fazer mudar de ideia, Cristine Alves.

Era a primeira vez que ele pronunciava o meu sobrenome. E levando em conta todas as vezes que ele havia errado o meu primeiro nome, foi impossível não me surpreender.

Aparentemente, James queria barganhar. Para o azar dele, naquele momento, eu me sentia mais poderosa do que nunca.

— Você pode continuar aí seco ou pode entrar na piscina comigo e me assistir deixá-lo molhado — pronunciei de forma séria, como se realmente estivéssemos negociando. — É pegar ou largar!

Como o loiro permaneceu em silêncio — provavelmente surpreso demais com aquela minha oferta —, eu comecei a me despir, ficando apenas com roupas íntimas e, conseqüentemente, provando que estava mesmo falando sério.

Eu não me reconhecia naquelas ações, mas não podia dizer que desgostava.

King deu um passo na minha direção, parando bem à minha frente, antes de indagar: — Pegar onde? — A mão dele foi até a minha calcinha e, sem pudor algum, ele a invadiu, tocando em meu sexo. — Aqui?

Senti os dedos dele brincando lá embaixo, tateando a minha boceta. E isso me causou uma sensação maravilhosa e, ao mesmo tempo, fez com que eu me envergonhasse por estar entregando o jogo tão facilmente para aquele garanhão.

Ele havia, definitivamente, optado por “pegar”.

Uma ótima pegada, por sinal.

Para não ficar muito atrás naquele jogo de sedução, eu me afastei, fazendo com que ele tirasse a mão de mim. Queria deixá-lo com o gostinho de “quero mais”, da mesma forma com que eu fiquei ao sentir aqueles dedos me explorando.

— Eu não sei nadar — sussurrei, ajeitando a minha calcinha vermelha. Os olhos dele estavam colados no pedaço de tecido em meus dedos. — Acho que vou precisar de um professor.

— Eu nem ia falar nada, mas sou um ótimo nadador... — James respondeu com um quase sorriso, que estava mais para uma careta de prazer. — Poderia até ser professor...

— Ah, é? — indaguei ainda naquele joguinho besta de provocação. — Então, eu acho que nós vamos nos molhar, senhor King.

Sim.

Aquilo — estar seminua com o meu chefe — era uma grande loucura, mas não era errado. Deixei de nos ver dessa forma. Se amar James King fosse mesmo um pecado que me levaria para o inferno, então eu queimaria feliz, contemplando-o.

Nunca tive tanta certeza de algo na vida.

Respirei fundo e me abaixei, aproximando-me da borda da piscina. O meu chefe entrou primeiro na água e logo se aproximou de mim para me ajudar. E quando as suas mãos me tocaram, o calor causado pelo toque foi o suficiente para mascarar o quanto a água estava gelada.

— Vem cá, minha sereia — ele sussurrou, puxando-me para dentro da piscina.

Afundi os meus pés na água e, assim que as mãos de James seguraram o meu corpo, entrei completamente, afundando da cintura pra baixo. Ele foi me soltando e a água começou a subir, parando apenas quando chegou aos meus ombros.

Eu sabia que se desse mais alguns passos, indo para o outro lado, a piscina se tornaria ainda mais funda, não dando mais pé para mim. Então, continuei parada, olhando para o rosto molhado do meu chefe.

Por mais que ele tivesse acabado de me chamar de sereia, era eu quem estava hipnotizada.

— No meu primeiro dia de trabalho, Beth me disse que funcionários não podiam usar a piscina — relembrei, não contendo um sorriso bobo de invadir os meus lábios. — E, aqui estou eu, quebrando as regras.

Aquela havia sido uma das raras ocasiões em que isso aconteceu.

Sem dúvida nenhuma, James King era a maior loucura da minha vida.

Ele se aproximou ainda mais os nossos corpos e respondeu, com aquela sua voz sexy: — A sua sorte é que eu sou daquele tipo de chefe que adora uma garota rebelde.

Suas mãos foram até as minhas coxas. E em questão de segundos, James me levantou, encaixando as minhas pernas em sua cintura. E assim que me travei em seu corpo, senti as suas mãos escorrerem até a minha bunda.

Envolti o pescoço dele com as minhas mãos e os nossos olhares se conectaram em um encontro que parecia ter durado um milênio e, ainda assim, não parecia tempo suficiente.

Fiquei tão envergonhada com a forma que ele me encarava, como se estivesse prestes a me devorar, que retruquei, corrigindo a sua última frase: — Do tipo que adora foder a garota rebelde, não é?

— É isso o que você quer? — ele me perguntou, fazendo-me corar instantaneamente. — Quer que eu foda você?

O cretino não se contentava apenas em ser um tremendo safado, ele gostava de me constranger, de fazer com que eu me sentisse uma pessoa safada também.

Ainda que eu não estivesse dentro de uma piscina, tinha certeza de que já estaria molhada.

— Eu... eu... — O meu nervosismo me fez sorrir de uma forma desajeitada. — Eu quero.

King ficou em silêncio por alguns instantes e então respondeu: — Você quer o quê, Cristine?

Revirei os meus olhos, detestando-o por me obrigar a dizer aquilo em voz alta. Por mais vergonhoso que fosse pronunciar aquela frase, o meu desejo era maior.

— Eu quero que você me foda — sussurrei a contragosto, sentindo o meu rosto queimar.

Fui incendiada de uma forma que o meu rosto inteiro se aqueceu, chegando a me incomodar.

Esse mesmo calor fez com que eu abrisse os meus olhos, despertando do sonho erótico com o meu chefe. Depois de passar alguns segundos desorientada, eu constatei que a luz do sol que entrava pela janela do quarto era a responsável por me acordar.

E assim como sempre acontecia quando eu tinha um sonho com James, suspirei fundo e detestei o fato de aquilo não ter sido real. E, nesse caso, detestei ainda mais por não termos avançado para o sexo antes de eu despertar.

Foi impossível não indagar o que de fato aconteceria se eu fosse tão corajosa quanto a minha versão naquele sonho, se eu tivesse mesmo me levantado da cama e retornado até a piscina, aceitando o convite dele para entrar na água.

A resposta óbvia — e bem cruel, diga-se passagem — era que eu nunca descobriria.

Capítulo 16 — Conselho Indesejado

O nosso beijo mudou tudo.

Antes de acontecer, eu sempre encontrava uma maneira de tirar James da minha cabeça, mentalizando coisas como “*não, ele não te cantou, Cristine*” ou, simplesmente, “*é óbvio que um homem desses nunca se interessaria por mim*”.

Agora, todas essas desculpas não se encaixavam mais na situação.

E, ainda que eu quisesse muito me diminuir — tornando a pensar que ele era muito areia pro meu caminhãozinho enferrujado —, aquela sua última frase mexeu comigo.

“*Eu não sou um moleque, Cristine. Eu não brinco*”, ele havia me dito naquela noite instantes antes de eu colocar a mão no seu peito e praticamente implorar para que ele não brincasse com os meus sentimentos.

Mesmo depois de dizer para o meu chefe que passaria o meu dia de folga em casa, trancada no quarto assistindo a séries, eu decidi ficar na Kells.

Como eu não queria correr o risco de me encontrar com o senhor King, pedi para que Robert me levasse até a casa em que a minha amiga trabalhava. Infelizmente, tratava-se de um dia útil, o que significava que Kells não estava de folga. Mas como eu sabia que ela passaria o dia inteiro com Hannah — a criança que ela cuidava —, pensei em passar a tarde com as duas.

Ao chegar lá, eu fui recepcionada por um rapaz bem atraente — de longe, o “tipo” da minha amiga. Ele tinha cabelo escuro, olhos castanhos claros e um sorriso contagiante. Disse a ele que eu era uma das amigas de Kells e que tinha combinado de me encontrar com ela.

Ele me deixou entrar.

Assim que me aproximei da minha amiga — e o rapaz já não estava por perto para me ouvir —, comentei sobre o quanto ele era bonito.

— Quem é aquele cara demasiadamente atraente? — indaguei, assim que a encontrei sentada em uma cadeira próxima da área da piscina. Como ela não deu muita atenção à minha frase, eu completei: — Eu quis dizer que ele é gostoso... bem gostoso.

— É só o filho do meu chefe... — ela respondeu, não demonstrando muito interesse. — E

além de ser um playboyzinho metido à besta, está noivo, então não rola...

— Ele continua sendo bem bonito — comentei rindo, como se eu realmente fosse esse tipo de mulher, que pegava tudo aquilo que queria.

Eu mal conseguia interagir com o meu chefe solteiro, imagina com um homem comprometido?

Kells observava Hannah brincando na água.

Comparado ao meu, o trabalho dela era moleza.

A grande verdade era que eu só cheguei comentando sobre o chefe dela porque queria muito falar sobre o meu, contar a Kells o que havia acontecido naquela noite, sobre o beijo que ainda não tinha deixado a minha mente.

— O que aconteceu com o seu celular? — ela indagou, colocando-me diretamente no assunto que eu queria.

— Eu deixei cair no chão enquant...

— Acredita que a Rebecca teve a cara de pau de me ligar, depois de me chamar de puta? — a ruiva me interrompeu bem no momento em que contaria sobre o beijo e, consequentemente, de como eu quebrei o meu smartphone. — Ela me pediu desculpas e disse que nem rolou nada naquela noite, que a Melissa deu pra trás e os três foram atrás de outras garotas.

Foram atrás de outras garotas?

Momentos antes do beijo entre mim e James acontecer, ele havia me dito que não transou com as meninas porque a pessoa que ele realmente queria — pessoa que, de acordo com ele, tratava-se de mim — havia ido embora. No entanto, a versão de Kells mudava um pouco isso.

O meu chefe realmente não transou com Melissa e Rebecca, mas, aparentemente, fez isso com outras putas.

Não consegui deixar de rir de forma frustrada enquanto o pensamento “*você é uma idiota, Cristine Alves*” invadiu a minha mente.

Kells voltou os seus olhos na minha direção e fez uma careta.

— Ai, amiga, desculpe... Às vezes, eu meio que esqueço que você é gamadona no seu chefe — ela respondeu, deixando-me ainda pior. — Mas, pense pelo lado positivo, pelo menos não foi com alguém que você conhecia.

Eu deveria estar surpresa pelo fato de James King ser um galinha?

Para quem ouviu aquelas mulheres gemendo no quarto dele, isso não devia ser grande coisa.



Aquela revelação roubou completamente a minha tarde. James não me devia nada — já que também não tínhamos nenhum compromisso —, mas, ainda assim, eu não consegui deixar de me importar.

No dia em que eu me permiti pensar que ele poderia mesmo gostar de mim, descobri que tudo não havia passado de uma cantada barata, que eu não devia ser diferente de Melissa e Rebecca para ele, uma simples diversão, algo com um prazo de validade bem curto.

Como eu não queria acabar ainda mais com o meu dia em um cruzamento com Elizabeth, segui direto para as escadas, caminhando na direção do meu quarto.

Assim que eu abri a porta, a primeira coisa que eu notei foi um imenso buquê de rosas vermelhas sobre a mesinha de canto do meu quarto. Aproximei-me dela e notei que havia uma caixinha embrulhada em papel de presente e, em cima dela, um cartão dourado.

Como curiosidade sempre foi o meu segundo nome, eu foquei primeiro na caixa de presente, louca para descobrir o que era aquilo. Desembrulhei rapidamente, como uma criança após ganhar um presente de Natal.

E, para a minha surpresa, tratava-se de um celular — um bem caro, diga-se de passagem.

Ainda confusa com aquilo, apanhei o cartão e comecei a lê-lo.

“Foi mal pelo telefone.

Eu mirei na sua calcinha e acertei no celular, acontece.

Torcendo para que, na próxima vez, eu consiga derrubar o alvo certo.

James”.

Reli a parte da calcinha umas cinco vezes. E, por mais que eu nunca fosse admitir para o meu chefe, somente aquelas palavras foram o suficiente para me excitar.

Antes que eu pudesse me jogar em cima da cama e pensar no senhor King, lembrei-me daquilo que Kells havia me contado. De repente, todo esse encanto besta se dissipou. Tinha certeza de que todo o interesse que James tinha por mim só duraria até o momento em que ele, de fato, derrubasse a minha calcinha.

Esse pensamento cruel fez com que eu deixasse o quarto para beber um copo de água na cozinha. Depois de fazer isso, eu peguei uma garrafinha para deixar no meu frigobar.

— Cristine?

A voz de Elizabeth fez com que eu me virasse para encará-la.

Voltei o meu olhar na direção dela e esperei pelo que ela tinha para me dizer.

— Eu posso não ter dito nada ainda, mas a considero uma ótima babá — ela comentou, surpreendendo-me completamente. — É, de longe, a melhor que já tivemos por aqui.

Ainda sem reação, agradei: — Obrigada... É bom saber que eu estou cumprindo bem com o meu trabalho.

Tê-la me elogiando era tão desconfortável quanto as vezes que ela me dava uma bronca.

— Só cuide pra não esquecer o que você é... Uma babá — ela continuou, com um olhar sério queimando o meu rosto, mostrando-me que aquilo, definitivamente, não era um elogio. — A pessoa encarregada de cuidar dos filhos do senhor King.

Eu sabia exatamente sobre o que ela estava falando.

Elizabeth havia entrado no meu quarto e viu as flores, o presente e, certamente, leu o conteúdo do cartão.

— Eu...

— Sei que tivemos os nossos desentendimentos, mas eu gosto de você, Cristine — ela me interrompeu, ainda me fuzilando com o seu olhar gelado. — Gosto o suficiente pra lhe dar um conselho: não se iluda com o senhor King. Você não foi a primeira funcionária com quem ele se relacionou e certamente não será a última.

A governanta não me deu tempo para formular uma resposta — se é que isso era possível, levando em consideração todo o meu constrangimento —, simplesmente afastou-se da cozinha, deixando-me sozinha com a garrafinha de água na mão.

Capítulo 17 — Ficando Quente

Eu retornei à minha rotina, fingindo que o meu chefe não havia me dito através de um lindo cartão que o seu objetivo era abaixar a minha calcinha. Ignorei também que Elizabeth me disse que se eu continuasse com aquilo — misturando trabalho com a minha vida pessoal —, seria demitida.

Estranhamente, o conselho dela no dia anterior não havia soado como uma ameaça. Não me pareceu um “*afaste-se dele ou vou acabar com você, garota!*”.

Beth disse aquilo como se eu fosse ser demitida pelo próprio King.

Tudo correu bem durante a semana, nem mesmo Elizabeth implicou comigo — o que foi até um pouco estranho, já que há alguns dias pareceu que ela estava tentando me degolar com o olhar enquanto comentava sobre o quanto “gostava de mim”.

Levei as crianças para a escola e aproveitei as horas livres para revisar os primeiros capítulos do meu livro. Enquanto relia uma das principais cenas do romance — uma bem erótica, por sinal —, eu notei que Henry, o meu protagonista, estava muito parecido com James. E isso fez com que eu lesse os todos os capítulos que eu tinha escrito. Com isso, cheguei à conclusão de que eu estava fazendo uma espécie de *fanfic* da minha própria vida.

Mesmo sendo uma história clichê de caubói, a mocinha era bem parecida comigo. Tinha problemas com a mãe, havia acabado de levar um pé na bunda do namorado e, no mesmo instante que o viu, se encantou pelo gostosão do Henry. “Insossa” e “tapada” era a descrição perfeita para nós duas.

Coincidência?

Definitivamente, não.

A maior prova disso era que no terceiro capítulo — naquele em que se conheceram —, os personagens se esbarram e, conseqüentemente, a mocinha acidentalmente levou as suas mãos até o peito suado do peão.

Podia até não ser completamente parecido com o que realmente havia acontecido entre mim e James, mas uma boa parte das páginas refletia a minha própria vida. E o mais ridículo era que eu não tinha notado tudo aquilo antes — ao menos, não antes do beijo, do momento em que

eu realmente constatee que estava sujando os meus dois pés na lama do “fundo do poço”, também conhecido como “se apaixonar”.

Depois de rir um monte, totalmente frustrada com o meu próprio texto, eu pensei em apagar tudo e começar de novo, contando aquela história de outra forma — de preferência, uma que não se parecesse tanto com a minha vida —, mas antes que pudesse colocar o arquivo na lixeira e recomeçar, ouvi batidas na porta do meu quarto.

Fechei o meu notebook e aproximei-me dela, torcendo para que Elizabeth não estivesse do outro lado para me dar conselhos que eu não seguiria.

Ao abrir a porta, soube que a governanta não me daria nenhuma “dica” dessa vez. Até porque, não se tratava dela, mas de um homem de terno azul marinho.

Como devo ter ficado em silêncio por uns dez segundos, King iniciou a conversa: — Não vai me convidar pra entrar?

Estava tão chocada com a presença dele que tudo o que eu consegui fazer, foi balançar a minha cabeça, convidando-o de forma silenciosa.

Eu não estava esperando uma visita do meu chefe. Além de não ser comum ele estar em casa naquele horário, James não costumava ir até o meu quarto. Fez isso apenas uma única vez, quando apareceu para me pedir desculpas, no dia em que Emily e eu acidentalmente quebramos o porta-retratos que guardava a foto da falecida esposa.

— Recebeu o meu presente? — ele questionou, sentando-se sobre a minha cama.

Balancei a cabeça novamente.

— Sim... Eu recebi... — disse, antes de caminhar até a mesinha e apanhar a caixa com o objeto. — E você não precisava, de verdade... Tanto que eu faço questão de devolver.

James me lançou um olhar que me mostrou que ele não aceitaria o presente de volta. Mas, ainda assim, estendi a mão para que ele pegasse a caixa com o smartphone.

— Não faça isso, Cristine — ele comentou, ignorando a minha mão e o objeto nela.

— O quê? — disparei, tentando não me intimidar pelo olhar dele. — Devolver algo que eu não te pedi?

— Não... Agir de forma estranha por conta de um beijo bobo — ele respondeu, colocando-nos no assunto “beijo”, um que estava evitando desde que havia acontecido.

Ele lançou um olhar para a caixa do celular e isso foi o suficiente para que eu parasse de apontar aquilo na direção dele, tentando fazer com que ele o pegasse.

James não o aceitaria de volta.

— Agora, será que a gente pode conversar?

Se eu pudesse dizer “não”, teria dito.

— Eu estou ouvindo, senhor King — disse, como se o sobrenome dele fosse magicamente tornar aquela conversa em algo formal.

O “formal” havia morrido naquela boate em que estivemos.

Ele riu, provavelmente achando graça da minha tentativa malsucedida de mudar o rumo daquela conversa.

O meu chefe fez um gesto com o dedo para que eu me aproximasse dele. E com um pouquinho de resistência, acabei acatando aquela sua ordem, colocando-me bem em frente a ele, encarando diretamente as suas lanternas cinzentas.

E foi como se o meu rosto estivesse iluminado por um farol.

Por uma fração de segundos, James King me cegou.

— Então? — continuei sem graça, ansiosa para encerrar aquilo e me ver livre daqueles olhos intimidantes. — Sobre o que você quer conversar comigo?

— Eu não tenho a mínima ideia — ele sussurrou, acelerando as batidas do meu coração. O meu chefe se levantou da cama e deu um passo, grudando-nos um no outro. — Essa conversa foi só um pretexto pra te beijar de novo.

E, assim como da última vez, ele não pediu permissão para tomar os meus lábios. Simplesmente abaixou o rosto e me engoliu com aquela língua gulosa e habilidosa, arrancando todo o ar dos meus pulmões.

Coloquei a minha mão em seu peito e o empurrei, interrompendo o beijo, exatamente como fiz da última vez em frente à piscina.

Esse movimento já estava virando um hábito entre a gente.

— Por quê? — indaguei, criando coragem para falar. — Por que, James King?

Ele trouxe o olhar para o meu rosto e, pela sua testa franzida, eu notei que o loiro estava

confuso. E isso me fez prosseguir, completando: — Por que justamente eu, a babá dos seus filhos?

— Eu já disse que gosto de você, Cristine — ele respondeu, sem tirar os olhos de mim. — Quer que eu solete isso, porra?

Mordi o meu lábio inferior, em uma falha tentativa de controlar o meu nervosismo.

— Você me disse que não tinha ficado com ninguém naquela noite, mas acabei descobrindo que você e os seus amigos foram atrás de outras garotas — disse a ele, finalmente me livrando daquele peso. E então, segundos após pronunciar aquilo, notei o quanto estava sendo ridícula. — Desculpe, eu... Você... você não me deve satisfações.

Ele levou a mão dele até a minha e a segurou, impedindo que o meu olhar fugisse do seu rosto.

— Você está certa, os meus amigos foram mesmo atrás de outras garotas, mas eu não... — ele respondeu, de forma séria, passando-me confiança. — Eu só conseguia pensar em você... Não saí com mais ninguém depois daquela noite.

Eu não me lembrava de ter ouvido gemidos e nem nada que indicasse que James estivesse mentindo. E isso, de certa forma, me aliviou; foi como se aquilo confirmasse que eu não havia sido traída. O que era estranho, levando-se em conta o fato de que eu não passava da babá — como a própria Elizabeth havia destacado.

— Quer me fazer mais alguma pergunta ou eu já posso voltar a te beijar? — ele continuou, não me dando tempo nem para respirar.

Balancei a cabeça, respondendo negativamente, entretanto, antes que ele pudesse me beijar novamente, indaguei, me contradizendo sobre não querer fazer mais perguntas: — O seu objetivo com todas essas cantadas é abaixar a calcinha da babá dos seus filhos?

Os seus lábios se esticaram em um sorriso sacana.

Um que me deixou úmida.

— Não, não é — ele respondeu, com aquelas esferas fixas em mim. — Abaixar a sua calcinha é só o começo, Cristine.

Ele abaixou a mão, levando-a para o zíper da minha calça jeans. Com os olhos fixos em mim, ele a abriu e enfiou a sua mão grande lá dentro, invadindo a minha calcinha.

— O meu objetivo mesmo, é deixar essa bocetinha bem molhada.

Eu estava constrangida e, ao mesmo tempo, igualmente excitada, exatamente como naquele sonho erótico que havia tido com ele. Queria aquilo tanto quanto James, ainda que não fosse admitir — talvez eu quisesse ainda mais, já que o meu sexo latejava com o toque dele.

Não me controlei e acabei me vingando dele, levando a minha mão até a calça social de King, um pouco abaixo da virilha, sentindo por cima do tecido escuro aquele membro que já começava a dar os primeiros sinais de vida.

Nesse momento, queria ser tão poderosa quanto a minha versão naquele sonho. Tudo o que eu mais desejava, era ser desinibida o suficiente para abrir a calça dele e invadir aquela cueca, sentindo o caralho dele na minha mão, sentindo todo o calor e a “pré-porra” que seria expelida.

O toque dele, somado à minha mão, que continuava acariciando aquele mastro — mesmo que por cima do tecido —, fez com que eu voltasse o meu olhar pra cima.

E teria continuado ali, flutuando com o anjo do meu chefe se o relógio não marcasse o horário de buscar as crianças.

— A escola... Merda... — disse, afastando-me de James no mesmo instante. — Eu tenho... eu tenho que pegar as crianças na escola.

Ele riu, divertindo-se com a minha preocupação e desespero, e isso, obviamente, chamou a minha atenção. Mas eu não precisei nem questionar, pois logo o meu chefe me deu a resposta: — Fica tranquila... Eu já pedi pra Elizabeth ir buscá-las.

— Você o quê? — tornei a questionar, não acreditando naquilo. Eu não controlei a minha risada, que soou de forma exagerada. — Então, quer dizer que você entrou no quarto sabendo que a gente...

— Eu sabia que a nossa conversa demoraria um pouquinho... — ele respondeu, não escondendo o sorriso cafajeste e convencido. — E eu meio que estava certo, não é? Você até pegou no meu pau.

Eu me sentia tão idiota por tê-lo deixado colocar a mão em mim — e por ter colocado a mão nele —, mas, ao mesmo tempo, estava excitada demais para despachá-lo do meu quarto. Sentia-me atraída por James desde o segundo em que eu o vi, e esse sentimento cresceu muito com o passar do tempo, conforme eu o fui alimentando com todos aqueles sonhos eróticos, além das vezes que, através da parede do meu quarto, pude ouvi-lo fodendo uma mulher aleatória.

E agora, finalmente, eu tinha uma chance de prová-lo, de tornar realidade todas aquelas fantasias loucas que sempre me atormentavam. Não deixaria passar, ainda que, de acordo com a

governanta, isso significasse uma demissão.

Por mais que não fosse fácil de acreditar, eu não era tão tapada assim. Reconhecia que a nossa relação deixou de ser profissional naquela boate, e que era apenas uma questão de tempo até que se tornasse insustentável para que eu continuasse naquela casa. E, por mais careta que eu fosse, não podia negar que aquela seria uma ótima maneira de dar um fim em tudo.

Já que eu havia fodido as coisas, a minha tentativa de recomeço, encerraria isso de uma forma prazerosa, literalmente fodendo com aquele homem gostoso.

Olhei pra ele e, simplesmente, comecei a me despir, arrancando a roupa. E enquanto as peças eram jogadas no chão do meu quarto, não me importei com as dobrinhas em minha barriga, tampouco se ele me acharia feia.

Ao menos naquela fração de segundos — quando notei que não tinha mais nada a perder —, eu me senti aquela mulher poderosa do sonho.

Tudo o que eu conseguia pensar era no homem que estava bem à minha frente. As ansiedades e medos, assim como todo o restante dos sentimentos que sempre me sabotavam, não tinham mais espaço na minha mente.

Não demorou muito para que James se aproximasse de mim, levando as suas mãos grandes até os meus seios, tocando-os por cima do sutiã preto.

E eu teria ficado ali, sentindo-o me tocar, se não tivesse olhado para a porta. Meu chefe voltou o seu olhar na mesma direção que eu e entendeu exatamente o que me preocupava, então caminhou na direção dela e a trancou.

— Ninguém vai interromper a gente — disse ele, refazendo o caminho até onde eu estava parada. — Não antes de eu te fazer minha.

As mãos dele tornaram a apertar os meus seios, dessa vez com um pouco mais de vontade enquanto os seus lábios tomavam a minha boca, roubando-me mais um beijo quente. E eu não tinha a mínima ideia se King sabia, mas, naquele instante, eu já me sentia completamente dele.

Capítulo 18 — Queimada

As suas mãos desceram e, sem um aviso prévio, James me tirou do chão, pegando-me no colo.

A primeira coisa que eu pensei, foi no quão bom era estar nos braços dele. Aquelas mãos me segurando, seus olhos fixos em meu rosto e a sensação de estar sendo dominada faziam com que eu me sentisse incrivelmente bem.

Pelo menos, até uma segunda coisa invadir a minha mente.

Entrando em desespero, pensei: *“ele não vai me aguentar”*.

Esse simples pensamento foi o suficiente para destruir completamente aquela minha armadura de mulher poderosa.

Eu me imaginei caindo por cima dele e acabando com o clima entre nós dois. Fantasiei tantas coisas horríveis — em sua maioria, desastres envolvendo o meu peso —, que isso ficou nítido na minha testa, como se estivesse destacado em letras garrafais.

Ele sorriu, com os olhos claros me queimando.

— Fica tranquila... — ele sussurrou, de forma maliciosa. — Eu te aguento.

Não foi difícil chegar à conclusão de que ele não estava se referindo ao meu peso. E se ainda me restasse alguma dúvida disso, ela teria sumido no momento que me colocou em cima da cama e sobrepôs seu lindo e forte corpo ao meu.

E, então, chegou a minha vez de questionar se o aguentaria.

O meu coração disparou, o meu rosto pegava fogo, como se as minhas bochechas estivessem em brasas e tudo o que eu conseguia fazer, era continuar olhando para cima, observando aquelas duas esferas cinzentas.

Ele tirou o meu sutiã com extrema facilidade, demonstrando sua destreza.

O cretino tinha muita experiência com isso. Já tinha constatado parte disso nas noites em que passei em claro, ouvindo as mulheres gemendo no quarto ao lado.

Esse pensamento me fez constatar que, dessa vez, eu seria a pessoa a gemer nos braços de

James King. Eu faria parte da lista das mulheres que foram tomadas por ele, não ficaria apenas ouvindo-o foder do outro lado da parede.

Era estranhamente excitante — em ambos os sentidos.

O rosto dele despencou sobre o meu corpo. Sua língua colidiu contra o meu seio direito, que ele chupou com vontade, fazendo deliciosos movimentos circulares. E a parte que mais me excitava, era o seu olhar intenso, voltado para o meu rosto, como se estivesse se certificando de que eu estava gostando do trato que levava dele.

A mão direita do meu chefe desceu até a minha cintura. Eu a senti passeando pelo meu corpo, até finalmente entrar em minha calcinha. O safado encontrou exatamente aquilo que procurava e, em seguida, abaixou-a, assim como havia prometido que faria naquele seu cartão dourado.

Foi estranho.

Sim.

Estranho.

Essa palavra conseguia descrever perfeitamente o que eu estava sentindo naquele momento.

Eu passei tanto tempo imaginando — e sonhando — com o sexo que, quando finalmente estava acontecendo de verdade, não conseguia deixar de comparar a fantasia com a realidade.

O “senhor King” dos meus sonhos sempre começava de forma lenta — ele era maldoso e queria me torturar —, sussurrando palavras safadas ao pé do meu ouvido, fazendo com que eu me sentisse a mulher mais vagabunda da face da terra e, ao mesmo tempo, a mais sortuda por estar ao lado dele. Por outro lado, o James real era mais apressado, não queria perder tempo conversando ou fazendo qualquer outra coisa que não fosse ir direto ao ponto: nesse caso, a minha vagina.

Em questão de segundos, a cabeça dele já estava no meio das minhas pernas, observando o alvo — a sua refeição.

Voltou seu olhar para cima e encarando-me — meu rosto, que já estava tomado pelo prazer — esticou os lábios em um sorriso sacana, como se quisesse me avisar do que estava prestes a acontecer.

A expressão safada no rosto daquele canalha me descontrolou.

O suficiente a ponto de eu sussurrar: — Acaba comigo, senhor King... — Sem desviar o olhar do rosto dele, completei sem pudor algum: — Me fode com força!

E isso despertou o lado cafajeste dele.

Foi como trazer o James dos meus sonhos para a realidade.

— Ainda não... — ele respondeu, de forma autoritária. — Primeiro eu vou brincar bastante com essa boceta.

Sem dizer mais nada, ele simplesmente mergulhou em mim, chupando-me de uma forma ainda mais voraz do que naqueles seus beijos roubados. E, enquanto a língua dele tocava em meu sexo e os gemidos deixavam os meus lábios de forma descontrolada, eu realmente me senti uma vagabunda, assim como em todas aquelas minhas fantasias sexuais que o envolviam.

Eu estava com as minhas pernas bem abertas, permitindo que o meu chefe abocanhasse a minha boceta e, quase num sentido literal, deixando-o me comer.

E isso, definitivamente, era algo safado.

E por mais que ser uma vagabunda — de acordo com todos que eu conhecia — fosse algo muito ruim, eu me sentia muito bem, melhor do que nunca.

Nem mesmo a minha consciência deu um sinal de que pesaria mais tarde.

A barba por fazer dele raspava constantemente nos lábios da minha vagina, dando um contraste gostoso com a língua quente e macia dele. Tinha quase certeza de que o cretino fazia isso de propósito, que ele queria que eu sentisse cada pelinho daquela barba roçando na minha boceta.

— Tá gostando, vadia? — ele sussurrou olhando para mim. Como continuei em silêncio, ele prosseguiu: — Eu quero ouvir você dizer.

Tudo o que eu queria dizer, era *“cala a boca e me chupa, seu filho da puta”*.

Mas acabei cedendo a mais esse capricho dele.

— Estou... Eu estou — respondi, louca para tornar a sentir a língua dele em meu sexo. — Não para, James!

A estratégia dele estava funcionando, pois eu nunca tinha me sentido tão molhada em toda a minha vida e isso, obviamente, devia-se ao fato de que eu só havia transado com um único homem, um que não tinha feito com que me sentisse daquela forma.

Ele mergulhou dois de seus dedos em mim, como se realmente estivesse disposto a brincar com aquela parte do meu corpo. Fez isso sem deixar de me explorar com a língua, como se quisesse testar os meus limites.

— Você me disse que gosta com força, não é? — ele lembrou, aumentando a velocidade do movimento dos seus dedos.

A mão dele vibrava tão rapidamente que não me restou alternativa além de gritar, sentindo o prazer me invadir de forma violenta.

Eu berrei.

Parecia um maldito filme pornô, um daqueles que olhávamos e ríamos ao constatar o óbvio fingimento da atriz. Mas, no meu caso, realmente estava sentindo tudo, cada dedada dele, e isso me fazia querer extravasar.

Tinha certeza de que haviam me ouvido, mas eu não conseguia mais me policiar. Os movimentos dele eram rápidos e fortes demais, estava além do meu controle.

A mão pesada do loiro continuava a sacudir o meu sexo, torturando-me de forma prazerosa e cruel.

O safado sabia como tratar uma boceta.

Tinha certeza absoluta de que havia acabado de ter um orgasmo.

— Merda... — sussurrei, sentindo a minha garganta cansada. — Eu acho que a casa inteira me ouviu gritar.

James voltou o olhar para o relógio prateado em seu pulso e sorriu.

— Elizabeth ainda nem deve ter chegado à escola da Emily — ele respondeu, não escondendo o quanto isso o animava. — Sabe o que isso significa? — Balancei a minha cabeça, negando e ele completou, dando-me a resposta: — Que você ainda tem muito tempo para gritar... — Não tive nem tempo de retrucar, pois ele emendou: — E desta vez, no meu pau.

Levantei o meu rosto e ele correspondeu, beijando-me vorazmente.

E esse foi o meu “*sim*”.

Eu queria muito sentir o caralho dele dentro de mim, iria acomodá-lo com a maior vontade do mundo. E, sem dúvida alguma, gritos da minha parte não iriam faltar.

Entre os nossos beijos, ouvi uma voz infantil. Inicialmente, achei que fosse coisa da minha

mente que, como de costume, estaria tentando me sabotar, mas então a voz soou mais alta, levando a minha atenção até a porta do quarto.

— Você está aí, Cris?

Dessa vez, a voz tornou-se inconfundível.

Emily.

Voltei o meu olhar para James e notei que ele também estava surpreso. Aparentemente, Elizabeth tinha voltado para a casa em tempo recorde. E, levando em conta à situação em que nos encontrávamos — com o senhor King prestes a colocar o pinto dele em mim —, isso era a cara dela.

— Estou, querida — gritei e, afastando-me de James, deixei a cama, como se a criança pudesse me enxergar ao lado do pai dela. Aproximei-me da porta e completei: — Só um minutinho.

Peguei cada uma das peças de roupa que tinha retirado e as coloquei de volta em meu corpo, entretanto, como fiz de forma extremamente apressada, não ficou muito bom, tornando óbvio que há alguns minutos eu estava sem elas.

Nesse meio tempo, a garotinha loira, cujo pai continuava em cima da minha cama, gritou: — Mike e eu queremos brincar de completar a história.

Aquele comentário dela fez com que eu sorrisse de forma automática.

Durante muito tempo, esforcei-me ao máximo para fazê-los abandonar os aparelhos eletrônicos, utilizando esse tempo para atividades como a de “completar a história”. Tive inúmeras tentativas malsucedidas, mas agora eles, aparentemente, até sentiam falta quando isso não acontecia.

— Por que vocês dois não começam sem mim? — respondi, ainda me vestindo de forma desajeitada. — Daqui a pouco eu desço pra brincar com vocês. — Antes que Emily pudesse sair da frente da porta do meu quarto, eu completei: — Cuidado com a escada, não vá correr!

Após ouvir os passos dela, indicando-me que ela havia se afastado e lentamente, seguido minha recomendação, voltei o meu olhar para James.

— Eu... eu tenho que ir — disse, já avançando na direção do banheiro para ajeitar o meu cabelo que, como eu imaginava, parecia um ninho de rato.

Enquanto eu o arrumava, notei pelo reflexo do espelho que o meu chefe se aproximava de

mim lentamente, como um predador ardiloso. Ele me abraçou por trás, apertando-me com os seus braços musculosos, que pareciam ainda mais quentes do que naquela cama.

— Fica aqui juntinho comigo — ele pediu com uma voz manhosa, que lembrava a de Mike quando queria dormir por mais cinco minutos. “*Só mais cinco minutinhos, Cris*” dizia-me ele, sempre que eu aparecia para acordá-lo. — Beth pode cuidar das crianças.

Tinha certeza de que foi a própria Elizabeth que aconselhou Emily a subir as escadas para procurar por mim.

Eu me virei e encarei o rosto dele, que parecia mais sedutor do que nunca.

— É o meu trabalho, senhor King — sussurrei, tentando encontrar forças para me afastar dele. — Eu só estou tentando ser útil... Lembra?

Eu queria muito continuar naquele quarto e terminar aquilo que havíamos começado, mas não podia.

Ele tornou a se aproximar, como um garoto mimado e desobediente, que não conseguia se contentar com um “*não*”. King começou a beijar o meu pescoço, em uma tentativa de me convencer a ficar.

— Eles devem estar me esperando pra começar a brincadeira — argumentei, afastando-me dele e de sua trilha de beijos. — Eu tenho que ir...

Ele me puxou pelo braço, trazendo-me de volta para perto de seu corpo antes de rebater o meu argumento: — Tá na hora do papai brincar!

O safado me presenteou com um de seus sorrisos mais cafajestes.

E, por um pequeno instante, eu me convenci a ficar. Imaginei-me retornando a cama e gemendo tanto a ponto de todos os outros sons desaparecerem. Mas a fantasia só durou até que eu me lembrasse de que Emily viera pessoalmente à porta do meu quarto procurar por mim. E levando em conta de que ela nem mesmo conversava comigo quando cheguei à mansão, sabia que não podia decepcioná-la.

— Hoje não, papai — respondi, desvencilhando-me de seus braços.

Recomposta, eu desci as escadas e encontrei as duas crianças na sala, juntamente com Elizabeth.

Com uma péssima expressão cobrindo o rosto, a governanta colocou os olhos esmeralda em mim e, de forma hostil, disse: — Acho que já posso voltar para o meu trabalho, não é?

Obviamente, ela não queria uma resposta minha.

Beth apenas quis jogar na minha cara que estava desempenhando uma função que não era dela.

Depois de ignorar completamente o que a loira me disse, sentei-me no sofá e voltei o meu olhar para as crianças, as únicas pessoas que importavam naquela sala.

— Onde vocês pararam na história? — indaguei, esforçando-me ao máximo para focar nos dois e esquecer o homem que estava no meu quarto.

— Cris, diz pro Mike que o fogo de um dragão é bem mais poderoso que a mordida de um dinossauro — Emily pediu, voltando o olhar para o irmão, que estava sentado ao lado dela.

Com uma careta no rosto, o menorzinho respondeu: — Não é não! — Ele voltou o olhar para a irmã e prosseguiu: — Dinossauro, forte. Dragão, fraco!

Não consegui deixar de rir daquela discussão “séria” que os dois estavam tendo.

— Por que em vez do dragão lutar contra o dinossauro, vocês dois não juntam forças pra vencer o Curupira?

A palavra “*Curupira*” causou tanto estranhamento que os dois pararam de discutir e voltaram a atenção para o meu rosto. E, quase ao mesmo tempo, eles me questionaram o que isso significava.

Como eu não queria entediá-los explicando o que era Folclore e contar toda a história envolvendo o personagem Curupira, me limitei a dizer, como se estivesse lhes contando uma história de terror: — Ele tem os cabelos tão vermelhos quanto o fogo e os seus pés apontam para as duas direções, enganando os caçadores maus, que tentam destruir as florestas e...

— Eu sou o Coripira — o Mike se adiantou, interrompendo-me. Ele voltou o olhar para Emily e completou: — Coripira mata o dragão!

— É Curupira, seu burro! — a loira gritou, revirando os olhos.

Os dois só foram parar de brigar quando James desceu as escadas, surpreendendo-os. Emily foi a primeira a correr na direção do pai, abraçando-o com força. Mike foi logo atrás, aparentemente, só para roubar a atenção que a irmã recebia.

— Onde você estava que eu não te vi? — indagou a filha mais velha, levando os olhos do pai até o meu rosto. Se ela fosse um pouquinho mais velha, teria ligado os pontos. Ele sorriu e tornou a encarar a criança. — O papai só veio pegar uma coisa que ele esqueceu.

Ela fez uma careta, sabendo que aquilo significava que ele já estava de saída e retornou para o sofá, sentando-se próxima de onde Mike estava parado.

Depois de demorar os seus olhos cinzentos em mim — e piscar rapidamente —, o meu chefe seguiu na direção da porta, deixando a casa.

.

Capítulo 19 — Rematch

— Sua safada! — Kells gritou, assim que eu contei que tinha transado com James, ou quase isso, já que fomos interrompidos por Emily bem no meio da foda. Ela voltou os olhos azuis na minha direção e me imitou, dizendo: — *“Ele é o meu chefe... Nunca rolaria nada”*.

Foram as exatas palavras que eu havia pronunciado no dia em que nos conhecemos, logo após ser questionada por ela sobre ter algo com King. Em minha defesa, naquele tempo eu realmente não acreditava nessa possibilidade.

— Eu ainda não acredito que você só foi me contar sobre o beijo depois de dar pra ele! — ela continuou, sentindo-se ofendida por eu ter guardado aquilo por tanto tempo. — De santinha você só tem a cara, Cristine Alves.

Eu fiquei vermelha, e não consegui deixar de rir. Sentia-me envergonhada por ter contado aquilo, mas, ao mesmo tempo, era ótimo poder dividir isso, dizer a outra pessoa o quão bem eu estava me sentindo.

— Tecnicamente, eu não dei pra ele — rebati, mordendo o meu lábio inferior. — Ainda não...

Ela revirou os olhos com a minha resposta e argumentou: — Se ele enfiou a linguona dele em você, isso... — ela fez aspas com os dedos, antes de continuar: — “Tecnicamente” também conta como dar, sua safada.

Aquilo — ter Kells me chamando de safada — era tão estranho. De nós duas, a pessoa com mais probabilidade de se relacionar com um “GRG” era ela. No entanto, o “gringo-rico-gostoso” esteve em cima dos lençóis da minha cama.

— Da próxima vez, faça-me um favor e não saia da porcaria do quarto sem ver o pau dele — ela continuou, arrancando-me uma gargalhada. A ruiva pegou mais um pouco de café na garrafa metálica e voltou o seu olhar para o meu rosto. — E aí, como você acha que é?

Eu não conseguiria mentir, dizendo algo como *“não faço ideia”*. Kells já me conhecia o suficiente para saber que eu havia passado os últimos quatro dias imaginando o formato do pinto do meu chefe.

— Eu o senti roçando em mim algumas vezes, até peguei nele por cima da calça, mas... —

Antes que eu pudesse desconversar, ela me lançou um olhar que dizia claramente “*conta logo, garota!*”. E isso me fez prosseguir: — Eu acho que é bem grosso.

— Esses são os mel...

Um homem, aquele que havia me recepcionou na última vez que estive na casa da família da Kells, entrou na cozinha, roubando o restante das palavras da minha amiga.

Ele se aproximou da mesa para pegar uma xícara de café.

— A Hannah ainda está na escola? — indagou, com os olhos colados na ruiva ao meu lado. Depois que ela respondeu com um aceno de cabeça, os olhos castanhos dele voltaram-se na minha direção. — Você é a Sabrina, do outro dia, não é?

— Quase isso... Cristine — corrigi-o com um sorriso, já acostumada por errarem o meu nome.

O moreno retribuiu o sorriso e me respondeu: — Da próxima vez, eu acerto.

O rapaz saiu da cozinha, mas isso não fez com que a minha amiga abandonasse a expressão de enterro dela. Da última vez que eu estive na casa, notei que ela ficou estranha quando ele apareceu e não usou muitas palavras palavra descrevê-lo — o que, definitivamente, era algo incomum tratando-se de um homem bonito e, indiscutivelmente, rico.

Agora eu tinha certeza de que alguma coisa tinha acontecido entre eles. E, por um curto instante, enquanto encarava a minha amiga, que continuava com aquela sua expressão de paisagem, pensei ter resolvido todo o mistério.

— Ele é o cara que dá em cima de você? — indaguei, aproximando-me mais dela. — O homem que você me descreveu como um velho babão?

E, então, Kells começou a rir, mostrando que a minha teoria estava incorreta.

— O quê? Não! — ela respondeu de imediato, ainda naquela crise de risos. — Realmente tem um velho babão, que fica me enchendo a paciência, mas ele não é o meu maior problema, não agora...

Da última vez, a minha amiga descreveu aquele cara como um playboyzinho metido a besta.

Depois de analisar o meu olhar, a minha amiga notou que eu não desistiria daquela pergunta. Não porque estava curiosa sobre o que aconteceu, mas porque eu me preocupava com ela.

— Eu não trabalhava nesta casa — ela revelou, levando o seu olhar para longe de mim. — Quando eu cheguei, fui trabalhar na casa do Donavan.

Eu sabia que ela estava se referindo ao cara que entrara na cozinha há pouco e, assim como uma boa tragédia, tinha certeza que tudo havia começado com um romance.

De acordo com Kells, ela veio aos Estados Unidos para cuidar da criança recém-nascida de Donavan, um menino chamado Victor. Eles moravam na Flórida, em uma mansão que o rapaz recebera do pai, como um presente de casamento.

Mesmo com alguns problemas de adaptação, a minha amiga conseguiu cumprir com todas as tarefas exigidas. Como a mãe trabalhava a maior parte do dia, Kells possuía um expediente quase integral, muito parecido com o que eu tinha na casa dos Kings.

Diferente da esposa, Donavan não tinha uma ocupação. O cara já tinha vinte e sete anos e ainda era sustentado pelos pais, mas ele não via nenhum problema nisso.

— Se você me acha idiota agora, eu nem imagino o que pensaria de mim se me conhecesse naquela época... — ela sussurrou com um riso frustrado.

Eu queria muito dizer que não a achava idiota, mas não queria interrompê-la só para lhe falar isso, então deixei que ela continuasse me contando aquela história.

— Ele me disse que estava enfrentando problemas no casamento, antes mesmo de seu filho nascer, que a mulher só trabalhava e que ele não sabia quanto tempo o casamento iria durar — ela prosseguiu, com aquele mesmo sorriso de frustração nos lábios vermelhos. — E eu acreditei.

Eles ficaram juntos três semanas depois de Kells chegar. Após inúmeras investidas de Don — a forma como ele insistiu para que ela o chamasse —, a ruiva acabou cedendo. Ela me confidenciou que não fez nada obrigada, que queria estar com ele, por mais errado que aquilo fosse.

Os dois continuaram a se encontrar pelos corredores da mansão. E sempre que Kells começava a mostrar resistência, questionando se era mesmo certo o que estavam fazendo, Donavan pintava a esposa como a vilã e sempre completava dizendo que o casamento estava chegando ao fim, que não duraria muito.

— E foi aí que eu aprendi que se um homem quer mesmo se separar, ele não perde tempo te dizendo que vai fazer isso... Ele só faz — ela falou, trazendo o seu olhar na minha direção.

A consciência de Kells começou a pesar. E, nas palavras dela, foi ali que descobriu que

realmente possuía uma. Isso a fez dizer “*não*” todas as vezes que seu chefe aparecia para procurá-la.

No entanto, ele não conseguia entender por que ela não queria dar continuidade ao que haviam começado. Ele não compreendia o quanto era difícil para ela sorrir para a esposa dele, sabendo que, na noite anterior, havia transado com o marido dela.

E tudo isso resultou em um *rematch*, que, estranhamente, partiu de Kells.

— Mas o meu currículo não é tão bom quanto o seu, amiga — ela prosseguiu sem me encarar. — Eu não consegui uma nova família e isso me desesperou a ponto de eu aceitar a ajuda do infeliz. Então, ele indicou o programa para o pai e eu terminei aqui cuidando da Hannah, a meia-irmã dele.

Eu sempre encarei Kells como uma espécie de livro aberto. Ela sempre foi tão explosiva e extrovertida que não parecia que guardava uma história como a que havia acabado de me contar, que tivesse um segredo ruim e não quisesse que outras pessoas soubessem.

— E o que ele está fazendo aqui? — questionei, finalmente falando alguma coisa. — Não deveria estar na Flórida com a esposa e o filho?

Ela revirou os olhos, respondendo a minha pergunta com um único gesto.

— O que você acha?

Era óbvio que Donovan estava ali atrás de Kells, da mesma forma que era óbvio que ele continuava casado.

— Filho da puta — deixei escapar, surpreendendo até a minha amiga com o palavrão.

Ela riu e eu fiquei feliz por nos tirar daquele clima, mesmo que por um curto instante.

— Ele está aqui a... — Ela fez aspas — “trabalho”. — A minha amiga voltou seu olhar para o relógio da cozinha e se levantou da mesa. — Então, agora eu tenho que aturar as investidas dele e do pai dele.

Eu queria muito poder ajudá-la, mas não podia fazer nada. Aconselhar um *rematch*, provavelmente, a mandaria para o Brasil. Se na primeira vez já não tinha dado muito certo, na segunda seria ainda pior, pois o programa colocaria um alerta sobre o nome dela, como se ela fosse “problemática”.

Eu detestava transformar problemas dos outros em algo relacionado a mim, mas foi impossível não questionar se eu também não estava sendo usada. Se, no momento que James

conseguisse o que queria, eu não seria demitida, assim como Elizabeth me alertou com aquele seu conselho.

— Eu conheço esse olhar aí — ela comentou, lendo a minha expressão facial e, aparentemente, os meus pensamentos. — O James não é o Donavan, amiga. E ele é solteiro, poderia estar com qualquer outra mulher do mundo, mas escolheu você.

Eu forcei um sorriso e me detestei por estar ali recebendo o apoio dela, quando deveria ser o oposto.

— Kells, eu...

— Eu estou bem, de verdade — ela me interrompeu, não me passando muito confiança. — As coisas ainda vão melhorar.

Capítulo 20 — Mensagens Inapropriadas

Durante o caminho de volta até a casa dos Kings, eu me esforcei muito para acreditar em Kells.

“O James não é o Donavan, amiga. E ele é solteiro, poderia estar com qualquer outra mulher do mundo, mas escolheu você” ela havia me dito.

Tudo o que eu mais queria, era ter essa certeza: de que James não me via apenas como uma diversão — a forma com que claramente Donavan a enxergava —, uma que ele descartaria facilmente assim que se cansasse.

Mas eu simplesmente não conseguia, essa ideia não entrava na minha cabeça. Talvez fosse um problema com a minha autoestima, que não era tão boa quanto eu pensava ser. Talvez o meu antigo relacionamento tivesse me deixado desestabilizada a ponto de eu não conseguir acreditar que alguém realmente gostava de mim. Ou, talvez, eu só estivesse sendo racional demais.

No entanto, assim como no momento que entrei nessa tempestade — instante antes de me despir em frente a ele naquele dia —, tentei não me importar com o que aconteceria a seguir. Dessa forma, se ele me demitisse como Elizabeth me dissera naquele seu conselho forçado, não seria bem uma surpresa.

Como as crianças passariam o fim de semana na casa dos avós por parte de mãe, eu não tinha muito que fazer. Segui diretamente para o meu quarto, onde fiquei trancada pelo restante da noite e de onde saí apenas muito brevemente para buscar um lanche na cozinha.

Assim que eu me aproximei da geladeira, a cozinheira veio em minha direção.

Mary levou os seus olhos castanhos até o meu rosto e sussurrou: — Você e o senhor King juntos em um quarto é real ou só fofoca? — Como eu fiquei em silêncio, absorvendo a informação, ela completou: — Tá todo mundo falando de vocês, Cris.

Fechei os meus olhos, morrendo de vergonha.

Mas não podia dizer que me surpreendia em ter me tornado a fofoca da casa.

Naquele fatídico dia, James pediu para Elizabeth buscar as crianças e ficou trancado no meu quarto. E por mais que isso já fosse motivo suficiente para a existência de fofocas a meu respeito, sabia que havia o dedinho de Beth em tudo isso.

E se não soubesse, Mary teria me confirmado ao dizer: — A moçreia espalhou essa história até para o motorista.

Eu não consegui segurar o meu riso.

— É claro que ela espalhou — disparei, detestando-a ainda mais.

Os meus olhos voltaram-se na direção da cozinheira, alguém que eu realmente havia passado a gostar nos últimos meses e respondi àquela sua pergunta inicial.

— É real... O lance do quarto... — comentei, sentindo o meu rosto corar. Mary ficou em silêncio, com uma expressão pensativa, quase enigmática. E isso me deixou curiosa a respeito do que estava em sua mente, se ela também pensava algo ruim de mim. — Você me acha uma idiota, não é?

Ela riu e balançou a cabeça, negando.

— Você não é uma idiota, Cris — ela respondeu, com um sorriso gentil. — Não há problema em se relacionar com ele, só não... — Ela se interrompeu e isso me mostrou a sua hesitação. — Só não se iluda demais com isso, O.K.?

Confirmei com um aceno de cabeça e fui fazer um sanduíche, pensando naquilo que a cozinheira havia comentado e, principalmente, no fato de a casa inteira estar comentando sobre o que havia acontecido.

Será que James sabia sobre as fofocas?

E se ele ainda não tinha conhecimento, faria alguma coisa quando soubesse?

Para mim, tudo não passava de um plano ardiloso de Elizabeth para acelerar ainda mais a minha demissão. O meu chefe, obviamente, não gostaria de ficar mal falado em sua própria casa e isso o forçaria a me tirar da casa, acabando com o motivo do assunto.

Como não havia nada que pudesse fazer para melhorar aquela situação, simplesmente dispersei todos esses pensamentos — ou, pelo menos, me esforcei ao máximo para evitá-los.

Assim que terminei de comer, retornei para o meu quarto, onde escrevi mais um capítulo do meu livro de caubói. Já tinha consertado os problemas no texto e estava me esforçando para manter a minha vida pessoal fora daquelas páginas.

Ainda tinha James King como uma referência para um dos meus protagonistas, mas como o meu chefe era claramente o homem mais sexy com quem eu já havia me relacionado, era impossível manter pelo menos uma parte dele fora dos meus textos.

Eu só deixei de digitar quando recebi uma mensagem no celular da babá. Como isso não era algo muito comum — na verdade, ninguém além de Elizabeth usava aquele número para falar comigo —, o fato chamou minha atenção instantaneamente.

“Passou da hora da gente terminar aquela brincadeirinha que começamos no seu quarto. Desta vez, eu quero chupar essa boceta lá no meu”.

Mesmo, obviamente, sendo uma mensagem de James — não imaginava Beth digitando “boceta” —, eu verifiquei o número para ter certeza. Não queria correr o risco de cair em uma armadilha da governanta.

A parte mais engraçada era que King estava tão acostumado a mandar que não havia nem mesmo um ponto de interrogação em sua mensagem. O meu chefe não estava me fazendo uma pergunta, convidando-me para terminar o que começamos, ele simplesmente me informou de uma coisa que desejava, como se fosse uma de suas ordens.

“E se eu não quiser?”

Você vai me demitir, senhor King?”

Enviei a mensagem, sem conseguir deixar de rir.

Por mais que eu soubesse dos riscos que estava correndo ao me envolver com ele, não conseguia deixar de lhe dar atenção. Eu gostava de James e somente o pensamento de tê-lo me tocando fazia com que o meu corpo pegasse fogo. Não era tão forte a ponto de conseguir ignorar uma de suas mensagens e, principalmente, um convite como aquele.

Ele não demorou muito para responder.

“Deixa de marra, Cristine.

Eu sei que você quer.

Ou já se esqueceu do quanto gemeu na minha língua?”

Não consegui deixar de revirar os meus olhos ao constatar uma vez mais o quanto ele era convencido.

E a parte mais frustrante era que o cretino não estava errado.

Eu realmente o queria, assim como também havia gemido muito na língua dele.

Depois daquela frase envolvendo os meus gemidos, eu fiquei até sem saber o que escrever. E, nesse meio tempo, ele continuou:

“Às duas horas, o seu expediente vai continuar lá no meu quarto.”

Obviamente, saquei que ele estava se referindo às duas horas da manhã, só usou aquele *“expediente”* para fazer graça.

Fiquei alguns segundos observando a mensagem dele, antes de responder com *“O.K”*.

Em questão de instantes, recebi uma resposta:

“PS: venha sem calcinha”.

Capítulo 21 — Uma Babá Para James King

A sua última reposta fez com que eu apagasse todo o histórico de mensagens do celular. Não queria que alguém, principalmente Elizabeth, visse o nível das mensagens que eu estava trocando com o meu chefe.

Voltei o meu olhar para o relógio do quarto e notei que ainda era dez horas da noite.

Demoraria mais um pouquinho para James chegar.

Aproveitei esse tempo para tomar um banho, realmente me preparar para aquele momento, já que tinha certeza de que, daquela vez, nós não seríamos interrompidos. Não havia Elizabeth e nenhuma das crianças na casa; além disso, o horário impossibilitava que um dos empregados da casa pudesse nos ouvir.

Passei uns vinte minutos pensando no que deveria usar e, então, cheguei à conclusão de que o meu chefe não estava interessado nas minhas roupas, tanto que fez questão de destacar que eu não precisava ir até o seu quarto usando uma calcinha.

Usei apenas a parte de cima de um conjuntinho de lingerie preta que eu possuía. Como era o meu favorito, sabia que me sentiria bem mais confiante com ele. Coloquei também um vestido branco florido.

Por mais que detestasse vestidos com toda a minha força, não havia nenhum sentido ir sem calcinha e usar um jeans.

Fiquei jogada em cima da minha cama, mexendo nas redes sociais até o horário do nosso encontro. Quando o ponteiro do relógio marcou duas horas da manhã, eu deixei o meu quarto e caminhei em direção ao de James, que ficava bem ao lado do meu.

Por mais que a gente já tivesse praticamente transado — até porque, ele literalmente caiu de boca em mim —, eu estava nervosa. Provavelmente, era devido à minha ansiedade aguda. Mas enquanto me aproximava, tentei respirar fundo e me acalmar, simplesmente deixar acontecer.

Dei três batidas na porta e esperei ser recebida.

Ele a abriu.

James usava apenas uma toalha enrolada na cintura. Os meus olhos correram de forma automática na direção do abdome definido dele.

Somente alguns segundos depois, eu consegui levá-los de volta ao seu rosto.

— Oi — disse de forma tímida.

Ele se afastou, deixando-me entrar no quarto.

E, no segundo que entrei, observando uma vez mais os detalhes daquele cômodo, o meu chefe me abraçou por trás, antes de sussurrar ao pé do meu ouvido: — Oi... — e continuou beijando o meu pescoço. — Você tá tão cheirosa... Uma delícia.

A essa altura do campeonato, todos os pelos do meu corpo já haviam se arrepiado. Continuei parada de costas para ele, sendo enfeitiçada pelo seu perfume e queimada por seu toque.

Naquele instante, eu me esqueci de todos aqueles questionamentos que me atormentaram durante o dia. Virei-me na direção dele e decidi concentrar-me naquelas esferas cinzentas.

— Eu soube que o senhor estava precisando de mim — comentei, levando minha mão até o peito dele. Fiz um movimento circular com o meu dedo, próximo ao seu mamilo direito e completei: — Em que posso lhe ser útil, senhor King?

Ele sorriu — uma coisa que estava se tornando cada vez mais constante em nossos encontros — e aproximou ainda mais os nossos corpos, colando-nos um no outro.

— Preciso de uma babá — ele respondeu-me com os nossos rostos quase colados um no outro. — Mas já vou avisando que eu sou um garoto bem levado.

Não consegui deixar de rir e respondi: — Esses são a minha especialidade...

Antes que eu pudesse concluir aquela frase, fui interrompida por sua mão, que invadiu o meu vestido, chegando até o meu sexo. Foi tão rápido que me chocou. O fato de não estar usando calcinha facilitou bastante pra ele.

— Eu adoro garotas obedientes. — King começou a me acariciar, deixando-me extremamente tensa. Ele estava claramente fazendo uma referência à mensagem que havia me enviado há algumas horas, aquela em que especificou que eu não precisava usar calcinha quando fosse ao seu quarto. — São as melhores.

Sem tirar os olhos do meu rosto, ele me penetrou com um de seus dedos.

Eu não tinha ideia do que era mais excitante: o seu olhar penetrante me queimando ou os seus dedos que continuavam a me explorar por baixo do vestido branco.

Em frente a ele, sentia-me como uma virgem e, no segundo seguinte, a mulher mais safada do mundo. James era tão experiente que conseguia fazer com que eu me sentisse inocente. Ao mesmo tempo, ele era tão tentador, a ponto de despertar os pensamentos mais pecaminosos em minha mente.

— E eu adoro garotos levados — disse assim que os dedos dele deixaram o meu sexo.

Ele levou os dois dedos — os mesmos que me penetraram — até os lábios e os chupou e isso me arrepiou completamente, pois me lembrou da sensação de ter aquela língua me chupando de forma intensa.

E tudo isso, sem contar aquela expressão safada que tomou conta do rosto dele.

— Você é, sem dúvida alguma, o cara mais safado que eu já conheci, James King.

Ele levou aquilo como um elogio.

— E você é a babá mais linda que já passou por esta casa — ele devolveu o elogio, arrancando um sorriso do meu rosto.

— E você comeu todas elas? — disparei, não me controlando.

Por um pequeno instante, detestei-me por ter pronunciado isso e temi que essa minha frase pudesse destruir completamente o clima maravilhoso que estávamos tendo.

Felizmente, ele respondeu de forma bem-humorada, provando-me o contrário: — Todas não... Ainda falta comer você.

Aquilo havia sido uma confissão?

Ele havia realmente transado com todas as babás que já haviam passado por aquela casa?

Não tive nem tempo para continuar com esses questionamentos. James tornou a se aproximar de mim e, dessa vez, atacou-me como um leão ao me roubar um beijo quente e molhado.

Enquanto a língua do meu chefe me explorava naquele beijo ardente, sua mão desceu até a minha bunda, que ele apertou com vontade. E como nós estávamos próximos demais, eu senti o membro dele e parecia mais duro do que nunca.

Estar ali com ele era intenso demais.

Como o meu ex-noivo foi o único cara que namorei, era impossível não compará-lo com o homem parado bem à minha frente. E por mais que eu gostasse de Fernando — e mesmo tendo a certeza de que eu o amei um dia —, nunca senti metade dessa intensidade com ele.

Ainda durante os nossos beijos, eu puxei a toalha branca, tirando aquele último pedaço de tecido que cobria o corpo bem cuidado dele.

E finalmente matei a minha curiosidade e consegui observar o membro de James, algo que não havia acontecido até aquele momento. E mesmo com todos os formatos e tamanhos que eu imaginei, fantasiando com aquele momento, não me decepcionei nem um pouco.

Era grande, grosso e tinha bastantes veias. Diferente do meu ex, ele era circuncidado, não tinha nenhum excesso de pele. E a parte que mais chamou a minha atenção, foi a enorme cabeça rosada exposta, que já estava babando, fazendo-a brilhar com o pré-goço.

Empurrei o meu chefe na direção da cama, fazendo com que se sentasse na beirada do colchão. James entendeu exatamente o que eu queria fazer e abriu as pernas, deixando o caminho até o seu membro livre.

Naquele momento, eu encarnei a protagonista do meu livro e abaixei-me, colocando-me no meio de suas pernas. E antes de tocar em seu caralho, voltei o meu olhar para cima, encarando a expressão safada no rosto dele, como se estivesse pedindo por autorização — mesmo que ele nunca fizesse isso quando se travava de me tocar.

Seu sorriso foi a deixa para que eu segurasse seu pau e sentisse toda sua pujança na minha mão. As veias grossas pulsavam conforme eu o apertava. Passei o meu polegar sobre a cabeça rosada e isso fez com que James gemesse baixinho.

Agora ele finalmente sabia como eu me sentia todas as vezes que ele me tocava.

Era a vingança mais prazerosa do mundo.

A sensação de segurar o cacete quente dele era maravilhosa. Eu me sentia poderosa e, ao mesmo tempo, intimidada por aquele membro.

Era estranho.

Estranhamente bom.

Não perdi muito tempo e abaixei a minha cabeça, abocanhando o mastro dele.

Chupeei com muita vontade. Comecei lambendo a ponta e então o coloquei em minha boca, esforçando-me ao máximo para mantê-lo inteiro lá dentro, o que eu quase consegui. E diferente

da última vez que estivemos juntos, James não parecia afobado. Ele continuou parado, com as pernas abertas, deixando-me brincar com o caralho dele.

Passei a minha língua por toda a extensão daquele membro grosso. Fui da cabeça à base, onde os pentelhos dele eram mais grossos.

E assim que finalizei, foquei em suas bolas.

Chuei uma de cada vez, dando igual atenção a ambos os seus bagos. Eu não queria deixá-los com ciúmes.

Se pudesse, passaria mais uma hora no meio das pernas dele, trabalhando naquele membro que agora, mais do que nunca, parecia extremamente imponente. Mas então o senhor King tornou a buscar pelo controle. E as suas mãos foram até o meu cabelo, levando-me de volta a cabeça de seu caralho.

E, dessa vez, ele me pressionou contra o seu membro, fazendo-me abocanhá-lo uma vez mais.

Eu me engasguei naquele caralho e senti parte da porra escapando pelos cantos da minha boca. Melequei-me completamente e, por algum motivo, tudo isso me deu ainda mais tesão.

Enquanto continuava a me pressionar, James gemeu com vontade.

— Olha pra mim enquanto chupa o meu pau — ele sussurrou, atraindo a minha atenção. O rosto do meu chefe estava vermelho e a expressão de prazer em sua face era incontestável. Ele sorriu e prosseguiu, completando: — Assim...

Lambi a cabeça, tentando agir da forma mais sexy que eu conseguia.

E eu até estava confiante demais, levando em conta que eu, provavelmente, era a mulher mais “normal” com quem ele havia saído. Tinha certeza de que James King já havia contratado as mais diversas profissionais do sexo para satisfazê-lo, assim como os amigos dele. Perto de todas elas, eu não devia ser tão habilidosa assim.

No entanto, de uma coisa eu tinha certeza absoluta, ele estava com muito tesão.

Seu rosto deixava transparecer isso pra mim.

Tirei o pau dele da minha boca e indaguei, livrando-me daquela dúvida: — Estou indo bem, chefe?

— Se a tua boceta estiver tão gostosa quanto essa boca, vai ser a funcionária do mês — ele respondeu com um sorriso travesso, que me deixou com vontade de me dedicar ainda mais àquele caralho.

Ele era sempre tão formal que vê-lo dizendo gírias como “boceta” era chocante, mas, ao mesmo tempo, o tornava mais real e humano.

James fez um sinal com a mão para que eu me levantasse. E, como estava louca por aquele título de “*funcionária do mês*”, não demorei muito a acatar mais uma de suas ordens.

King se levantou também e ficamos em pé, parados um na frente do outro.

— Eu acho que a gente está em desvantagem aqui — ele comentou, apontando para o próprio corpo. Obviamente, James estava se referindo às roupas, que ainda estavam me cobrindo. — O que você acha de igualarmos um pouquinho as coisas?

A minha barriga congelou e senti um milhão de borboletas se mexendo dentro dela.

Da última vez, não havia sido dessa forma. Aconteceu rápido demais, o meu chefe não teve tanto tempo para ficar me observando, simplesmente fomos para a minha cama, onde ele me chupou. Mas agora era diferente, estávamos parados um na frente do outro. E os olhos dele me analisavam de forma intensa, prestando atenção em cada detalhe meu.

Como não podia negar e sair correndo, simplesmente balancei a cabeça, concordando e comecei a erguer o meu vestido florido.

Ele me interrompeu, colocando as suas mãos por cima das minhas.

— Deixa que eu faço — ele sussurrou com aquela sua voz arrepiante. — Eu quero desembulhar o meu presente.

De fato, o meu chefe tirou o meu vestido de forma lenta, como se estivesse desembulhando um presente de aniversário, tomando cuidado para não destruir a embalagem.

E, nesse meio tempo, a minha barriga havia se transformado no próprio Polo Norte, sentia-me congelada.

Após arrancar aquele vestido horrível de mim, King concentrou-se em se livrar do meu sutiã preto. E, então, fiquei completamente nua na frente dele.

Fiquei tão envergonhada com o olhar dele que não consegui manter os meus olhos em seu rosto, voltando-os para o chão do quarto. E, ao notar a minha tentativa de fuga, ele colocou a mão em meu queixo, trazendo a minha cabeça para cima, na posição que ele queria.

Sem dizer uma única palavra, ele avançou, beijando-me e, dessa vez quando as suas mãos desceram pelo meu corpo, não encontraram tecido. Ele tornou a apertar a minha bunda, sentindo a minha pele quente colar na palma de sua mão.

Quando os nossos rostos se afastaram e, ainda sem me dizer nada, ele se abaixou.

Eu não entendi o que King estava fazendo. Não até que ele beijassem o meu pé e, então, subisse, trilhando um caminho de beijos pelo meu corpo.

Nunca tremi tanto em toda a minha vida.

Sentia que a qualquer momento poderia desabar.

Os olhos cinzentos dele se voltaram na minha direção, encarando-me daquela forma intensa de sempre. Ele sorriu, com o sorriso cafaíste que eu tanto amava, e tornou a me beijar.

James parecia tão impressionado, como se estivesse observando um monumento, uma das sete maravilhas do mundo. E, por um curto momento, isso fez com que eu me sentisse a mulher mais linda do planeta.

Ele tornou a me beijar, subindo pelas minhas pernas até chegar à minha coxa. Nesse instante, ao me lembrar das minhas estrias e das celulites que estavam logo acima, a minha autoestima despencou.

Fui da mulher mais linda à mais feia em questão de segundos.

Como os olhos dele não deixavam o meu rosto por muito tempo, James deve ter notado pela minha expressão facial o que estava em minha mente.

— Você é linda, Cristine Alves — ele sussurrou, antes de tornar a me beijar. — Faz justiça à fama das brasileiras... Uma delícia.

Levando em conta o fato de ter errado várias vezes o meu primeiro nome quando cheguei, foi incrivelmente bom ouvi-lo pronunciá-lo daquela forma. Sobre a parte de eu ser linda, ainda não estava tão confiante assim. No entanto, aquele seu “*delícia*” ajudou bastante.

O fato é que eu não tive muito tempo para pensar nisso, pois os seus beijos continuaram — e nos locais mais inusitados. Foi como se ele estivesse mirando as minhas estrias. Era como se, a cada um de seus beijos, King estivesse dizendo que amava todas as imperfeições do meu corpo.

E tive essa confirmação quando a cabeça dele subiu rumando na direção da minha barriga. Seus lábios subiram lentamente, passando pelos seus seios e chegando outra vez até o meu rosto, encontrando a minha boca.

— Minha delícia... — ele disse com a sua voz grave, assim que as nossas bocas se afastaram.

Eu sorri desajeitada e isso lhe mostrou o quanto gostei daquele apelido. Definitivamente, era maravilhoso ser a “*delícia*” de James King.

Seus olhos cinzentos continuavam a me encarar de forma analítica, mas depois daquela sua turnê pelo meu corpo, eu já não me sentia nervosa ou envergonhada. Nunca estive tão à vontade sem roupa em toda a minha vida.

James já havia beijado cada partezinha que eu detestava em mim, não havia mais motivos para vergonha.

Se ficássemos parados por mais alguns instantes, teria soltado algo estúpido como um “*eu te amo*” ou “*me apaixonei por você*”.

Sem nenhum aviso prévio, ele me tirou do chão, pegou-me no colo.

Eu não sabia se ele queria provar que era forte ou que eu não era tão pesada quanto eu achava, mas o fato é que ele caminhou lentamente na direção da cama comigo em seus braços, sem tirar os seus olhos de mim.

Dessa vez — diferentemente de como aconteceu no meu quarto —, eu não fiquei com medo de cair e de me envergonhar. Sabia que nada humilhante poderia surgir enquanto estivesse com ele e, principalmente, enquanto James continuasse a me olhar daquela forma.

Ele me colocou com cuidado em cima da cama e, então, subiu nela também, sobrepondo seu corpo ao meu.

— Preservativo! — lembrei-me, antes que ele pudesse encaixar o seu membro em mim.

King riu por causa da forma desesperada que pronunciei aquilo e se afastou, caminhando em direção a uma das gavetas em seu guarda-roupa.

Ele pegou a camisinha e veio na minha direção.

Parando em frente à cama, ele abriu o preservativo e “*encapou*” o caralho.

Assim que terminou, disse: — prontinho, minha delícia. Agora você não corre mais o risco de ter um rezinho comigo.

Revirei os meus olhos.

O loiro fez um trocadilho besta com o sobrenome dele, que significava “*Rei*”.

Ele subiu no colchão e eu não tive nem tempo de pensar, pois em questão de segundos, os nossos corpos se encaixaram, tornando-se um.

O membro dele me invadiu, entrando de uma só vez.

— Você tá molhadinha... — ele sussurrou, antes de se abaixar para buscar pelos meus lábios, que ele beijou enquanto começou a movimentar o quadril. — Funcionária do mês.

Foi difícil rir enquanto os gemidos continuavam deixando a minha boca.

— Isso significa que a minha... É tão boa quanto a minha boca? — lembrei-o do que ele havia comentado mais cedo.

Por algum motivo estúpido, eu não consegui dizer “vagina”.

Ou seja, estava dando para o meu chefe, mas não conseguia dizer a merda de uma palavra.

— Você é gostosa por completo — ele respondeu sem diminuir as estocadas. — Um brigadeiro.

Foi tão bonitinho vê-lo pronunciando “brigadeiro” que quase me esqueci de que estava sendo empalada por ele.

O meu chefe meteu em mim com força e de forma constante, sem nenhuma piedade, judiando da minha boceta. E a cada gemido alto que escapava da minha boca, eu agradecia por estarmos fazendo aquilo de madrugada e com a casa vazia.

Era maravilhoso saber que eu poderia gritar.

Quase libertador.

Suas mãos correram na direção dos meus seios. Ele os apertou e lambeu os lábios dando-me uma boa ideia do que faria em seguida. E quando pensei que não conseguiria sentir mais prazer, a sua boca foi até o meu mamilo esquerdo, que ele mordiscou de leve.

Voltei o meu olhar para cima, encarando o rosto dele, que estava tomado pelo prazer. Levei as minhas mãos até aquele abdome delicioso. Com elas coladas em sua pele, pude senti-lo se movimentando em um ritmo perfeito e extremamente prazeroso.

Eu comecei a rir antes mesmo de pronunciar as duas palavras que estavam presas em minha mente desde o momento em que ele introduziu aquele membro em mim, mas nem mesmo o constrangimento me impediu de dizê-las.

— Me fode... — sussurrei quase sem fôlego, finalmente conseguindo falar aquilo, algo que

ficara restrito aos meus sonhos eróticos por muito tempo.

Com um sorriso sacana colorindo os lábios, ele comentou: — Só se você me pedir com jeitinho.

— Acaba comigo, senhor King! — disse sem medo de soar ridícula. — Por favor!

Eu não precisei falar outra vez.

James meteu com força, arrancando-me gritos. O quadril dele se movimentava rapidamente, empalando-me; nem mesmo as minhas mãos em seu abdome conseguiam controlar o ritmo frenético dele.

Eu conseguia ouvir o barulho dos nossos corpos colidindo, do caralho dele entrando e saindo de dentro de mim. E tudo isso, enquanto o cheiro de sexo dominava o quarto.

— Lembra quando eu disse que você não se parecia com uma puta? — ele questionou, buscando pela minha atenção. Assim que eu assenti, deixando claro que me lembrava daquele episódio, ocorrido no dia em que nos encontramos naquela boate e os amigos dele confundiram Kells e a mim com garotas de programas. — Eu já não tenho mais tanta certeza... Você fode como uma profissional.

Tinha certeza de que aquilo havia sido pronunciado como um elogio. E como eu estava receosa, com medo da minha “performance” no início da transa, aceitei de bom grado, mesmo sabendo que ele havia exagerado, e muito.

— Fico feliz em ser útil...

— Mais útil impossível — ele sussurrou enquanto continuava a movimentar o quadril, empalando-me daquela forma gostosa.

O orgasmo encontrou-me ainda mais rápido do que os olhos cinzentos de James, que sempre buscavam pelo meu rosto, como se estivesse preso de uma forma magnética.

Em meio aos gemidos que tornavam a me atingir, como uma rajada de flechas, eu constatei que aquele era, sem dúvida nenhuma, o melhor sexo que eu já havia tido na vida.

Não havia nem comparação com a coisa monótona que eu e Fernando fazíamos.

Pelo que pude reparar, o meu chefe também estava bem perto de gozar. E em questão de minutos, King finalizou com um urro que fez com que eu soubesse que ele aproveitara a foda tanto quanto eu.

E, mesmo com o fim, o meu coração continuava disparado, como se tivesse corrido uma maratona.

— Essa é a parte que eu finalmente me arrependo disso? — indaguei, em voz alta. Com os meus olhos fixos no rosto dele, eu completei: — Porque eu ainda não estou arrependida.

Por algum motivo, pensei que, quando os nossos corpos se afastassem e a adrenalina diminuísse, a minha consciência finalmente pesaria e a minha mente gritaria o quanto eu havia sido imprudente por transar com o meu chefe. Mas, até aquele momento, nada acontecera.

— É porque não tem nenhum motivo pra se arrepender — ele disse com uma expressão séria.

E isso me fez sorrir.

— Então, isso significa que você não vai me demitir amanhã? — indaguei, sentindo um frio na minha barriga.

A voz de Beth trovejou em minha mente.

“Você não foi a primeira funcionária com quem ele se relacionou e certamente não será a última”.

James levantou o rosto para me encarar de um ângulo melhor.

— Que bobagem é essa, Cristine? — ele questionou, deixando-me um tanto sem graça. Agora, era como se tivesse voltado a ser o meu chefe sério, o cara que não sorria muito. — É claro que eu não vou te demitir.

Eu deveria estar aliviada, mas não estava.

Por muito tempo, pensei que não ser demitida seria a confirmação de que eu não era apenas uma diversão para ele. No entanto, naquele momento, a ideia de não ser despedida passava-me uma outra impressão, a de que eu era uma diversão que ele gostara a ponto de querer repetir.

— Na verdade, esse foi um dos motivos que me levaram a esperar tanto para dar em cima de você... — ele disse, roubando a minha atenção instantaneamente. — Eu fiquei com medo de fazer isso aqui... — Ele riu e olhou ao redor, deixando claro a que se referia. — E você ir embora... Você é a melhor babá que os meus filhos já tiveram.

Aquela frase estava perfeita, até chegar na parte de eu ser a *“babá”*.

E como se tivesse notado isso, ele completou: — Mas eu não... — Ele se aproximou mais de mim e levou a sua mão direita até o meu rosto, acariciando-me. — Eu não te enxergo como a babá.

Não consegui segurar um riso sarcástico.

— E como é que você me enxerga, James?

— Como... como alguém importante o suficiente pra eu ter medo de perder... — ele respondeu, deixando-me sem saber o que responder.

Eu me afastei e sorri, antes de pronunciar: — Eu acho melhor eu ir para o meu quarto.

— As crianças não vão voltar amanhã cedo e... — Ele se interrompeu, como se tivesse notado que aquela não havia sido uma boa forma de começar a sua frase. — Eu quero você aqui na minha cama, Cristine.

— Então eu acho que, dessa vez, o todo poderoso senhor King vai ficar querendo.

Após responder, sem esconder o quanto estava me divertindo com a situação, levantei-me da cama e peguei as minhas coisas pelo chão do quarto.

E então, me aproximei da porta, mas antes de cruzá-la, os meus olhos tornaram a buscar pelo meu chefe.

— Boa noite, senhor King.

— Seria uma boa noite se você ficasse aqui, deitadinha comigo — ele respondeu, arrancando-me um sorriso.

Ainda com aquele sorriso no rosto, eu deixei o quarto dele e segui para o meu, torcendo para não ser flagrada.

Capítulo 22 — Surpresinha

No instante em que despertei, cogitei a ideia de que tudo não havia passado de um sonho — um adoravelmente bom —, mas ao olhar para o chão e encontrar algumas das peças de roupa que havia usado na noite anterior, constatei que, diferentemente das outras vezes, eu não havia imaginado nada daquilo.

E como não era apenas um sonho erótico que a minha mente louca e maliciosa fantasiou, lembrei-me de como acabou, de ter abandonado o quarto do meu chefe, mesmo tendo ele deixado claro que me queria ali.

A grande verdade era que não fazia a menor ideia por que abandonei o quarto e, principalmente, a cama dele. Tudo o que eu mais queria era acordar ao lado de James, principalmente depois de uma noite tão boa como a que havíamos tido. Mas, por algum motivo, eu travei completamente quando ouvi que era importante o suficiente para que ele temesse me perder.

Não tinha ideia do que aquela frase realmente significava. Isso, entretanto, me assustou a ponto de pegar as minhas coisas e voltar para o meu quarto sem nenhuma peça de roupa no meu corpo.

No período da manhã, deixei a mansão e fui até um mercado para comprar alguns produtos de higiene pessoal, coisas como sabonete e desodorante. Mas, lá no fundo, eu deixei a casa dos Kings para não correr o risco de cruzar com James. Estava me agarrando na esperança de que, ao retornar à mansão, meu chefe já não estivesse mais lá.

A vontade de evitá-lo foi tão grande que eu pensei em passar o dia com Kells, mas a minha amiga me disse que viajaria com a família, que passaria o fim de semana cuidando de Hannah. E como o desgraçado do Donavan iria com eles, ela me pediu para lhe desejar “*boa sorte*”.

Sendo assim, depois que fiz as compras, obriguei-me a voltar para a mansão e, infelizmente, ouvi a voz de James no instante em que eu abri a porta.

Ele estava na cozinha, conversando com Elizabeth. Estavam sentados à mesa, no que parecia ser uma conversa comum de manhã, quando a governanta lhe contava os problemas que estavam acontecendo na casa.

Não consegui passar despercebida.

— Cristine?

A voz dele fez com que eu interrompesse os meus passos e me virasse para encará-los.

Com a minha atenção, o meu chefe continuou: — Depois eu tenho uma surpresinha pra você.

Elizabeth estava inexpressiva, provavelmente tentava esconder do chefe seu descontentamento. Simplesmente balancei a cabeça e tornei a seguir na direção do meu quarto, para guardar as coisas que havia comprado.

Enquanto estava lá, não consegui deixar de questionar o motivo de ele ter dito uma coisa daquelas na frente da governanta.

Obviamente, a “*surpresinha*” dele era algo sexual. E como a casa inteira já estava comentando sobre a gente — mérito exclusivamente de Beth, diga-se de passagem —, não me parecia muito inteligente soltar isso na cozinha, com a mansão cheia de empregados.

Mas talvez James não soubesse que éramos o assunto da semana.

E eu também não queria ter que dizer isso a ele.

Por mais que ele tivesse deixado claro que a história de demissão era uma bobeira minha, esse era um ótimo motivo para me demitir — talvez um bom o suficiente para que ele mudasse de ideia.

Eu não desci.

Continuei em meu quarto.

E esse provavelmente foi o motivo pelo qual King bateu em minha porta alguns minutos depois de chamar a minha atenção lá embaixo.

De início, pensei que se tratava de Elizabeth, para me dar alguma tarefa. Por mais que as crianças não estivessem na casa, ela sempre encontrava uma forma de me manter ocupada, trabalhando.

Mas, então, eu abri a porta e me deparei com aquelas esferas cinzentas e uma expressão séria, quase que enigmática.

— Qual o problema?

Não pensei que ele fosse ser tão direto e isso fez com que eu perdesse as minhas palavras por um instante.

— Nenhum — disse rápido demais, quase me embolando com as minhas próprias palavras. — Problema nenhum, James.

Mesmo sem um convite, ele entrou no quarto e, agora, vestindo um terno preto, já nem parecia o mesmo homem com quem havia me deitado na noite anterior, aquele a quem encontrei com apenas uma toalha branca cobrindo o corpo.

— Lá embaixo, você nem olhou pra mim — ele disse com aquela sua seriedade habitual. — E continua sem olhar.

Voltei o meu olhar na direção dele, respirei fundo e revelei qual era o problema: — Estão falando da gente — disse a ele, envergonhando-me só de imaginar as palavras que os empregados deviam usar para me descrever. — Todo mundo. — Antes que ele pudesse responder alguma coisa, completei: — E eu sei disso há algum tempo, mas não contei porque... porque...

“Porque pensei que você fosse me demitir se soubesse” completei a minha frase mentalmente.

— Fiquei com medo de que isso aqui — aponte para nós dois, antes de prosseguir: — Acabasse no segundo em que eu te contasse.

Optei por não usar a palavra “demissão” outra vez. Até porque, esse nunca foi o meu maior medo. O que eu realmente temia, era deixar de vê-lo.

Ele se aproximou de mim e pegou as minhas mãos.

O meu olhar desabou, fugindo de seu rosto.

— Não é a primeira vez que falam de mim — ele respondeu ainda segurando as minhas mãos. — Falaram todas as vezes que cheguei bêbado, falaram quando chegava acompanhado e falam agora quando eu finalmente me sinto bem, com alguém especial. — Após alguns segundos em silêncio, ele sussurrou: — O que você acha de darmos mais um motivo pra falarem?

Ergui a minha cabeça e identifiquei o sorriso em seus lábios.

— A sua surpresinha?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

E isso foi a deixa para que eu levantasse a minha camiseta.

— O que você está fazendo? — ele questionou, fazendo-me parar no mesmo segundo.

Abaixei a minha camiseta preta e volvei o meu olhar para ele, que estava com a testa franzida.

— Você... Você...

— Você achou que eu estava falando de sexo? — ele me perguntou, não segurando a risada. No mesmo instante, o meu rosto se transformou em uma pimenta vermelha. E ao notar o quanto eu estava desconsertada, ele beijou o meu rosto e, próximo à minha orelha, sussurrou: — Talvez mais tarde.

Passei a mão no meu cabelo e me afastei, tentando não afundar a minha cabeça em um travesseiro depois do mico que paguei.

— Lembra quando você veio ao meu escritório e me disse que eu estava te escravizando?

Voltei o meu olhar para ele e, ainda vermelha, contestei: — Não foi bem assim.

James adorava jogar essa história na minha cara.

Ele riu e continuou, dizendo: — E no meio de todas aquelas suas exigências, você me disse que queria um carro. — Depois de alguns segundos em silêncio, ele revelou de que se tratava a “*surpresinha*”: — eu finalmente comprei um carro pra babá... Agora você já pode parar de se sentir enganada.

— Você, o quê?

— Eu comprei um carro — ele repetiu, deixando-me ainda mais envergonhada.

Parecia um pesadelo atrás do outro.

Por mais que eu realmente tivesse ido ao escritório dele e afirmado que Elizabeth me prometera um carro, esqueci-me de contar que havia tirado a minha carteira de motorista um mês antes de embarcar no avião rumo aos Estados Unidos.

As únicas vezes que eu tinha dirigido na vida foram nas aulas da autoescola e em meu teste prático. Passaram-se meses desde a última vez que me sentei no banco do motorista e girei a chave na ignição.

— Não precisava comprar um carro, James... Já temos o Robert pra fazer essas coisas — disse a ele, completamente decidida de que não usaria aquele carro, principalmente quando as crianças estivessem junto comigo. — Eu só disse isso naquele dia porque estava muito irritada e queria ter motivos suficientes pra justificar incomodar você daquela forma.

— Será bom ter um carro aqui e não só pra quando você quiser sair com as crianças, mas pra você não ficar presa nesta casa — ele respondeu, como se quisesse ganhar o prêmio de homem perfeito. Pelo menos, até completar, dizendo: — Então, vamos estreá-lo?

Nem pensei para responder com um “*não*”.

E quando ele tornou a insistir, respondi: — Você não tem que trabalhar, não?

E por mais que essa pergunta pudesse ter soado estranha, realmente era incomum tê-lo em casa. James passava a maior parte do dia trabalhando, não descansava nunca. O seu tempo livre era quando estava trancado em sua academia particular ou no meio da madrugada.

— Não, eu não tenho — ele rebateu, puxando-me pelo braço. — O meu único compromisso hoje é com você.

O meu chefe praticamente me arrastou para fora da casa e me mostrou o carro branco, que estava estacionado no quintal. Ao vê-lo parado, de forma tão destacada, senti-me tão cega por não tê-lo notado antes quando estava retornando do mercado.

— Chegou de manhãzinha — ele comentou, observando o veículo comigo.

Era bem bonito e parecia ser caro também, mesmo eu não fazendo a mínima ideia da marca. Tudo o que eu sabia era que nunca tinha visto um daqueles no Brasil.

— Entra logo, Cristine! — ele disse de forma mandona, fazendo-me sentar no banco do motorista.

E uma vez mais, acatei a sua ordem, mesmo sabendo que aquela era uma péssima ideia.

James deu a volta no automóvel e sentou-se no banco do carona.

— Eu nem sei quais são as leis de direção daqui — comentei nem disfarçando o quanto estava receosa com a ideia de dirigir. — E se eu matar alguém?

— Deixa de ser boba, você não vai matar ninguém — ele respondeu, já colocando o cinto de segurança.

Eu também coloquei o cinto e então liguei o carro. Lembrei-me das aulas da autoescola e arrumei os espelhos, ajeitei o meu banco e fui afastando o meu pé da embreagem com calma, enquanto ia acelerando devagarzinho.

Girei o volante para fazer o contorno e tudo correu bem, até o momento em que nos aproximamos do portão e eu travei completamente, levando o carro na direção de um dos muros

da mansão.

Foi coisa de cinco segundos.

Eu me desesperei e o meu pé afundou no acelerador.

E tudo o que eu ouvi foi um barulho enorme.

Assim que o carro parou, após ter colidido contra o muro, a primeira coisa que eu fiz, foi olhar para o lado e me certificar de que James estava bem.

Ignorei completamente todo o estrago que causei no carro e na casa, concentrando-me apenas no homem ao meu lado.

Ele estava com um corte na testa e com alguns cacos de vidro brilhando em seu terno escuro. Ver o sangue escorrendo pelo rosto dele me apavorou, deixando-me em um estado grogue por alguns instantes.

A expressão dele estava séria, provavelmente por conta do susto ou pela dor que sentia.

Antes que eu pudesse tocar nele e lhe fazer uma pergunta estúpida — do tipo “*você está bem?*” —, ele começou a rir, aliviando o clima de tragédia.

O meu coração continuava acelerado, como se fosse sair pela minha boca a qualquer momento. Não conseguia desviar o olhar do corte na testa dele, que continuava a sangrar. Mas o meu chefe não parecia se importar com isso, já que a sua pequena crise de risos continuava.

— Cristine... Você nunca vai entrar nesse carro com os meus filhos... — ele comentou, não poupando risadas. — E nem sozinha.

Não tive nem tempo de responder à sua frase, pois Elizabeth e Robert correram em nossa direção. Eu só não fiquei ainda mais envergonhada porque isso era impossível.

James tirou o cinto de segurança e comentou: — Isto aqui salva mesmo vidas.

“*Principalmente comigo ao volante*” pensei, tirando o meu também e abrindo a porta do carro.

— Eu estou bem, não precisam se preocupar — o meu chefe comentou, tranquilizando a governanta e o motorista. — Não foi nada... — Ele voltou o olhar na minha direção e disparou: — Foi só o pezinho pesado da Cristine.

Eu era uma vergonha para todas as mulheres — não apenas as brasileiras —, pois havia acabado de reforçar o estereótipo idiota de que elas não dirigiam bem.

Tinha certeza de que, por trás da expressão de pavor de Beth, devia existir um grande sorriso de satisfação. Ela devia estar gargalhando por dentro ao me observar naquela situação humilhante.

James voltou a atenção dele para mim e indagou: — Você está bem?

Balancei a minha cabeça confirmando, mesmo sem saber se era verdade, principalmente no que se referia ao meu estado psicológico.

Aproximei-me dele e peguei a sua mão, sem me importar com a presença de Elizabeth e Robert, e o que eles podiam pensar daquilo.

— Eu vou fazer um curativo, O.K.?

Ele concordou, mas, antes de deixarmos o local do acidente, pediu para que Robert resolvesse aquele — nas palavras dele — “probleminha” envolvendo o carro e o muro destruído da propriedade.

Como eu tinha um kit de primeiros socorros — algo que a minha mãe me forçou a comprar, apavorando-me com todas aquelas histórias horripilantes de intercâmbio —, levei James diretamente para o meu quarto.

— Eu sou uma idiota... Me desculpe... — disse assim que cruzamos a porta, sentindo-me mais à vontade para conversar com ele sem toda aquela plateia. — Tem certeza de que não acha melhor a gente ir a um hospital?

— Foram só os cacos do para-brisa... — ele respondeu, levando a mão até o corte. — Eu não bati a minha cabeça... Fica tranquila.

Sentei o meu chefe sobre a minha cama e abri a minha caixinha de primeiros socorros, tentando raciocinar quanto ao que deveria fazer primeiro.

— Agora eu entendi por que você não ficou animada com a minha surpresa — ele respondeu, deixando-me ainda mais sem graça.

— Eu agradei a sua surpresinha te dando outra surpresinha — respondi, enquanto limpava o machucado na testa dele. — Uma droga de cicatriz.

E tudo porque não consegui dizer *“eu não vou entrar nesse carro porque nem sei bem como dirigir um”*.

Machuquei-o por ser tapada demais.

— Não se preocupa, tenho certeza de que vou continuar lindo com esse curativo na testa — ele brincou, levando tudo aquilo com bom humor.

— Disso eu tenho certeza — comentei assim que finalizei o curativo. Curvei-me para beijar a testa dele, bem no esparadrapo. E então, tornei a encarar os seus olhos claros. — Por que você não está me odiando?

— Porque é impossível te odiar, delícia.

Eu o beijei, finalmente mirando naqueles lábios maravilhosos. E teria sido incrível, se Beth não tivesse entrado no quarto, flagrando-nos.

Ela era campeã em interromper os meus melhores momentos.

— Eu vim saber se o senhor está bem? — ela questionou assim que cruzou a porta, como se estivesse justificando a intromissão.

Fiquei com vontade de gritar “*eu também estava naquele maldito carro... Não quer saber como eu estou?*”.

— Nunca estive melhor — ele respondeu, puxando-me para a cama, fazendo-me cair sobre o seu corpo. O meu chefe levou os olhos dele na direção de Elizabeth e ela entendeu que deveria se retirar do meu quarto, deixando-nos a sós. Assim que a governanta se afastou, ele comentou: — Ela consegue ser ainda mais neurótica que você.

Eu deveria ter rido e aproveitado aquele momento para beijá-lo intensamente, mas, por algum motivo, respondi: — Talvez seja porque ela é apaixonada por você.

Capítulo 23 — A Primeira Babá

— Ela, o quê? — ele indagou, não contendo o riso. E, ainda de forma incrédula, o meu chefe prosseguiu: — Elizabeth, apaixonada por mim?

Não, não foi apenas uma expressão incrédula ou algo como “*claro que não, Cristine!*”, James realmente se divertiu com a minha afirmação, rindo como se essa possibilidade fosse completamente ridícula.

Então, com todo aquele ataque de risos, eu notei que, diferentemente do que vinha teorizando desde que havia começado a ter problemas com a governanta, nunca aconteceu nada entre os dois.

— Talvez você só não tenha percebido isso, James... — disse a ele, não abandonando a ideia de que a loira o amava. Por mais que os dois não tivessem transado, nada a impedia de nutrir uma paixão platônica por ele. — Você trata Elizabeth como se ela tivesse sessenta anos de idade, mas ela só é uns cinco anos mais velha do que eu. — E com a atenção dele voltada para o meu rosto, eu completei: — Você nunca questionou o motivo de ela ser tão dedicada?

Eu me detestava por estar ali, acusando Beth — literalmente queimando o filme dela para o meu chefe —, mas sabia que se ela tivesse uma oportunidade parecida, faria o mesmo comigo e não se arrependeria depois.

— Ela realmente é muito dedicada e eu sou muito grato por isso, mas... — ele respondeu, jogando uma pedra de gelo na minha cabeça com o “*mas*”. — Mas eu não acho que ela faz isso porque nutre uma paixão secreta por mim, Cristine.

Se James pudesse se ver da forma como eu o enxergava, talvez mudasse de ideia. Eu mesma, que não demorei mais do que algumas poucas semanas, era a prova viva de que era fácil demais se apaixonar por ele.

O sorriso em seus lábios evaporou.

Ele abriu a boca para me dizer alguma coisa, mas hesitou, fechando-a antes que uma palavra pudesse escapar. E isso, por um breve instante, me fez pensar que a nossa conversa havia terminado ali.

— Ela era a melhor amiga da Beatrice — King me disse aquilo com um olhar que fez com

que eu percebesse que estávamos falando da esposa falecida dele. — Elas eram bem unidas, estavam sempre juntas... Beth foi a nossa madrinha de casamento, a madrinha dos nossos filhos e, quando tudo aconteceu, a pessoa que me ajudou com a casa e as crianças.

Não sabia nem o que responder, principalmente porque há alguns poucos segundos, havia acusado a governanta de ser apaixonada por ele, o que — olhando por esse novo ângulo — realmente não fazia muito sentido.

Felizmente, King não estava esperando uma resposta da minha parte.

— No começo, o plano era ela vir me dar uma mão, algo temporário... Mas quando Beth notou o quanto eu estava perdido, resolveu ficar — James prosseguiu, contando uma versão chocante daquela história. — Então, eu não acho que Beth fez essas coisas por mim... Foi por Beatrice.

E, nesse instante, eu notei o quanto havia me enganado.

Elizabeth não queria me destruir para ficar com James, como eu havia pensado inicialmente.

Ela estava protegendo a memória da melhor amiga.

Eu deveria encerrar a conversa naquele instante. Simplesmente dizer algo como “*eu entendi*” ou “*você tem razão*” para James e me contentar em beijá-lo, desculpando-me uma vez mais pelo acidente idiota que havia causado, mas eu não consegui.

Ainda possuía muitas dúvidas e tinha medo de que aquele assunto nunca mais viesse à tona. Desde que cheguei naquela casa, era a primeira vez que James estava falando tão abertamente sobre a esposa. Até aquele momento, nem mesmo o nome dela eu sabia.

Isso me levou a questionar: — Como... como foi que a sua esposa morreu? — E, como era de se esperar, eu me arrependi no instante em que aquelas palavras deixaram os meus lábios e isso me fez acrescentar rapidamente: — Me desculpa, você... você não precisa me con...

— Tudo bem — ele me interrompeu, impedindo-me de concluir aquele tosco pedido de desculpas. Os seus olhos cinzentos voaram na minha direção. — Mas eu só conto se você me prometer que não vai se pilhar, O.K.?

Balancei a minha cabeça, concordando.

— O.K.

No entanto, King continuou me encarando com o seu olhar carregado de seriedade,

esperando pela minha promessa.

— Eu prometo que não vou me pilhar — disse da forma que ele queria, arrancando-lhe um meio sorriso.

E com aquela minha promessa, ele finalmente me revelou o que aconteceu a Beatrice, a forma como ela faleceu: — Acidente de carro.

Nesse momento, o meu estômago congelou. Foi como se eu tivesse levado um chute forte na barriga, tão forte que todo o ar deixou os meus pulmões. Fiquei completamente paralisada, sem saber o que fazer ou como reagir.

A esposa de James morreu em um acidente de carro e, há apenas alguns minutos, eu havia nos atirado na direção de um muro, no que, inegavelmente, foi um acidente.

— Eu sinto... eu...

— Sem se pilhar, lembra? — ele me lembrou da promessa, fazendo com que eu respirasse fundo e balançasse a cabeça, concordando em manter a calma.

Finalmente entendi o porquê daquela promessa estranha sobre não me pilhar.

No entanto, como é que ele pensou que eu não me pilharia?

— Ela era nutricionista — ele prosseguiu, tirando-me da minha pequena crise. — Por isso a alimentação das crianças é tão...

— Saudável? — completei a frase dele, ainda me esforçando para não surtar com a questão do acidente.

— Eu ia dizer exagerada — ele disse, esticando os lábios no que me pareceu ser um sorriso, mesmo que breve. — Se você me acha um cara controlador, é porque não a conheceu.

De acordo com James, foi assim que os dois se conheceram. Beatrice Davis era uma jovem nutricionista da qual ele veio a se tornar paciente. E por mais que isso não fosse nada convencional — exatamente a situação que enfrentávamos — eles se aproximaram, quebrando a barreira entre doutora e paciente.

— Foi muito rápido... Coisa de seis meses e a gente já estava planejando morar junto — ele continuou, dessa vez, sem me encarar. — Em dois anos, ela já estava grávida da Emily.

O “felizes para sempre” do casal teve um prazo de validade bem curto. Segundo o homem ao meu lado, terminou antes mesmo da morte dela.

Eles eram muito parecidos em pontos como “controle” — ainda que James perdesse muito para ela —, mas extremamente diferentes em outros. Beatrice era obsessiva demais, de uma forma quase esquizofrênica. Não bebia água da torneira, pois, de acordo com ela, era envenenada pelo governo. Cortou cada grama de gordura da dieta da casa para que eles não adoecessem. E o primeiro confronto surgiu quando disse que não deveriam mais vacinar os filhos, pois as vacinas eram prejudiciais à saúde das crianças.

— Hoje eu entendo que ela era uma mulher doente, que não era uma característica boba — ele disse finalmente trazendo os olhos em minha direção. — Eu não enxergava que ela precisava de ajuda.

A loucura de Beatrice tornou a relação tão desgastante a ponto de James pedir o divórcio. Ele não queria mais viver controlando cada grama de gordura que ingeria, não aguentava mais ouvir teorias da conspiração sempre que se aproximava para beijá-la e tinha medo da influência que ela podia exercer sobre os filhos.

Primeiro havia sido a história da vacina. E se em algum momento ela surgisse com outra coisa idiota? E se fizesse isso sem que ele soubesse ou estivesse por perto para impedi-la?

— Quando Mike completou um ano, eu decidi que não queria mais continuar com aquilo... — Eu sabia o quanto estava sendo difícil para ele me contar aquela história, conseguia enxergar isso através de seus olhos claros. — Eu não a amava mais... E chegou ao ponto de a presença dela me irritar. — Ele desviou o olhar e a sua expressão continuou séria, como se ele estivesse revivendo um momento ruim do passado. — Chegou ao ponto de eu desejar que ela desaparecesse.

E, como se ele estivesse assoprando as velinhas de um bolo de aniversário, isso realmente aconteceu.

Depois de uma briga que aconteceu porque Beatrice se negou a assinar os papéis do divórcio, ela deixou a mansão, gritando o quanto ele se arrependeria por pensar em abandoná-la. Cinco horas mais tarde, James recebeu uma ligação do pai dela — uma que realmente o fez se arrepender amargamente.

Um motorista embriagado avançou o sinal e acertou em cheio o carro dela. Com direito a vidros estilhaçados e muito sangue, Beatrice morreu antes que uma ambulância pudesse chegar ao local do acidente.

— Quando me contaram que Beatrice sofreu um acidente, eu pensei que ela havia jogado o carro contra uma árvore ou qualquer outra coisa para me impedir de deixá-la — ele disse

baixinho, quase envergonhado. — Pensei que era um drama bobo, que teria que ir buscá-la em um hospital e que, ao chegar lá, ela estaria com um curativo e um sorriso detestável no rosto. — Os olhos de James me encontraram, antes de completar: — Mas então o meu sogro me disse que ela tinha morrido.

Eu pensei em dizer “*eu sinto muito*” ou “*você não teve culpa*”, mas não queria interrompê-lo.

— Eu desejei isso, Cristine. Desejei que ela desaparecesse da minha vida — ele continuou de uma forma que fez com que me arrependesse por não ter dito o “*você não teve culpa*”. — E, assim como ela me falou quando saiu de casa naquele dia, eu me arrependi. Eu me arrependo todos os dias. — Antes que eu pudesse apoiá-lo, deixando claro que havia sido um acidente e nada mais que isso, James prosseguiu: — Eu devia ter ajudado a Beatrice, ter buscado algum tipo de ajuda... Mas, em vez disso, eu quis me livrar dela, como se ela fosse um objeto quebrado...

Depois de ouvir toda aquela história, eu finalmente entendia o motivo pelo qual ele não havia comentado sobre ela antes, o porquê de não haver fotos dela espalhadas pela casa ou a razão de ter ficado tão bravo quando eu quebrei aquele porta-retratos no dia do aniversário de Emily.

James se culpava pela morte dela. Culpava-se pelas coisas que havia feito e dito — assim como por tudo aquilo que poderia ter feito —, pela ajuda que ele não forneceu. E esse remorso, aparentemente, o impedia de aproveitar a própria vida.

— Eu fiquei tão mal com a morte dela que me desliguei completamente do mundo — continuou a narrar, mostrando-me que o relato ainda não havia chegado ao fim. — Exagerei em tudo. Foi como se ao enfrentar a morte tão de perto, já não enxergasse mais sentido para continuar vivendo.

Segundo o meu chefe, basicamente aquela velha história de “*se vamos mesmo todos morrer, então por que não aproveitar enquanto eu ainda posso?*”.

De forma imatura e egoísta, ele bebeu demais, chegando bêbado em casa mais noites do que conseguia contar. Divertiu-se com inúmeras mulheres cujos nomes ele nem mesmo se lembrava. Ignorando trabalho e filhos, James fingiu que não tinha mais responsabilidades.

— Se não fosse por Elizabeth e os pais de Beatrice, as crianças ficariam por conta... — Pela expressão de seu rosto, eu soube que admitir aquilo não havia sido fácil. — E eu não me orgulho disso, de nenhuma das coisas que aconteceram depois que ela morreu.

Um ano.

Esse foi o tempo que ele levou para finalmente acordar. King passou doze meses fugindo da culpa e da responsabilidade. E ao acordar em uma espécie de bordel, no início do segundo ano após a morte da esposa, se deu conta daquilo que a sua vida se transformara.

— Não foi nem mesmo eu quem deu a notícia às crianças, Cristine — ele completou, pronunciando o meu nome em uma tentativa de me chocar. — E se disser que sei quem foi, estarei mentindo.

Se ele estava esperando algum tipo de julgamento da minha parte, se decepcionaria.

Diferente de James, eu nunca perdi ninguém. Os meus avós já eram mortos quando nasci. Diferente dos dele, os meus pais continuavam vivos e o único namorado que eu já havia tido era Fernando, que continuava saudável e aproveitando bem a vida, de acordo com as últimas fotos em suas redes sociais.

Eu não tinha nem ideia da dor que ele havia enfrentado.

— Eu diminuí a bebida e tentei compensar esse um ano perdido com muito trabalho... — explicou-me, respondendo a uma pergunta que eu nem havia feito. Aparentemente, esse era o motivo pelo qual ele sempre saía de casa cedo e chegava tarde da noite. — Mas ainda não estou completamente bem, tanto que quando você chegou aqui, eu não tinha parado de sair com todas aquelas mulheres.

— Você não tem culpa do que aconteceu à sua esposa... — Eu finalmente disse o que ficou me martelando durante todo o seu relato. — E sobre o tempo que você perdeu, ele não terá sido em vão se você tiver conseguido aprender algo com isso... — Forcei um sorriso, antes de tornar a falar: — Aí, será experiência.

— Uma experiência de bosta.

— Ainda é uma experiência!

Eu sempre achei James um pai ausente, mas não entendia bem os motivos. Ao chegar à mansão, pensei tratar-se do típico homem viciado em trabalho, que achava que deixar riquezas para os filhos era mais importante do que lhes dar amor e carinho. No entanto, depois do incidente com o porta-retratos no aniversário de Emily, da forma com que ele ficou na defensiva em relação à imagem da esposa, eu soube que devia ser algo a mais.

E, nesse ponto, eu realmente estava certa.

Ele se culpava pela morte da mãe das crianças, sentia vergonha da forma como lidou com isso e se afastou tanto que nem devia saber como voltar a se aproximar.

— Você sabe que as crianças o amam, não é? — indaguei, roubando-lhe a atenção. — E elas sentem a sua falta, James. Eu acho ótimo você ter voltado a se dedicar ao trabalho, mas acho que precisa reservar um tempo pra elas também.

Eu não tinha ideia de como consegui encontrar coragem para pronunciar todas aquelas coisas. Até porque estava, basicamente, dizendo que ele não era um pai presente e, praticamente, a forma como ele devia criá-los.

Provavelmente, eu só falei aquilo porque já não me sentia apenas a babá.

— Eu sei que falhei com eles — respondeu-me ainda com aquele olhar sério no rosto. — E quero compensar isso também, mas...

— Você não tem culpa pelo que aconteceu à mãe deles e as crianças amam você, eu não acho que exista um “mas” nesse caso — tornei a dizer. E, então, o receio tornou a me encontrar e eu me senti uma idiota por estar ali, dando dicas a ele. — Mas é claro, eu sou só a babá deles.

Ele riu, como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada.

— Você tem razão, não existe “mas” e isso serve pra você também — ele retrucou, tirando a tensão de mim. — Você não é só a babá, Cristine. Se fosse, eu nunca teria lhe contado todas essas coisas. — Com a atenção presa ao meu rosto, ele completou: — Você é a minha alguma coisa, nós só temos que descobrir o quê.

Eu não consegui deixar de sorrir.

E isso era bem estranho, levando em conta toda a história triste que ele havia acabado de me contar.

— Eu confesso que estava enganada sobre a Elizabeth... — sussurrei, nem acreditando que esse era o motivo pelo qual estávamos tendo aquela conversa. — Da parte sobre ela ter uma paixão secreta por você... — Não me controlei e sorri, antes de continuar: — Mas ainda acho que ela não gosta de mim.

Capítulo 24 — Perguntas Inconvenientes

No fim das contas, o acidente de carro não foi tão ruim assim.

É claro que nos atirar contra um muro não era a coisa mais legal do mundo, principalmente depois de conhecer a forma como Beatrice morreu. Sem contar o fato do sorriso odioso que o ocorrido despertou nos lábios da governanta e de outros empregados da casa, que passaram a me enxergar como uma espécie de piada pronta.

A única pessoa que parecia não se divertir com isso era a cozinheira, que, sem dúvida alguma, era o mais próximo de uma amiga que eu possuía na mansão.

No entanto, se o acidente não tivesse acontecido, James e eu não teríamos conversado sobre o passado dele, sobre todas as coisas que envolviam a sua esposa falecida e eu continuaria no escuro.

Infelizmente, saber de toda a história não melhorou a minha relação com a Elizabeth. E, por algum motivo, saber que ela me detestava por conta da amiga falecida parecia-me muito pior do que por nutrir uma paixão secreta por James.

Esforcei-me ao máximo para seguir normalmente com a minha rotina diária. Eu não queria que a minha relação com o James — seja lá o que for que tivéssemos — afetasse o meu trabalho, assim como também não estava disposta a deixar que a fofoca o atrapalhasse.

Se nem mesmo o dono daquela casa parecia se importar com que os seus subordinados sussurravam pelos cantos, eu também não deveria. Então, alimentei as crianças, levei-as à escola e, quando deu o horário, voltei para buscá-las. Continuamos com as nossas atividades como se nada tivesse acontecido, como se não estivessem falando de mim e como se eu não ansiasse por novos momentos ao lado do pai delas.

A semana se seguiu com muito dessa mesma rotina.

Não cruzei com James pelos corredores. Ele saía de casa antes de eu acordar e chegava depois que eu já estava dormindo. Mas nós nos falávamos por mensagens de texto que ele enviava para o celular da babá.

Eram sempre coisas safadas como *“o que você está vestindo, delícia?”* ou *“o que você faria se eu estivesse aí do seu lado?”*. Até parecia que estávamos em um relacionamento à

distância.

Ele me disse que iria se esforçar para ficar com mais fins de semana livres, faria isso para passar mais tempo com as crianças e comigo. Lembro-me de dizer por mensagem que não me importaria de ficar com as noites e deixar o dia para eles.

Com exceção dos probleminhas com Beth e as fofocas, tudo estaria seguindo perfeitamente bem se na quarta-feira, Emily não tivesse me feito uma pergunta.

Ela e Mike haviam acabado de chegar à mansão. E antes de começarmos o jogo de “continue com a história”, ela se aproximou de mim e indagou: — É verdade que você e o papai estão namorando?

A minha surpresa foi tão grande que devo ter ficado em silêncio por uns trinta segundos. Fiquei chocada e, ao mesmo tempo, sem a mínima ideia do que deveria responder para uma criança de nove anos quando nem mesmo eu sabia o tipo de relação que possuía com o pai dela.

E em meio ao choque, acabei respondendo com uma outra pergunta: — Quem... quem te disse isso, querida?

— Vocês estão, Cris? — ela insistiu, dando-me a certeza de que realmente havia sido Elizabeth, alguém que colocava medo o suficiente para que ela não respondesse à minha pergunta. — Você está namorando o meu pai?

Aproveitei o fato de Mike estar entretido com o *tablet* dele e chamei Emily para se sentar no sofá ao meu lado. Mesmo que de forma relutante, ela aceitou o meu convite.

Parte de mim queria responder com um “*sim, nós estamos*”, mesmo não sendo completamente verdade. Mas antes que eu pudesse fazer isso, a imagem de James surgiu em minha mente e me dei conta de que ele não iria gostar de uma resposta assim, de que eu comentasse sobre a nossa relação com a filha dele. Isso, definitivamente, não era a função de uma babá.

— Não, nós não estamos namorando, Emily — respondi, sentindo um gosto amargo na boca e, ao mesmo tempo, observando um alívio no rosto da criança. Mas, por algum motivo, eu prossegui, dizendo: — A gente só está se conhecendo melhor...

“A gente só está se conhecendo melhor?”

Como eu sabia que uma criança de nove anos de idade não conseguiria saber a diferença disso para um namoro, expliquei: — Quando duas pessoas se gostam muito, elas se conhecem melhor. E depois de um tempo, se tiverem muitas, muitas coisas em comum e se divertirem

juntas, começam a namorar.

Ela continuava em silêncio e, pela forma como me encarava, como se eu fosse uma bruxa maligna, soube exatamente o que devia estar pairando em sua mente.

Por mais que eu quisesse muito dizer a ela que ninguém nunca roubaria o lugar de Beatrice, sabia que não era assim tão simples. Não sabia nem se Emily compreenderia o que eu estava dizendo. E algo me dizia que trazer a mãe dela para a conversa a tornaria ainda mais pesada, era o tipo de coisa que só funcionava bem na minha cabeça e, na realidade, seria um enorme tiro no pé — assim como foi dizer que eu e o pai dela estávamos nos “*conhecendo melhor*”.

— Eu acho que o James vai lhe explicar isso bem melhor do que eu, querida — disse a ela, sem a mínima ideia de como finalizar aquele assunto. Tudo o que me restou, foi jogar aquela bomba prestes a explodir no colo de outra pessoa. — Eu vou pedir pra ele falar com você.

Ela não expressou nenhum de seus pensamentos, continuando monossilábica. E uma parte de mim sentiu que eu havia perdido todo aquele progresso que tínhamos feito. Eu não era mais a babá de quem ela havia aprendido a gostar, era apenas a mulher que estava tentando roubar o pai e apagar a memória da mãe dela.

Nunca pensei que Elizabeth pudesse jogar tão sujo a ponto de usar as crianças para me desestabilizar. Mas precisava admitir, havia sido uma jogada de mestre, o maldito xeque-mate. Eu fiz exatamente o que ela achou que eu faria, travei e falei algo idiota, praticamente confirmando a minha relação com James.

Depois de tudo o que eu havia dito a Emily, talvez James nem fosse dar continuidade ao que tínhamos e eu nem podia culpá-lo por isso. Aquela família já tinha problemas demais sem mim.

Como não me restava outra opção, usando o celular da babá, eu contei o que havia acontecido para o meu chefe. Optei por mandar mensagens de texto, pois não sabia se conseguiria explicar tudo em uma ligação ou pessoalmente, olhando diretamente para os olhos cinzentos dele.

Destaquei que ele precisaria conversar com a Emily para consertar uma burrada que eu havia feito.

Mandei um textão, que era finalizado com um “*DESCULPE*” em letras garrafais.

E como resposta, ele me enviou apenas um “*O.K., eu resolvo*”.

Se me restava alguma dúvida de que havia ferrado com tudo, aquelas palavras — ou a falta de outras — soaram-me como uma confirmação. Aquela resposta era praticamente um emoji de polegar, um maldito “beleza”.

Para complicar ainda mais toda a pressão existente em minha cabeça, eu não vi ou falei com James nos próximos dois dias.

Emily continuava me tratando diferente do habitual. Ela não chegava a me tratar mal como fazia na época em que eu cheguei ao país, mas também não era mais tão receptiva quanto vinha sendo.

A bruxa da Elizabeth continuava me dando ordens como se nada tivesse acontecido. E talvez fosse coisa da minha cabeça, mas parecia que ela estava até bem-humorada, dando sorrisinhos pelos corredores.

Como aquela conversa de James e Emily estava demorando demais para acontecer, comecei a desconfiar que o meu *rematch* se aproximava.

Pensei muito sobre isso, sobre a parte de encontrar uma nova família e continuar nos Estados Unidos por mais algum tempo, até completar o período de dois anos, que eu havia planejado inicialmente. E depois de passar uma tarde inteira refletindo sobre essas questões, eu cheguei à conclusão de que, na verdade, não ficaria.

Se James me demitisse, eu voltaria para o Brasil e enfrentaria todos os problemas que havia deixado lá. Finalmente agiria como uma adulta no que se referia ao fim do meu noivado com Fernando.

No entanto, a ideia de que deixei o Brasil para pegar todos os cacos do meu coração e juntá-los novamente me fez rir e, em seguida, começar a chorar, já que estava me dando conta de que voltaria ainda mais destroçada do que quando saí.

Liguei para Kells e contei tudo. Falei sobre o acidente, sobre as coisas que James me contou — precisei falar a respeito disso para explicar o motivo pelo qual Elizabeth estava tão empenhada em me destruir — e sobre a pergunta de Emily. No entanto, focamos mais na minha resposta, no erro que eu havia cometido.

— Ele vai pedir *rematch*, Kells — disse a ela, sentindo uma imensa vontade de chorar novamente. — Eu estou sentindo isso.

Eu também queria contar sobre a decisão que havia tomado mais cedo, de que não continuaria no país após a minha demissão, mas achei que era muita informação para muito

pouco tempo.

— Ele te disse alguma coisa? — ela indagou, deixando-me com a impressão de que não havia me escutado direito. — Ele deixou explícito que te demitiria?

— Ele não me disse nada e essa é a questão — respondi como se isso não fosse óbvio. — Você estava me ouvindo?

— Eu ouvi o suficiente pra dizer que você está surtando por nada, amiga — Kells retrucou, mantendo um tom sério e estranho, que não combinava com ela. — Ele nem te disse nada e você já está supondo que vai ser demitida.

— Mas...

— Você tem que parar de achar que é um objeto descartável, que alguém pode usar e jogar fora quando quiser — prosseguiu, deixando-me sem reação. — O problema não é o que essa criança mimada pensa e nem sobre o que a vagabunda da Elizabeth pode fazer contra você. O verdadeiro problema é esse seu complexo de inferioridade gritante.

Como eu fiquei em silêncio, ela completou: — Você tem que aprender a se valorizar, pois ninguém fará isso por você. Não há como esperar amor de outras pessoas se nem mesmo você se ama. E isso é uma coisa tão básica e idiota que eu nem sei o porquê de estar dizendo.

Depois de “*foca nesse problema, amiga*”, Kells desligou na minha cara. Ela, provavelmente, estava tentando fazer uma saída impactante, como se toda a nossa conversa já não tivesse sido.

Nos primeiros trinta minutos após a nossa ligação, eu odiei a Keli. Achei ridículo o fato de ela pensar que eu não me amava, que tinha baixa autoestima ou, como ela havia destacado, “*complexo de inferioridade*”. Eu a detestei por ter tirado o foco dos problemas que havia relatado a ela.

Eu me amava e nunca tive nenhuma dúvida disso.

Pelo menos, não até aquele momento, quando a minha amiga me trouxe essa dúvida.

Fiquei tão perturbada que senti vontade de retornar a ligação só pra deixar claro o quanto eu era bem resolvida comigo mesma, mas, enquanto pensava nas coisas que diria assim que ela atendesse, notei que os meus argumentos não eram tão bons quanto havia pensado.

Não tinha ideia por que me amava, não conseguia escolher muitas qualidades de mim mesma, com exceção do meu trabalho. Não conseguia citar míseras cinco partes do meu corpo

que eu gostava. E, principalmente, lembrei-me de todas as vezes que me envergonhei por coisas bobas como me despir em frente a James, dos questionamentos idiotas que sempre fazia, como o real motivo para que ele estivesse com “uma mulher como eu”.

Nunca foi apenas sobre as nossas classes sociais, essas questões sempre envolveram a minha aparência e o meu peso, por mais que eu continuasse repetindo como um mantra o quanto eu era bem resolvida com isso.

E, por mais que eu odiasse o estereótipo da gordinha com baixa autoestima, ali estava eu, tratando-me como se eu não tivesse valor.

Durante a toda a minha relação com James — que não era muito longa —, pensei inúmeras vezes que ele fosse me dispensar, tanto que o real motivo pelo qual havíamos transado pela primeira vez, era porque pensei que ele pediria *rematch* no dia seguinte e que eu nem precisaria revê-lo.

Liguei para a minha amiga, retornando a ligação.

Quando ela atendeu, não a acusei de estar errada, simplesmente disse: — E o que é que eu faço?

— Não tem uma receita de bolo pra isso — Kells respondeu, aparentemente feliz por eu não estar com raiva dela. — Mas parar de questionar o motivo de alguém gostar de você me parece uma boa forma de começar.

A verdade é que eu não precisava de uma resposta. O mais difícil, que era assumir que eu realmente tinha um problema de autoaceitação, eu já tinha feito.



Na manhã seguinte, após refletir sobre a conversa que havia tido com Kells, deixei de pensar em *rematch* e na própria possibilidade de ser mandada embora. Não me preocuparia com isso até que tivesse evidências reais — algo que eu ainda não tinha, diga-se de passagem —, como havia sido aconselhada.

Peguei o celular da babá e encarei a última mensagem que James havia me enviado, o seu “O.K., eu resolvo”. Pensei em mandar “*bom dia*” ou qualquer outra coisa para chamar a atenção dele, algo que me desse a certeza de que estávamos mesmo bem, mas acabei desistindo.

Como estávamos no sábado e as crianças não tinham escola, o meu dia foi um pouquinho mais corrido. Esforcei-me para fazer algumas atividades “educativas”, como Elizabeth adorava destacar, mas as crianças não pareciam muito dispostas, principalmente a mais velha, que ficou entretida com o celular durante toda a manhã.

No período da tarde, não foi muito diferente: Mike ficou com os brinquedos dele e Emily continuava me ignorando. E essa atitude me fez pensar que a qualquer momento, ouviria um “idiota” dela, assim como acontecera em minha primeira semana nos Estados Unidos.

Tudo parecia um enorme retrocesso e isso me entristeceu demais. Não era apenas porque se tratava do meu trabalho, mas porque já havia me afeiçoado às crianças. E a minha relação com Emily estava tão boa.

— Ralaxe, Cris... Ela vai superar isso — Mary comentou ao notar a minha expressão de velório, assim que entrei na cozinha. — Crianças são ótimas nisso, quem não costuma perdoar somos nós, adultos.

Eu tinha contado a ela sobre o que havia acontecido. Juntamente com Kells, a cozinheira era uma das poucas pessoas em que eu confiava e me sentia à vontade para desabafar. Na casa mesmo, não existia mais ninguém com quem eu pudesse fazer isso.

Até mesmo Robert, o motorista, parecia se posicionar mais ao lado de Elizabeth. Ele não tinha me dito nada, mas, às vezes, sentia que me encarava como se eu fosse uma golpista, que estava tentando subir na vida transado com o chefe.

— Eu só vou relaxar quando o James conversar com ela e esclarecer tudo — respondi enquanto pegava um pouco de água no filtro.

— Você acha mesmo que ele vai? — Depois de alguns segundos em silêncio, ela completou: — Conversar com a filha sobre vocês?

Há menos de vinte e quatro horas, a minha resposta seria um grande “*não, ele não vai*”, mas depois de minha conversa com Kells, notei que estava me pilhando demais, sofrendo por coisas que poderiam nem acontecer.

Então, agora estava na fase de me esforçar para tentar ser positiva.

— Eu acho sim... — disse, levando o meu copo até a pia. — Nem que seja pra dizer que não há nada entre a gente.

Ficaria para lavar o copo que acabara de sujar, mas ouvi uma voz familiar lá na sala. E isso me fez deixar a cozinha rapidamente, para ir verificar se os meus ouvidos não estavam tentando

me pregar uma peça.

Assim que adentrei o cômodo, avistei um homem engravatado cercado por duas crianças.

Era a primeira vez que via James desde o dia em que conversamos sobre a esposa dele, então aquela imagem me impactou.

Os olhos claros dele voaram na minha direção.

Eu não sabia se dizia um “*boa tarde*” ou se voltava a apelar para o “*senhor King*”, soando de uma maneira formal. Naquele momento, nenhuma dessas duas opções me pareceram boas.

— Oi — sussurrei, assim que me aproximei deles.

Emily me lançou um olhar feio, como se eu fosse engolir o pai dela a qualquer momento.

— Por que você não leva o Mike lá pra fora? — ele comentou, deixando claro que queria ficar a sós com a filha mais velha. Assim que balancei a cabeça, confirmando de forma silenciosa, ele prosseguiu: — E, oi.

Tive a impressão de ver uma espécie de sorriso na expressão dele, enquanto ele respondia ao meu “oi”. Se havia sido mesmo real, eu não tinha ideia.

— Vamos colocar o seu barco na água da piscina? — perguntei para o menorzinho, com uma expressão animada.

— É um navio! — ele me corrigiu, levantando-se no mesmo instante.

Eu sempre o impedia de fazer isso, com medo de que ele pudesse cair e se afogar. Mas, dessa vez, precisava levá-lo para longe do pai e, como a presença de James não era algo comum, precisei recorrer a algo extremo, que valesse a “troca”.

Enquanto brincávamos com o barquinho ou navio — de acordo com Mike —, Elizabeth passou pela gente e ignorou completamente a cena que estávamos protagonizando.

Se fosse uma ocasião normal, ela apontaria o quanto eu estava sendo irresponsável por me sentar na beirada da piscina e ficar assistindo um barco de plástico boiar na água. Mas como ela provavelmente viu o carro de James, não quis perder tempo com a gente, indo direto para dentro da casa.

Ficamos na beirada da piscina por uns vinte minutos. Ficaríamos mais tempo se Mike não se cansasse e corresse na direção da casa.

Felizmente, James e Emily já haviam terminado de conversar. Estavam sentados no sofá.

Elizabeth estava no corredor, próximo da cozinha, observando os dois. Assim que entrei, ela começou a andar, fingindo que não estava bisbilhotando o nosso chefe.

Mike se juntou ao pai e à irmã no sofá. E não demorou muito para que ele e Emily se estranhassem, principalmente quando o menorzinho secou o barco de plástico molhado no vestido dela.

Aproximei-me para contê-los, mas ele fez um sinal com a mão para que eu não me aproximasse. Então, fiquei parada em frente a eles, sem saber o que devia fazer.

— A Emily tem uma coisa pra te dizer — o meu chefe comentou, roubando a minha atenção no mesmo instante. Ele voltou os seus olhos na direção dos da filha, que eram da mesma tonalidade e sussurrou: — Então...

A garotinha loira encarou-me de forma contrariada e disse: — me desculpe.

Os dois estavam agindo como se eu soubesse exatamente o que estava acontecendo, mas eu não sabia, não tinha ideia por que ela estava se desculpando e, principalmente, o motivo pelo qual James a forçava a fazer isso.

— Você não precisa se descul...

— Ela precisa sim! — James me cortou, com uma firmeza na voz que eu não estava acostumada a ouvir. Ao mesmo, não nos últimos tempos.

Emily abaixou o olhar e se afastou, provavelmente indo para o quarto.

Mike se levantou do sofá com o barquinho, mas antes que ele pudesse se afastar, disse: — Nem pense em chegar perto da piscina com isso.

Foi algo automático.

Com uma expressão frustrada — típica de quem havia acabado de ter a diversão completamente destruída pela babá chata, que no caso era eu —, Mike pegou alguns dos brinquedos dele e também subiu em direção ao quarto.

Assim que as crianças estavam longe o suficiente para não conseguirem nos ouvir, virei os meus olhos para King e me liberei de um questionamento: — Por que você pediu pra ela se desculpar comigo?

— Ela meio que te chamou de alguns nomes ruins enquanto a gente conversava — ele revelou, não me surpreendendo. — E eu achei que cabia um pedido de desculpa.

— Eu não deveria ter dito nada quando ela me perguntou...

— Não faria diferença — ele me interrompeu outra vez. — Ela ouviu de alguém que você estava namorando comigo e que, muito em breve, seria a nova mãe dela.

Elizabeth.

Eu não precisava nem perguntar.

E realmente não o fiz.

— A gente estava se dando tão bem, James... — comentei, lamentando toda aquela situação. — Acho que em um determinado momento, ela realmente gostou de mim.

— Creio que ela ainda goste ou teria dito todas aquelas coisas ruins diretamente a você — ele respondeu, não me passando muita confiança. — Ela só está confusa, é só isso.

Depois de alguns segundos em silêncio, disse, de forma hesitante: — Eu não deveria ter me relacionado com você. — A minha frase, como era de se esperar chamou a atenção dele de imediato. — Isso está atrapalhando demais o meu trabalho. Está me fazendo ser péssima em algo que eu sou muito boa.

— A culpa é minha — James disse ainda me encarando. — Eu avancei o sinal.

— Avançou mesmo — respondi, não contendo um sorriso frustrado. — Mas eu continuei parada, esperando você me atingir... Também tenho culpa.

O meu complexo de inferioridade — agora eu o reconhecia perfeitamente bem —, estava gritando coisas como “*eu sou o erro*” e “*isso nunca daria certo*”.

— Isso não vai dar certo — disse, sentindo o meu estômago congelar. E, então, a minha mente me bombardeou com “*encerre isso logo*”. E o olhar de James mostrou-me que ele também devia estar esperando a mesma coisa de mim. Então decepcionei ambos, ao pronunciar: — Mas eu gosto demais de você pra colocar um fim... Eu não vou terminar.

A minha última frase foi mais pra mim mesma do que pra ele.

Eu não terminaria, independentemente de achar que não daríamos certo.

— E nem eu — ele disse, como se estivesse hipnotizado por mim. — Passei os últimos dois dias pensando no que deveria fazer, se devia mesmo continuar com isso, se era certo envolver os meus filhos e... Eu ainda não sei a resposta. Tudo o que eu sei, é que quero você.

Antes que a incerteza me encontrasse e me fizesse pronunciar um “*tem certeza?*”, o rosto

dele se aproximou do meu, unindo-nos em um beijo que roubou o restante do fôlego que eu possuía.

— E o que a gente faz, senhor King? — indaguei, forçando um sorriso que quase soou triste.

— Eu não sei, mas encontrar a resposta com você será mais fácil e divertido do que fazer isso sozinho — ele respondeu, retribuindo o sorriso e, diferente do meu, o dele me dava certeza do quanto ele estava empolgado por aquela nova aventura.

Notei que a expressão do rosto dele continuava tensa.

— Há mais alguma coisa te incomodando?

— Na verdade há sim... — Ele parecia receoso, como se estivesse decidindo se me contava ou não. — Algumas das joias da Beatrice sumiram... Elizabeth me contou assim que eu cheguei.

— Como assim sumiram?

— Não faço ideia, esse tipo de coisa nunca aconteceu antes e nós não temos nenhum funcionário novo por aqui.

Eu era a funcionária mais nova na mansão.

— Elas não fazem nenhuma diferença pra mim, mas... Eu tenho certeza que Emily iria querer essas coisas quando crescesse, já que eram da mãe dela.

— Claro... A pobrezinha já fica feliz só em ver aquela foto — comentei, lembrando-me da expressão dela no aniversário de nove anos, ao observar o porta-retratos. — Eu não sei nem o que te dizer... Eu conheço praticamente todo mundo aqui e, sinceramente, não acho que alguém faria isso.

— Eu não sei mais nem o que pensar — ele respondeu, antes de pegar a minha mão. — Mas não quero que você fique se pilhando com isso... Deixa que eu resolvo, O.K.?

— O.K.

Capítulo 25 — Status de Relacionamento

Ouvi-lo dizer que também não queria acabar com o que nós tínhamos foi como observar um capítulo se encerrar. E com o fim dele, a maior parte das minhas inseguranças partiram também.

Obviamente, um ou outro pensamento sempre aparecia para me atormentar, mas deixei de dar atenção a isso. Mais do que nunca, eu estava disposta a não dar mais vida aos meus maiores medos. Enfrentaria tudo como uma adulta e não tornaria a fugir, assim como vivia fazendo lá no Brasil.

As coisas com Emily não se consertaram em um passe de mágica. Tinha experiência suficiente com crianças para saber que isso dificilmente aconteceria. James confirmou o nosso relacionamento para a filha e isso deixou tudo ainda mais tenso do que já estava, ao menos durante a primeira semana, o tempo que ela levou para perceber que eu não roubaria o seu pai ou apagaria de sua mente a memória de sua mãe.

Durante esse período, nós não tivemos nenhum sinal das joias de Beatrice. Como não existiam câmeras na parte interior da mansão, James não tinha ideia de quem havia sido. Até porque, como ele mesmo destacou no dia em que me contou, nunca havia acontecido uma coisa assim antes e a última contratação havia sido a minha.

Os funcionários fofocavam sobre o furto, tornou-se o assunto do mês. Eu fiz questão de me manter fora dessas conversas — não que algum deles quisesse conversar sobre o assunto comigo, a babá safada que estava transando com o patrão. A única exceção continuava sendo Mary, que me tranquilizava dizendo coisas como *“logo o pessoal se acostuma com a ideia e deixam você em paz”*.

Eu não tinha tanta certeza assim, já que nem mesmo Robert continuava a me tratar bem. Ele não sorria mais, limitava-se apenas a me levar e a me trazer da escola. E esse clima estranho fez com que eu não me sentisse à vontade nem mesmo para pedir pra que ele me levasse à casa de Kells nas minhas folgas.

O lado bom — eu podia mesmo dizer que existia um? — era que a minha relação com James só melhorava.

O loiro sempre dava um jeitinho de chegar mais cedo em casa. Ele passou a ser mais

presente no dia a dia das crianças e isso fez com que eu percebesse que ele tinha ouvido aquele meu conselho, aquele dado no dia em que ele me contou toda a história envolvendo a morte trágica de Beatrice.

— O que você acha de a gente fazer uma viagem? — ele comentou no final da semana, com os olhos voltados para o teto do meu quarto. Como fiquei em silêncio, sem saber o que responder, os olhos claros dele se voltaram na minha direção. — Eu estou falando sério!

Locomovi-me sobre o colchão, chegando mais perto de seu corpo, coloquei a minha mão direita sobre o peito nu dele e sorri, imaginando-nos em uma praia paradisíaca qualquer. Apenas nós, as crianças e o mar.

Seria perfeito.

Perfeito demais para ser verdade.

— Uma viagem? — indaguei, realmente não levando aquilo a sério. — Eu acho incrível... — Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, completei: — Incrivelmente improvável.

Ele fez uma careta e então respondeu: — Seria ótimo pra melhorar as coisas entre você e Emily. — James não me deixou dizer que mesmo passando a semana inteira com ela sentada sobre a areia da praia, as coisas não melhorariam assim tão facilmente, como ele estava pensando. — Acho que ela precisa enxergar você como a Cristine e não como a babá chata que está namorando o pai dela.

Aquela palavra, o “namorando”, me pegou de surpresa.

— É isso o que a gente está fazendo? — indaguei, não perdendo a oportunidade. — Namorando?

James esticou os lábios em um sorriso irresistível, que me fez querer beijá-lo.

— Eu já conheci cada pedacinho do seu corpo e como estamos nos divertindo muito, eu acho que sim — ele respondeu, fazendo uma clara referência à explicação de namoro que dei para a filha dele no dia em que Elizabeth deu com a língua nos dentes.

— A gente está se divertindo mesmo, não é? — sussurrei, antes de beijá-lo, sentindo aqueles lábios macios. O cheiro amadeirado do perfume dele me enlouquecia, fazia com que eu quisesse subir no corpo dele e me acabar em cima daquela cama. — Se divertindo tanto... — Antes que estendêssemos aquilo e a gente começasse a transar, eu interrompi: — Mas preciso acordar cedo amanhã... Se me atrasar, o meu chefe me mata.

Ele revirou os olhos assim que ouviu a palavra “*chefe*”.

— Eu tenho as minhas dúvidas sobre essa última parte — ele retrucou, colocando a mão sobre a minha coxa. — Talvez o seu chefe seja um cara bem compreensivo, que não se importe de você se atrasar um pouquinho porque madrugou transando com o seu namorado.

Dessa vez, fui eu a pessoa a revirar os olhos e rir.

Ele era ótimo de papo.

— Eu duvido, ele é muito exigente... Detesta funcionários inúteis — argumentei, afastando-me dele para não correr o risco de ser puxada de volta. Levantei-me da cama e, assim que cheguei até a porta do quarto, me virei para me despedir: — Boa noite, senhor King.

Capítulo 26 — Um Brinde Aos Finais Felizes

Nas duas semanas seguintes, tudo ocorreu estranhamente bem.

Como nem tudo poderia ser perfeito, existiam apenas duas pequenas exceções.

A primeira delas, devia-se ao fato de as joias de Beatrice ainda não terem aparecido. Como elas sumiram — ou quem as pegou — ainda era um mistério e motivo de teorias por parte dos funcionários da casa.

E os demais empregados eram justamente a segunda. Com exceção da cozinheira, eles todos continuavam me tratando diferente. Não estava sendo “maltratada” por ninguém, mas era algo estranho, como se todos evitassem ficar perto de mim e não conseguissem manter uma conversa por mais de dez segundos. Eles mal me cumprimentavam. E, às vezes, tinha a impressão de que sentiam medo de mim.

Do lado positivo dos acontecimentos, Beth não estava pegando tanto no meu pé. Aparentemente, a governanta se deu conta de que não poderia continuar minando o meu caminho. Ela deve ter notado que independentemente do que fizesse para me prejudicar, James continuaria comigo.

Emily, ainda que não estivesse completamente bem com o fato de eu estar namorando o pai dela, já não estava tão distante quanto quando descobriu essa informação através da boca de Elizabeth.

E, é claro, a minha relação com James só melhorava. Ele conseguiu manter a promessa de ser mais presente na vida das crianças e, conseqüentemente, na minha. Estávamos passando todos os domingos juntos — além das madrugadas no meio da semana, é claro — e enquanto estávamos juntos, só nós quatro, eu não me sentia como a babá ou uma funcionária qualquer. Eu era parte daquilo.

— Daqui quatro meses fará um ano que estou aqui nos Estados Unidos — comentei, voltando o meu olhar para a minha amiga. — Um ano, Kells... Dá pra acreditar?

Ela riu e balançou a cabeça, confirmando, antes de me responder: — Dá sim, pois quando fizer um ano que você está aqui, eu estarei completando dois.

Infelizmente, eu sabia o que aquilo significava.

E, definitivamente, não era um motivo para comemoração.

Em quatro meses, o visto de Kells estaria vencido e ela teria que voltar para o Brasil.

— Você ainda pode trocar o seu visto do Go Baby por um de estudante e ficar por mais um tempo — disse a ela, lembrando-a daquela alternativa, uma que a ruiva fingia não existir. — Não é o ideal, mas...

— Eu não tenho como me manter aqui, Cris... — ela rebateu, forçando um sorriso. — Não sem um emprego e um visto de estudante não me permite trabalhar. — Antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, ela completou: — É melhor eu aceitar logo que vou ter que voltar... Será mais fácil assim.

Estávamos evitando falar sobre esse assunto há algum tempo. Kells estava tão desiludida com tudo que parecia ter aceitado a derrota sem lutar, nem parecia mais com aquela garota que eu conheci naquele encontro de brasileiros, a mesma que costumava ficar atrás de gringos ricos para ganhar um visto permanente.

— Chega de falar de mim... E você, amiga? — ela disse, arrancando-nos daquele assunto triste. — Vai renovar o contrato com o King?

Eu forcei um sorriso e balancei a minha cabeça, confirmando positivamente.

— Eu até pensei em encontrar outra família, quebrando essa coisa de chefe e funcionária, mas isso também significaria menos tempo com ele e as crianças... E, de verdade, eu não quero me afastar deles — respondi a pergunta, realmente decidida sobre permanecer na mansão.

Eu estava cansada de complicar as coisas na minha vida.

Dessa vez, simplificaria tudo.

— Mas quando o segundo ano chegar ao fim pra mim também...

— Eu tenho certeza de que aquele cara não vai te deixar ir embora, Cristine — ela me interrompeu, de forma séria. — Eu aposto até em pedido de casamento.

Revirei os meus olhos para aquele comentário bobo sobre casamento. No entanto, pela primeira vez em muito tempo, eu não estava duvidando de mim mesma e do valor que a nossa relação tinha para o James.

— Você conseguiu um GRG, amiga. E agora vai ter um final feliz... Aceita! — Kells completou, fazendo-me sentir um aperto no coração.

Era difícil não me sentir mal por ela, sabendo que em muito pouco tempo nós nos despediríamos e que o sonho dela de viver ali terminaria.

— Seria mais incrível ainda se você resolvesse tirar a porcaria do visto de estudante e ficasse aqui comigo — disse, insistindo naquela ideia, uma que eu realmente considerava boa. — Eu já disse que posso te ajudar a se manter por um tempo, até pensarmos em uma boa alternativa.

— Eu não vou aceitar o seu dinheiro... — ela tornou a recusar, exatamente como aconteceu na última vez que eu lhe dei essa ideia. — Esquece isso, garota!

Mesmo explicando pra Kells que eu ganhava bem — e que já tinha juntado uma boa grana nos últimos meses trabalhando pro James —, ela insistia em recusar a minha ajuda. Mas, no fundo, eu não podia culpá-la por isso, pois também era muito orgulhosa e tinha certeza de que se estivesse no lugar dela, também não aceitaria.

— Talvez eu encontre um rico gostoso lá no Brasil — ela brincou, sorrindo. — Claro que não será a mesma coisa, mas eu até que posso me acostumar com essa ideia.

Ergui o meu copo e disse: — Então, vamos fazer um brinde a essa nova fase das nossas vidas. — Depois de pensar um pouco, acrescentei: — Aos finais felizes.

— Já estou me sentindo a própria Cinderela — ela respondeu, erguendo o seu copo também. — Saúde!

Capítulo 27 — Brilhantes

Diferente dos outros domingos, James passou a tarde inteira trancafiado dentro do escritório.

Aparentemente, estava cheio de pendências e precisou trazer trabalho para casa. Como essa era a primeira vez que ele fazia isso desde que adotou a nova rotina — uma que sempre reservava um tempo para as crianças —, não me importei.

No finalzinho da tarde, mandei-lhe uma mensagem pelo celular da babá.

Se Beth desconfiasse da utilidade que demos ao aparelho, desejaria nunca ter me entregado.

“Está precisando de uma ajudinha adicional aí, chefe?”.

Ele demorou quase trinta minutos para me responder.

“NÃO! Se você entrar aqui, eu vou me desconcentrar e não vou mais conseguir fazer nada além de olhar pra você, minha delícia.”

Mandei um emoji de coração, seguido por *“só estou tentando ser útil”*.

Dessa vez, ele respondeu rapidamente.

“Eu já estou quase terminando. Por que você não me espera lá no meu quarto? Sei exatamente como você pode ser útil.”

Não aguentei e respondi com *“você está me dizendo que a minha única utilidade é sexo?”*, fazendo uma problematização boba.

E, como eu imaginava, ele se embananou todo para responder.

“Não foi isso o que eu disse. Eu só estava tentando ser sexy e você acabou com tudo, Cristine Alves.”

Eu ri sozinha, olhando para a tela do meu celular.

“Estou só brincando seu bobo.”

PS: não demora muito.”

Depois de enviar a mensagem, já comecei a pensar o que deveria usar.

A minha ideia principal era não usar nada, simplesmente ficar completamente nua em cima da cama dele. No entanto, se outra pessoa entrasse no quarto de James antes dele, a minha surpresinha se transformaria em um desastre catastrófico.

Fui até o meu guarda-roupa e comecei a procurar uma coisa que me deixasse bonita e, ao mesmo tempo, bem sexy. Aquele lance do “*vadia comportada*” que Kells havia me sugerido no dia em que fomos até aquela boate, exatamente quando as coisas entre mim e James mudaram.

Não peguei um vestido, ainda me achava horrível neles. E sabia que levaria um tempinho até que isso deixasse a minha mente.

Infelizmente, amor próprio é um processo longo.

Uma cansativa escalada.

Obviamente, a ideia do “*vadia comportada*” não funcionou muito bem. Então, no fim, eu optei por usar um jeans preto e uma camiseta branca com uma estampa de gato — uma que a minha mãe sempre afirmou ser horrível.

Concentrei-me mais na escolha da lingerie. Coloquei várias em cima da minha cama, mas nenhuma delas parecia ser a certa. E enquanto as encarava, lembrei-me de um conjuntinho vermelho que estava dentro da minha mala, entulhado com o restante das coisas que eu não usava muito.

Como eu a guardava em um compartimento do guarda-roupa — em um local onde eu mal alcançava —, tive um pouquinho de trabalho para tirá-la de lá.

E ao abri-la foi impossível não me chocar.

Instantaneamente, identifiquei um monte de coisas brilhantes espalhadas por entre as minhas roupas.

Não precisei pensar muito para saber que se tratavam das joias de Beatrice.

E simplesmente não fazia sentido.

Primeiro porque eu não havia pegado e segundo porque havia mexido naquela mala há menos de uma semana — quando as joias já estavam desaparecidas — e não havia nada ali dentro.

Evidentemente, tinha alguém tentando me incriminar.

A minha mente gritou: “*ELIZABETH*”.

Eu me apavorei completamente.

Em alguns poucos minutos, James apareceria e encontraria as joias da esposa falecida dele comigo.

Enquanto encarava um anel de brilhantes, pensei em simplesmente levar as joias até o quarto dele e guardá-las em algum canto por lá. Se elas não estivessem no meu quarto, Beth não poderia me acusar de nada.

Mas antes que eu pudesse colocar a mão em uma delas para tirá-las da minha mala, fechei os meus olhos e notei o quanto estava sendo idiota por cogitar uma ideia daquela.

Eu não havia roubado nada, não tinha motivos para me pilhar com aquilo e, principalmente, para não contar a James o que acontecera.

Desci até o primeiro andar e parei em frente a porta do escritório de James.

O meu coração estava tão disparado que tinha medo de não conseguir falar e de que o meu nervosismo fizesse com que ele desconfiasse de mim.

“*Você só precisa dizer a verdade, Cristine*” disse a mim mesma, na esperança de me acalmar.

Mesmo com o nosso novo relacionamento, eu não tinha costume de entrar ali, estava bem mais habituada a visitar o seu quarto, principalmente no meio da noite.

Como não poderia continuar ali parada, simplesmente respirei fundo, puxando o máximo de ar, e entrei.

Assim que eu o fiz, cheguei à conclusão de que deveria ter batido.

— Desculpe... — sussurrei, assim que cruzei a porta. — Eu me esqueci de bater...

James voltou as suas esferas cinzentas na minha direção e respondeu, com uma voz séria: — Então da próxima vez, bata, mocinha! — Antes que eu pudesse pensar que ele havia ficado bravo, o loiro sorriu e completou: — E se eu estivesse aqui com outra mulher?

— Eu... eu...

Não estava nem conseguindo responder à piadinha que ele havia feito. E ele não demorou muito tempo para notar todo o meu desconcerto.

— Aconteceu alguma coisa? — King indagou, levantando-se da poltrona.

Balancei a minha cabeça, confirmando: — aconteceu.

— Então?

Demorei uns dez segundos para voltar à realidade e responder, dizendo: — Eu acho melhor te mostrar.

Depois de dizer isso, simplesmente comecei a caminhar em direção ao meu quarto, que ficava no segundo andar da mansão, e James me seguiu.

Assim que cruzamos a porta e observei todas aquelas lingerie jogadas sobre o meu colchão, eu me detestei por não ter limpado aquilo primeiro. Fiquei tão chocada com o lance das joias que nem pensei nisso.

Ele olhou para a minha cama e não entendeu.

— Se a sua intenção era foder comigo, não precisava ter feito tanto suspen...

— Dentro da mala — disse, interrompendo-o. — Olha dentro da mala.

Ele se aproximou da cama e finalmente viu aquilo que continuava a me aterrorizar.

— Eu estava escolhendo uma... Enfim, eu as encontrei aí dentro e...

“*Não fui eu*” disse mentalmente, não conseguindo dizer em voz alta.

Era uma situação constrangedora demais.

Aproximei-me da cama também, parando bem ao lado de James. Ele voltou aquelas lanternas acinzentadas para o meu rosto e isso me deixou ainda mais grogue.

— Eu juro que n...

— Você não precisa nem terminar essa frase — ele respondeu, calando-me. E ainda em um tom sério, ele completou: — Eu sei que não foi você.

Ouvir a sua última frase, fez com que uma sensação de alívio corresse por todo o meu corpo.

— Eu conheço o seu caráter e... — ele riu, interrompendo a si mesmo.

Isso me deixou curiosa a ponto de indagar: — O quê?

— Não me leve a mal, delícia. Eu amo você assim, mas... Você está usando uma

camisetona de gato, jeans batido e eu tenho certeza de que esse pingente amarelado no seu pescoço não é de ouro... — Ele apontou para as joias de Beatrice. — Isso aqui não faz muito o seu estilo.

Ouro? Se aquele pingente arranhasse a minha pele, era perigoso me dar tétano.

— Seu babaca! — disse, levando o comentário dele de forma ofensiva. — Você literalmente disse que eu me visto mal.

— Negativo... — ele se defendeu, rindo. James deu um passo, aproximando-se ainda mais de mim. — Eu disse que te amo, até com essa camiseta feia.

Ele me beijou e enquanto a sua língua explorava a minha boca, eu me esqueci até do motivo pelo qual ele estava ali no meu quarto. Se quando os nossos rostos se afastaram, o olhar dele não tivesse ido pra mala com as joias, eu nem me lembraria delas.

James mexeu na minha mala por alguns minutos e constatou que a maior parte das joias de Beatrice estava ali dentro, que faltava apenas o anel de noivado — a joia mais valiosa — e um colar de pérolas.

Depois de olhar para elas por um tempo, ele fechou a minha mala e disse para eu colocá-la exatamente no lugar de onde havia tirado.

— Você não vai levá-las de volta pro seu quarto ou pra algum lugar mais seguro?

— Não, eu não vou — ele respondeu, com aqueles olhos claros fixos em mim. — Alguém as colocou aí por um motivo, não foi? Então, eu vou deixar que, quem quer que seja, prossiga com isso.

ELIZABETH.

Por mais que a minha mente gritasse o nome da cretina repetidamente, optei por não dizer nada ao meu namorado. James estava certo, e se tivesse sido mesmo ela, muito em breve nós dois saberíamos.

Assim que eu guardei a mala dentro do guarda-roupa, exatamente como James havia me instruído, tornei a me aproximar dele e, conseqüentemente, do colchão enfeitado com inúmeras lingerie.

— Eu gostei dessa aqui — James apontou para um conjuntinho preto de renda com cinta-liga.

Foi impossível não corar.

Mas, mesmo envergonhada, respondi: — Quer que eu a coloque pra você?

— Quem sabe outro dia — ele respondeu, antes de me tirar do chão, sem nenhum aviso.
— Hoje não estou com muita paciência pra esperar.

Voltei o meu olhar pra ele, agora que nossos rostos estavam tão perto um do outro e indaguei: — E o seu trabalho lá na mesa do escritório?

— Vai continuar lá, até eu terminar esse trabalho aqui.

Capítulo 28 — Ansiedade e Banheiras

James me carregou até a cama dele.

E, sentada sobre ela, eu o assisti se livrar de toda aquela roupa formal. Primeiro a sua camisa, cujos botões sendo desabotoados transformaram-se em uma tortura de assistir. Em seguida, a cinta, instantes antes de ele arrancar a calça, dando-me uma boa visão do caralho duro marcando na cueca preta.

Diferentemente de James, não fiz tanta cerimônia para tirar a minha roupa. Em parte porque não sabia fazer aqueles espetáculos sexys e, também, infelizmente, porque essa ainda era uma parte complicada pra mim — simplesmente, despir-me na frente dele —, então queria fazer isso logo, não dar tempo para a minha mente ferrar com tudo.

Era a única forma de acabar com todas as vozes negativas em minha cabeça.

O loiro subiu em cima do colchão e me deitou aos beijos, ficando por cima de mim, sobrepondo-se com aquele seu corpo grande e imponente. Suas mãos foram dos meus cabelos aos meus seios e, enquanto ainda sentia aqueles lábios nos meus, estiquei o meu braço e senti o membro dele por cima do tecido da cueca boxer.

— A gente acabou de descobrir que alguém provavelmente vai tentar me incriminar com aquelas joias... — comentei, lembrando o que havia acontecido mais cedo, lá no meu quarto.
— E estamos aqui?

— É, minha delícia, nós estamos aqui... E, pelo jeito, eu não sou o único querendo te foder nessa casa — ele respondeu, arrancando-me um sorriso. Somente James era capaz de me fazer rir de uma coisa daquelas. Ele ficou sério, antes de completar: — Mas até lá, enquanto a pessoa não se mostrar pra gente, não temos como saber quem é. — Ainda com o sorrisinho safado nos lábios, ele tornou a falar: — E foder é uma ótima forma de esperar, não é?

Eu sabia quem havia plantado aquelas joias no meio das minhas coisas.

Elizabeth.

No entanto, achei melhor ocultar essa informação. Até porque, se fosse mesmo ela, saberíamos logo. Deixaria James ver com os próprios olhos.

— Não consigo pensar em nada melhor — respondi, encerrando aquele assunto e

concentrando-me apenas em seu corpo.

Ele se levantou e pegou um preservativo. O meu namorado abaixou a cueca e encapou o seu membro, antes de retornar à cama, pronto para me foder — felizmente, de uma forma mais prazerosa do que Beth estava planejando fazer.

Assim que ele subiu no colchão, indaguei: — Não vai nem me agradar um pouquinho antes, senhor King?

Ele riu e respondeu: — Não.

James se abaixou, colocando a cabeça no meio das minhas pernas. E antes de mergulhar em mim, ele completou: — Não vou só te agradar, vou te deixar toda melecada.

Então ele me lambeu com vontade, sem tirar os olhos cinzentos do meu rosto. Senti a sua língua gulosa tocando nos lábios da minha vagina e fiquei completamente tensa. Ele fez com calma, deixando-me aproveitar a sensação, arrepiando-me a cada novo toque.

A barba dele, que raspava constantemente contra o meu sexo, os seus olhos, que continuavam fixos em mim, e a sua fome, “melecaram-me” rapidinho.

Irritava-me o fato de aquele ser um jogo fácil demais para ele.

James sabia como brincar com o meu corpo. Às vezes, era como se o conhecesse melhor do que eu. Ele sabia onde e como me tocar, a intensidade correta para cada um dos movimentos e até mesmo as pausas, permitindo que eu gemesse alto e respirasse ofegante.

Era como uma canção — uma bela canção.

Talvez eu fosse mesmo inexperiente.

Ou talvez ele é que fosse muito bom.

Antes que eu chegasse a uma conclusão satisfatória, o safado introduziu dois dedos em mim e os movimentou, arrepiando-me todinha.

Ele era tão bom em ser mau.

Nesse meio tempo, tornou a me chupar, cumprindo sua promessa de me fazer gozar. O orgasmo encontrou-me rapidamente, enquanto os seus dedos continuavam a se movimentar dentro de mim. Sentia-me aberta e, ao mesmo tempo, completa. Uma montanha-russa de sensações das quais apenas ele era capaz de me fazer sentir.

James abriu ainda mais as minhas pernas e tornou a me engolir, “linguando-me” antes de

esticar a mão esquerda, levando-a até o meu seio, que ele apertou.

— Eu já disse hoje que você é linda? — ele perguntou, enquanto ainda me dedava.

Só não ri alto porque estava ocupada demais gemendo, entretanto isso não me impediu de lhe responder: — Você já me trouxe pra cama, James King, não precisa me elogiar mais, seu bobo.

— Mas foi por isso mesmo que eu te trouxe pra minha cama, porque você é linda...

Ele deixou as minhas pernas. E em poucos segundos, senti o seu membro deslizando pra dentro de mim, invadindo-me. Com James por cima, os nossos corpos finalmente se encaixaram.

— Eu já agradei demais essa boceta, tá na hora de judiar um pouquinho dela... — ele sussurrou, antes de começar a movimentar o quadril. — Ou ela vai acabar ficando mimada.

Se ele soubesse o quanto aquele seu “judiar” era prazeroso pra mim, notaria que, de ambas as formas, no final, eu acabaria muito mimada.

Ele meteu com força e, uma vez mais, não controlei os sons da minha boca.

Sentia o seu caralho entrar e sair de mim. E conforme as estocadas se intensificavam, ouvia o barulho dessas colisões poderosas. Era primitivo e divino. Estávamos entregues aos nossos instintos mais animais, mas, mesmo assim, a sensação que isso proporcionava era mágica, de outro mundo.

Mudamos de posição.

James me pegou de lado.

Ele ergueu uma de minhas pernas e, novamente, encaixou o seu cacete, tornando a meter. As metidas eram tão intensas que levei a minha mão até o meu sexo, em uma falha tentativa de controlar o ritmo das estocadas. Mas só serviu para que eu sentisse, através do tato da minha mão, o pau dele entrando e saindo.

Ele beijou o meu pescoço e mordiscou a minha orelha.

— Tô quase... — ele sussurrou ao pé do meu ouvido.

E, no mesmo instante, isso fez com que eu me afastasse, desencaixando os nossos corpos.

A princípio, ele não entendeu. Encarou-me como se eu tivesse acabado de tirar um pirulito da boca dele, roubando o seu doce.

Eu me virei para o membro imponente dele e arranquei o preservativo melecado de porra. E, sem nem pensar, abocanhei aquele caralho, fazendo com que ele gemesse alto, finalmente compreendendo o que eu queria.

Chuei a cabeçona rosada e fiz movimentos de vai e vem, masturbando-o. Ele fechou os olhos e relaxou, deixando-me conduzir. Lambi toda a extensão daquele caralho, sentindo as veias saltadas em minha língua.

Estava tão duro e quente.

E pela expressão do rosto dele — e aquele *“estou quase”* —, soube que faltava pouco, muito pouco.

Só deu tempo de eu abocanhá-lo novamente. Senti os jatos de porra sendo disparados daquela arma de carne succulenta. Não pensei muito, simplesmente engoli e tornei a lamber a cabeçona dele, deixando-a brilhando.

Ele urrou tão alto que fez com que os meus gemidos anteriores parecessem tímidos.

Era indescritível a satisfação de saber que podia proporcionar aquele tipo de prazer a ele, Deixá-lo tão satisfeito quanto eu ficava, sempre que ele me tocava.

Capítulo 29 — Casos de Família

— Eu vou tomar um banho — ele comentou, levantando-se da cama.

Balancei a cabeça, concordando e respondi: — Tudo bem, depois eu vou.

James continuou parado no mesmo lugar.

— Como eu acho que você não entendeu, deixa eu reformular a minha frase — ele tornou a falar. — Quer transar comigo lá na banheira, Cristine?

Ele não precisou me perguntar mais de uma vez. No mesmo instante, levantei-me da cama e o acompanhei até o banheiro. James encheu a banheira, que parecia estar maravilhosa e então entrou.

Os olhos claros dele se voltaram para onde eu estava parada.

— A água tá quentinha — comentou, como se tivéssemos mesmo nos importando com a temperatura da água.

Caminhei na direção dele, mas assim que me aproximei o suficiente para observar o corpo dele submerso pela água, travei completamente.

Olhei para a banheira branca e ela já não parecia mais tão grande assim. O meu namorado, obviamente, queria que eu entrasse e ficasse por cima dele. E, por algum motivo, imaginei-me esmagando-o com o meu corpo.

Era ridículo.

Já havia ficado por cima no sexo — não dentro de uma banheira, é claro —, mas, naquela fração de segundos, foi tão real que me fez retroceder e retornar para o quarto.

Sentei-me sobre a cama com aquela sensação amarga de que eu estava estragando tudo, ferrando com o que talvez fosse a melhor coisa que já havia acontecido comigo. Mas, infelizmente, não era algo que eu controlava, não existia um botãozinho de “*desligar*” para a minha ansiedade e falta de confiança.

Dois minutos depois, o meu namorado cruzou a porta e veio na direção da cama, enquanto se secava com uma toalha branca. Pela expressão do rosto dele, principalmente a de sua testa franzida, eu soube que James estava confuso com tudo. E isso era mais do que compreensivo,

levando em conta o meu surto no banheiro.

— Está tudo bem? — ele indagou, enfiando-se ao meu lado.

Não.

Não estava nada bem.

E eu não queria mentir pra ele, não queria que James pensasse que o meu problema era com ele.

— Eu surtei — confessei completamente sem graça. — Fiquei com medo de te esmagar na banheira. — Após dizer isso, eu não consegui deixar de rir, pois em voz alta parecia ainda mais ridículo. Respirei fundo e completei: — Eu sou uma pessoa muito ferrada psicologicamente, James.

Como ele continuou em silêncio, resolvi lhe dar um contexto, explicar melhor sobre o que eu estava falando: — eu sempre fui muito insegura. E parte disso, provavelmente, foi um trauma causado por minha mãe, já que eu nunca era suficientemente boa pra ela. — Eu não conseguia encará-lo enquanto falava, então simplesmente fixei o meu olhar no piso do quarto e prossegui: — A cobrança excessiva dela me afetou demais. Se eu não era boa nem pra minha mãe, por que seria pras outras pessoas, não é?

Ele pegou a minha mão, mostrando-me que estava ali, bem ao meu lado e isso me ajudou a continuar falando: — Eu só consegui controlar isso quando comecei a namorar o Fernando. — Detestei-me por estar ali falando sobre o meu ex, mas era uma parte essencial da minha história, não tinha como eu apagá-la ou simplesmente deixá-la de fora. — Foi a primeira vez que eu me senti desejada de verdade. E, enquanto estávamos juntos, essas vozes ficaram tão adormecidas a ponto de achar que tinha superado tudo isso, que era coisa do passado... Pelo menos, até ele terminar tudo, dizendo que não me amava o suficiente para se casar comigo. — Um riso frustrado escapou de minha boca. — E, mais uma vez, eu não era suficiente.

Essas coisas ficaram guardadas por tanto tempo que agora que eu finalmente as estava tirando de dentro de mim, foi impossível não chorar.

Foi impossível não me lembrar dos comentários maldosos da minha mãe — de inúmeras coisas que eu sempre fingia não me importar —, das brincadeiras bobas da escola e dos familiares sem noção, que sempre soltavam alguma coisa pra me diminuir, ainda que em tom de “alerta” ou de “conselho”.

— Você é mais do que suficiente pra mim — James sussurrou, trazendo o meu rosto na

direção dele. Ele acariciou-me e limpou minhas lágrimas com os dedos indicadores. — Você é perfeita.

Aquilo me deixou extremamente sem graça, mas, ao mesmo tempo, me fez sorrir.

Eu queria muito simplesmente soltar um “*desculpe*”, engolir o choro e mudar de assunto, fingir que aquele momento de fraqueza não havia acontecido. Estava com medo de assustá-lo com todo o meu drama e a quantidade de problemas que lhe dava origem. No entanto, também queria ser sincera, fazer com que James me enxergasse não apenas quando eu estava sorrindo ou fingindo estar bem.

— Eu sei como é isso... Não se sentir suficiente pra alguém — ele continuou, ainda iluminando o meu rosto com aqueles faróis cinzentos.

Por mais sério que o rosto dele estivesse, eu não acreditava.

James King inseguro, sentindo-se insuficiente? Definitivamente, não.

— Eu acho que você já percebeu que eu não gosto muito de falar sobre a minha família... — ele tornou a dizer, entrelaçando os nossos dedos. — O motivo é bem simples: quem gostava de mim morreu, todo o restante deles me detesta.

— Eu sinto muito... — sussurrei, antes de beijar o braço dele. Sabia que na parcela dos que “gostavam dele”, ele estava se referindo aos pais, que já estavam mortos. — Eu sinto muito.

Ele sorriu em agradecimento e continuou, dizendo: — A família do meu pai nunca me aceitou.

Um bastardo.

Segundo o meu namorado, era assim que o enxergavam. Ele teve o azar de nascer de um caso extraconjugal. William King pulou a cerca, engravidou a amante e revoltou a esposa e a própria família.

— Mesmo com a família dele se opondo, o meu pai me assumiu e me deu o nome King — ele continuou, com um sorriso bonito no rosto. — E eu tenho várias lembranças dele na infância, me levando pra casa dele, pra conhecer o meu irmão e todo o restante da família. — Através do olhar de James, enxerguei o quanto era difícil para ele estar relembrando aquilo e, principalmente, colocando pra fora, dividindo com outra pessoa. Tanto quanto foi difícil pra eu dizer sobre as minhas inseguranças há alguns minutos. — Mas depois que ele morreu, quando eu tinha onze anos, as coisas mudaram completamente. Os Kings me exilaram. Eles não podiam me impedir de ter acesso ao dinheiro que o meu pai me deixou no testamento dele, mas eles podiam

me ignorar... Então agiram como se eu não existisse.

O loiro revelou que, depois da morte do pai, a sua única família era a mãe, que faleceu quando ele completou vinte e cinco anos de idade.

— Eles não falaram comigo por mais de quinze anos. Nem quando o meu pai morreu. Nem quando a minha mãe morreu. — ele prosseguiu de forma frustrada, deixando explícita a raiva que sentia. — Quando eu fiz vinte e seis, decidi abrir um negócio, deixar de viver apenas do dinheiro do meu pai. E coloquei o nome “King” em homenagem a ele, pensei estar honrando o nome da família. — Ele riu, como se estivesse prestes a me contar uma grande piada. — Então, eles finalmente me contataram, pedindo pra que eu não vinculasse o nome deles aos meus projetos. Até me ameaçaram com processo, como se tivessem patenteado a porra de um sobrenome. — Ele pareceu sem graça, pois desviou o olhar antes de concluir, dizendo: — Acho que também não era suficiente pra eles.

Eu não sabia o que lhe dizer.

Há alguns minutos, estava jurando que alguém como ele nunca poderia me compreender, conhecer a rejeição e a dor que ela causava.

— Você é mais do que suficiente pra mim — com os olhos fixos em seu rosto, repeti o que ele havia me dito. — Pra mim, você sempre foi e sempre será um Rei legítimo.

Ele riu do trocadilho que eu havia feito com o sobrenome dele e me beijou, fazendo-me constatar o quanto eu era sortuda por ser a sua “rainha”.

Depois de alguns instantes em silêncio, quando apenas encaramos um ao outro, James agarrou as minhas pernas e me pegou no colo, levantando-me da cama. E como ele seguiu na direção do banheiro, eu não precisei nem perguntar o que ele estava fazendo.

O meu estômago congelou assim que avistei a banheira, que continuava cheia, esperando por nós dois.

— Olha pra mim, delícia — ele sussurrou, captando a tensão do meu rosto. — Só... só olha pra mim...

Concentrei-me em suas lanternas cinzentas e esforcei-me ao máximo para ignorar todo o restante. Por sorte, era muito fácil se perder naquele rosto, observando os fios de sua barba, o queixo quadrado ou o sorriso travesso em seus lábios.

Entramos na banheira — e comigo por cima dele — e isso foi o suficiente para que todos aqueles pensamentos ruins se dissipassem, indo embora como se nunca tivessem existido. Tudo

o que restou foi eu e James King, pelados e colados dentro de uma banheira quente.

— E você colocou? — indaguei, captando a atenção dele. A testa franzida, uma vez mais, foi um indicativo de que ele não fazia ideia do que eu estava falando. — Você colocou o nome King no seu negócio?

O meu namorado sorriu, um sorriso muito safado antes de me responder: — O que você acha?

Que James, com certeza, não era o tipo de cara que deixava alguém dizer o que ele podia ou não fazer, principalmente os desgraçados com os quais compartilhava o mesmo nome.

— Agora coloca a outra coisa — sussurrei, sentindo as minhas bochechas queimarem.

Dessa vez, eu não precisei explicar nada — de sexo, ele entendia muito bem. James encaixou os nossos corpos e me deixou ainda mais relaxada, no lugar que há alguns minutos, eu nem consegui observar por muito tempo.

Capítulo 30 — Cartão Vermelho

Mesmo depois de frisar que trabalharia no dia seguinte, James insistiu para que eu continuasse na cama com ele, que dormisse ali ao seu lado.

E, dessa vez, não consegui recusar esse convite.

Depois daquele nosso banho quente, que se transformou em uma nova sessão de agarrção, deitei-me ao seu lado e fiquei agarradinha com ele.

Brigamos pelo lado da cama, pois ambos queríamos o direito — no final, eu acabei cedendo —, ele deixou um chupão no meu pescoço e eu o belisquei para me vingar. O fato é que, pela primeira vez, eu consegui encostar a minha cabeça sobre o peito dele e relaxar sentindo as batidas constantes do seu coração. Realmente consegui nos observar como um casal.

Só me desgrudei do seu corpo quente e aconchegante quando o dia amanheceu. Senti James se mexer na cama e isso fez com que eu abrisse os meus olhos.

— Bom dia, chefe — sussurrei com uma voz sonolenta.

Ele se virou para me encarar e sorrindo, respondeu: — Bom dia, minha delícia.

Enquanto ele me observava com aquele olhar intenso, como se estivesse prestes a me devorar de café da manhã, foi impossível não pensar “*eu poderia me acostumar com isso*”.

Peguei o meu celular na cabeceira da cama e assim que o desbloqueei, assustei-me ao notar que já eram nove horas da manhã, que estava quase no horário em que eu costumava acordar as crianças.

Em apenas alguns minutos, Elizabeth estaria batendo na porta do meu quarto para me lembrar de que eu ainda tinha um trabalho. Tinha certeza de que a governanta seria ácida e irônica ao extremo, dizendo-me algo do tipo “*você ainda é a babá, Cristine?*”.

Como não queria lhe dar esse gostinho, eu me levantei da cama, peguei as minhas coisas no chão do quarto e, sem dizer nada a James, segui na direção do meu.

Fui para o banheiro assim que cruzei a porta. Tomei um banho rápido para acordar completamente e concluí a minha higiene matinal, escovando os meus dentes e ajeitando o meu cabelo.

Mesmo acordando bem atrasada, estava muito animada. Sem dúvida nenhuma, era fruto da noite que havia tido com James, os momentos quentes e, principalmente, ter dividido uma mesma cama e despertado ao seu lado.

Depois de me vestir apropriadamente — basicamente, um camiseta e jeans —, fui acordar as crianças. Comecei com Mike, que implorou pelos cinco minutinhos, que concedi. E, nesse meio tempo, fui até o quarto de Emily, que, estranhamente, levantou-se sem reclamar.

Não ouvi um “*não*”.

Ou “*você não manda em mim*”.

E isso me fez sorrir, pois notei que a nossa fase ruim parecia estar chegando ao fim.

Antes das nove e meia, já estávamos descendo as escadas para o café da manhã.

Assim que chegamos à cozinha, fiquei surpresa ao descobrir que James ainda estava na mansão. Aparentemente, finalizando o seu café. Chocadas ao verem o pai ainda no período da manhã, as crianças correram na direção dele para um abraço apertado.

Ele largou a xícara de café e se levantou da cadeira.

Foi uma cena linda.

Aproximei-me deles, esforçando-me ao máximo para não deixar escapar nenhum sorrisinho bobo, nada que entregasse que também queria participar daquele abraço.

Mesmo que o nosso namoro não fosse um segredo para os funcionários da casa — e nem para as crianças —, sempre mantínhamos um tom profissional, algo que só era quebrado entre quatro paredes.

Era a única forma de, ao mesmo tempo, poder ser a namorada de James e a babá de seus filhos.

Enquanto pegava a vitamina de Mike com Mary, Beth se aproximou de James. Tinha certeza de que ela estava indo comentar sobre o meu atraso — algo que realmente não era legal —, que, conseqüentemente, resultaria em um atraso das crianças nas respectivas escolas.

Não sabia se a expressão séria do meu chefe significava que ele estava sem paciência para o que Elizabeth estava lhe contando ou se realmente estava bravo comigo por ter perdido a hora, o que seria bem incoerente da parte dele, já que o próprio havia sido o motivo do meu atraso.

Deixei de prestar atenção na conversa e foquei nas crianças, principalmente em Emily, que

ainda não tinha começado a comer.

— A comida não vai desaparecer sozinha, Emily — disse, chegando mais perto dela.

A garotinha voltou a atenção para o meu rosto e isso me fez esperar por um “*eu não quero comer*”. No entanto, em vez disso, ela falou: — Me ajuda a terminar?

Essa era a primeira vez em semanas que ela se mostrava tão receptiva — ao menos, quando se tratava de se alimentar —, querendo brincar daquele nosso jogo no horário do café.

Peguei um pedaço de maçã e o comi, “ajudando-a” a finalizar mais rápido.

— Sua vez — disse, fazendo com que ela pegasse um pedaço da fruta e o levasse até a boca.

Foi impossível não me lembrar dos meus primeiros dias na mansão, de quando a nossa relação começou a melhorar, exatamente com aquele jogo que estávamos jogando.

Peguei mais um pedaço e voltei o meu olhar em direção ao local onde James e Beth estavam conversando e descobri que eles não estavam mais ali.

— Anda! — A voz de Emily chamou a minha atenção. — Você não está comendo, Cris.

Eu sorri e levei a maçã até a minha boca.

E, ainda de boca cheia, respondi: — Agora é você!

Enquanto ela se alimentava, o meu olhar voou até Mike, que já estava terminando de tomar a vitamina dele.

Em cerca de dez minutos, as crianças terminaram de se alimentar e pareciam prontas para deixar a mansão.

O meu chefe e a governanta não retornaram e o meu palpite era de que estavam conversando no escritório dele. Ela devia estar me queimando viva, como se eu fosse uma bruxa da Idade Média.

Robert apareceu para nos levar. Assim como da última vez que o vi, continuava com a cara fechada, como se não suportasse a minha presença. Ele não me chamava mais nem de “*Cristine*”, passou a usar um irritante “*senhora*”.

Ignorei isso e simplesmente acompanhei Emily e Mike.

Depois de deixá-los nas escolas, voltamos para a mansão. E sem as crianças, o silêncio no

carro deixava o clima ainda mais tenso. Eu queria dizer algo, tentar colocar um fim em toda aquela situação constrangedora, mas não sabia o que deveria dizer ao motorista. E, sinceramente, não me sentia na obrigação de fazer alguma coisa, pois não tinha feito nada de errado. Sempre o tratei bem e a minha relação com James não dizia respeito a ele ou a nenhum outro funcionário da casa.

Assim que o veículo estacionou, eu pulei para fora dele. Não queria dar tempo para que Robert viesse abrir a porta do automóvel para mim. A viagem de volta já havia sido constrangedora o suficiente.

Voltei para a mansão e, antes que eu pudesse passar pela porta, observei Elizabeth saindo.

Ela quase esbarrou em mim.

Diferentemente de todas as vezes que eu a vi, a governanta parecia possesa de ódio. Ela sempre foi ótima em disfarçar esses sentimentos, entretanto, agora tudo isso estava expresso em seu rosto, era perceptível para qualquer um.

Beth interrompeu os passos e se virou, levando os seus olhos esmeralda em direção aos meus. E, imediatamente, a ideia de que havia feito algo errado invadiu a minha mente.

Esse pensamento só durou até que ela abrisse a boca: — Não se iluda com James. Ele vai te usar e depois te chutar, exatamente como fez com ela... — A loira me disse antes de rir de uma forma que me assustou.

Alguma coisa me dizia que ela estava se referindo à amiga.

Beatrice.

— Olha só pra mim? Eu passei mais de dois anos me dedicando a esta casa e ele também me chutou, como se eu fosse uma vira-lata.

— Eu não...

— Não se esqueça de que você é só a babá que ele fode quando está entediado... — Ela me interrompeu e riu de uma forma maldosa. E em meio às suas risadas, eu me senti humilhada. — Você não é nem a primeira mulher dessa casa com quem ele dormiu... — Ela abriu a boca para continuar falando, mas a fechou logo em seguida, rindo de uma forma descontrolada. — Aproveite bem enquanto você ainda pode, Cristine.

Depois de me dizer isso — destruindo-me —, ela simplesmente se virou e continuou a caminhar na direção dos portões da mansão.

Completamente confusa com o que tinha acabado de acontecer, eu adentrei a casa e fui até o escritório procurar por James, tentar descobrir que droga havia acontecido para que Beth estivesse tão descontrolada.

Dessa vez, eu me prontifiquei a dar três batidas na porta antes de entrar.

No instante em que eu empurrei a porta, ele se levantou. O loiro trazia uma expressão séria estampada na face. Somente o havia visto tão sério no dia em que eu e Emily quebramos aquele porta-retratos, no momento em que ele gritou comigo, pedindo para que eu me retirasse da frente dele.

— Está tudo bem, James? — indaguei, aproximando-me da mesa dele. E antes que ele pudesse responder a minha pergunta, eu emendei: — Acabei de cruzar com a Elizabeth e ela me disse coisas horríveis...

O homem engravatado revirou os olhos e me respondeu: — É porque você não ouviu as que eu disse a ela.

Achava improvável que ele a houvesse superado.

— Bom, ela meio que me falou que eu sou apenas a babá que você fode — respondi, não conseguindo imaginar como ele podia ter dito algo pior do que aquilo. — Então, acho que ela ganh...

— Foi a Elizabeth... — ele sussurrou, cortando-me. — Ela roubou aquelas joias e jogou dentro da sua mala... Foi ela, Cristine!

Beth?

Infelizmente, eu não podia dizer que estava surpresa com aquela revelação.

Desde muito antes de me envolver com James, ela estava tentando me sabotar. Implicava comigo todos os dias e espalhou coisas para todos os funcionários, fazendo com que se afastassem de mim.

— Ela admitiu?

Ele riu, mostrando-me o quanto a minha pergunta era óbvia e estúpida.

— Não, ela não admitiu, mas passou um tempão acusando você de ser uma ladra e de estar me dando um golpe — ele respondeu, ainda com raiva. — Um golpe... Como se eu fosse um idiota!

De acordo com o meu namorado, Beth pediu para conversar com ele no escritório enquanto eu estava dando o café da manhã para as crianças, exatamente naquele instante em que os vi. E assim que chegaram lá, contou-lhe que suspeitava de que eu havia roubado as joias de Beatrice.

Não se contendo apenas em me acusar, a governanta insistiu para que ele fizesse uma busca lá no meu quarto, algo que James aceitou. Os dois subiram até o segundo andar da mansão e enquanto eles procuravam pelas joias — James fingiu que não sabia de nada —, Elizabeth sugeriu que olhassem no meu guarda-roupa, mais especificamente dentro da minha mala.

— Foi aí que eu perdi a paciência com todo esse teatrinho e a demiti — ele continuou, contando-me exatamente o que havia acontecido. — Quando eu disse que a queria fora da minha casa, ela começou a gritar, falando da Beatrice, dizendo que eu era o culpado por sua morte e que... — O homem à minha frente riu, como se quisesse disfarçar o nervosismo. — A desgraçada disse que criou os meus filhos e jogou na minha cara o pai de bosta que eu sou.

A sua última frase fez com que ficássemos em silêncio por alguns instantes. James estava nervoso e com raiva demais para falar. E eu me encontrava desconcertada, sem saber o que dizer para confortá-lo.

Eu me aproximei dele e o abracei, envolvendo-o com os meus braços, antes de sussurrar: — Não liga pro que essa louca disse... — Ainda ligada ao corpo dele pelo abraço, prossegui, dizendo: — Ela praticamente me chamou de vagabunda e deve ter me queimado pra cada um dos funcionários desta casa, então... Devo ter me tornado uma vadia e uma ladra.

— Foi ela — ele continuou, ao romper o nosso abraço. — Beth contou pra Emily sobre a gente. Com certeza foi ela. — Balancei a cabeça confirmando e isso fez com que ele completasse: — Você acertou sobre ela te detestar. — Ele não me deu tempo pra responder, concluindo com: — Só errou no lance da paixão secreta por mim. Aparentemente, essa filha da puta me odeia também.

Capítulo 31 — Os Dois Risquinhos

O dia seguinte, sem Elizabeth na mansão, começou maravilhoso.

Não havia mais ninguém para me cobrar e implicar com coisas bobas. Sabia também que não teria mais alguém colocando todos os funcionários contra mim. E por cerca de duas horas, foi como se todos os meus problemas tivessem se dissipado em um passe de mágica, simplesmente partindo junto com ela no dia anterior.

No entanto, toda essa minha sensação de alívio e felicidade só durou até o horário do almoço, quando eu fui completamente ignorada por todo mundo na cozinha. Nina e Robert, por exemplo, não mantinham nem mesmo um olhar de cinco segundos na direção do meu rosto.

No restante do dia, descobri a resposta do que estava acontecendo.

Simplesmente liguei os pontos.

Como Beth não havia confessado o crime — mesmo sendo óbvio a sua culpa em todas as coisas ruins que me aconteceram desde que havia chegado à mansão — James achou que revelar o verdadeiro motivo da demissão poderia dar algum problema, principalmente envolvendo processos trabalhistas. Mandá-la embora sem alarde era a forma mais fácil de se livrar dela. Dessa forma, ele não explicou absolutamente nada e tudo o que restou para os outros funcionários foram boatos e meias-verdades.

E, obviamente, isso acabou se transformando em algo ruim. Como já era de se esperar, eu — a vadia que dormia com o chefe — era sempre a peça central dessas histórias, a grande vilã, o lobo em pele de cordeiro.

Pelo que Mary — a única que não estava me dando gelo — me confidenciou, muitos estavam pensando que Elizabeth só havia sido demitida porque estava sempre batendo de frente comigo. A cozinheira me disse que até tentou me defender perante os colegas de trabalho, mas que ninguém estava muito interessado em ouvir coisas boas sobre mim.

Por mais que eu pudesse levar isso até James, não queria que mais ninguém fosse demitido. Primeiro porque ninguém ainda tinha me dito algo diretamente e, depois, porque essas mentiras eram apenas os frutos das inúmeras sementes que Beth havia plantado enquanto ainda estava na casa.

Ela jogou todo mundo contra mim.

Não seria fácil e nem rápido mudar essa minha falsa imagem.

Em menos de uma semana, James contratou uma nova governanta. Essa era mais velha, na casa dos cinquenta e, diferente de Elizabeth, parecia muito gentil. Não identificava traços de deboche e sarcasmo em sua face, tampouco levava puxões de orelha por coisas sem importância.

No entanto, essa última parte, eu desconfiava que talvez fosse obra de James. Sem dúvida alguma, ele devia ter revelado que eu era a sua namorada ou algo nesse sentido. Ou então, o tratamento bacana que estava recebendo devia-se ao fato de ela não ter sido contaminada com as mentiras de Beth.

E como se o gelo dos funcionários da casa não fosse o bastante, passei a semana inteira mal. Sofrendo com cólicas, náuseas e ânsia de vômito. Às vezes, um cheiro aleatório da cozinha já era o suficiente para me deixar mal.

James insistiu para que eu me consultasse com o médico da família, mas recusei, dizendo que se precisasse mesmo de atendimento profissional, usaria o plano de saúde do “*Go Baby*”. E isso quase fez com que tivéssemos nossa primeira briga de namoro.

Aparentemente, não passava de uma maldita intoxicação alimentar.

Como eu não me alimentava muito bem, isso não era algo tão incomum assim. Já havia tido algumas vezes lá no Brasil, principalmente quando decidia comer pizza de calabresa em uma pizzaria desconhecida.

Fui me sentir um pouco melhor no dia da minha folga e aproveitei para sair da mansão, pegar um ar livre e me manter longe dos cochichos e olhares rápidos dos outros funcionários. Fui visitar a minha amiga e passei o dia inteiro com ela e Hannah.

— Você já está melhor mesmo, amiga? — ela questionou, depois de eu contar sobre o meu mal estar.

Balancei a cabeça confirmando antes de responder, exagerando na resposta: — Sim, eu já estou bem... Deve ter sido algo que eu comi.

— Só por descargo, quais são esses sintomas mesmo? — ela indagou, fazendo-me questionar o porquê daquilo. Até onde eu sabia, ela entendia de medicina tanto quanto eu. — Náuseas e o que mais?

Dei de ombros e lhe dei logo a resposta: — Eu tive cólica, enjoos e vômito, mas esse

último foi bem poucas vezes... — Depois de notar que ela ficou pensativa, preocupada, completei: — Mas fica tranquila, Kells. Eu já disse que é só uma intox...

— Tem certeza que você não está grávida? — A ruiva me interrompeu, deixando-me atônita no mesmo segundo. — Tua menstruação desceu este mês?

“*Ainda não*” pensei, notando o quanto eu era idiota.

Por algum motivo estúpido, eu não tinha pensado nessa possibilidade, mesmo com a minha menstruação atrasada. Em minha defesa, o meu ciclo menstrual nunca foi muito regulado. Além disso, James e eu nunca fizemos sexo sem preservativo.

— Tenho! — disse, como se ela tivesse acabado de me ofender com aquela pergunta. Por mais que eu detestasse falar da minha intimidade com James, acrescentei explicando: — A gente se cuida, sempre usamos camisinha.

Ela riu, como se eu tivesse lhe dito uma piada.

— Se nem o anticoncepcional é cem por cento seguro, por que a camisinha seria? — ela retrucou, realmente me aterrorizando com uma possibilidade que, até então, parecia ser ridícula. — Vamos fazer um teste e descobrir de uma vez.

Ainda que não fosse uma pergunta, balancei a minha cabeça, negando.

Foi algo automático.

Eu não queria fazer teste nenhum, como se ao não confirmá-la, a gravidez fosse magicamente desaparecer.

— Não podemos deixar a Hannah aqui sozinha — disse, usando a primeira desculpa que surgiu em minha mente. — E se a mãe dela chegar mais cedo e não te encontrar?

— Você fica com ela e eu vou à farmácia buscar — ela respondeu, resolvendo o empecilho que eu acabara de criar. Antes que eu pudesse abrir a minha boca para contra-argumentar, Kells disse: — O máximo que pode acontecer é você estar mesmo grávida, amiga.

Simplesmente balancei a cabeça, concordando com o maldito teste, dando-me por vencida.

A ruiva sorriu e caminhou na direção da porta.

Antes de sair, ela gritou: — Eu já volto.

Foram os vinte minutos mais demorados de toda a minha vida.

Enquanto observava Hannah brincando, pensava na possibilidade de estar mesmo grávida.

O que eu diria aos meus pais?

E ainda havia James.

O que eu deveria dizer a ele?

— Cheguei! — anunciou Kells, arrancando-me daqueles pensamentos horríveis.

O meu estômago gelou ao ver o teste de farmácia nas mãos dela. Tornou tudo aquilo ainda mais real. Assombrava-me a ideia de que, em questão de minutos, eu poderia confirmar uma gravidez.

— Eu acho melhor...

— Mija logo nesse negócio, Cristine Alves! — ela falou em um tom sério, estendendo a mão e me entregando o objeto. — Vai logo!

Com muita relutância, eu peguei a sacola da mão dela. E a pior parte era que nem poderia dizer que não estava com vontade de ir ao banheiro, pois eu estava. Certamente, era uma consequência do nervosismo.

“*Vamos lá*” mentalizei, caminhando até o final do corredor.

Assim que entrei no cômodo, a primeira coisa que observei foi o meu reflexo no grande espelho. Uma mulher loira — com as mechas vencidas —, uma expressão pálida e olhos fundos castanhos, que naquele momento pareciam mais escuros do que nunca.

Segui cada um dos passos pensando “*fique tranquila, Cristine... Você não está grávida!*”, cheguei até a rir em um momento, dizendo em voz alta “*isso é tão estúpido*”.

No entanto, no final, nada disso impediu os dois risquinhos de aparecerem no meu teste.

Mesmo sabendo o que aquilo significava, chequei duas vezes o significado. Usei até o meu celular para acessar o Google, buscando por mais informações.

E eu estava mesmo grávida.

Grávida de James King, o meu namorado e chefe.

Deixei o banheiro com uma expressão ainda pior do que a que tinha no rosto quando entrei. Como consequência disso, nem precisei dizer nada para que a minha amiga soubesse o resultado do teste.

Ela olhou para o teste de farmácia que continuava na minha mão e comentou: — Você sabe que acabou de mijar nesse troço aí, né?

E isso fez com que eu fosse até o lixo me livrar daquilo, mas nem tive tempo para jogar, pois a ruiva me impediu, gritando: — Não faz isso, sua maluca. — Voltei o meu olhar para ela, tentando entender o porquê daquele escândalo. — Enlouqueceu? Se você jogar isso aqui, vão achar que é meu!

Revirei os meus olhos, mas então me lembrei do quanto a chefe de Kells era ciumenta — com razão, já que o marido vivia dando em cima da babá — e notei que realmente era melhor não criar um novo problema, principalmente agora que o contrato dela estava quase chegando ao fim.

Embrulhei o teste na sacola, coloquei dentro da minha bolsa e fui lavar a minha mão. Assim que retornei, pronunciei em voz alta um dos maiores questionamentos que pairavam em minha mente.

— Como é que eu conto isso pra ele?

— Você vai pra casa, espera ele chegar do trabalho e então se aproximada dele, aí diz: “*eu estou grávida, James*”; simples assim — Kells debochou, deixando-me ainda mais nervosa.

— Eu estou falando sério, Kells! — disse, realmente apavorada com a ideia de dizer para James que estava esperando um filho dele.

Ela riu, respondendo: — E eu também, Cristine. Tudo o que você precisa fazer, é contar a verdade a ele... Só isso.

A minha amiga fazia tudo parecer tão simples. Às vezes, ela parecia se esquecer de que há alguns meses, eu era apenas a babá dos filhos de James King.

— Não é assim tão fácil...

— É claro que é, amiga — ela continuou, aproximando-se de onde eu estava parada. — Ele não foi o machão na hora de te arrastar pra uma cama? Que agora seja ainda mais macho e assuma esse filho!

Ela não me deu tempo de repetir o “*não é assim tão fácil*”, dizendo: — E, de qualquer forma, estamos falando do James. Eu tenho certeza que ele vai ficar animado com a ideia de ter um bebê. — Depois do meu longo silêncio, ela completou: — E se não ficar, você ainda pode obrigá-lo a assumir a criança. Ou então você pode criá-la sozinha. — Ela levou os olhos azuis até o meu rosto e finalizou, dizendo: — no final, a escolha é sua, amiga. E como estamos na

América... Você também pode... Você sabe...

Eu sabia exatamente do que ela estava falando.

Nos Estados Unidos — ao menos na maior parte dos estados —, o aborto não era ilegal, mas, ao menos para mim, isso estava fora de questão.

Sempre fui apaixonada por crianças. Comecei a lecionar por esse mesmo motivo, simplesmente porque sabia que passaria o meu dia com várias delas. Podia ser algo bobo para algumas mulheres, mas ser mãe era um dos meus sonhos.

E agora eu finalmente seria uma.

Ainda que estivesse sozinha nisso, não desistiria do bebê.

— Eu quero esse filho — disse, sem um pinga de hesitação em minha voz. Depois de alguns segundos calada, eu falei em voz alta e, nesse momento, nem mesmo o medo e incerteza me impediram de sorrir: — Eu vou ser mãe.

— Você vai ser uma mãe incrível — a minha amiga afirmou, antes de me abraçar com bastante força. — Parabéns.

Assim que nos afastamos, ela abriu a boca para me dizer alguma coisa e em seguida a fechou, mudando de ideia. E, por mais que ela não tivesse pronunciado uma só palavra, pela expressão de seu rosto, eu já imaginava o que devia ser.

Ela não estaria ali quando a criança nascesse. Seu visto teria vencido e a ruiva, muito provavelmente, já teria voltado para o Brasil.

Capítulo 32 — Amigas

Como o motorista estava de folga, eu voltei para a mansão de táxi. E mesmo que Robert estivesse à minha disposição, estávamos num clima tão ruim que não conseguiria pedir para ele me buscar na casa da minha amiga, mesmo esse sendo tecnicamente o trabalho dele.

Cheguei à mansão perto das nove horas da noite e a casa parecia deserta.

As crianças tinham ido para os avós maternos, só retornariam no domingo à noite. James ainda estava no trabalho. O expediente da nova governanta e de todos os outros funcionários também já havia chegado ao fim. E isso fez com que eu ficasse sozinha, pensando em uma forma de contar ao meu namorado sobre a minha gravidez.

Nunca quis tanto ser Kells como naquele exato momento. A minha amiga possuía o dom de descomplicar qualquer coisa. Eu tinha certeza de que ela resolveria aquela situação em dois minutos. Simplesmente se aproximaria de James e despejaria tudo de uma só vez, exatamente como havia me aconselhado a fazer.

Ainda que eu tivesse alguns problemas de autoconfiança — o indesejável complexo de inferioridade estava sempre ali pra me lembrar disso —, realmente existiam complicações. Eu não estava namorando James há muito tempo e ainda era a babá dos filhos dele.

Isso, definitivamente, não se tratava de uma situação simples.

— Ainda está com aqueles enjoos, Cris? — A voz de Mary chamou a minha atenção, fazendo com que eu voltasse o meu olhar na direção dela. Ela se aproximou, adentrando o cômodo. — Quer que eu prepare um chá? Eu conheço um que acaba com isso rapidinho.

Sorri em agradecimento e me prontifiquei a balançar a minha cabeça, negando.

— Você sabe que eu não sou a sua chefe, não é? — respondi, ainda com o sorriso no centro dos meus lábios. — Você não precisa me servir nada, Mary.

Ela deu de ombros e respondeu: — Deixa de ser boba. — A expressão dela era tão alegre e gentil que, por um instante, eu me esqueci do por que estava tão nervosa. — Eu só vou servir um chá pra minha amiga... Tudo bem assim?

— Se for mesmo só um chá pra sua amiga, então eu aceito.

A cozinheira deixou a sala e seguiu para a cozinha, para preparar o chazinho milagroso dela. Fiquei sem jeito de impedi-la, comentando que aquela minha “intoxicação alimentar” não iria embora antes de nove meses, independente do quanto o chá dela fosse bom.

Depois de alguns minutos, ela retornou com uma xícara na mão.

Mary a entregou e sentou-se ao meu lado no sofá.

E ao encarar a expressão acolhedora de seu rosto, eu decidi contar a verdade.

Coloquei a xícara de chá na mezinha de centro e revelei: — Eu não estou com intoxicação alimentar... — Senti uma pontada no fundo do meu estômago, mas isso não me impediu de prosseguir: — Estou grávida.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você... você...

A cozinheira mal conseguia concluir a frase.

Eu simplesmente balancei a cabeça, confirmando a “tragédia”.

Diferentemente de Kells, Mary era um tipo de amiga “pé no chão”, daquelas que nos colocavam um freio para nos impedir de avançar o sinal vermelho. E, muito provavelmente, esse foi o motivo pelo qual eu contei. Precisava de um conselho que me impedisse de causar um acidente de trânsito, que não fosse um “*pisa fundo e se joga, amiga*”.

— E ele já sabe? — perguntou-me ela, ainda chocada com a minha revelação. E, pela primeira vez, notei que a cozinheira não havia se referido a James como “*senhor King*”. — Você contou?

Neguei com um aceno de cabeça.

— Ainda não... — sussurrei, sentindo o meu estômago congelar só com a ideia de me colocar em frente a King e dizer “*estou esperando um filho seu*”. — Estou esperando ele chegar... Tentando criar coragem, eu acho.

O clima naquela sala ficou tão tenso que eu me forcei a beber o chá que ela havia preparado há poucos minutos.

Depois de notar a expressão assustada em meu rosto, ela levou a mão até o meu ombro e falou, daquela sua forma amável: — não precisa se preocupar com isso, querida. — Após alguns segundos me encarando, a cozinheira emendou: — Sabe, aqui é mais fácil pra resolver essas

coisas.

Ela evidentemente se referia ao aborto e isso fez com que eu balançasse a minha cabeça, em uma negativa, antes de responder: — Eu quero esse filho.

Mary forçou um sorriso, mas, ainda assim, eu pude notar em seu rosto que existia um problema, um que ela não estava me contando.

E isso fez com que eu tentasse adivinhar o que estava em sua mente: — Você acha que o James...

— Não... Eu não deveria estar te dizendo nada... — ela desconversou, preparando-se para se levantar do sofá. — Imagina, eu sou só a cozinheira...

Segurei o braço de Mary, não deixando que ela se afastasse.

— Não, é claro que não. Você é a minha amiga! — afirmei instantaneamente, detestando o fato de ela ter uma ideia daquelas. — Mary, se houver alguma coisa que eu deva saber... Por favor, me conte.

Mesmo em um claro estado de hesitação, ela sentou-se novamente ao meu lado no sofá e trouxe os seus olhos na minha direção.

— Eu não sei de muita coisa, Cris... Faz menos de dois anos que trabalho aqui, mas... — ela começou, parecendo desconfortável por estar entrando naquele assunto. — Logo que eu cheguei, conheci a primeira babá e...

Ela mordeu o lábio inferior e desviou o olhar. Depois de respirar fundo, Mary chegou mais perto de mim, como se estivesse com medo de que mais alguém escutasse o que ela estava prestes a me contar, e sussurrou: — Ela engravidou também e três dias depois de contar pra ele, foi demitida.

Não parecia com o James King que eu conhecia.

— Se ele me demitir, não há problema... Eu não quero nada dele... — não consegui controlar um sorriso de frustração. — Eu nunca quis, Mary... Você sabe disso.

— Você ainda não me entendeu, Cristine... — ela me cortou, roubando novamente a minha atenção. — Ela, a babá, foi mandada embora logo após o procedimento... Ele não a deixaria andar com um filho dele por aí, literalmente com uma forma de lhe arrancar dinheiro.

Aparentemente — pelo que Mary estava me contando —, James forçou a antiga babá a realizar um procedimento de aborto. E além de cruel e doentio, isso parecia muito inverossímil.

Não parecia com o homem que eu conhecia, com a pessoa por quem eu havia me apaixonado de forma tão intensa nos últimos meses.

— Tem certeza de que o aborto não foi ideia da babá? — indaguei, detestando-me por estar ali, jogando a culpa nas costas de uma mulher; uma que eu nem mesmo cheguei a conhecer. — Talvez...

Ela balançou a cabeça, negando.

— Não. — A voz da minha amiga soou séria, de uma forma que eu nunca ouvi. — Ela estava feliz com a gravidez. E, diferente de você, parecia querer dinheiro, ter uma vida boa... Sabe? — A cozinheira fez uma careta, antes de prosseguir: — Tudo o que eu sei, é que o senhor King abafou a história e foi como se essa babá nunca tivesse existido, ninguém nessa casa comentou sobre ela ou a criança que estavam esperando.

Era chocante.

Mas, ainda assim, inacreditável.

— Elizabeth deu a entender uma vez que eu não havia sido a única funcionária da casa com quem ele se relacionou — disse, lembrando-me o que a governanta me dissera no dia em que apareceu para me dar aquele “conselho” e o que ela deixou escapar quando estava indo embora da mansão, após ter sido praticamente expulsa por James. — Ela tentou me dar uma espécie de conselho uma vez... Talvez estivesse falando disso.

Eu não duvidava que King tivesse se envolvido com outra de suas funcionárias. Até porque, antes de eu descobrir a história sobre a morte de Beatrice, pensava que essa pessoa se tratava de Beth. No entanto, mesmo assim, eu não conseguia comprar aquela história de que ele havia obrigado essa babá a fazer um aborto.

— Elizabeth parecia gostar daquela babá... Ou pelo menos, mais do que gostava da gente — ela prosseguiu, com o mesmo olhar sério. — Por mais que ela tenha tentado ferrar você, com todo aquele lance das joias e dos outros empregados... Sei lá, talvez esse conselho tenha sido sincero no final das contas, talvez ela só quisesse afastar você dele...

— Eu acho difícil, ela me detestava demais pra isso — comentei, lembrando-me de todos os meus desentendimentos com a governanta. — Ela fez coisas horríveis, Mary...

Coisas como manipular os outros funcionários, para que todos me detestassem. Colocar-me contra Emily ao lhe contar sobre o meu relacionamento com James. Mas, principalmente, plantar aquelas joias dentro da minha mala para me incriminar.

E, então, ao fazer essa breve reflexão, uma coisa chamou a minha atenção.

Logo após o incidente que culminou na demissão de Beth, James me disse que achava melhor não comentarmos sobre o caso, que uma acusação sem provas reais só daria mais munição para Elizabeth. Sendo assim, com exceção da governanta, éramos as únicas pessoas que sabiam sobre as joias, que tinham conhecimento de que elas foram plantadas em meu guarda-roupa para me incriminar.

A única forma de Mary também saber sobre isso, era... Se ela as tivesse colocado lá.

Voltei o meu olhar para a mulher ao meu lado e indaguei: — O que você acha que eu devo fazer?

— Se você quer mesmo manter essa criança, eu acho que deveria ir embora... Correr enquanto ele ainda não sabe sobre ela... — Mary respondeu, mostrando-me exatamente o que ela queria que eu fizesse; fugisse.

Ela me queria longe da mansão.

— Ir embora agora? — questionei, deixando que ela continuasse com aquele joguinho.

Mary pegou as minhas mãos e eu precisei me esforçar muito para não me afastar, demonstrando todo medo que estava sentindo dela.

— Se o senhor King descobrir sobre essa criança, ele não vai deixar você ir embora... — ela continuou de forma tão séria que quase me fez acreditar.

Quase.

Eu sempre pensei que Beth nutrisse uma paixão secreta por James, um amor que lhe causasse tanta inveja a ponto de ela me odiar pelo simples fato de estar com ele. Só fui desclassificar essa teoria quando descobri que ela era a melhor amiga de Beatrice. Depois disso, passei a achar que ela estava fazendo uma espécie de vingança, punindo King por não ter ajudado a amiga quando precisou.

No entanto, agora tudo isso parecia uma grande bobeira.

De alguma forma, Mary sabia sobre as joias. E estava, naquele exato momento, me aconselhando a ir embora sem contar sobre a minha gravidez para o meu namorado.

E, nesse instante, lembrei-me do que Elizabeth me dissera no dia em que foi demitida.

“Você não é a única pessoa dessa casa com quem ele já se envolveu”.

Meus olhos correram na direção de Mary.

E tudo pareceu tão claro quanto a água cristalina da piscina lá fora.

— E então? — ela indagou, ainda segurando as minhas mãos.

Como eu ainda não sabia o que deveria dizer — ou fazer —, balancei a minha cabeça, concordando com aquela ideia estúpida.

— Você tem uma amiga na cidade, não é? — ela me perguntou, levantando-se do sofá. — Acha que consegue ficar lá até voltar para o Brasil?

Voltar para o Brasil?

Aparentemente, ela já havia pensado em tudo.

— Eu... eu acho que sim — respondi, não acreditando no rumo que aquela conversa estava tomando.

Estava com um péssimo pressentimento, que vinha acompanhado por um frio na minha barriga. A última vez que eu me senti assim foi quando li todos os relatos dos intercâmbios que deram errado.

— Eu ajudo você com a mala — ela tornou a falar, antes de me acompanhar até o meu quarto.

Enquanto subíamos as escadas, lembrei-me das vezes que escutei James do outro lado da parede do meu quarto. Sempre o escutava com essas mulheres — que, naquele tempo, eu julgava serem diferentes —, até mesmo os ouvi rindo ao cruzar a porta da casa uma vez, mas nunca as via partindo. Sempre que eu acordava, elas já tinham ido embora, como se fossem fantasmas ou... Como se também morassem na casa.

Desde o momento que cheguei à mansão, Mary esteve sussurrando em meu ouvido. Foi ela quem me contou que as pessoas da casa estavam fofocando sobre a minha relação com James. Nesse dia mesmo, confirmei para ela o nosso relacionamento, disse com todas as letras que nós estávamos juntos. E, só então, os funcionários realmente começaram a me tratar mal. Assim como também foi Mary quem me disse que Elizabeth estava espalhando mentiras sobre mim para os funcionários. Aparentemente, foi Mary esse tempo todo.

E da mesma forma como ela me manipulou, tratando-me como amiga e extraindo cada uma das informações sobre o meu relacionamento — diretamente da fonte, o que era mais irônico —, deve ter feito o mesmo com a governanta, contando mentiras sobre mim.

Logo no meu segundo dia de trabalho na mansão, Mary notou que Emily não estava se alimentando. E, então, a cozinheira disse para eu não me preocupar, que isso era algo “normal”. No dia seguinte, Beth me confrontou, questionando o motivo por eu não tê-la alimentado.

Talvez essa não tivesse sido a única vez em que a cozinheira contou coisas para a governanta. Talvez todas as nossas desavenças — ou a maior parte delas — tivessem sido alimentadas por outra pessoa, alguém que ganharia muito me prejudicando.

— Ei, você não precisa se preocupar, querida... — A voz dela trouxe-me de volta para à realidade, para aquele momento horripilante que eu estava vivendo. — Ele não vai te encontrar, O.K.?

Assenti com a cabeça, respondendo de forma silenciosa, com medo de pronunciar alguma coisa e ela desconfiar pelo tom da minha voz que eu não estava acreditando naquilo.

Tiramos a minha mala do guarda-roupa e a jogamos sobre a cama. Então, com aquela expressão gentil — que agora parecia extremamente macabra — Mary a abriu e me ajudou a pegar as peças de roupa.

— Eu... eu preciso ir ao banheiro — disse, colocando-me de pé.

Não esperei uma resposta dela, simplesmente caminhei na direção do cômodo.

E assim que eu adentrei o banheiro, tranquei a porta e escorei as minhas costas na madeira. Lentamente, deixei que o meu corpo desabasse até o chão.

Sentia-me assustada, mas, ao mesmo tempo, aliviada pelo simples fato de existir uma porta nos separando.

“Seja inteligente, Cristine. Não é hora pra burrice” pensei, deixando aquela minha pequena crise de pânico.

Ainda que eu pudesse abrir a porta, confrontar a cozinheira com a verdade e encher a cara dela de bordoadas, não tinha ideia do nível de loucura de Mary. Ela podia estar armada ou, simplesmente, já ter planejado algo para mim — algo que eu, definitivamente, não queria descobrir.

Peguei o meu celular no bolso da minha calça e mandei duas mensagens.

Uma para James e outra para Kells.

Na primeira delas, perguntei para o meu namorado: *“você transou com a Mary?”*.

Na que enviei para a minha melhor amiga, questioneei: *“posso estar no mesmo cômodo que uma psicopata. Então, o que eu faço?”*.

Kells me respondeu primeiro.

“Você está o quê, garota? Me explique isso direito.

É algum tipo de piada ou metáfora? Você sabe muito bem que eu sou lenta pra essas coisas.

Se não for: saia daí, chame a polícia, ligue pro James ou faça essas três coisas”.

A única opção que parecia viável naquele momento, era a de ligar para o meu namorado. E eu teria feito isso, se James não tivesse respondido a minha mensagem.

“Foi ANTES de a gente ficar junto.”

Meu estômago congelou completamente.

Toda a minha teoria mirabolante foi confirmada com aquela única frase.

“Ela me disse que você engravidou uma babá e que a obrigou a fazer um aborto” mandei, sentindo até a atmosfera ao meu redor mudar.

Fiquei com medo de desmaiar.

Essa última mensagem, ele respondeu mais rápido.

“Ela, o quê? Você é a primeira babá, Cristine.

Antes de você, quem cuidava das crianças era a Elizabeth”.

Fiquei completamente aliviada. Não sei se foi um alívio por saber que aquela versão ridícula de Mary era uma mentira deslavada ou se era porque sempre estive certa, já que não comprei a farsa, desde o momento em que saiu da boca da cozinheira, lá no primeiro andar da casa.

— Cris, está tudo bem aí? — A voz de Mary me assustou, fazendo com que eu derrubasse o meu celular no chão. — Precisa de ajuda?

Merda.

Eu me abaixei para pegá-lo, torcendo para que ele não estivesse todo estilhaçado.

“Por favor, esteja funcionando”.

“Por favor, esteja funcionando”.

“Por favor, esteja funcionando”.

“Por favor, esteja funcionando”.

“Por favor, esteja funcionando”.

“Por favor, esteja funcionando”.

Assim que olhei para a tela e notei que ela só estava um pouco arranhada, suspirei fundo, agradecendo mentalmente *“obrigada, Senhor!”*.

— Estou bem sim... — gritei de volta, sabendo que transparecer calma e enrolá-la era, sem dúvida alguma, a melhor forma de escapar daquela louca. — Eu já estou saindo, só mais um pouquinho.

Notei que King havia me enviado duas novas mensagens.

“Eu não sei que mentiras ela te contou, Cristine, mas eu juro que não fiz essas coisas”.

“E sobre a questão do sexo, foi antes de você! Acredite em mim”.

Enquanto lia aquelas coisas, notei o quanto estava sendo idiota por perder tempo com algo que poderíamos discutir depois, de preferência quando estivesse segura, sem uma psicopata do outro lado da porta.

Digitei rapidamente uma resposta.

“Eu não me importo com quem você fodeu, James. Mary está aqui no meu quarto, praticamente me obrigando a fazer as malas e ir embora. Eu estou com medo”.

— Cris?

Novamente, a sensação gélida tomou conta do meu estômago.

Dessa vez, eu não respondi.

Simplesmente voltei a me concentrar no celular em minha mão.

“Eu estou trancada no banheiro. E ela está gritando o meu nome. Eu acho que Mary enlouqueceu” enviei, ouvindo os passos da cozinheira pelo quarto.

“Não sai daí, eu já estou chegando” ele me respondeu.

— Cris? — Mary tornou a gritar, parecendo mais impaciente. A sua voz já não soava tão

gentil e amigável quanto da primeira vez que chamou pelo meu nome. — Abre a porta. Eu quero falar com você!

Fiquei em silêncio.

Um estrondo fez com que o meu coração quase saísse pela boca. Ela bateu na madeira da porta do banheiro, no que parecia ser um chute.

E isso aconteceu mais três vezes.

Em cada chute, eu sentia tremer a madeira na qual minhas costas estavam coladas.

Por quase dois minutos, tudo o que houve foi silêncio.

Conseguia ouvir o som da minha própria respiração, que continuava ofegante, como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

— Como foi que você descobriu? — ela me perguntou assim que parou de bater na porta do banheiro. Foi como se até a voz dela tivesse mudado, já não estava mais gentil, como sempre costumava soar. — Foi alguma coisa que eu falei?

Como eu continuei em silêncio, ela prosseguiu: — Foi o lance das joias, não foi? — Mary riu, arrepiando-me completamente com aquela risada estranha, digna de vilã de animação infantil. — Eu falei demais.

E nesse momento, não me aguentei.

— Eu não estava acreditando em você, naquela sua história ridícula sobre a babá — afirmei, levantando e me colocando em pé, virada para a porta, como se a estivesse encarando de frente. — Eu nunca deixaria de contar sobre o nosso filho para o James.

Ela me subestimava demais.

Mary deu mais um soco na porta e então se afastou, deixando o quarto silencioso outra vez.

A mansão estava vazia.

Talvez a arrumadeira, Nina, estivesse em seus aposentos, lá nos fundos, mas ela não me ouviria gritar. Robert e a nova governanta também não estavam e tinha certeza de que James demoraria mais alguns minutos.

Naquele momento, ninguém podia me ajudar.

Não sabia se realmente estava correndo risco de vida. Uma coisa era me manipular e plantar joias no meio das minhas coisas para me incriminar e outra completamente diferente era tentar me matar. Eu não sabia se Mary era uma assassina, mas, naquele momento, não queria arriscar.

Estava na hora de usar outra das ideias de Kells.

Disquei “911”, o número da emergência americana.

Eu estava tão afobada que mal consegui dizer o endereço da casa dos Kings. E, estranhamente, já havia um chamado para o mesmo local, provavelmente feitos por James ou pela minha amiga. O atendente me disse para me manter calma — como se isso fosse mesmo possível — e permanecer dentro do banheiro, fora do alcance da cozinheira.

Um estrondo fez com que eu me afastasse da porta.

Dessa vez, não me pareceu apenas um chute.

E, na segunda vez, descobri que a louca devia estar se jogando contra a porta, tentando invadir o banheiro. Isso fez com que eu perdesse a concentração no que o policial estava me dizendo do outro lado da linha. Tudo o que eu consegui ouvir, era o barulho causado pelas pancadas de Mary.

Na quarta, quando senti que a porta estava começando a ceder, comecei a cogitar a ideia de ela conseguir entrar no banheiro. Isso fez com que eu comesse a procurar por uma espécie de arma. Fui da pia à banheira e não encontrei nada que fosse muito útil. A coisa mais próxima de uma arma que pude encontrar ali, era uma escova de madeira para esfregar as costas.

Ignorei a ligação, coloquei o meu celular no bolso e segurei a escova, como se estivesse com um bastão de beisebol.

Posicionei-me a meio metro da porta e continuei ouvindo as pancadas da cozinheira, que continuava se jogando contra a madeira.

Na décima primeira vez, a porta cedeu e ela entrou.

O impacto fez com que ela fosse parar na pia.

A primeira coisa que eu observei, foi uma faca em sua mão direita.

Nem cheguei a pensar, simplesmente acertei Mary com a escova e corri para fora do banheiro.

Não esperei para ver se ela tinha caído, só continuei correndo. Desci as escadas a toda e deixei a mansão, indo para a área externa. Fui para o jardim e me escondi atrás de alguns arbustos.

Fiquei com os meus olhos fixos na entrada da casa, esperando aquela desgraçada sair.

Nada.

Ela não aparecia.

E isso fez com que eu ficasse com medo de que ela desse a volta e já estivesse próxima.

Assim que esse pensamento entrou em minha mente, senti uma mão me agarrando, puxando-me para trás. Alguém tapou a minha boca e virou a minha cabeça. Fechei os olhos instintivamente e esperei pelo meu fim.

Como ele não veio, eu os abri e notei que se tratava de James.

Ele tirou a mão da minha boca e me abraçou com força.

— Você está bem? — ele sussurrou, com os olhos fixos em meu rosto, como se estivesse procurando por algum machucado. — Ela te machucou?

Balancei a cabeça, negando.

— Ela invadiu o banheiro e eu corri pra cá — respondi, sentindo uma imensa vontade de abraçá-lo novamente, de me esconder em seus braços. — Ela enlouqueceu, James... Está com uma faca...

Não consegui dizer *“eu acho que ela me mataria”*.

Mas não foi preciso, ele viu todo o medo expresso em meu rosto.

— Eu não vou deixá-la encostar um dedo em você — disse de forma séria e confiante, como se realmente pudesse me defender de uma louca com uma faca. — Eu vou te proteger.

Eu teria acreditado em suas palavras se não tivesse avistado, naquele segundo, Mary deixar a mansão segurando uma faca, a mesma que ela usava quando arrombou a porta do banheiro.

James também a viu.

— Ciiiiiiiiis — ela cantarolou o meu nome, ao caminhar na direção do jardim. — Eu só quero conversar com você, querida.

Ela estava se aproximando lentamente. Se desse mais alguns passos, seria capaz de nos enxergar por entre os arbustos.

— Já chega — James sussurrou baixinho. — Não saia daqui. Eu vou resolver isso.

Não tive tempo de impedi-lo, ele simplesmente se levantou e caminhou na direção dela, como se ela não parecesse uma psicopata com aquela faca na mão.

— Mary — a voz dele chamou a atenção da cozinheira instantaneamente. — Que droga você está fazendo?

Os olhos da morena se voltaram na direção do homem engravatado.

— Ela está grávida, James! — A cozinheira gritou, assustando-me. — Quando estávamos juntos, você me disse que não queria compromisso, que já tinha muitos problemas... E aí, meses depois, você engravida a babá?

Essa, definitivamente, era uma péssima forma de ser informado que eu estava esperando um filho dele.

— Eu nunca menti pra você, Mary... E você sabe disso — ele continuou, aproximando-se lentamente dela. — Eu sempre te falei que não era nada sério...

— Então por que você engravidou aquela porca nojenta? — ela o interrompeu, aos gritos, parecendo ainda mais descontrolada que antes.

Por algum motivo, eu nem me importei de ser chamada de “*porca nojenta*”. Naquele momento, havia problemas bem maiores do que aquele.

— Vamos conversar com calma, O.K.? — ele disse enquanto se aproximava dela cautelosamente.

— Eu não quero conversar... Eu quero acabar com aquela vadia — ela gritou, olhando para os lados. Obviamente, me procurando. — Eu vou acabar com ela, Jamie...

Jamie?

Credo.

Se um dia eu já considerei chamá-lo assim, agora sabia que isso nunca aconteceria.

— Eu não menti pra você sobre não querer nada sério — o meu namorado disse, parando em frente a ela. — Naquela época, eu realmente não queria, mas...

— Agora, com ela, você quer? — A cozinheira o interrompeu, praticamente gritando. — Filho da puta... Filho da puta! — Ela deu um passo, aproximando-os ainda mais e, mesmo de longe, notei que James se assustou com aquele movimento brusco. — É isso o que você é... Seu desgraçado!

Quando ela apontou a faca na direção dele, eu não consegui continuar ali parada, assistindo sem poder fazer nada.

Eu me levantei.

E ela não demorou a me ver.

James tampouco.

Assim que ele me viu, avançou sobre Mary, tentando tirar a faca da mão dela.

E foi como se estivéssemos dentro daquele carro outra vez, com tudo acontecendo rápido demais. Mais uma vez, sentia que havia acabado de pisar no acelerador e nos atirado na direção de um muro.

Mary esticou o braço, enterrando a faca na barriga do meu namorado.

— SE AFASTA DELE! — gritei, correndo na direção dos dois.

Era estúpido.

Mas, naquele momento, eu não pensei. Tudo o que eu consegui fazer, foi correr na direção do homem que eu amava, enquanto observava a camisa azul-bebê dele ser tingida de vermelho.

Ele caiu no chão e eu me agachei, parando ao lado de seu corpo.

A cozinheira parecia atônita demais para se mexer. Ela continuou parada, com os olhos arregalados, segurando a faca ensanguentada, como se nem mesmo ela acreditasse no que havia acabado de fazer.

A sirene trouxe-nos de volta para aquele momento.

Mary soltou a faca no chão e começou a correr, fugindo da cena do crime.

Voltei o meu olhar para o meu namorado e tudo o que eu consegui dizer, foi: — Fique aqui comigo.

Segurei a mão dele com força e repeti essa frase para mim mesma umas cem vezes, tempo suficiente para que os policiais entrassem na mansão e nos encontrassem caídos próximos do

jardim.

Capítulo 33 — Pesadelo

O meu pesadelo durou cerca de duas horas.

Começou no segundo em que Mary empurrou a faca na barriga de James.

E assim como em todo “bom” pesadelo, fiquei atônita e assustada demais para reparar em grandes detalhes. Eu via as coisas acontecendo, pessoas andando e falando ao meu redor, mas não conseguia fazer nada além de continuar abaixada, segurando a mão de James.

Em um determinado momento, tentaram nos separar. Eu relutei muito para soltar a mão do meu namorado e só o fiz quando uma moça — aparentemente, socorrista — pediu.

Com os olhos fixos em meu rosto, ela falou: — Ele está machucado... Precisa ir para um hospital.

Foi quando recuperei parcialmente os meus sentidos, voltando àquela dura realidade. Afastei-me de James e permiti que o colocassem em uma maca.

Enquanto James era levado para uma ambulância, alguns policiais me cercaram e começaram a me interrogar. Eles queriam saber o que havia acontecido, cada mínimo detalhe do crime que havia presenciado. Em alguns momentos, principalmente depois de notarem que eu era estrangeira, uma latina, foi como se estivessem me tratando como suspeita.

Tentei não me desesperar mais e contei tudo da melhor forma que consegui. Por sorte, havia o registro da ligação que havia feito para eles enquanto ainda estava trancada no banheiro do meu quarto. Existiam também todas as mensagens que havia trocado com James momentos antes do incidente. Mas as coisas só se resolveram mesmo, quando contei que tinha informado uma amiga e eles verificaram, confirmando que havia sido Kells a pessoa que fez a primeira ligação para a polícia.

Conversamos por cerca de meia hora. Confiscaram o meu celular e me liberaram, dizendo que eu teria que prestar um depoimento na segunda-feira. Fui informada também de que não haviam encontrado uma terceira pessoa no local — que no caso se tratava de Mary —, mas levaram a faca que ela usou.

Só não fiquei ainda mais perdida e desesperada porque a minha amiga chegou.

Kells me abraçou com força, mas nem mesmo o seu abraço me impediu de começar a

chorar, temendo pelo estado de saúde de James.

Não tinha ideia se era algo grave. No entanto, a imagem da camisa azul sendo manchada pelo sangue dele não deixava a minha mente. Enquanto seguíamos para o hospital, aceitei que existia uma possibilidade de meu filho não ter um pai, de sermos obrigados a voltar para o Brasil, de que a criança não tivesse nem mesmo a chance de conhecer os dois irmãos.

Dessa vez, nem mesmo Kells falou muito. Não ouvi um *“tudo vai ficar bem, amiga”* e a agradecia por isso, por não estar me dando falsas esperanças.

Assim que chegamos à recepção do hospital, eu soube que não me deixariam entrar. Não tinha como comprovar nenhum parentesco com ele. Mas, no fim das contas, foi uma preocupação boba.

Ao pararmos em frente ao balcão, a ruiva disse para a recepcionista, mentindo: — O marido da minha amiga foi esfaqueado... Você pode nos informar se já podemos vê-lo?

A loira voltou o olhar pra mim e, ao analisar a minha expressão, não conseguiu dizer um *“não”*.

— Qual é o nome dele?

E isso fez com que eu despertasse de vez, respondendo: — King... O nome dele é James King.

Ela digitou e procurou por ele nos registros.

— Encontrei... — respondeu-me, tirando os olhos do monitor. — Mas eu não vou conse...

— Por favor! — disse quase implorando e não conseguindo mais controlar as minhas lágrimas. — Estou grávida dele, não consigo ficar mais nenhum minuto sem saber como ele está. Por favor...

Ela olhou para os lados, pegou um crachá e me entregou, dizendo: — Quarto 11, segundo andar. — A recepcionista voltou o olhar para a minha amiga e completou: — Você vai ter que esperar aqui.

— Muito obrigada — agradei a atendente. Um pouco mais calma, encarei Kells e disse, mesmo sem saber se era mesmo verdade: — Eu volto logo, O.K.?

Segui para o segundo andar do prédio.

Dentro do elevador, encarei o meu reflexo no espelho e tentei não me desesperar. A

verdade é que já tinha pensado em tanta coisa ruim, que não sabia mais nem o que achar.

Fui para o quarto onze morrendo de medo do que encontraria.

Estava tão nervosa que não bati, só abri a porta e avancei.

James estava deitado em uma cama e um homem com um jaleco branco estava parado na frente dele. Com o barulho da porta, o médico se virou, levando os seus olhos na minha direção.

— Quem foi que te autorizou a subir? — ele questionou, fuzilando-me com o olhar.

Obviamente, não entregaria a recepcionista.

— Eu...

— É a minha namorada — A voz de James gelou o meu estômago e fez com que eu me aproximasse, para encará-lo de um ângulo melhor.

O médico se afastou, deixando-me chegar mais perto dele.

King estava sem camisa, com um curativo no lado esquerdo da barriga e ainda deitado sobre a cama. Assim que notou a expressão assustada do meu rosto, ele respondeu: — Eu estou bem, não precisa se preocupar.

Ignorei o que ele havia acabado de me dizer, voltei o meu olhar para o médico e questionei: — Ele está bem mesmo?

O doutor riu, provavelmente, achando graça da forma como havia ignorado o meu namorado, querendo ouvir a opinião de um profissional.

— Foi um corte superficial, não atingiu nenhum órgão vital — o médico respondeu, aliviando-me completamente. — Ele só precisa cuidar do ferimento e repousar um pouco.

Ao notar que estava sobrando ali, o médico pediu licença e se retirou, deixando-nos a sós.

Quando ficamos sozinhos no quarto, James comentou: — Eu juro que não fiquei com ela enquanto nós estávamos juntos. Foi antes...

— Eu acredito em você — interrompi-o e cheguei mais perto da cama em que ele estava deitado. — Sei que não aconteceu nada enquanto estávamos juntos... Mas a verdade é que nada disso importa, não agora... A gente quase morreu...

Eu estava exagerando, mas foi como me senti na mansão ao correr e me esconder de Mary. Sentia que corria perigo de vida. E depois que ela atacou o meu namorado, passei a temer pela

vida dele também.

Inclinei-me na direção dele e o beijei. Tocar os seus lábios foi como finalmente acordar daquele pesadelo, foi o final das duas horas mais terríveis da minha vida.

— Eu acho que vão me liberar logo — ele disse, sentando-se na cama. Ele levou a mão até o curativo, tocando na gaze e comentou: — Foi só um arranhão... Precisa de muito mais pra me derrubar.

Ele estava tão calmo que isso me irritou, fez com que eu comesse a rir e lhe dissesse: — Eu quase enlouqueci sem saber como você estava... Eu pensei tantas coisas e fiquei com tanto medo...

Ele riu e me puxou para um novo beijo.

— Eu fiquei com medo também... — ele revelou assim que os nossos lábios se desgrudaram. — Quando ela me atacou e eu notei que estava sangrando, fiquei com medo de... — Ele sorriu de forma sem graça e levou a mão direita até a minha barriga, antes de prosseguir: — De não conhecer essa criança.

Aquela era a primeira vez que falávamos sobre a minha gravidez.

Não sabia o que dizer.

Então fiquei em silêncio.

— Penso que já passou da hora de te demitir, né? — ele comentou de forma séria. — Não dá pra continuar sendo a babá dos meus filhos sendo a mãe de um deles.

Eu forcei um sorriso e balancei a cabeça, concordando, mesmo sem ter a mínima ideia do que aquilo realmente significava para a nossa relação.

— Temos que resolver isso, delícia — ele continuou com um sorriso bobo.

— Temos mesmo.

Capítulo 34 — Três Lados, Mesma História

James não mentiu sobre ser liberado rapidamente do hospital. Em menos de três horas, nós já estávamos de volta à mansão. Kells nos acompanhou e, assim que chegamos lá, paramos na sala e começamos a conversar sobre o que tinha acontecido, já que nenhum de nós sabia o que o outro tinha passado.

Como eu era a protagonista naquele show de horrores — a pessoa que passou mais tempo na presença enlouquecida de Mary —, comecei. Narrei os principais acontecimentos, que começaram no momento em que deixei a casa de Kells e foram até o instante em que James apareceu para me socorrer.

— Aí, esse idiota aqui colocou a mão na minha boca e eu pensei que fosse a Mary tentando me matar asfixiada — disse, voltando o meu olhar para o meu namorado. Eu sorri de forma frustrada e completei: — Não se faz uma coisa dessas com quem está correndo de uma assassina em potencial.

— Eu fiquei com medo de você se assustar comigo e gritar, atraindo ela até a gente — ele se defendeu, como se isso fosse óbvio.

Então a solução dele foi me surpreender, enfiando a mão na minha boca?

— Isso só funciona em filme — contra-arguntei, não comprando aquela desculpa boba. — Na vida real, você mata alguém de infarto dessa forma.

Kells revirou os olhos e isso fez com que eu imaginasse o que ela diria.

— Ele é idiota? — Ela riu, não se controlando. — Você literalmente me mandou uma mensagem dizendo *“posso estar no mesmo cômodo que uma psicopata. Então, o que eu faço?”*. — Fechei os meus olhos, envergonhada. — E a pior parte é que você simplesmente parou de responder. Você jogou a bomba no meu colo e desapareceu. E você ainda está acusando o James de causar infarto em alguém?

A minha amiga contou que, ao receber a minha mensagem — algo que admiti ter sido extremamente estúpido e mal pensado —, pensou se tratar de uma brincadeira idiota. E quando não recebeu mais nada, notando que era mesmo algo sério, ligou para a polícia. Como antes de voltar para a mansão falávamos sobre a minha gravidez e a reação do meu namorado, ela cogitou até que ele estivesse tentando me fazer alguma coisa, mas, felizmente, não informou isso à

polícia.

— Você achou mesmo que eu faria alguma coisa contra a Cristine? — James questionou, voltando os seus olhos cinzentos para a minha amiga.

Assim que o homem ao meu lado fez essa pergunta, eu torci para que ela não revelasse que, na casa dos chefes dela, eu estava me questionando se ele aceitaria bem aquela gravidez.

— Assim... Achar, achar eu não achei não, mas aprendi a não confiar em homem nenhum, então não leve isso pro pessoal — ela respondeu, ajeitando-se sobre o sofá. Com um sorriso nos lábios, ainda completou: — Mas já que estamos falando da gravidez da Cris, você vai assumir esse filho, não é?

Os olhos de James se arregalaram.

Foi quase como se a minha amiga o estivesse insultando com aquela pergunta.

— É claro que eu vou assumir; é o meu filho! — ele respondeu, como se aquele questionamento fosse estúpido e desnecessário.

A voz séria dele não arrancou o sorriso da boca da minha amiga e, infelizmente, não a impediu de continuar, dizendo: — Viu só, Cris? Agora você já pode parar com aquele drama chato de *“e se o meu filho não tiver um pai?”*.

James voltou o olhar dele pra mim e eu me senti torrada.

— Eu me senti assustada — comecei a me defender, detestando aquele olhar sobre o meu rosto. — Eu sou uma estrangeira, estou namorando o meu chefe e tinha acabado de descobrir que estava grávida dele... O que você achou que eu pensaria?

Por mais elaborada que a minha desculpa tivesse sido, ela não pareceu ser o bastante para James.

— O que eu te disse logo após o nosso primeiro beijo? — ele indagou, desconcertando-me ainda mais. Eu sabia a resposta, mas estava envergonhada demais para pronunciar e isso fez com que ele continuasse, respondendo por mim: — Eu te disse que não era um moleque. Eu já fiz muita coisa idiota... — Ele riu, provavelmente lembrando-se de que uma dessas coisas foi se envolver com Mary. — Mas nunca te deixaria desamparada.

Estávamos tendo praticamente uma DR, mas, aparentemente, isso não parecia incomodar Kells, que continuava com um sorriso no rosto, observando-nos.

— Então James... — ela começou, chamando a atenção dele. — Eu sou só a amiga e não

posso opinar muito na relação de vocês dois, mas eu acho que a Cris se sentiria mais segura e confortável se ela meio que deixasse de ser só uma estrangeira...

Eu não tinha ideia de onde ela queria chegar com aquilo e não tinha um bom pressentimento, mas também não podia impedi-la.

Ninguém podia.

— Um exemplo mesmo, é essa história louca de hoje. Eu tenho um raciocínio meio lento, mas pelo pouco que eu consegui entender, você transou com a sua cozinheira e depois passou a transar com a sua babá, aí a sua cozinheira se sentiu traída e quase matou você e a sua babá. Certo? — Como obviamente ninguém disse uma só palavra, ela continuou: — Então, eu acho que a minha amiga se sentiria mais segura se parasse de ser a sua babá e passasse a ser a sua esposa. Quem sabe assim você para de transar com as pessoas que trabalham pra você.

Como ela não queria uma resposta de ninguém, simplesmente pegou a bolsa e seguiu para a porta dizendo *“não precisam me acompanhar, eu sei o caminho. Até mais gente”*.

Eu não sabia onde enfiar a minha cara e, ao olhar para James, tinha a impressão de que ele estava com esse mesmo problema.

— Eu juro que não pedi pra ela te dizer nada disso — falei imediatamente, achando melhor deixar isso bem claro. — Eu não sei nem...

— Ela está certa, Cris — interrompeu-me, levando os seus olhos cinzentos até os meus. — Eu não devia ter me envolvido com a Mary... — Eu queria muito dizer que ele não precisava falar sobre aquilo, principalmente porque aconteceu antes da nossa relação, mas a minha vontade de ouvir falou mais alto. — Eu estava sozinho, tinha passado os últimos meses focando apenas em trabalho e queria me divertir... Ela sempre dava em cima de mim, deixava escapar alguma frase de duplo sentido e numa dessas vezes, eu retribuí e aconteceu.

James confirmou que todas aquelas vezes em que ele “chegou acompanhado”, estava na companhia de Mary. Aconteceu três vezes depois que eu cheguei à mansão. Como ela ficou “melosa” e apegada demais, James resolveu cortar aquilo e disse que não deviam mais continuar com os encontros noturnos, que não queria nada sério.

— Usei até o nome da Beatrice como desculpa — ele continuou, evidentemente envergonhado. — Jurei que não queria um relacionamento, que ainda não estava pronto para algo sério e... E então eu enxerguei você e tudo mudou.

— Quando aconteceu? — indaguei. Como ele franziu a testa, não entendendo a minha

pergunta, completei, reformulando-a: — Quando exatamente você me enxergou?

Ele riu e balançou a cabeça, como se estivesse se lembrando do momento exato.

— Na verdade, isso meio que aconteceu antes de eu terminar com a Mary. Foi no dia em que eu vi a foto de Beatrice na sua mão e gritei com você — ele me revelou. — Depois que você subiu, Emily me contou o que realmente havia acontecido, que você não havia quebrado nada... Notei que tinha feito merda e fui até o seu quarto me desculpar. Assim que você abriu a porta, eu não estava mais te vendo como a babá. Naquele momento, não estava ali para te dar uma ordem; estava envergonhado, pensando no que tinha feito...

— E eu tenho certeza de que comigo foi no momento em que eu esbarrei em você todo suado lá em cima — respondi, aproximando-me dele.

Foi o clichê do “amor à primeira vista”.

— E sobre o lance do casamento...

Casamento.

Eu quase não acreditei quando Kells pronunciou aquela palavra.

James não teve uma boa experiência, e ao descobrir sobre toda a história dele com Beatrice, soube também que isso era uma das coisas das quais nunca poderia cobrá-lo.

Abri a minha boca para dizer alguma coisa, defendendo-me daquilo, mas não houve nenhum som.

— Eu quero muito me casar com você — continuou, roubando completamente a minha atenção. — Mas...

— Eu entendo — disse, interrompendo-o assim que ouvi aquele seu “*mas*”. — A gente não precisa fazer isso só porque eu estou grávida.

— Esse era exatamente o meu ponto, delícia — ele tornou a falar. — Eu quero muito me casar com você, mas não quero que você pense que é por conta do nosso filho. Eu quero fazer isso porque sinto que te amo o suficiente para dar esse passo.

Foi impossível não me lembrar do que Fernando, o meu ex-noivo, havia me dito. Ele me disse que não se casaria comigo porque achava que não me amava o suficiente para isso, que não estava pronto para dar “*aquele passo*”. E ouvir James me dizer aquilo, fez com que, pela primeira vez, eu fosse grata pelo chute que o Fernando havia me dado, pois se eu tivesse me casado com ele, não teria conhecido quem eu realmente amava.

Ele se levantou do sofá e, no momento em que começou a se ajoelhar, fez uma careta, dizendo: — Ai....

— Qual a parte de você levou uma facada e não pode fazer esse tipo de esforço, você ainda não entendeu? — disse, repreendendo-o por um ato que, na verdade, estava me derretendo por dentro.

Ele me encarou daquela forma que só ele conseguia fazer. Em frente a James, eu me sentia a mulher mais especial do mundo. Era fácil demais amar a mim mesma através do meu reflexo nos olhos dele.

— Você aceita largar esse cargo de babá e ser a minha esposa? — ele questionou, fazendo com que eu balançasse a minha cabeça copiosamente.

Se pudesse, diria “*sim*” inúmeras vezes.

— É claro que eu aceito — respondi, dando-me conta de como um dia horroroso podia ser tornar tão feliz.

James continuou naquela mesma posição, olhando para o meu rosto, como se o seu pedido ainda não estivesse chegado ao fim.

E ao notar que eu estava esperando pelo que ele tinha para falar, o meu agora noivo disse, rindo: — O pedido de casamento meio que já terminou, só estou esperando um pouco, criando coragem pra me levantar.

Ergui a camisa dele e notei que havia um pouquinho de sangue, o que o médico disse que seria normal.

Estendi a minha mão pra ele e o puxei, levantando-o e colocando-o à minha frente. Então eu o beijei, tirando a careta de dor do rosto dele.

Ainda que aquele não fosse o momento, uma coisa invadiu a minha mente, uma ideia incrível, e isso me obrigou a dizer: — Eu... eu posso te pedir um favor, James? — Antes que ele pudesse me responder, completei: — É pra uma amiga.

Capítulo 35 — Uma Última Conversa

— Isso é um diamante? — Kells questionou assim que mostrei a minha mão pra ela, deixando-a observar o meu anel de noivado. Balancei a minha cabeça, confirmando e ela prosseguiu, dizendo: — Garota... Olha só o tamanho disso?

Ganhei o anel há dois dias.

James já havia me pedido em casamento no final daquela noite terrível, mas, naquela ocasião, ainda não tinha um anel para colocar em minha mão.

— Não queria sair de casa com uma coisa assim, mas não consegui tirar — disse, não controlando o sorriso em meus lábios.

— Tirar pra quê, amiga? — ela indagou. Antes que eu pudesse lhe responder o óbvio, a ruiva completou: — Relaxa, os assaltantes vão olhar pra essa sua camiseta horrível e achar que é bijuteria.

Eu queria muito dizer que a minha camiseta preta com estampa de cachorro não era horrível — e que combinava com a minha outra com estampa de gatos —, mas, em vez disso, optei por focar no que havia acontecido há sete dias, antes de James fazer o pedido.

— Falando em anel de noivado, você é uma vaca, Kells! — disse, lembrando-me da cena terrível que aquela maldita havia me feito presenciar. — Como é que você despeja todas aquelas coisas em cima dele?

Ela sorriu, cheia de razão e respondeu: — Mas funcionou, não é? — Depois que eu revirei os meus olhos, Kells continuou, dizendo: — Homem tem a mente lenta mesmo, amiga... Se a gente não der um empurrãozinho, as coisas não acontecem.

— Um empurrãozinho? Você o “jogou do décimo andar”? — disse, voltando o meu olhar para ela.

Ela literalmente disse *“pelo pouco que eu consegui entender, você transou com a sua cozinheira e depois passou a transar com a sua babá, aí a sua cozinheira se sentiu traída e quase matou você e a sua babá”*.

Mary tentou me matar a facadas e Kells quase me matou de vergonha.

— Como já dizia aquela peça de Shakespeare, tudo bem quando termina bem. — Antes que eu pudesse fazer alguma piada sobre ela sempre me chamar de nerd e agora estar citando Shakespeare, a minha amiga prosseguiu: — E por isso eu não entendo o motivo de você estar fazendo isso, de estar vindo até aqui.

Uma parte de mim questionava a mesma coisa.

— Ela detestava você — Kells me lembrou, assim que chegamos ao endereço. — A loucura de Mary não torna Elizabeth uma santa, Cristine.

James havia me dito exatamente a mesma coisa.

Quando comentei que precisávamos nos desculpar com Elizabeth, ele usou as mesmas palavras que Kells. Disse que a antiga governanta havia me acusado de roubo e que o fato de ela ter sido manipulada por Mary não a tornava cem por cento inocente.

Mas eu não conseguia enxergar dessa forma.

Talvez fosse porque eu sabia, mais do que qualquer outro, o quanto havia sido fácil cair na lãbia da cozinheira. Então, em vez de concordar com ele e seguir em frente, eu entrei em seu escritório e peguei o endereço de Beth.

— Eu preciso resolver isso — disse à minha amiga, antes de tocar o interfone. — Eu juro que vai ser bem rápido.

Não precisei dizer nada, Elizabeth já sabia que eu apareceria. Junto com o endereço, peguei o número de telefone dela e disse que precisava conversar. E, estranhamente, ela aceitou me receber para uma visita.

Liberaram o portão e consegui entrar na casa que, comparada a mansão, chegava a ser humilde.

Ela estava me esperando na porta.

Seus olhos esmeralda continuavam sendo o maior destaque em seu rosto. O cabelo loiro ainda era tão impecável, a ponto de fazer com que o meu continuasse parecendo palha seca, assim como quando cheguei aos Estados Unidos e ela me recepcionou na casa dos Kings.

— Oi — disse, ao me aproximar. — Obrigada por ter aceitado conversar comigo.

Ela apenas estendeu o braço, convidando-me para entrar.

E já dentro da casa, ela comentou: — Sabia que aquele ingrato não apareceria... — Depois

de alguns segundos em silêncio, onde tudo o que eu ouvi foram os saltos dela batendo no piso claro, Beth continuou: — Por falar nisso, ele sabe que você está aqui?

Poderia mentir, dizendo “*é claro!*”, mas optei por dizer a verdade: — Não, não sabe.

Elizabeth convidou-me para sentar.

E fiz isso, aconcheguei-me em uma das poltronas, mantendo certa distância dela.

— Sei que não foi você quem plantou aquelas joias — disse, indo direto ao assunto.

Ela riu.

— Ela mostrou as garrinhas, não foi? — Elizabeth indagou, mesmo sem eu ter comentando sobre Mary, confirmando a minha teoria de que ela sabia.

Lembrava-me perfeitamente do “*você não é nem a primeira mulher dessa casa com quem ele dormiu*” que ela havia me dito quanto estava deixando a mansão.

— Eu quero pedir desculpas...

— Pelo quê? — ela me interrompeu.

Um sorriso sem graça tomou conta dos meus lábios.

— Por pensar que você havia feito todas aquelas coisas, que estava tentando sabotar o meu relacionamento com o James.

Ela tornou a rir e, dessa vez, um pouco mais alto.

— Não precisa me pedir desculpas — ela disse, livrando-se do sorriso. — Diferentemente do que eu disse aquela vez, quando a alertei sobre James King, eu não gosto de você, Cristine. Não leve isso para o pessoal, é que você representa a felicidade dele, é a droga do final feliz que James não merecia ter. — Ainda me encarando, ela concluiu: — E foi só por esse motivo, detestar você, é que caí na conversa da Mary.

De acordo com Elizabeth, a cozinheira também sussurrava no ouvido dela. Mas, diferentemente de mim, Beth sabia sobre a relação dela com James, então, na maior parte das vezes, não questionava até onde podia confiar no que Mary dizia.

— Mas eu acreditei naquela história das joias — ela continuou, não deixando de rir de forma frustrada. — Realmente achei que você tinha roubado. Acho que eu quis acreditar nisso... — Com os olhos esmeralda fixos em mim, ela prosseguiu: — Mais do que isso, eu quis contar ao James que a mulher que ele amava tinha acabado de roubá-lo. Eu queria vê-lo sofrer tanto quanto

minha amiga sofreu antes de morrer. E, então, aquele homem que chutou Beatrice no primeiro sinal de imperfeição, ficou do seu lado, mesmo com todas aquelas provas...

James realmente acreditou em mim.

No momento em que eu o levei para o meu quarto e lhe mostrei as joias, ele poderia achar que eu as tinha roubado e estava arrependida. No entanto, em nenhum momento ele sequer desconfiou da minha palavra.

Os olhos dela voaram na direção dos meus dedos, encarando o meu anel de noivado.

— Você conseguiu no final das contas — ela disse, rindo como se o meu casamento fosse uma grande piada. — Sabe a parte mais irônica de tudo isso? Beatrice é a única razão pra você ter sido contratada.

Pela forma que franzi a testa e arregalei os olhos, ela soube que aquelas palavras despertaram a minha curiosidade.

— Porque eu só vim pra cá para cuidar dos filhos dela? — indaguei, tentando entender o que ela estava tentando me dizer com “*a única razão*”.

— Assim que engravidou do Mike, ela me disse que precisaria de uma babá para ajudá-la com as crianças — Beth respondeu-me, sorrindo. Mas, dessa vez, não se tratava de algo debochado, repleto de sarcasmo. Ela parecia estar se lembrando da amiga. — Mas Bea deixou claro que não poderia ser qualquer babá, que ela tinha que ser estrangeira, uma brasileira... Então, quando James me disse que eu podia contratar uma pessoa para me ajudar com as crianças, honrei esse último desejo da minha amiga.

Desejo ou alucinação?

Até onde eu sabia, Beatrice era completamente perturbada. Acreditava em teorias da conspiração e envolvia até mesmo os seus filhos nessa loucura, como naquele caso de não vaciná-los, como James havia me contado.

De qualquer forma, agora eu sabia o porquê haviam me contratado, chamando uma estrangeira qualquer quando poderiam ter o auxílio da pessoa mais qualificada do mundo.

— James... Ele sabe disso?

A minha pergunta era tão óbvia que chegava a ser idiota.

Mas, mesmo assim, ela respondeu: — Que eu atendi a um pedido da mulher que ele matou? Não, ele não sabe. Se eu dissesse, certamente ele me diria que era apenas mais uma

loucura dela, uma alucinação qualquer. — Ela tornou a sorrir. — Alucinação ou não, vocês estão juntos, não é? E por mais que eu deteste o fato de ele acabar bem e feliz enquanto Bea está morta, sei que você vai tratar bem as crianças. Talvez a minha amiga não fosse tão louca assim no fim das contas.



— Que demora amiga. Eu já estava achando que ela tinha, sei lá, te envenenado com uma maçã — Kells comentou, assim que eu saí da casa de Beth. Ao notar a minha expressão e, principalmente o fato de eu não estar rindo de sua piadinha sem graça, ela questionou: — Aconteceu alguma coisa?

“Aconteceu” pensei ainda atônita com as palavras de Beth.

— Você acredita em destino, Kells? — questionei, não conseguindo tirar da cabeça as coisas que Elizabeth havia me contado.

— Quê? — ela indagou, encarando-me como se eu tivesse acabado de fugir de um sanatório. — Talvez não tenha sido uma maçã envenenada, mas com certeza ela te serviu algo podre, amiga.

Como queria que ela parasse com aquelas piadinhas, contei tudo o que havia acontecido lá dentro. De que a antiga governanta realmente não gostava de mim por conta do rancor que guardava de James e da principal motivação para a minha contratação.

— De verdade? Pra mim, são duas pessoas loucas. A tal de Beatrice por ficar alucinando e a Elizabeth por levar a sério essas loucuras que ela contava — Kells disse, assim que terminei de lhe contar. Depois de notar a expressão do meu rosto e constatar que eu realmente estava fazendo uma reflexão sobre aquilo, ela emendou: — A minha mãe acredita nessas coisas... Destino... Que Deus tem um caminho traçado pra cada um de nós. — Ela riu, como se estivesse se lembrando de algo. — Eu não sei se acredito nisso, mas sei que sou muito grata por você ter vindo pra cá, por ter entrado no meu caminho.

Eu a abracei com força.

Também agradecia muito por tê-la conhecido.

Foi a pessoa que mais me ajudou a suportar a saudade de casa e a rotina diferenciada, todas as mudanças que o intercâmbio trouxe para a minha vida.

— Falando nisso, eu meio que tenho uma proposta pra te fazer — disse a ela, assim que começamos a andar. — O que você acha de ser a minha babá?

Antes que ela pudesse responder, eu acrescentei: — Será mais como uma ajuda extra.

Ela riu daquela forma dela e me lançou um olhar de descrença.

— Você, precisando de uma babá? — Kells rebateu, obviamente não comprando a minha desculpa para tê-la por perto. — Ah, qual é, Cristine? Você consegue cuidar daquelas crianças e do seu filho com uma mão amarrada nas costas.

Eu realmente era boa no que fazia, mas não tinha ideia de como era ter um filho.

Nunca havia cuidado de um recém-nascido.

— Eu estou falando sério. A sua ajuda será muito importante pra mim e... Eu te quero aqui comigo, amiga — disse enquanto caminhava ao lado dela. — Aceita, vai?

— Mesmo que eu aceitasse, o meu contrato está vencendo — ela respondeu. — Vocês não conseguiriam me contratar pelo Go Baby.

Não consegui controlar o sorriso em meus lábios.

— Quem falou de Go Baby? — rebati, muito animada em lhe dar aquela notícia. — Eu conversei com o James e ele me disse que consegue um visto permanente, que você poderá até trabalhar...

— Como? — ela quis saber.

— Eu não sei, molhando a mão de alguém com dinheiro? — respondi, fazendo-a rir. Como ela ficou em silêncio, eu insisti: — Então?

Ela voltou a atenção para o meu rosto e disse: — Só se você me prometer que vai me deixar ser a babá e que não vai interferir no meu trabalho.

Eu sorri animada e a abracei novamente, ignorando as pessoas a nossa volta.

— Tudo bem, eu prometo que vou me esforçar muito pra não interferir — respondi, como se fosse mesmo uma promessa que eu conseguiria cumprir.

Capítulo 36 — Cinco de Agosto

Eu comecei a namorar.

Fiquei grávida.

E agora estava com um anel de noivado na mão.

Ainda assim, os meus pais não sabiam de nada disso. Parte do motivo da minha omissão, obviamente, devia-se a minha relação com a minha mãe, que sempre foi muito problemática.

Inicialmente, não quis comentar nada porque ela, assim como boa parte das mães, surtaria se soubesse que eu estava ficando com o meu chefe. Mesmo com o namoro oficializado, eu ainda estava trabalhando para James, o que continuava sendo, no mínimo, bem estranho — ao menos, o suficiente para preocupá-la. E isso fez com que eu adiasse mais um pouco aquela conversa.

Quando eu engravidei, tive a certeza de que não poderia contar — não até que tudo estivesse resolvido. Dona Carmem surtaria e o meu pai pegaria o mesmo embalo. E, lá no fundo, eu não queria dar mais um motivo a ela para me criticar, não quando a nossa relação tinha melhorado com a distância.

No entanto, todos esses problemas tinham ficado para trás, fugido da minha vida junto com Mary. E agora que eu estava noiva de James e não era mais a babá dos filhos dele, não existia mais motivos para continuar evitando aquela conversa.

Peguei o meu celular e fiz a maldita ligação.

— Oi — disse, assim que a minha mãe atendeu. Ela normalmente demorava, mas, dessa vez, o fez de primeira. Era como se ela estivesse adivinhando. — Como estão as coisas por aí?

Prometi a mim mesma que iria contar tudo antes de começarmos a falar sobre o clima.

— Estão be...

— Eu vou me casar — disse, interrompendo-a de forma abrupta. Se eu enrolasse, não falaria nunca. — Ainda não marcamos uma data, mas não deve demorar muito.

— Você, o quê? — ela questionou, como se não tivesse ouvido uma só palavra do que eu estava dizendo.

Eu compreendia.

Era muita informação de uma só vez — e isso que ela nem sabia que eu estava grávida.

— Eu sei que devia ter contado antes — disse, envergonhada por ter demorado tanto tempo para atualizá-la. — Mas as coisas aconteceram rápido demais e...

— Você está grávida, Cristine?

O chute foi certo.

E o meu silêncio confirmou a teoria dela.

— Meu Deus... Eu sempre soube que essa coisa de intercâmbio não era uma boa ideia... O seu pai estava certo... — Ela começou, fazendo com que eu revirasse os meus olhos. — Quando ele descobrir sobre isso, vai passar mal. Você sabe que ele tem problema de pressão...

Eu tentei dizer que não existiam motivos para preocupações, mas a minha mãe não me deixava falar. Ela simplesmente despejou um monte de críticas em cima de mim. Às vezes, parecia que eu era uma adolescente de quinze anos, uma menina que não tinha um emprego, maioridade ou, simplesmente, alguém que dependia dela para sobreviver.

— E o pai dessa criança, Cristine? — Ela tornou a berrar no telefone. Como mantive-me em silêncio outra vez, dona Carmem completou: — ela tem um pai, pelo menos? — Ela riu, como se eu fosse uma piada pronta. — Ou você inventou toda essa história de casamento pra fingir que não se tornou uma mãe solteira no exterior?

E isso fez com que eu me arrependesse completamente de estar contando aquelas coisas. Eu estava tão animada e uma simples conversa com a minha mãe conseguiu me deixar nervosa, tirando-me do sério.

— O meu filho...

— Você deveria voltar para casa — ela me interrompeu, não me deixando dizer que o meu filho tinha um pai e que mesmo que ele não tivesse, seria muito bem cuidado por mim. — Eu não te contei antes porque achei que você estivesse bem aí, mas é óbvio que não está... — Pensei em interrompê-la para gritar sobre o quanto eu estava muito bem, mas fiquei curiosa para saber o que ela tinha para me contar. E a minha curiosidade, mesmo que por um curto período, venceu a minha raiva. — Fernando veio falar comigo há algumas semanas, ele ainda gosta muito de você, Cristine... Ele me disse que se arrependeu por não ter se casado com você. — Depois de alguns segundos em silêncio, ela prosseguiu, chocando-me ainda mais: — talvez, se você vir logo, ele até assumo essa criança que você está esperando.

Eu não sei o que me deixou mais grogue, a minha mãe pensar que eu estava completamente desamparada no exterior ou o fato do meu ex-noivo — o mesmo que me chutou para “*aproveitar a vida*” — dizer que se arrependeu por não ter se casado comigo.

— Estou bem, mãe... Na verdade, eu nunca estive melhor — disse, esforçando-me ao máximo para não desligar aquela ligação na cara dela e simplesmente passar a ignorá-la por mais alguns meses. — Só estou te ligando para te contar, pra dizer que eu não vou mais voltar para o Brasil, que aqui é a minha casa agora.

Dessa vez, eu nem dei a chance de ela falar, prosseguindo: — Caso o Fernando fale com você novamente, por favor, diga a ele que eu sempre vou ser grata pelo pé na bunda que ele me deu. Se não fosse por isso, eu não conheceria o homem da minha vida, o pai do meu filho e o meu futuro marido... Diga ao Fernando para aproveitar muito a vida dele, pois eu estou aproveitando a minha como nunca.

Ela ficou em silêncio — provavelmente, ela estava tão atônita quanto tinha me feito ficar há alguns minutos. E, dessa vez, eu não me importei se ela acreditaria ou não em mim. Não tinha importância o que ela pensava, não mais.

— O meu filho é um menino e ainda não escolhemos um nome — continuei, sem me importar com o silêncio dela. — James, o meu noivo, convidou vocês pra passar uma temporada aqui, perto da data do nosso casamento. — Novamente, não lhe dei a chance de falar. — É isso, assim que tiver uma data falo com você de novo. Diga ao papai que estou morrendo de saudade. Tchau, mãe.

E eu desliguei a ligação.

Ironicamente, no momento em que o meu noivo entrou no quarto.

— E aí, como foi? — ele indagou, notando pela minha expressão que bom não devia ter sido. Fiz uma careta, dando-lhe uma ideia do quanto foi doloroso. — Tão ruim assim?

Bufei de raiva, completamente frustrada com a péssima conversa que tive com a minha mãe.

— Ela achou que eu estava mentindo sobre ter um noivo... Pensou que eu estava grávida, sozinha e sofrendo aqui nos Estados Unidos — disse, tornando tudo aquilo ainda mais inacreditável em voz alta. — Me aconselhou até a voltar para o Brasil.

James não se surpreendeu. Ele já sabia dos meus problemas com a minha mãe e também tinha um histórico complicado com parte da família.

— Ainda dá tempo de riscar o nome dela da nossa lista de convidados — ele brincou, arrancando-me um sorriso.

Balancei a cabeça, negando e respondi: — eu quero que ela veja... — Não consegui controlar a minha risada frustrada. — Eu quero que ela veja o quanto eu estou feliz. Eu quero que ela veja você, o homem maravilhoso que eu encontrei. Eu quero que ela veja as crianças... Eu quero que ela veja tudo.

Podia não ser a coisa mais saudável do mundo, mas eu realmente queria esfregar o meu final feliz na cara da minha mãe, mostrar que, por mais que ela nunca tivesse acreditado em mim, eu tinha conseguido tudo e estava melhor do que nunca.

— O que acha de cinco de agosto? — ele indagou, deixando-me confusa ao mudar completamente o assunto.

Só respondi quando me dei conta de que ele estava comentando sobre a data do nosso casamento.

— Mas isso é daqui...

— Seis meses? Pra mim é perfeito, delícia — ele me interrompeu, arrancando-me um sorriso. — Quando o nosso reizinho nascer, nós já estaremos casados.

Eu me casaria com um barrigão de quase sete meses. Era loucura e, ao mesmo tempo, realmente perfeito.

Assim como James, também não queria esperar.

E isso me fez responder: — cinco de agosto então.

Capítulo 37 — Recomeços

Abri os meus olhos e flagrei James me encarando. A luz do sol entrava pela janela do quarto e iluminava o rosto dele. E como consequência disso, aquelas lanternas cinzentas nunca estiveram tão brilhantes quanto naquele momento.

Foi impossível não sorrir e chegar à conclusão de que não existia uma forma melhor de acordar.

Eu me aproximei para beijá-lo, mas, antes que pudesse tocar em seus lábios, ele se esquivou.

— Primeiro, deixa eu beijar o nosso bebê — ele sussurrou, inclinando-se para beijar a minha barriga. Depois de rir daquela sua forma sexy, ele finalmente tomou os meus lábios, deixando-me ainda mais animada para aquela manhã. Ainda queimando o meu rosto com o seu olhar intenso, ele completou: — Bom dia, minha delícia.

— Bom dia, meu amor — respondi, levantando-me da cama.

Era o primeiro dia de Kells como babá na mansão. E ainda que eu tivesse prometido que a deixaria fazer o trabalho dela — não interferindo em tudo, como uma mãe coruja —, queria acompanhá-la nas tarefas, pelo menos na primeira semana. Até porque, além de finalizar o meu livro, eu não tinha nada muito interessante para fazer com o meu tempo livre.

Fui para o banheiro fazer a minha higiene matinal e, nesse meio tempo, James atendeu a uma ligação, provavelmente referente ao trabalho.

Diferentemente de como costumava acontecer há algumas semanas, já não me importava em ser vista saindo do quarto dele. Nossa relação mudou bastante nesse sentido, deixando completamente o “*chefe e subordinada*”. Mudei-me para o quarto do meu noivo e o meu antigo ficou com Kells.

A minha amiga havia se mudado no dia anterior. James já estava providenciando a documentação dela, para tornar legal a sua permanência no país.

O loiro voltou para o quarto e a expressão de seu rosto me fez questionar: — O que foi? Parece que viu um fantasma.

— Prenderam a Mary — ele revelou, deixando-me tão atônita quanto ele estava.

Fazia duas semanas desde que eu e ele havíamos dado os nossos depoimentos para a polícia. No final da primeira, eu já tinha perdido as esperanças de que eles a encontrassem. O lado positivo era que haviam encontrado o restante das joias com ela e agora Emily teria o anel de noivado da mãe.

— Acho que, oficialmente, acabou — respondi, aproximando-me dele.

Como o rosto dele continuava com aquela expressão tensa, indaguei: — Há mais alguma coisa?

— Só o meu irmão... Meio irmão, na verdade... — ele disse, confundindo a minha mente. — Ele me mandou uma mensagem, disse que ficará alguns dias aqui na cidade.

Não conversamos muito sobre esse irmão dele — e nem sobre a sua família de forma geral —, mas eu sabia que não eram próximos. As crianças mesmo, até onde eu sabia, nem chegaram a conhecê-lo.

— Enfim, ele é um babaca, então não ligue pra nada do que ele te disser — ele me avisou, antes de se inclinar para um beijo que eu retribuí.

Não deixei que ele se afastasse.

Existia uma coisa me incomodando, um segredo que eu vinha guardando desde a semana anterior, quando fui escondida visitar Elizabeth.

— Lembra quando você me disse que eu não deveria me encontrar com a Beth? — questionei, chamando a atenção dele. Ele balançou a cabeça, sinalizando de que se lembrava disso e, provavelmente, já adivinhando o que eu diria a seguir. — Então... Eu, na verdade, me encontrei com ela.

— Eu sei — ele revelou, surpreendendo-me. — Ela me ligou, bem irônica, pra me parabenizar pelo noivado.

Fechei os meus olhos, detestando-me por não ter contado isso assim que deixei a casa dela na semana passada. Ou, simplesmente, não ter ido lá sem avisar a James.

— Desculpe... — disse, completamente sem graça com aquela situação. — Eu precisava me desculpar e...

— Está tudo bem — ele disse, interrompendo-me. — Fico feliz que tenha me contado.

Eu poderia simplesmente sorrir e fingir que o assunto havia terminado ali, mas não queria continuar escondendo coisas dele.

— Ela me disse que o único motivo para ter me contratado foi porque Beatrice, em uma daquelas paranoias, comentou que deveriam contratar uma babá brasileira — disse, finalmente me livrando daquilo. — É como se...

— Fosse destino? — ele completou, fazendo-me balançar a cabeça, concordando. Pensei que James fosse rir e dizer o seu costumeiro “*bobeira*”, mas ele permaneceu sério. — Eu não costumo dar muito crédito a todas essas coisas, mas o amor que eu sinto por você me faz querer acreditar... Acreditar que estávamos destinados a nos encontrar.

Depois de uma semana pensando sobre aquilo, havia chegado à conclusão de que, sim, eu acreditava, por mais louco e improvável que fosse.

Não era uma coincidência.

— E de qualquer forma, agora que eu te peguei, não é como se eu fosse te deixar escapar — ele continuou, puxando-me para mais um beijo. Eu sorri e amei estar ali, sendo dele e tendo-o todo só para mim. — Você é minha, delícia.

Voltei o meu olhar para o relógio e lembrei-me de que precisava ir acordar as crianças. Se demorasse mais um pouquinho, as chances de deixar aquele quarto ainda pela manhã seriam minúsculas.

Enquanto James foi tomar banho, fui checar se a minha amiga já tinha acordado. Encontrei Kells no corredor, como se estivesse me esperando há algum tempo.

— Pensei que precisaria ir lá te acordar — ela me disse, com um ótimo humor, como de costume.

— Dormiu bem? — questionei assim que parei à sua frente. — Gostou do quarto?

— Não tão bem quanto você, aparentemente — ela respondeu, deixando-me vermelha. — E, sim, amei o quarto. Deixa no chinelo aquele que eu tinha.

Fomos juntas acordar as crianças. E assim como Beth fez comigo quando cheguei à mansão, fui explicando como funcionava a rotina da casa para a minha amiga. A parte da alimentação, eu optei por cuidar pessoalmente, pois era algo que eu gostava de fazer e que as crianças, principalmente Emily, já estavam acostumadas.

As crianças já conheciam Kells, mas descobriram lá na mesa, enquanto tomavam o café da manhã, que ela seria a sua nova babá.

James foi quem deu a notícia.

— E a Cris? — a voz da Emily chamou a minha atenção.

Ela estava fazendo aquela pergunta para o pai, então eu não me meti no meio da conversa, deixando que ele a respondesse.

— Ela vai continuar aqui com vocês, mas... — Ele voltou o olhar na minha direção e sorriu, antes de completar: — Ela não é mais a babá, agora a Cris é da família.

Eu sorri, satisfeita com aquela resposta.

Tínhamos combinado que não usaríamos a palavra “*madrasta*”, pois, para as crianças, sempre remetia a algo negativo. E não havia como ser o contrário, já que a mesma se iniciava com um “*má*”.

Não queria que elas me vissem como uma bruxa malvada de um conto de fadas. Eu queria que me enxergassem exatamente da forma como James colocou, como parte da família.

— Vou estar sempre aqui, para o que vocês precisarem — disse, focando no rosto de Emily. Queria que ela soubesse que podia contar comigo, que as coisas não mudariam.

— Mas a babá sou eu — Kells disse, mais para mim do que para as crianças. — Não ouse roubar o meu lugar, Cristine.

Abri a boca para lhe responder, mas a nova governanta roubou a minha atenção.

— Dylan — ela disse, com os olhos voltados na direção de James. — Ele está lá no portão. Posso autorizar a entrada, senhor?

James se limitou a balançar a cabeça, confirmando.

Lancei um olhar na direção dele, que não costumava receber muita gente em casa — principalmente, no período da manhã —, na esperança de receber uma explicação.

— Meu irmão.

Pela forma como a sua voz soou, algo me dizia que ele não estava esperando — ou querendo — aquela visita.

James se levantou da mesa e seguiu na direção da porta, provavelmente para recepcionar o irmão.

Quando ele estava longe o suficiente para não nos ouvir, Kells indagou: — Desde quando ele tem irmão?

— Ele não comenta muito sobre a família dele — disse, lembrando-me da conversa que tivemos, de quando James me contou que havia sido exilado pelos Kings.

Em questão de segundos, os dois entraram.

Dylan não era parecido com James. A única semelhança entre os dois devia ser o sobrenome “King”. Os seus cabelos eram castanho-escuro, jogados para o lado direito em um topete descolado. Diferente do meu noivo, mantinha a barba mais cheia e uma expressão ainda mais séria, mas existia um toque de malícia em sua expressão, algo que eu não conseguia explicar.

— Ele é bem bonito — Kells cochichou com os olhos fixos nele.

Como eu não era mais a babá, não podia me dar ao luxo de me esconder em um canto da casa e simplesmente ignorar qualquer convidado.

James, por algum motivo voltou para fora da casa — talvez para falar com Robert? —, e o irmão dele se aproximou da mesa e, conseqüentemente, da gente.

Eu e Kells nos levantamos ao mesmo tempo.

Antes que eu pudesse me apresentar, o irmão dele olhou para a minha amiga e disse: — Você, com certeza, deve ser a noiva...

Com certeza?

Foi tão desconcertante a ponto de eu não conseguir dizer um “*não, eu é que sou a noiva do seu irmão*”.

— Não, eu ainda estou na pista — Kells respondeu, voltando o olhar na minha direção. — A noiva é essa aqui, Cristine Alves.

E essa foi a deixa para que eu estendesse a minha mão, dizendo: — Muito prazer!

Foi tão estranho que após ele dizer “*Dylan*”, apresentando-se, voltou a atenção para as duas crianças.

Convidei-o para tomar café da manhã com a gente e tornei a me sentar, voltando minha atenção para a minha xícara de café com leite.

Emily e Mike não deram muita bola pra ele e Dylan pareceu ligar ainda menos para os dois. Aparentemente, não era do tipo que gostava de crianças.

James finalmente entrou e se juntou a nós.

— Então vocês já se conheceram? — o meu noivo indagou assim que se sentou ao meu lado na mesa.

Limitei a balançar a minha cabeça, confirmando, enquanto pensava “*da pior forma possível*”.

Os irmãos começaram a conversar, focaram nos compromissos de Dylan na cidade. Senti a expressão de James mais aliviada quando o outro comentou que ficaria em um hotel, que não precisava se incomodar com acomodação.

— Já marcaram a data do casamento? — o moreno questionou antes de levar a xícara de café preto até a boca. — Parece ter sido tão repentino...

De certa forma, realmente foi.

Questão de meses.

Menos de um ano.

Mas ainda assim, não gostei do tom de voz que ele usou. Foi como se ele estivesse dizendo que estávamos — no caso o irmão dele — precipitados.

— Cinco de agosto — James respondeu, atraindo o meu olhar. — Menos de quatro meses.

— Acho casamento tão superestimado. Hoje em dia, as pessoas se casam sabendo que vão se separar... — Dylan comentou com um sorriso odioso no rosto. — Definitivamente, não é pra mim.

— É que esse tipo de amor não é pra qualquer um não — Kells respondeu, entrando na conversa dos dois. — Uns têm a sorte que esses dois tiveram de se encontrar e outros acabam sozinhos e amargurados, chamando tudo de superestimado... Acontece, amigo.

James não controlou o sorriso. Dylan, que não esperava por aquele soco, ficou sério, com cara de paisagem, como se ainda estivesse tentando assimilar as coisas.

— E quem é você mesmo? — ele questionou, colocando os olhos negros no rosto da minha amiga.

Ele, obviamente, estava se referindo à função dela na casa.

E a ruiva sabia disso, mas respondeu com: — Kells, vinte e três anos, signo leão e, nesse momento, ocupada demais pra conversar.

O moreno não teve tempo de rebater, pois Robert apareceu e a minha amiga saiu da

cozinha com as crianças para levá-las até as suas respectivas escolas.

— A gente estava falando sobre o casamento, não é? — Dylan retomou o assunto. — Talvez eu fique na cidade por algum tempo e consiga ir.

Até aquele momento, ninguém o havia convidado.

Mas ele, claramente, não precisava de convite.

O meu noivo segurou a minha mão e então respondeu: — Ficaremos felizes em recebê-lo.

Felizmente, a visita desagradável de Dylan não durou muito. Vinte minutos mais tarde, ele já não estava mais na mansão, encarando-me com aquele seus olhos negros analíticos.

— Ele pensou que a sua noiva fosse a Kells... A Kells! — sussurrei sem graça, assim que ficamos sozinhos. — Disse a ela: “*com certeza você deve ser a noiva*”, como se não existisse a possibilidade de um cara como você estar com alguém como eu.

Problemas de autoconfiança não são facilmente tratados, eles não evaporam só porque chegamos ao final de um ciclo. Não existe uma pílula mágica que, após ser engolida rapidamente junto com um copo de água, te faça se amar.

Não.

É como uma longa e tortuosa caminhada. Nós damos um passo de cada vez, sentindo as nossas pernas pesarem cada vez mais. E, sim, em alguns momentos, você se cansa e quer desistir. A sua boca fica seca e a vontade de água nos faz querer regredir, voltar lá para o início.

Às vezes, um simples obstáculo — como o comentário de Dylan — é capaz de nos desabar, destruindo todo o percurso percorrido.

Ou até seria, se eu não tivesse James King comigo.

— Eu não te avisei? O meu irmão é um babaca — o meu noivo respondeu, aproximando-se de mim. Com um sorriso malicioso, ele completou: — Ele não é capaz de reconhecer uma mulher gostosa nem quando ela está colada na frente dele.

Ele sorriu e então me puxou para um beijo quente.

— Eu quero passar o resto da minha vida com você, Cristine — ele me disse com uma expressão séria no rosto, assim que os nossos lábios se desgrudaram. — Eu quero ter um final brega e clichê ao seu lado... Eu quero todo essa baboseira. E sabe por quê? Porque eu te amo — Antes que eu pudesse lhe dizer alguma coisa, provavelmente agradecê-lo por estar me dizendo

todas aquelas coisas bonitas, ele concluiu: — Nunca se esqueça disso, minha delícia.

Por mais que a caminhada rumo ao amor próprio seja algo individual e, na maior parte das vezes, solitário pra caramba, é mais fácil continuar andando se existe alguém te esperando no final do percurso. Um alguém que está ali porque acreditou desde o início que você conseguiria.

Eu poderia dar um fim para inúmeras histórias, inclusive para aquela do caubói, que eu ainda não tinha finalizado. Mas nunca para a minha com James, pois o nosso romance nunca se baseou em começos e fins, sempre foi sobre recomeços.

Epílogo

Um mês depois.

Faltando três meses para o nosso casamento, que aconteceria em agosto, James decidiu que devíamos tirar aquelas férias — sim, as mesmas que eu não acreditei quando ele me propôs em cima de sua cama. Simplesmente pegar as crianças e aproveitar algumas semanas longe de tudo.

Sabia que parte dessa decisão era motivada pelo susto que havíamos levado com Mary, assim como o retorno de Dylan, o irmão babaca dele. Mas não consegui me opor àquela ideia, pois estávamos mesmo precisando esfriar a cabeça — ou esquentá-la, já que fomos para uma casa de praia à beira-mar.

Palmeiras.

Céu azul.

Água.

Estava em um paraíso.

Em um paraíso com um anjo ao meu lado — o que, definitivamente, era a parte mais divertida.

Depois de aproveitar muito com o meu futuro marido e os filhos dele — que passei a amar como se fossem meus —, tirei uma tarde só para escrever. Sentei-me em uma rede com o notebook no meu colo e, enquanto encarava o horizonte, observando o mar, escrevi como nunca, finalmente conseguindo dar um fim ao meu livro de caubói, o mesmo que Kells ainda pensava tratar sobre Educação Infantil.

— Terminei — disse, assim que James cruzou a porta da casa de praia, encontrando-me na varanda.

Ele usava uma camisa branca aberta e um calção azul.

Nunca tinha visto o meu noivo tão relaxado daquela forma.

James me beijou, fazendo com que eu fechasse o notebook e me concentrasse apenas em seu rosto. Passei a minha mão em sua face, sentindo a sua barba por fazer, que já estava

vencendo — já que ele não precisava apará-la para trabalhar no dia seguinte.

— Ela ficou ou foi embora pra cidade grande? — ele indagou, questionando o destino da protagonista da minha história.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, fazendo um suspense bobo, antes de revelar: — Ficou com o caubói dela.

Detestava-me por ter seguido para o rumo mais óbvio e clichê possível para aquela história, mas eu não resisti ao *“e viveram felizes para sempre”*.

— Todo mundo gosta de um final feliz.

Ele concordou com um aceno de cabeça e comentou: — Vou querer ler, hein?

Foi impossível não rir ao imaginá-lo chegando às cenas eróticas — algumas delas que foram, inclusive, inspiradas nas que tivemos no quarto dele, lá na mansão.

— Eu amo você, minha delícia — ele sussurrou antes de tomar os meus lábios uma vez mais. E sem medo de a rede ceder, James se enfiou nela junto comigo. — Você é o meu final feliz.

Minhas bochechas queimaram e isso fez com que eu me lembrasse do início da nossa história, de quando eu havia acabado de chegar aos Estados Unidos e ainda estava me adaptando à rotina da casa dele.

Por mais que eu estivesse ferrando com o clima sexy naquela rede, precisava comentar sobre isso.

— Uma vez, antes de sermos interrompidos pela Elizabeth, você me perguntou o que me fez largar tudo no Brasil e vir pra América do Norte cuidar dos seus filhos... — lembrei, encarando os olhos cinzentos dele. — Eu precisava de algo novo, de pessoas novas... E eu fui sortuda o suficiente por te encontrar. Você não é só o meu final feliz, James King. — Aproximei ainda mais os nossos rostos e, antes de beijá-lo com vontade, conclui, como se aquele fosse o fim de um dos meus livros: — Você também foi o meu recomeço.



Cinco de agosto — no dia do casamento de James e Cristine —, um novo livro será

lançado. “Uma Babá Para Dylan King”, que narrará a história de Kells e trará de volta todos os personagens desse livro, incluindo o casal Cris e James, mostrando casamento e as crianças, agora três.

Enquanto esse livro não é lançado, deslize a página e conheça os meus outros trabalhos.

Conheça os Meus Outros Trabalhos

Marido de Aluguel

Livro único

Sinopse: O plano era muito simples, tudo o que Gabriele Novais deveria fazer era se dedicar ao seu trabalho na Revista Global e nunca, em hipótese alguma, colocar um homem como a prioridade de sua vida — assim como a sua mãe cansou de fazer no passado.

No entanto, esse seu plano caí por terra no momento em que o seu supervisor revela que a diretoria — leia-se o dono machista da revista — nunca daria a ela o cargo de “editora chefe”, a posição que Gabriele sempre almejou, simplesmente por ela ser uma mulher... Uma mulher solteira.

Com a ajuda de seu melhor amigo gay — que sempre fingiu ser o namorado dela —, Gabriele decide contratar um acompanhante de luxo para fingir ser o seu noivo e, desta forma, provar a todos que ela é a mais capacitada para o cargo.

Em um jogo de prazer e sedução, ela se encontra completamente encantada por esse misterioso cafajeste.

O homem perfeito tem um preço.

Você está disposta a pagar por ele?

Embarque nesse romance erótico e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

Leia os primeiros dois capítulos do livro.

Prólogo

Eu cresci ouvindo que o grande sonho de uma mulher — pelo menos, o da maior parte delas — era ter o casamento perfeito, com o homem perfeito. No entanto, a única coisa que eu almejava era o cargo de editora-chefe na revista Global, o que, automaticamente, me tornava

estranha de acordo com a sociedade.

Mas talvez eu fosse mesmo estranha e isso nunca foi um problema pra mim.

Ao menos, até a manhã daquela segunda-feira, quando o meu supervisor se colocou à minha frente e cuspiu todas aquelas palavras na minha cara.

— O que você disse? — questionei, ainda não acreditando naquela bobagem que havia acabado de sair de sua boca. Respirei fundo, tentando manter a calma, enquanto o meu olhar continuava fuzilando o centro do seu rosto, sem me importar com o que ele pudesse vir a pensar. Quando percebi que o maldito não iria repetir, eu tornei a falar. — Você não pode estar falando sério...

Ele levantou as mãos, rendendo-se a mim.

— Você é, provavelmente, a melhor funcionária que eu já tive aqui nesta revista, mas... — Ele se interrompeu, balançou a cabeça em um sinal de descrença, antes de prosseguir: — Mas eu tenho que ser sincero e te falar a verdade... Dizer aquilo que mais ninguém além de mim quer falar... Gabriele, não vão te oferecer o meu cargo!

Naquele instante, tudo o que eu mais quis foi arrancar a cabeça de Gaspar com as minhas próprias mãos. Nunca pensei que pudesse chegar a odiar aquele idiota — pelo menos, não da maneira que eu o odiei naquela fração de segundos.

Eu não conseguia me conformar com o fato de não ganhar aquilo que por direito deveria ser meu.

— Eu juro que tentei... Antes mesmo de eu me demitir, falei com Frederico e te indiquei pra esse cargo, eu disse a ele que você era a melhor, a mais capacitada para me substituir... Mas tudo o que ele me disse, foi que nunca daria um cargo assim para uma mulher como você... Pra uma mulher solteira.

Era ridículo e totalmente injusto comigo, uma pessoa que passou anos se dedicando a Global, esperando por aquele momento — um que, aparentemente, nunca chegaria.

Eu sentia como se tudo aquilo que eu mais quis estivesse sendo arrancado dos meus braços com brutalidade, era cruel e triste.

Não havia como compreender.

Eu não ganharia o cargo simplesmente porque era uma mulher e, pior do que isso, sem um marido por trás da minha imagem, passando uma espécie de “confiança” para uma sociedade

extremamente machista. Era como se eu não tivesse um valor — não sem um homem ao meu lado para “atestar” isso.

— Então, você está supondo que, se eu fosse casada, o filho da puta me daria o cargo?

Gaspar riu, ainda encarando o meu rosto, antes de responder de forma bem confiante: — Eu não estou supondo, Gabriele... Eu estou afirmando. Você é perfeita para o cargo e o Frederico não tem como ignorar isso. Mas sem uma aliança de casamento no dedo ou, no mínimo, a promessa de uma, ele não vai te promover... O cara é um rinoceronte velho, realmente acredita que a porra da família tradicional existe.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e encarei o piso branco sem a mínima ideia do que responder a ele. Não foi nada fácil assistir a todas as minhas esperanças serem esmagadas daquela forma.

O sentimento de impotência era enorme.

Não havia sido um “erro” meu, mas algo que eu simplesmente não podia controlar. Estava sendo julgada por uma coisa que não tinha relação com o meu trabalho ou com a minha capacidade para desempenhá-lo.

— Eu não sei nem o que te dizer...

— Mas eu sei — prosseguiu ele, interrompendo-me. — Diga um *“muito obrigada pela dica, Gaspar. Você é incrível!”*. Eu sei que você está namorando. Só precisa convencer o cara a te propor em casamento e, aqui entre nós, isso não vai ser tão difícil assim... — Ele sorriu, tentando aliviar o clima. — O cargo já é seu, minha querida!

E, no fim das contas, Gaspar estava certo a respeito da proposta de casamento.

Não seria nem um pouco difícil fazer o meu namorado me propor em casamento; seria completamente impossível. E isso, pelo simples fato de ele, na verdade, ser gay.

Capítulo 01 — O Noivo Perfeito

Depois de um dia cansativo de trabalho, tudo o que eu mais gostava de fazer, era chegar em casa e me sentar no sofá da sala, onde eu colocaria o notebook sobre o meu colo e começaria a editar um artigo que havia escrito para a revista.

Um artigo que, infelizmente, não teria nem a chance de ser publicado, como de costume — pelo menos, até que eu assumisse o cargo de editora-chefe e mudasse algumas das “regrinhas” por lá.

De acordo com o meu supervisor, e também com o CEO da Global, o público não estava interessado em saber sobre a taxa — uma bem pequena, diga-se de passagem — de mulheres em posições de poder no mercado de trabalho nacional.

“*Uma matéria sobre casamento ou jardinagem tem mais chance de ser aprovada pelos nossos leitores*”, dizia-me Gaspar sempre que eu tentava convencê-lo a aceitar um dos meus novos artigos.

Lá no fundo, eu sabia que ele não estava tão errado assim, já que o nosso público alvo se resumia a homens brancos que deviam acreditar nas mesmas coisas que o dono da revista — sim, o idiota que não me daria o cargo de editora-chefe por ser uma mulher solteira.

Por mais que escrever sobre coisas das quais eu não poderia publicar fosse algo totalmente deprimente, eu não conseguia evitar.

Durante toda a minha vida, eu sempre coloquei o meu trabalho na frente de todas as outras coisas. Os homens, definitivamente, não eram uma exceção pra mim.

O meu plano sempre foi muito simples: eu deveria me dedicar ao meu trabalho na revista e tudo daria certo — contanto, é claro, que eu não colocasse nenhum cara como o centro do meu universo.

E pensar que toda essa minha estratégia desmoronou tão facilmente, já que tudo o que eu precisava para ser promovida, era da porcaria de um homem.

Entretanto, apesar de toda essa minha “resistência” ao sexo masculino, existia um homem que quase conseguia me dobrar. Tratava-se do meu namorado, como Gaspar havia me lembrado. E, com toda a certeza, esse era o homem mais perfeito que eu conheci em toda a minha vida.

Só existia um pequeno detalhe que contrariava toda essa sua perfeição — o que no ponto de vista de outro gay, só tornava ainda mais perfeito.

No momento em que abri a porta da minha casa, fui contemplada com uma cena extraída do início de um pornô gay: uma cena em que um garoto beijava a boca de Eduardo — a pessoa que todos do meu trabalho conheciam como o meu “*namorado*” — em meu sofá. Edu não fez cerimônia para retribuir o beijo quente que havia acabado de receber. E, enquanto enfiava a sua língua na boca do outro garoto, ele agarrou o menino magricela e o colocou em cima de seu colo,

dominando-o por completo.

Sim, o meu namorado tinha um namorado.

Eduardo encarou o meu rosto e esticou os seus lábios em um sorriso que comprovava aquela perfeição que eu tanto descrevia. Alguns segundos depois, o garoto em cima dele virou o seu pescoço e cumprimentou-me também, da mesma forma gentil que a pessoa a sua frente fizera.

— Vocês dois não transaram no meu sofá, não é? — perguntei a eles, torcendo para que a resposta fosse um enorme “*é claro que não transamos!*”. Com o silêncio dos dois, eu obtive a minha resposta. — Incrível... Mas eu vou logo avisando, se vocês mancharam alguma coisa, vão limpar com a língua!

O meu amigo se limitou a continuar sorrindo. Por outro lado, Kauan — o garoto no colo de Edu — afastou-se do meu “namorado” e caminhou em minha direção para um forte e inevitável abraço. Eu poderia muito bem acrescentar um “forçado” na descrição.

— Eu já estava até com saudades — comentou ele, ainda me abraçando, como se eu fosse a sua pessoa preferida no universo, o que era uma completa mentira. Antes de se afastar, Kauan prosseguiu, mantendo a sua falsidade em um nível bem alto: — Eu espero que você não se importe por eu ficar aqui esta noite.

— A casa é sua — respondi no momento em que ele se afastou de mim, também com o “modo falsa” ligado. — E saiba que pode ficar o tempo que quiser. Você é sempre bem-vindo aqui em casa.

Por mais que não aparentasse, eu não era a dona daquele lugar. A pessoa que havia comprado o apartamento e todas as outras coisas dentro dele não fui eu, mas a família de Eduardo. Foi ele quem me convidou para morar ali e não o contrário, o que significava que, na verdade, o namorado dele possuía muito mais poder dentro daquela casa do que eu.

O meu melhor amigo levantou-se do sofá e caminhou em minha direção.

Correção, Eduardo caminhou na direção do namorado dele e o abraçou por trás. Após beijar o pescoço de Kauan, ele finalmente voltou o seu olhar para mim e, enquanto me analisava, encarou-me por alguns segundos com uma expressão de paisagem.

— Você está muito estranha hoje — observou ele rapidamente. Edu franziu a testa e continuou queimando o meu rosto com o seu olhar analítico. Não demorou muito para que ele perguntasse: — Aconteceu alguma coisa que eu deva saber?

Ele, definitivamente, era a pessoa que mais me conhecia em todo o universo. Se, em um programa de perguntas e respostas sobre a minha vida, colocassem Edu de um lado e minha mãe do outro, ele ganharia sem nem se esforçar. Não que a minha mãe fosse concordar em participar de um programa em que ela não fosse a atração principal.

— Eu meio que preciso me casar — disse a ele em um tom sério e com o olhar fixo em seus olhos castanho-claros. Com um nó enorme na garganta, continuei a falar: — Eu não acredito que vou dizer isso, mas eu preciso que você me peça em casamento.

Respirei fundo e continuei sustentando o meu olhar em sua direção enquanto esperava pela resposta do meu melhor amigo. Mas o que aconteceu em seguida foi completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. Não houve nenhum abraço seguido por um *“é claro que eu te ajudo. Afinal, somos irmãos, não é mesmo?”*.

— Mas é claro que precisamos nos casar, minha princesa — respondeu ele não segurando a risada.

Edu gargalhava como se eu estivesse contando uma piada muito engraçada, do tipo que não envolvia gays ou loiras burras, coisas que afetavam a nós dois.

Após ver que eu não havia compartilhado do seu humor e que a minha expressão continuou a mesma, Eduardo levantou as sobrancelhas e perguntou totalmente surpreso: — Você não está falando sério, não é? — Como eu estava falando, sim, com muita seriedade, permaneci calada. — Gabriele Novais, por favor, diga que não!

Ele se afastou muito antes de eu começar a explicar o quanto tudo aquilo era importante para mim, acabando com toda a minha estratégia dramática, algo do tipo *“eu pensei que fôssemos irmãos, mas tudo bem. Eu... eu me viro sozinha!”*.

Eduardo não queria saber dos detalhes, estava mais do que claro de que ele não toparia me pedir em casamento — não com o seu namoro em jogo, aparentemente.

Dessa vez, era oficial, eu estava mesmo sozinha, de uma maneira que nunca estivera antes — não antes de ele aparecer na minha vida.

Com uma expressão nada legal estampada na face, Edu respondeu ao meu pedido, totalmente irritado: — Essa nossa mentira já foi longe demais, Gabriele — ele disse isso com o olhar focado no rosto de Kauan, como se precisasse se certificar de que o namorado ciumento estivesse ouvindo cada uma das letras de seu grande “NÃO”. — Eu não quero e não posso mais me envolver em todas essas suas mentiras sem fim.

Sem mais cartas escondidas na manga, restava-me apenas um último truque, o meu olhar pidão ou — como eu gostava de chamar — o calcanhar de Aquiles de Eduardo, o mesmo que o convenceu a fingir ser o meu namorado para as pessoas do meu trabalho no passado.

— É o emprego dos meus sonhos — eu disse lentamente a ele, usando aquele meu olhar “bandido”. Fiz uma careta de choro, enquanto fingia limpar uma lágrima com a manga da minha camiseta. — Eu... eu não sei o que fazer, é o meu sonho, Eduardo...

— Mas e quanto aos meus sonhos? — questionou-me ele, voltando o olhar para mim.

Após ouvi-lo falar daquela forma, eu soube que não havia mais o que eu pudesse fazer para mudar a sua opinião.

O meu melhor amigo não salvaria a minha pele, não dessa vez.

— E quanto à minha felicidade, Gabriele? — ele continuou dizendo, mostrando-me que não cederia à minha pressão. — Como é que eu fico nessa história toda?

Kauan nem mesmo esperou o seu namorado terminar de falar e deixou a minha casa. E a atitude dele era totalmente compreensiva, uma vez que eu estava tentando me casar — mesmo que de mentira — com a pessoa que ele amava. Talvez se eu estivesse em seu lugar, fizesse muito pior, pulando em cima do pescoço da amiga egoísta e manipuladora, que só conseguia pensar em seus próprios problemas.

Eu não odiava o namorado do meu melhor amigo e, bem no fundo, sabia que ele também não nutria um ódio mortal por mim. Mas não éramos amigos e nem mesmo podíamos nos considerar colegas. Eu era a pessoa que ficava entre ele e o namorado. Eu era, definitivamente, aquilo que os afastava. Talvez o que Kauan mais odiasse em mim, entretanto, fosse a preferência que o seu namorado sempre me daria.

Mesmo depois de ele ter deixado o apartamento, Edu continuou comigo, esperando pelo que eu tinha para falar.

— Desculpe... — eu disse, com o olhar voltado para o chão da sala. Depois de alguns segundos em silêncio, criei coragem para continuar. — Gaspar me contou que eles não querem me dar o cargo pelo simples fato de eu ser uma mulher solteira, como se isso fosse algum tipo de doença contagiosa ou uma ficha criminal.

Caminhei em direção ao sofá e, acompanhando-me, Edu sentou-se ao meu lado.

O meu amigo estava sem camisa, trajando apenas uma fina bermuda azulada. Olhando para o seu corpo, não pude deixar de notar novamente que uma das coisas mais lindas em

Eduardo, sem dúvida alguma, era o seu abdome definido, onde os gominhos eram esculpidos perfeitamente.

Coloquei a minha mão em cima da sua coxa e suspirei enquanto virava o meu pescoço em sua direção.

Ele colocou a mão em cima da minha e, em um silêncio profundo, continuamos ali sentados.

Não havia uma maneira de ele me ajudar, não sem aceitar ser o meu noivo perfeito e isso, infelizmente, parecia estar totalmente fora de questão naquele instante.

— Kauan me deu um ultimato mais cedo, dizendo que eu deveria escolher entre você e ele. Acho que, no final das contas, ao ficar aqui, eu acabei escolhendo você.

Por mais que eu gostasse da ideia de ser a escolha de Eduardo, aquilo não era certo e nem mesmo uma pessoa egoísta como eu poderia ignorar isso. Então, eu fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, mas que acabei não fazendo por medo de perdê-lo.

— Nós terminamos, oficialmente — eu disse, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma. Ainda em um estado hesitante, completei: — Eu não vou mais roubar a sua vida, nunca mais.

Ele ficou me encarando, como se estivesse esperando pelo momento em que eu desmentiria tudo, um momento que não aconteceu nos segundos seguintes e nem depois — por mais que eu quisesse retirar tudo e voltar atrás em toda aquela história.

— Não fique aqui me olhando, seu idiota. Vá atrás do seu garoto! — Antes que ele pudesse cruzar a porta, eu o lembrei de um detalhe: — Só não se esqueça de colocar uma camisa antes disso...

Adquira o livro na Amazon e termine a leitura [clikando aqui](#).

Trilogia Acompanhante de Luxo

Todos os volumes dessa trilogia já estão disponíveis na Amazon.

Sinopse: Ela tem um preço.

Ele está disposto a pagar.

Sabrina Lancaster é uma das acompanhantes de luxo mais requisitadas do "mercado". Imune a qualquer tipo de paixão, o seu único objetivo é tirar o máximo de dinheiro dos clientes de sua lista — ou, como ela costuma dizer, ser muito bem recompensada pelo serviço de qualidade que oferece a eles.

A mulher extremamente confiante e autossuficiente, que nunca acreditou em amor — ou qualquer outra coisa parecida com isso —, tem a sua vida completamente abalada quando um homem poderoso e sedutor cruza o seu caminho e faz com que antigas memórias retornem do fundo de sua mente. Ele, o seu novo cliente — conhecido como "Marinho" — é um homem complicado e misterioso, com "métodos estranhos", envolvendo dominação. E o que ela ainda não sabe, é que o CEO não medirá esforços para comprá-la.

"A Garota do Bilionário" é o primeiro volume da trilogia "Acompanhante de Luxo". Embarque nessa história erótica e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

* LIVROS DA TRILOGIA

[A Garota do Bilionário \(Livro 01\)](#)

[Nas Mãos do Bilionário \(Livro 02\)](#)

[Cem Dias Com o Bilionário \(Livro 03\)](#)

Trilogia CEO

Todos os volumes dessa trilogia já estão disponíveis na Amazon.

Sinopse: Uma linda mulher.

Um CEO de tirar o fôlego.

Já conhece essa história? Olhe de novo, pois essa aqui tem tudo para te surpreender.

Depois de vários problemas em sua vida amorosa e financeira, Vanessa Waller é obrigada a voltar para a casa da melhor amiga e trabalhar em uma grande organização, algo que ela — que detesta qualquer tipo de esforço — passa a odiar. Mas tudo muda quando a jovem conhece Bryan Leal, o irresistível CEO. Depois de se dar conta da posição dele na empresa, Vanessa começa a buscar novas maneiras de chamar a sua atenção, com o objetivo de conquistá-lo e, quem sabe, lucrar um pouco com isso. Mas será que ela, a rainha da manipulação, corre o risco de se apaixonar primeiro?

Embarque nessa história divertida e extremamente envolvente.

Renda-se a “operação” mais quente da Amazon.

*LIVROS DA TRILOGIA

[Operação CEO \(Livro 01\)](#)

[O Irmão do CEO \(Livro 02\)](#)

[A Escolha do CEO \(Livro 03\)](#)

Anne Miller

“Anne Miller é, simplesmente, uma autora independente que começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além do conto “Selvagem”, também tem o livro “Marido de Aluguel” — o seu primeiro livro — disponível na Amazon”.

Acompanhe-me nas redes sociais e fique por dentro de todas as novidades.

Site Oficial: www.annemilller.com.br/

Wattpad: www.wattpad.com/iannemiller/

Facebook: www.facebook.com/annemillerautora/